

A red geometric graphic consisting of a vertical line and a diagonal line meeting at a right angle, forming a corner shape in the top right of the page.

ENTRE

CURADORIA A-Z

ANA ZAVADIL

ENTRE: CURADORIA A-Z

COME IN: A-Z CURATORSHIP

ANA ZAVADIL

© Ana Zavadil, 2013.

Todos os direitos deste catálogo são reservados a autora. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em partes, constitui violação de direitos autorais (Lei nº 9.610/98). Publicação impressa no Brasil. O uso das imagens foi cedido pelos artistas.

All rights to this book are reserved to the author. Unauthorized reproduction of this publication, in whole or in part, constitutes copyright infringement (Law No. 9610/98). Publication printed in Brazil. Use of the images was permitted by the artists.

APOIO CULTURAL
CULTURAL SUPPORT



Secretaria da Cultura



PROJETO GRÁFICO, PRODUÇÃO E REVISÃO
GRAPHIC DESIGN, PRODUCTION AND PROOFREADING



VERSÃO PARA O INGLÊS
ENGLISH TRANSLATION



traduções e simultâneas

FINANCIAMENTO
FINANCED BY



PREFEITURA
PORTO
ALEGRE

AGRADECIMENTOS

Ao Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte), pelo financiamento do projeto.

Ao diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), André Venzon, pela parceria, cedendo as Galerias Xico Stockinger e Sotero Cosme para a exposição e pela organização do seminário.

À equipe de montagem do MACRS: Marcelo Chardosim e Tigo Weiler.

A André Venzon e Decio Presser, pelos textos de apresentação.

À equipe da Pubblicato, especialmente a Andrea Costa e Vitor Mesquita.

A Kátia Costa pela dedicação, pelo companheirismo e pela eficiência com que cuidou de todas as etapas do projeto no que tange à organização, ao tratamento das imagens selecionadas para o livro, bem como à parte financeira do projeto.

A Gaudêncio Fidelis, pela compreensão e pelo apoio durante a realização desse projeto.

Aos artistas que aceitaram participar.

Ao meu marido e à minha mãe, que incondicionalmente me apoiaram nessa jornada.

A todos os amigos que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes.

ACKNOWLEDGEMENTS

To the Porto Alegre Artistic and Cultural Production Support Fund (Fumproarte) for financing this project. To the director of the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art (MACRS), André Venzon, for his collaboration in loaning the Xico Stockinger and Sotero Cosme galleries for the exhibit and helping organize the seminar. To the MACRS assembly team: Marcelo Chardosim and Tigo Weiler. To André Venzon and Decio Presser for the introduction texts. To the Pubblicato team, especially Andrea Costa and Vitor Mesquita. To Kátia Costa for the dedication, companionship and efficiency with which she handled all of the project stages with respect to the organization and treatment of the images selected for the book, as well as the project's finance-related matters. To Gaudêncio Fidelis for his understanding and support during the execution of this project. To the artists who agreed to participate in it. To my husband and mother, who have unconditionally supported this journey. To all of my friends who have been there for me one way or the other.

ÍNDICE CONTENTS

6	ENTRE: CURADORIA A-Z ANA ZAVADIL
14	ENTRE, O MUSEU É SEU. ANDRÉ VENZON
16	GERAÇÃO DA VIRADA DECIO PRESSER
193	TEXTOS EM INGLÊS ENGLISH TEXTS

18	ADAUANY ZIMOVSKI
20	ADRIANA DONATO
22	ALEXANDRA ECKERT
24	ALEXANDRE MOREIRA
26	AMELIA BRANDELLI
28	ANA FLORES
30	ANANDA KUHN
32	ANDRÉ VENZON
34	ANDREI THOMAZ
36	ANTÔNIO AUGUSTO BUENO
38	BEATRIZ DAGNESE
40	BRUNO BORNE
42	CAMILA SCHENKEL
44	CARLA BARTH
46	CARLA BORBA
48	CARLA MEURER MAGALHÃES
50	CARUSTO CAMARGO
52	CLÁUDIA BARBISAN
54	CLAUDIA HAMERSKI
56	CLÓVIS MARTINS COSTA
58	DANIEL ESCOBAR
60	DENIS SIMINOVICH

62	DENISE GADELHA
64	DIRNEI PRATES
66	EVENIR COMERLATO
68	FABRIANO
70	FELIPE CALDAS
72	FERNANDA MANÉA
74	FERNANDA SOARES
76	FLÁVIO MORSCH
78	GIOVANNI FERREIRA
80	GLAUCIS DE MORAIS
82	GUILHERME DABLE
84	GUSTAVO RIGON
86	ÍO (LAURA CATTANI E MUNIR KLAMT)
88	JANDER RAMA
90	KARINE PEREZ
92	KÁTIA COSTA
94	KELLY WENDT
96	LAURA COGO
98	LEANDRO MACHADO
100	LEANDRO SELISTER
102	LEONARDO FANZELAU

104 LETÍCIA LAMPERT
106 LIANE BORGHETTI KRENZINGER
108 LILIAN MAUS
110 LISSANDRO STALLIVIERI
112 LUCIANO ZANETTE
114 MAGNA SPERB
116 MARCELO ARMANI
118 MARCIA ROSA
120 MARCOS FIORAVANTE
122 MARCOS SARI
124 MARIA EUNICE ARAÚJO
126 MARIANA SILVA DA SILVA
128 MARIANE ROTTER
130 MARÍLIA BIANCHINI
132 MARINA CAMARGO
134 MARISTELA WINCK
136 NARA AMELIA
138 NATHALIA GARCÍA
140 NECA SPARTA
142 NELSON ROSA
144 NELTON PELLENZ
146 OTTO SULZBACH

148 PATRÍCIA FRANCISCO
150 RAFAEL PAGATINI
152 RICARDO GARLET
154 ROCHELE ZANDAVALLI
156 RODRIGO PECCI
158 ROGERIO LIVI
160 ROGÉRIO PESSÔA
162 ROGÉRIO SEVERO
164 ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO
166 ROMY POCZTARUK
168 ROSANE MORAIS
170 SANDRO KA
172 SILVIA GIORDANI
174 SIMONE NASSIF
176 SOL CASAL
178 TALITA HOFFMANN
180 TRIDENTE
182 TÚLIO PINTO
184 VIVIANE GUELLER
186 WALTER KARWATZKI
188 WISCHRAL
190 YARA BAUNGARTEN

ENTRE: CURADORIA A-Z

ANA ZAVADIL

CRÍTICA DE ARTE, CURADORA-CHEFE DO MUSEU DE ARTE
DO RIO GRANDE DO SUL E MESTRE EM ARTE CONTEMPORÂNEA
PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, RS, BRASIL

O projeto curatorial buscou a seleção de obras exemplares e sintomáticas dentro da trajetória de artistas contemporâneos entre os anos de 2000 e 2013. A produção não se dissocia de seu autor e os nomes elencados são aqueles que produziram constante e/ou ininterruptamente nesse recorte de tempo. Cabe salientar que vários artistas haviam iniciado suas carreiras no final da década de 1990, porém o reconhecimento da sua produção só veio a ocorrer com maior intensidade a partir do ano 2000.

ENTRE significa a possibilidade de um olhar sobre a produção dessa geração da virada do século e também um convite a entrar em seus universos particulares. Esse mapeamento inédito, porque recente, e necessário, porque apresenta essa geração que se organiza e cresce em um recorte de tempo específico, propõe um entendimento sobre o momento atual da arte, permeado de transversalidades, em que esses artistas foram os primeiros a receber e a passar a sua produção as influências da internet e da velocidade da informação.

Nesse ato de pesquisar obras exemplares para o projeto, acabou-se por mapear as tendências da arte contemporânea, os caminhos percorridos e as atitudes de um grupo de 87 artistas cujas poéticas suscitaram novas maneiras de pensar, sentir e fazer arte. O que essa geração aponta é que arte é um conceito em mutação e que, na sua inquietude, reflete o mundo contemporâneo em suas mazelas, cada vez mais intrincado, com excessos de toda ordem, principalmente de informações e de imagens.

Rastrear essas obras e seus autores foi uma tarefa complexa e rizomática que foi crescendo paulatinamente, pois, desde 2007, o projeto vem sendo idealizado e o percurso dos artistas acompanhado em ateliês, salões, exposições, portfólios, entrevistas e por meio das curadorias que realizei, buscando priorizar as novas promessas que vinham surgindo. Apesar de ter concebido o período de seis meses para as entrevistas aos pré-selecionados, muitos não atenderam ao chamado e nem enviaram material, por várias razões apresentadas e que não cabe aqui comentar.¹ Contudo, decidi citá-los, pois foram mapeados e convidados devido às obras instigantes e importantes que criaram nesse período em que a pesquisa se desenvolveu.

Esse intenso e exaustivo trabalho servirá como base de conhecimento, relevância histórica e mesmo de interesse público, na medida em que tal proposição de dados torna-se material que constitui um corpo teórico sobre este período recente da arte e servirá de subsídio para pesquisas a partir dessa. Ao serem lançados os resultados dessas averiguações, chega-se a conclusões pertinentes sobre o rumo que a arte contemporânea tomou nesses 13 anos. Podemos citar apenas algumas delas, como, por exemplo: o vídeo e a fotografia como meios de expressão muito utilizados por grande parte dos artistas; as obras são realizadas em mais de um suporte por considerável parte deles e, assim, pode-se levantar muitas observações sobre outras especificidades. Observou-se, também, depois da seleção de todas as obras para o livro, que os assuntos se apresentam peculiares a cada um dos artistas e discutem, dentre outros conceitos, a apropriação de algo já feito e apresentado de outro modo, gerando novos significados; a referência à obra de outros artistas; as narrativas; o texto e as palavras como corpo da obra; a autobiografia; o corpo inesgotavelmente explorado visto em sua fragilidade; o tempo e a memória; a absorção da cidade e do cotidiano transmutados em trabalhos de grande impacto visual. Importante destacar que, independente dos temas abordados, a estética dos trabalhos surge em estruturas formais impecáveis, agregando maior valor à obra de arte. Esta preocupação com a apresentação da obra é importante para a maioria absoluta dos artistas entrevistados.

Os critérios para a seleção desse repertório de obras foram estipulados a partir do significado delas nesse período determinado. Buscaram-se as obras que se apresentaram com conteúdos importantes e dentro de características inovadoras, em que a qualidade, a técnica e o potencial já indicavam caminhos marcantes de uma produção. A partir da obra, tornou-se vital acompanhar a trajetória dos artistas e como construíram o seu perfil e o modo como mantêm, expandem e qualificam a produção. Para isso, foi necessário um estudo de seus currículos para avaliar as exposições das quais participaram, os salões, os prêmios e outros, visando estabelecer a importância dos mesmos e o grau de legitimação conquistado. O estudo das produções artísticas e os locais onde expuseram andam *a pari passu*, um acrescenta ao outro e aponta o crescimento e a consolidação de suas carreiras. Apesar de a escolha ter primado

¹ Os artistas chamados para participar do mapeamento e que não puderam integrá-lo foram os seguintes: Marcelo Gobato, James Zortéa, Gabriel Neto, Jorge Soledar, Michel Zóximo, Letícia Ramos, Ismael Monticelli, Isabel Ramil, Luiz Roque Filho, Fernanda Gassen, Trampo, Vivian Herzog, Mateus Grimm, Tiago Rivaldo e Cristina Ribas.

por nomes que já possuem uma bagagem maior, foram incluídos alguns artistas com trabalhos mais recentes, porém expressivos e profundos, e acredita-se que se tornarão referência importante.

O projeto, executado a partir de dados recentes e não tendo o distanciamento histórico de várias décadas, assume a situação de risco, pois não é garantia de que todos os nomes incluídos mantenham a continuidade. Entretanto, o foco desta pesquisa são as obras que, relevantes a esse recorte temporal, sempre manterão o grau de importância e sempre serão determinantes para se entender esse período, independente de o artista ter seguido sua carreira ou não. Se a grande parte desses nomes sustentar um caminho de longos anos, isso acarretaria uma atualização de informações, podendo gerar até uma nova publicação.

UM PRECEDENTE: A ARTE DOS ANOS DE 1990

A globalização, fenômeno abrangente e transformador dos setores econômico e social, tornou evidente a eficácia da tecnologia em relação à necessidade de se compactar o tempo. Assim, a comunicação com lugares longínquos da esfera terrestre passou a ser quase imediata, criando um novo ambiente mundial em que a arte não poderia deixar de sofrer estas influências. No Brasil, o liberalismo determinou uma sequência de privatizações, transformando o Estado, de patrocinador da arte para um mero expectador ao passar a sua incumbência à iniciativa privada, por meio da Lei de Incentivo à Cultura (LIC), criada em 1996. Esse fato não só acarretou mudanças na estrutura do sistema de arte no país como gerou transformações na produção artística.

Os anos de 1990 abarcaram processos artísticos mais complexos, em que os termos marketing cultural, produtor cultural e curador entraram definitivamente na pauta das artes. A imagem e o espaço e/ou lugar entram com força no campo artístico dessa década. A partir de 1997, com a 1ª Bienal do Mercosul, a ocupação de espaços urbanos como a orla do Guaíba trouxe um novo olhar para a cidade. Os artistas passaram a usar a urbe como espaço de ação e foco do trabalho.

Muitos foram os acontecimentos sociais, econômicos e políticos que influenciaram a arte do período: a importância dada à ecologia devido à destruição da camada de ozônio, a poluição dos rios e a iminência da

falta de água, vírus como o da Aids e do Ebola, o neoliberalismo que invade os países, o culto ao corpo e à moda, as guerras, a pobreza, o projeto Genoma. Tantas são as referências e influências para os jovens artistas que eles se deixam contaminar em uma grande aproximação entre arte e vida.

Nesta década, artistas em fases diferentes convivem: os da geração 80, agora em fase de consagração e expansão de suas carreiras, com jovens artistas que buscam legitimação, iniciando verdadeiras revoluções em sua arte que utiliza intensamente as instalações. No final do século, eles buscam novos lugares para expor e discutir a arte em toda a sua potencialidade. Estas duas gerações, de 1980 e 1990, influenciaram a novíssima geração de 2000 por meio de suas



CLÁUDIA SPERB
Jardim das Serpentes
 Xilogravura
 40 x 60 cm
 2004

ANDRÉ SEVERO
Ação-performance
 2002/2003

FÁBIO ZIMBRES
Sem Título
 Livros de artista, técnica mista
 30 x 20 cm
 2007



propostas e de suas carreiras já bem formadas; eles se misturam em determinados momentos em algumas exposições. Temos que ter em mente que eram muitos artistas atuando e vamos nos ater a nominar apenas alguns da geração 90: André Severo, Ana Flávia Baldisserotto, Alberto Semeler, Ana Lúcia Beck, Ângela Pohlmann, Betina Frichmann, Caé Braga, Celma Paese, Claudia Sperb, Eduardo Miotto, Fernando Bakos, Gabriela Picoli, Hô Monteiro, Larissa Madsen, Laura Froés, Wilbert, Michele Finger, Marta Penter, Rodrigo Núñez, Paulo Biurrum, Silvia Motosi, Tula Anagnostopoulos, Fábio Zimbres, Fabiana Rossarola, Daniela Cidade, Nádia Poltosi, Adolfo Bitencourt, Maria Helena Bernardes, Helena D'Ávila, Adriano Pedroso, Renato Garcia, Adriane Hernandez, Adriana Daccache, Humberto Dutra, Nico Giuliano, Gerson Reichert e Adriano Rojas – estes dois últimos



falecidos nesse período que envolve a pesquisa e os quais não poderia deixar de citar pelos artistas maravilhosos que eram e que perdemos muito cedo.

A VIRADA DO SÉCULO

As transformações mundiais são muitas e acontecem vertiginosamente, o tempo tem outra dimensão, assim como o espaço. O tempo é fracionado, redimensionado, o espaço agora é virtual. O papel da arte e do seu sistema em tempos de espetacularização e virtualização da cultura indica outro modo de inserção do artista e outra plataforma de atuação da crítica. Pensar a arte nos dias de hoje é um desafio, pois, com a aceleração do tempo, as mudanças no campo artístico abarcam sistemas compostos por redes de sentidos e



funções cambiantes. Nessa nova trama para apresentar a arte, os personagens do sistema trocam de lugar em uma mobilidade constante, assumindo vários papéis ao mesmo tempo. Vários fatores colaboram para estas mudanças: a crise econômica e a intensidade das imagens da mídia e da comunicação. Discutir a condição do objeto de arte no contexto contemporâneo e a sua interlocução com o espaço, o tempo e o público, sendo que os dois primeiros eram os suportes das obras e agora se tornaram suas substâncias, traz novos indicativos para a compreensão da arte atual e da postura dos artistas.

Alguns fatos que comprovam os avanços da primeira década do novo século: a economia – que nos anos de 1990 foi marcada pelas privatizações e pela redução do papel do Estado –, nos anos 2000 registrou uma retomada de investimentos públicos e o enfraquecimento do neoliberalismo. No contexto mundial, até o ano de 2007, passou por um período de prosperidade e, depois disso, pela crise do crédito hipotecário de alto risco, que colocou em perigo a economia dos países desenvolvidos. No final da década, o mundo se deparou com a primeira pandemia do terceiro milênio: a gripe A. No setor da tecnologia, intensificaram-se as novidades: cresceu a popularização da banda larga, o bluetooth instituiu o conceito de rede sem fio, a Microsoft lançou o Windows XP (em 2001), o Vista (em 2007), e o Sete (em 2009); surgiram, ainda, o conceito de computação nas nuvens, a telefonia via internet com o Skype, o CD-R, DVD, pen drive; a Apple lançou o iPod e o iPhone, revolucionando o mercado de celulares; surgiram, na internet as redes sociais – Orkut, Facebook, MySpace, Twitter –, MP3 players, MP4 players, celular, desktops, lap-

tops, câmeras digitais, Google, Google Maps, YouTube, MSN, tablets; a imprensa passou a digitalizar o material impresso, assim como os museus digitalizaram as coleções. O sistema solar é reformulado; o projeto Genoma concluído; em 2001, o mundo ficou chocado com os atentados terroristas de 11 de setembro que destruíram as Torres Gêmeas de Nova York e parte do Pentágono; a China tornou-se uma das potências mundiais com crescimento econômico sem precedentes; a Seleção Brasileira foi pentacampeã em 2002. Os Estados Unidos elegeram Barack Obama, o primeiro presidente negro de sua história; o Brasil, um sindicalista, Luiz Inácio Lula da Silva, como seu presidente; o Euro tornou-se a moeda oficial na Europa desde 2002; *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis* e *Crepúsculo*: as novas séries da literatura e do cinema; *Transformers* e *Avatar* em 3D revolucionaram o cinema; nas artes, os suportes como o *happening*, a instalação e o vídeo continuaram na ordem do dia nas mostras internacionais e bienais.

Os acontecimentos foram colocados aleatoriamente, não em ordem cronológica e nem todos com datas, para chamar a atenção das grandes mudanças ocorridas, causando a mesma sensação de caos do mundo em que vivemos. As coisas acontecem em frenética aceleração e as datas são deletadas. Tudo é criado em um determinado momento, é assimilado imediatamente e descartado com a mesma rapidez. E mal assimilamos uma coisa, vem outra e assim por diante. Assim é com a arte, todos estes fatos influenciam os processos artísticos, que se utilizam cada vez mais das performances, dos vídeos, da fotografia, de hibridismos e mestiçagens de toda ordem. Reflexos do mundo contemporâneo na arte: no modo de fazer e de mostrar.

Nesta movimentada década, fatos histórico-artísticos marcantes contribuíram para enriquecer o cenário da cidade, com o surgimento não só de novos espaços independentes para apresentação de arte, mas também espaços institucionais.

Em 1999, surgiu o Khôra Atelier de Arte Visuais, ateliê-galeria coletivo que funcionou durante esse ano. Era constituído pelos artistas Gilse Rosito, Umbelina Barreto, Fernando Allgayer, Carla Fernandes, Flávio Morsch e Rosa Bagatini. Tinha como característica a ação colaborativa no espaço de trabalho e em propostas curatoriais. Foi realizado o projeto *Quê! Arte?*, composto de seis exposições-evento-performance cujas propostas foram idealizadas com o objetivo de gerar um espaço de provocação e interação entre artista-obra-público. As exposições concebidas foram: *Totem*, *Movimentoar*, *Palavravisual*, *Êfêmerobjeto*, *Corporepresente* e *Utopias*. Durante todo o ano de sua

LAURA FRÓES
 Sem Título
 Objeto em tecido
 16 x 18 cm
 2005



realização, o projeto mostrou-se aberto e democrático à participação da comunidade artística e de simpatizantes da arte. Além das exposições, foram promovidos seminários e apresentações no espaço interno do Khôra e reproduzidos em telões no espaço externo diretamente voltado para a rua como uma doação incondicional da arte ao passante. Os formatos e as temáticas das exposições traziam a contemporaneidade da arte para a discussão da comunidade. É importante ainda mencionar que esta, sentindo-se contemplada, participou ativamente de todas as atividades, somando um total de 500 participantes.

Ainda no final do século passado, aconteceram exposições importantes como *Remetente* e *Plano B*, que foram diferenciadas pelas propostas de ocupação dos espaços pelos artistas na busca de visibilidade e na produção das exposições, questionando os espaços institucionais da época. As duas tiveram ressonâncias no meio artístico de Porto Alegre². *Plano B* (1997), em uma residência alugada na Rua Paulino Teixeira, com os artistas Tuca Stangarli, Laura Fróes, Fabiana Rossarola, André Severo, Ana Flávia Baldisserotto e Marijani Ricacheneisky. Já *Remetente* é composta por um grupo de artistas que ocuparam o prédio da Ulbra, em 1998. São eles: Cleber Rocha das Neves, Maria Helena Bernardes, Fabiana Rossarola, Elaine Tedesco, Laura Fróes, Thelma Vaites, Marco Giannotti, Ricardo Frantz, Jorge Menna Barreto, Karin Lambrecht, Marconi Drummond, Nydia Negromonte, Chico Machado, Sandrine Rummelhardt, Maria Ivone dos Santos, Dudi Maia Rosa e Tunga.

A Galeria de mArte, situada na Avenida Osvaldo Aranha, 522, começou com um grupo de estudantes oriundos do curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que se reunia aos finais de semana para produzir e debater sobre arte. O grupo contava com a orientação da professora Jane Milman e dele faziam parte Antonia Sperb Indrusiak, Fernanda Barroso, Giovana Vazatta, Luiz Gustavo Rigon, Manoela Pavan, Miriam Gomes Rodrigues, Rafael Rachewsky, Raquel Alberti e Thiago Martini. Sob o codinome *Deformando*, esse grupo realizou exposições em 2001 e 2002. A Galeria de mArte foi aberta em 13 de agosto de 2001 e, além de espaço de produção e criação para os "marcianos", disponibilizava espaço para que outros novos artistas pudessem expor e divulgar seus trabalhos, assim como sediar encontros e palestras sobre arte contemporânea e cursos. Ao longo dos oito anos de existência da galeria, de 2001 a 2009, também fizeram parte do coletivo os artistas Adriana Daccache, Betina Frichmann, Caren Czerwinski, Carine Betker, Fabiano Rocha, Filipe Nobre, Gaby Benedyct, Georgia El Halal, Geórgia Rosito, Maria Elisa Olsen, Paola Zordan, Paula Langie Araújo, Rodrigo Chaves, Rodrigo Núñez, Sol Casal, Tomas Barth e o arquiteto Gabriel Menna Barreto.

Aconteceram na Galeria de mArte várias exposições e eventos importantes que movimentaram o espaço, dos quais podemos citar: *Arte Contemporânea: Estratégias e Mecanismos de Circulação da Obra*, encontro com Gaudêncio Fidelis (2004); *Vídeos Lar* e *Projeto Infusão/Infusion Project*, ações do Grupo Laranjas (2004); *Bingo da Artes* (2004); conversa com as artistas Iole de Freitas e Laura Vinci (2005); *NATUREZAquaseMORTA*, exposição dos integrantes do ateliê dentro da programação da Bienal B (2007); e *RetrAutos*, exposição reunindo mais de 50 artistas, com apresentação especial dos CowBees, dentro da programação da Bienal B (2007). Esta autora realizou, durante os anos de 2008 e 2009, as curadorias de exposições dos seguintes artistas na Galeria de mArte: Lia Gomes de Freitas, Ana Flores, Flávio Morsch, Joelson Bugila, Fernanda Branchelli, Claudia Hamerski, Roberto Piedade, Liane Borghetti Krenzinger, Diego Nolasco e Fabiano Rocha.

² Ver mais sobre o assunto na dissertação de mestrado de Claudia Paim: *Espaços de Arte, Espaços da Arte: Perguntas e Respostas de Iniciativas Coletivas de Artistas em Porto Alegre, Anos 90*, 2004.



A história do Ateliê 512 iniciou em 1999, com os artistas Daliana Mirapalhete, Adriana Xaplin e Antônio Augusto Bueno que, dando continuidade ao trabalho começado no ateliê de escultura com Gustavo Nakle, foram em busca de um espaço que abrigasse o projeto que se iniciava. No ano seguinte, junto com Wilson Cavalcante e Lisete Bertotto, o grupo inaugurou o novo ateliê na Rua João Alfredo, 512. Em 10 anos de existência, muitos artistas passaram por lá, como Pamela Ferrer, Hugo Varela, Clarissa Silveira, True, Clainton, Julio Campos e Ruben Castillo. Desde 2010, o ateliê foi transformado em espaço cultural e conta com uma variada gama de atividades interdisciplinares.

Outros grupos e ateliês funcionam nesta década, o Grupo 3x4 – dos artistas Helena D'Ávila, Laura Froés, Wilbert e Krauz –, que teve sua primeira exposição como grupo em 2005. Em dezembro de 2006 iniciou o *Projeto Vi(s)ita* (aos ateliês), no qual os artistas expõem os seus trabalhos, interagindo com os do visitado. Já foram realizadas visitas nos ateliês de Roseli Jahn, Felix Bressan, André Venzon, Frantz e outros.

O Atelier de Arte Plano B, situado em Porto Alegre, é o ateliê de trabalho de sete artistas visuais, Alexandra Eckert, Ana Chassot Ledur, Gianna Kummer, Luci Sgorla, Kátia Costa, Marisa Grahl e Tereza Mello. Foi fundado em novembro de 2004, fruto da necessidade de profissionalização e de se dar sequência, em um espaço múltiplo, disponível em tempo integral, às atividades da formação em artes visuais desenvolvidas na universidade. Na rotina do ateliê estão encontros semanais, trabalhos de produção artística, individuais e em grupo, aulas e cursos, exposições, eventos, tendo por meta a troca de ideias e informações,

produção e participação em exposições e o desenvolvimento de projetos no campo das artes visuais voltados a agregar artistas e público interessado. Desde 2007, o Plano B firmou compromisso de promover exposições coletivas envolvendo números expressivos de participantes, como a *Convocatória de Arte do Atelier Plano B*, que está na sua 6ª edição, contando com aproximadamente 3 mil trabalhos expostos; o *Projeto Empilháveis*, que realizou sua 5ª edição, em 2013, contando com 80 artistas; e o *Projeto InFoto*, que foi exposto em vários lugares, dentre eles, itinerou para o Uruguai, através do Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVi), e reúne 70 artistas e fotógrafos. Além de estimular e divulgar a produção de jovens artistas, realizar diversos projetos artísticos e exposições de artistas, em Porto Alegre, no interior do Rio Grande do Sul e em outros estados do Brasil.

O Atelier Subterrânea, localizado na Avenida Independência, desde 2006, é um espaço independente de arte, um coletivo de artistas que realiza exposições, residências, eventos e cursos. Atualmente fazem parte do ateliê Lilian Maus, Guilherme Dable, James Zortéa, Gabriel Netto e Túlio Pinto.

Nesse mesmo ano de 2006, foi fundada a Escola de História e Teoria da Arte (Arena), pela artista visual Maria Helena Bernardes, que muito contribui na formação de um público através de cursos e viagens de estudos, além de acompanhamento em processos criativos. Atualmente, a artista Melissa Flôres é sócia da escola.



O Ateliê Jabutipê está situado na Rua Fernando Machado, 195, em uma antiga casa no Centro Histórico de Porto Alegre. Foi inaugurado em 2008, com a exposição *Novos Desenhos no Novo Atelier*, do artista visual e proprietário Antônio Augusto Bueno. Em um andar está situado o ateliê, onde realiza seus trabalhos, cursos e palestras, e no andar que fica à altura da rua situa-se a galeria, um espaço para exposições de jovens artistas. Além de disponibilizar espaço para produções em desenho, pintura e escultura, está equipado com forno para queima de cerâmica e vidro, e também prensas para gravuras em metal e xilogravura. Este local está aberto para cursos e disponível para outros artistas realizarem trabalhos.



Não poderíamos deixar de registrar nesse mapeamento a Bienal B, criada por Gaby Benedyct, que em sua primeira edição de 2007 teve mais de 300 artistas participantes em 40 espaços expositivos. A Bienal B é uma organização informal de manifestações artísticas independentes, que se caracteriza por sua estrutura colaborativa. O evento teve sequência em 2009, com a curadoria de Isabel de Castro, e 2010, com curadoria geral de Isabel de Castro e dos curadores Ana Zavadil e Carlos Krauz, nos mesmos moldes da primeira edição.

Outro acontecimento foi a *Desvenda – Feira de Arte Contemporânea*, criada pelo artista visual Rodrigo Lourenço, em 2008. Realizada no primeiro domingo de cada mês, tem o intuito de comercializar trabalhos produzidos por artistas locais, regionais e de outros estados.

Ainda outro fato importante a destacar foi o mapeamento realizado pelo Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVi) e pelo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) em 2003, na gestão de Marli Amado de Araújo, por meio de edital, em que foram selecionados 68 artistas. O edital deveria contemplar dois módulos, a saber: Módulo I, exposição coletiva e registro de imagens dos trabalhos dos selecionados; Módulo II, pesquisa de âmbito estadual com uma equipe de curadoria e exposição no Armazém A6 do Cais do Porto, em Porto Alegre. Esse mapeamento deveria ter sido registrado em livro-catálogo e CD-ROM, o que acabou não acontecendo e se deixando de ter material de referência do período.³

Além do já citado, a cada dois anos, desde 1997, acontece a Bienal do Mercosul, mostrando as tendências da arte contemporânea, instigando a produção de artistas daqui e de outros lugares, principalmente dos países ligados ao bloco econômico do Mercosul. Neste ano será realizada a sua 9ª edição.

Os espaços institucionais também atuam de forma intensa realizando exposições de artistas em começo de carreira (principal-

³ Os artistas da exposição do mapeamento: Ana Prego, Ana Zavadil, André Venzon, Andréa Brächer, Andrei Thomaz, Betina Stampe, Claiton Fadini, Clarissa Motta Nunes, Cláudia Paim, Cláudio Paulo Vieira, Cristiano Lenhardt, Cristina Ribas, Cyrene Dallegre, Denise Iserhardt Haesbaert, Dirnei Prates, Elisa Gunzi, Estela Pauluci, Flávio Morsch, Gabriela Picoli, Gláé Macalós, Graça Marques, Gustavo Gripe, Hamilton Munhoz, Hélio Eudoro, Hô Monteiro, Humberto Dutra, Jaqueline Carvalho, Juliana Giacomelli Bassani, Jussara Moreira, Karin Kopittke, Katsuko Nakano, Kelly Cervo, Leopold Kunrath, Liane Junges, Luciano Zanette, Luiz Gustavo Rigon, Luiz Roque, Luiza Casagrande Levandowski, Márcia Rosa, Marciah Casal, Maria Clara La Porta, Maria Pia Azevedo, Maristela Macagnan, Maristela Winck, Mateus Grimm, Mellissa Dullius, Miriam Tolpolar, Myra Gonçalves, Nelton Pellenz, Niura Borges, Otto Sulzbach, Pablo Lobato, Paulo Ricardo Heidrich, Philomena Bohnenberger, Raquel Lima, Ricardo Cristofaro, Rosali Plentz, Rosana Donati, Rosane Vargas, Sérgio Wischral, Valéria Ries, Vânia Sommermeyer, Viviane Gil, Wilbert.

CARLOS KRAUZ

Cildo

43 x 53 x 3 cm

2010

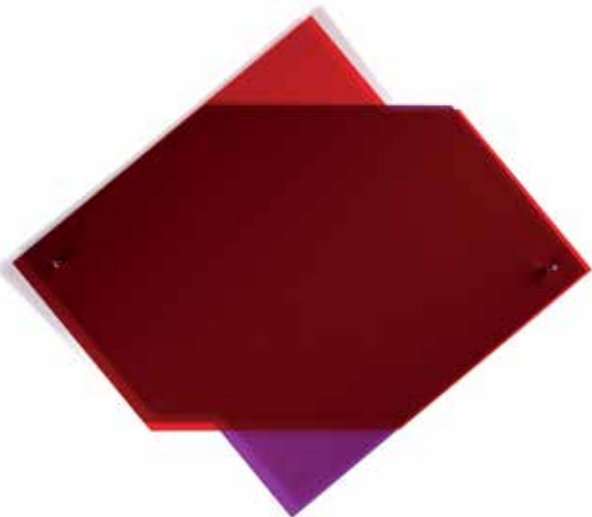
WILBERT

Série Camuflagens – Sem Título

Acrílica sobre tela

100 x 100 cm

2013



mente nos últimos dois anos) e consagrados. Apareceram nesta década na seguinte ordem: Santander Cultural, em 2001, e Fundação Iberê Camargo, em 2008. Importante salientar que desde 2011 o Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVi) retomou suas atividades e realiza exposições por meio de editais com premiação aos artistas; que o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) vem realizando, da mesma forma, um cronograma de exposições temporárias, cuidando de seu acervo e ampliando-o com trabalho de artistas desta geração, inclusive com os desta exposição. Cabe ainda destacar que o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) vem atuando de forma impecável na apresentação de suas propostas curatoriais, sempre a partir de seu acervo e incluindo em suas exposições artistas recentes da arte gaúcha e brasileira. O Santander Cultural lançou, no ano de 2012, o *Projeto RS Contemporâneo*, que apresentará até meados de 2013 seis exposições de artistas dessa geração e que também fazem parte deste livro. Então, conclui-se que instituições importantes estão valorizando a carreira de jovens artistas que, assim, vão se firmando no cenário artístico atual de Porto Alegre.

Este pequeno levantamento de dados serve para ilustrar o cenário importante em que os artistas atuam. Foram citados apenas alguns, nem falamos das galerias e de outros espaços institucionais e independentes existentes ou que existiram em Porto Alegre. Importante citar aqui a Arte&Fato Galeria de Decio Presser e Otto Sulzbach, em

que o primeiro, por estar há quase 30 anos no mercado, sempre deu oportunidade para jovens artistas em início de carreira e realizou a primeira individual de artistas hoje consagrados. Além disso, publicou, junto com Renato Rosa, o *Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*, versão revisada e ampliada em 2000, que se caracterizou por apresentar um grande mapeamento de artistas até esta data.

No universo das minhas preocupações em realizar este livro, não detive meu olhar no passado e na tradição, pois eles foram importantes para compreender o presente, lugar onde estamos e de onde falo no calor do momento, vivenciando as mudanças e entendendo as transformações e as repercussões das obras desses 87 artistas. A qualidade, a dimensão, a importância e o peso que permearam essa realização revelam um importante registro da nossa história da arte recente através de um material inédito e sem precedentes, fruto de uma acirrada pesquisa de seis anos e que agora divulgo em uma publicação financiada pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte) e com parceria do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) para a realização da exposição e do seminário nacional com o mesmo título desse livro, *ENTRE: Curadoria A-Z*, para o qual você está convidado a entrar nesse instante. ■



ENTRE, O MUSEU É SEU.

ANDRÉ VENZON

ARTISTA VISUAL E DIRETOR DO MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), ao apresentar o projeto *ENTRE: Curadoria A-Z*, de Ana Zavadil, dá seu testemunho da importância do trabalho da curadora para a divulgação da arte brasileira e, sobretudo, a construção da história da arte recente. O projeto inclui, além desta publicação inédita do mapeamento da geração emergente de 87 artistas contemporâneos gaúchos – abrangendo o período do final dos anos de 1990 até o final da primeira década do século 21 –, uma exposição que acompanha a escala desta produção artística no Estado; e um seminário nacional para divulgar e debater os resultados desta pesquisa no âmbito do Mercosul. O financiamento é proveniente do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte), no qual o projeto foi selecionado em primeiro lugar no Edital 2012.

Entre tantos nomes de artistas, é necessário começar pela letra A, inicial do nome da curadora: Ana Zavadil. Bacharel em artes visuais com ênfase em história, teoria e crítica de arte pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e mestre em arte contemporânea pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Zavadil optou por acreditar – desde o começo do seu exercício curatorial – que não somos um lugar onde surgem artistas apenas de tempos em tempos. Movida por esta visão e atenção à arte emergente, características constantes em sua atividade profissional, é reconhecida pela perseverança do trabalho como curadora que – longe de ser uma obrigação acadêmica, para ela é encarada como uma vantagem – tornou seu nome referência do movimento artístico desta “geração da virada”. Seu pioneirismo identificando esta produção contemporânea no Rio Grande do Sul não deixa dúvidas da abrangência e do prestígio da sua atuação no campo artístico regional. A prova é este livro, resultado das visitas a ateliês e das dezenas de entrevistas com os artistas participantes, onde a palavra escrita sobre estas jovens carreiras não é uma narrativa óbvia, tampouco retórica academicista, mas um texto poético que trata do seu olhar cuidadoso com aquilo que é a vida dos artistas: a sua obra. Estas iniciais que estão no nome e

na personalidade de Ana Zavadil, de antemão, atestam de forma inconfundível seu envolvimento e amor à arte.

Desse modo, razão e emoção estão combinadas ao rigor do fazer curatorial, área de estudo na qual se destaca e é um exemplo do que mais representa ser contemporâneo hoje, ou seja, a capacidade de aceitar, criar e incluir sem abandonar o senso crítico. Sua brava atuação na cena artística local lembra-nos que, se muitas vezes a coragem de fazer um trabalho voluntário e apaixonado pela cultura pula uma geração, é necessário, a todo tempo, resgatá-la.

Portanto, o museu que agora acolhe este projeto se reconhece com o trabalho de Ana Zavadil e os artistas que compartilham desta obra. Porque gestão cultural também é curadoria, quando estamos mais próximos das coisas para percebê-las cuidadosamente como se realizam neste meio, sem aquele desejo de distanciamento crítico tão pretensioso, quanto acadêmico. E Ana Zavadil tem sido esta ponte cultural entre os diferentes setores e o museu, seja, inicialmente, na diretoria da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, depois como Conselheira Estadual de Cultura e membro do Comitê de Acervo e Curadoria do MACRS. Ana Zavadil é conhecedora das dificuldades administrativas naturais na gestão pública, e do cenário desolador em que assumimos o Museu em 2011. O que agora pode parecer um passado distante deveu-se em grande parte a um trabalho construído em conjunto, que teve desde o princípio a leal e valorosa colaboração da curadora. Assim como todos os artistas reunidos neste livro e exposição, ela deseja que este museu faça, cada vez mais, parte de nós. Esta é a melhor política cultural, aquela que nos envolve totalmente.

Desse modo, ENTRE é um projeto em que todos estão realizando os seus desejos. Ana, aliada à força destes artistas que emprestam, na diversidade e no valor das suas trajetórias individuais, condições para superarmos coletivamente os obstáculos históricos do MACRS – como a formação de um acervo de qualidade –, tem co-

laborado de forma memorável na recuperação e ampliação do espaço para a arte contemporânea. Esta produção intelectual é um convite para conhecermos novas carreiras profissionais, na companhia das melhores imagens das obras dos artistas e textos críticos da curadora. Tal livro já nasce como referência fundamental para a compreensão do ser e fazer contemporâneos.

Outra dimensão importante deste trabalho é o expressivo número de artistas que participam do projeto, o que é mais um indicador do quão intenso é o fenômeno contemporâneo em nosso meio artístico. O MACRS, atento a esta circunstância, vê-se desafiado a refazer e recriar o museu junto a tais artistas, ampliando também seu estatuto de patrimônio cultural. Logo, queremos agradecer a todos que, através deste trabalho, estão formando o novíssimo acervo da instituição.

Observar Ana Zavadil ouvindo ideias, mostrando um tratamento de quem se interessa pela diversidade do fazer contemporâneo, inspirou-nos também a participar deste projeto com o tamanho da sua generosidade para a arte contemporânea no Rio Grande do Sul. Porém, enganar-se quem deter seu olhar, exclusivamente, sobre um prisma temático ou museográfico da atividade curatorial, pois o que se pode verificar à distância nos principais museus públicos do Estado, entre os quais o MACRS, é um trabalho maior, que perpassa todo o esforço de curar e montar uma exposição, uma vez que vem assumir em caráter definitivo a preocupação contínua de formar e preservar coleções, representando a pluralidade de um sistema artístico pujante e complexo, tornando o ambiente museológico mais atraente e acessível para todos os públicos. Próspera é a instituição que tem entre suas relações tal perfil de curadores e profissionais, do qual Ana é um exemplo que articula com esmero e personalidade nosso contexto.

Por consequência, o alfabeto artístico da curadora não cria novos caracteres, nem é uma invenção curatorial, sua grandeza está em reconhecer aqueles que já estão há algum tempo ocupando as paredes das galerias e as retinas do público, mas ainda são órfãos de publicações especializadas que compreendam sua produção no mundo atual.

O trabalho de Ana é mediador desta convivência, colaborando na percepção desta produção artística, em que as instituições dedicadas são poucas, e o sujeito é múltiplo. Sua pesquisa segue este desafio que, mais do que valorizar o campo estético, está em ampliar a área de reconhecimento e legitimidade do artista contemporâneo, na busca de um lugar maior para a compreensão do seu sentido pleno. O envolvimento da curadora com tantos artistas e linguagens nos diz: preste atenção, a experiência artística não é apenas redutível à palavra, o mais importante é a experiência compartilhada neste fazer parte do mundo da arte. Ana entrou nestas carreiras e ampliou-lhes o acesso ao museu através desta curadoria diversificada. A contar do seu batismo, *ENTRE*, já expressa no nome o desejo de abrímos o museu para os artistas e o público que tanto o merecem.

Todavia, é importante reforçar que não obstante ser uma curadoria regional, *ENTRE* é uma demonstração contundente de que um museu pode ser o lugar dos artistas que articulam seus percursos criativos desde este território cultural, e que contam com o olhar de curadores e do público para desenvolverem, juntos, uma sociedade mais contemporânea. Assim os artistas fazem e, do mesmo modo, Ana Zavadil inscreve na forma deste livro e exposição que o MACRS tem o orgulho de apresentar. No entanto, e novamente, seu alfabeto não é elemento de uma narrativa exclusivamente acadêmica. A curadora desenvolve um texto tão inteligente quanto sensível, descrevendo o pensamento dos artistas para o grande público. Por isto, suas palavras não são apenas ilustrações das teorias que aprendeu por meio da arte, mas sinais luminosos em uma estrada para quem quer fazer o caminho do conhecimento artístico.

Muito obrigado, Ana Zavadil e toda a equipe do projeto *ENTRE*, por convidarem tal grau de artistas, os quais repercutirão igualmente em leitores e público, a entrarem no museu como se fosse sua casa. Porém, a maior gratidão será da própria arte contemporânea, justamente por oferecerem esta determinante obra para a história desta geração de artistas que está dentro, a partir desta data e para sempre, do coração e da coleção do MACRS. ■

GERAÇÃO DA VIRADA

DECIO PRESSER

JORNALISTA E PROPRIETÁRIO DA ARTE&FATO GALERIA

Em um país sem consciência da importância em preservar a memória cultural, livros armazenando conteúdos desta área sempre são bem-vindos. Algum tempo atrás era difícil para os interessados, principalmente no setor de artes visuais, dispor de material condizente com a demanda. Nos últimos anos, o crescimento da busca pela visibilidade artística ampliou a proporção da necessidade de pesquisas. Quem tem talento? Quem vai ficar? São as perguntas frequentes, cujas respostas só o tempo pode dar. É preciso um olhar constante, coletar e arquivar dados que, certamente, terão o devido reconhecimento na história da criação artística do país.

Ana Zavadil, experiente no setor, com formação e dedicação voltada para esta área, tem demonstrado sutil afinidade com a arte contemporânea. Suas curadorias, quase sempre, privilegiam jovens artistas. Nada mais lógico que sua opção fosse este segmento quando resolveu encarar o desafio, produzindo o volume denominado *ENTRE: Curadoria A-Z* (iniciais do nome da autora, aqui, com duplo sentido). Ali está reunida uma seleção de artistas mapeados na primeira década do novo século e alguns remanescentes do anterior.

Há quase 20 anos, com Renato Rosa, iniciei um trabalho procurando abranger a história da evolução artística no Estado. Uma tarefa difícil, desenvolvida durante mais de cinco anos. O resultado foi o *Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*, obra com duas edições (a segunda revista e ampliada) que continua sendo referência para estudantes e pesquisadores. Houve tentativas posteriores

tentando levar adiante a ideia, mas nenhuma conseguiu preencher a lacuna. A nova publicação volta a trilhar o caminho com idealismo e funciona como exemplo a ser desenvolvido.

ENTRE: Curadoria A-Z chega em um momento de profunda transformação no mundo das artes. A globalização e a internet são responsáveis pelo surgimento de ferramentas que utilizam o próprio dedo ou o pincel eletrônico em suportes como tablets e smartphones, proporcionando obras em linguagens inusitadas e instigantes. São opções deste novo olhar que une arte e tecnologia, assumindo formas transitórias. O livro analisa os caminhos do processo criativo multifacetado e contribui para a compreensão adequada dos tempos que vivenciamos. Através da pesquisa de A-Z, visualizamos um balanço da produção desta safra de artistas, extremamente inquieta e diversificada.

O trabalho exigiu que Ana se debruçasse com firmeza sobre a arte contemporânea, cada vez mais fragmentada, mantendo coerência e imparcialidade. Entre pintores, desenhistas, gravadores, escultores, fotógrafos e artistas que utilizam outras formas de expressão, foram dezenas de entrevistas, visitas a ateliês e buscas em cidades do interior, criando um perfil adequado da produção recente no Rio Grande do Sul. Nesta busca, foram selecionados 87 nomes apresentados por meio de textos e fotos reveladoras. São apostas em artistas que almejam o reconhecimento e uma carreira além das nossas fronteiras.

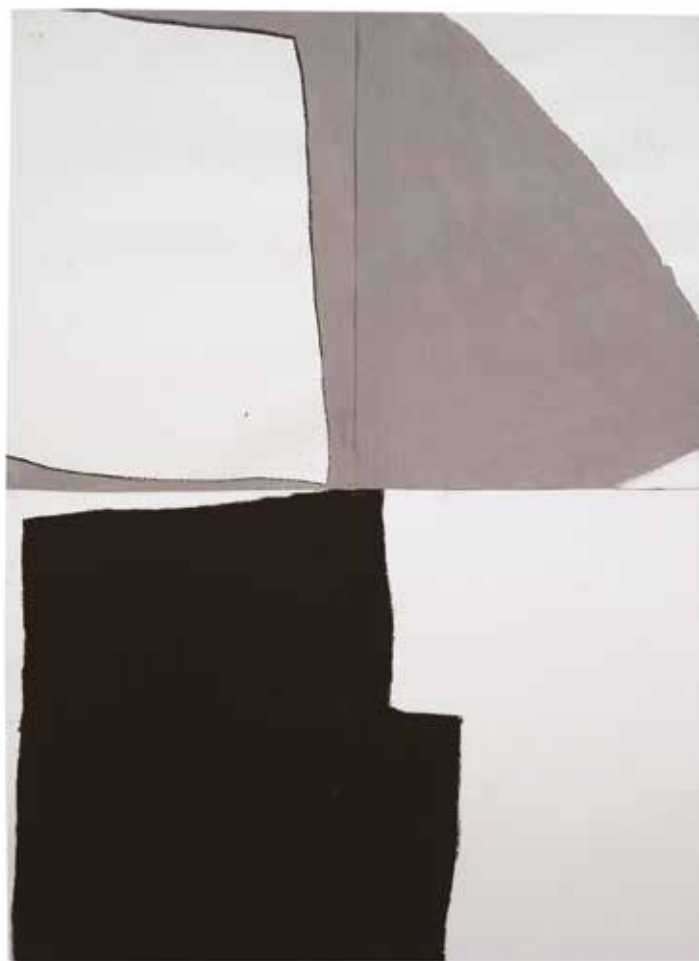
Que seja bem-vinda a geração da virada. ■

O homem criou um mundo
de imagens para mediar
entre ele mesmo
e o mundo dos fatos.

Vilém Flusser, *O Mundo Codificado*

ADAUANY ZIMOVSKI, 1983

São José dos Campos, São Paulo, Brasil



Adauany Zimovski busca se expressar através do desenho e, mais recentemente, da fotografia e das suas relações com a pintura. Os desenhos feitos de puro gesto são construções que misturam linhas e formas geométricas e abstratas. A artista pode desenhar em formatos pequenos ou se deixar levar em grandes espaços, até mesmo o da parede. O preto e o branco propõem embates acirrados para o equilíbrio das formas, enquanto seu trabalho atual evoca paisagens e prédios de cidades registrados em fotografias nas quais a artista faz intervenções com cor. O diálogo que lhe interessa é a imagem fotográfica, a pintura e a paisagem, em que a pintura é integrada como o que denomina "ruído alienígena", expressado pelas cores puras e formas abstratas e geométricas. No contexto geral de seus trabalhos, acontecem as proximidades e similitudes, pois as formas inseridas nas fotografias são parecidas às usadas no desenho. Adauany apropria-se de imagens antigas de livros, atlas e postais para questionar o conceito de paisagem contemporânea. Sua produção plástica ocorre a partir de sua apropriação do mundo, seja ela pelo gesto no desenho, ou nas sutis e instigantes interferências pictóricas nas fotografias.

Bacharel em artes visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre suas últimas participações se destacam as coletivas *A Imagem da Palavra*, no Centro de Exposiciones Subte, em Montevideu/UY, *Instâncias do Desenho*, no Parque Lage, no Rio de Janeiro/RJ, e na Galeria Logo, em São Paulo/SP. Realizou a intervenção *Convivência Eterna*, na fachada da Fundação Ecarta, em Porto Alegre/RS (2012), uma pintura mural que cria desenhos/palavras utilizando o pingo reto, estilo característico da Grande São Paulo/SP. Foi artista integrante e co-gestora do Atelier Subterrânea, em Porto Alegre/RS (2007-2012). Foi uma das selecionadas no XI Concurso de Artes Plásticas, do Goethe Institut, em Porto Alegre/RS (2010), apresentando uma série de trabalhos que deu nome à exposição *Paisagem Pragmática*. Ministrou oficinas no Atelier Livre, no Atelier Subterrânea e no Serviço Social da Indústria (SESI) (2010 e 2008), que tinham como foco a experimentação do desenho, da fotografia ou a fusão das duas linguagens. Realizou a sua primeira exposição individual intitulada *Plano Expansão*, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS (2007), com quase todos os trabalhos do seu projeto final do curso de Artes Visuais, ênfase em desenho. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.
Contato: www.adauany.com



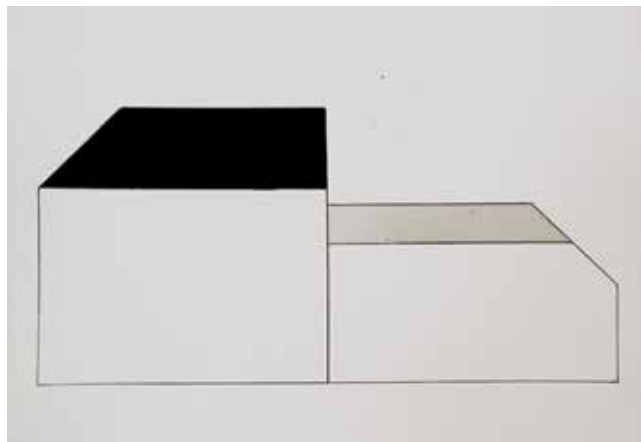
SEM TÍTULO
84 x 60 cm
Desenho sobre papel
2007

TOTTÍO I
Acrilica sobre impressão fotográfica
100 x 150 cm
2012

TOTTÍO II
Acrilica sobre impressão fotográfica
100 x 150 cm
2012

SEM TÍTULO
Desenho sobre papel
20 x 27 cm
2008

CONTRASTE
Desenho sobre tela
200 x 200 cm
2007



ADRIANA DONATO, 1975

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Adriana Donato pesquisou por longo período a história das sombras na arte e depois desenvolveu várias séries sobre o tema. Os seus trabalhos abordam a sombra como construção da imagem. Na primeira série, *Sombras Sobre o Corpo*, as imagens de fragmentos de corpos sofrem a interferência de sombras de outro corpo, às vezes, formando imagens misteriosas, nas quais não conseguimos decifrar exatamente o que vemos.

As sombras marcam também a sua presença sobre paisagens urbanas. Essa escolha nos deixa ver o fascínio e o mistério no modo como elas tramam-se a partir de um objeto, quase sempre escondido em outro limiar. O objeto a ser capturado é encontrado nas andanças pela cidade e é registrado em cenas que ressaltam o silêncio e a solidão, como portões, casas, árvores, em que os galhos evocam desenhos estranhos e, por vezes, lembram seres saídos da escuridão, fantasmáticos, suscitando percepções que não são as do dia a dia, entre a velocidade e a quantidade de informações que recebemos. Neste momento de imersão, podemos resgatar o olhar fragmentado e a sensação de perda e plasmá-los em uma experiência intensa para explorar o silêncio e os dizeres das imagens. A série atual de trabalhos é *Sombra nas Nuvens*, para a qual a artista busca cenas de tempestades, em que as sombras são causadas pelas próprias nuvens em movimentos ora sutis, ora turbulentos.

Bacharel em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Economia da Cultura pela mesma Universidade, integrante e secretária-geral da Câmara Diretiva do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul e professora do Curso Superior de Produção Cênica nas Faculdades Monteiro Lobato (Fato). Teve suas fotografias publicadas nos livros *Redenção*, do historiador Gunter Axt (2011), e *Brique da Redenção*, da historiadora Tais Gomes (2011). Realizou as exposições individuais: *Intervenções Interferidas* (2010), com Fernanda Manéa, no Porão do Paço Municipal, na Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS; *Sombras da Cidade*, na Galeria La Photo (2009), no Espaço Cultural do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS) (2008), na Livraria Cultura (2008), no Espaço Ado Malagoli (2008), no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre (2007), todas em Porto Alegre/RS. Participou de exposições coletivas, dentre elas: *InFoto*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2012); Intercâmbio de Arte Contemporânea, *Muito mais que uma imagem...*, na NY 72 Gallery (2011); *Arte [Bela] Contemporânea*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2009); *POA-SP Conexão Arte*, no Espaço Cultural Monte Bianco, em São Paulo/SP (2009); além das exposições nos espaços do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), da Galeria Bolsa de Arte, da Essa Poa é Boa no DC Navegantes e Bienal B (2008-2007), em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.mecenascultura.com.br e adriarte@gmail.com





SOMBRAS DA CIDADE III
Fotografia digital
10 x 15 cm
2008

SOMBRAS NAS NUVENS II
Fotografia digital
10 x 15 cm
2011

SOMBRAS NAS NUVENS III
Fotografia digital
10 x 15 cm
2011

SOMBRAS SOBRE O CORPO I
Fotografia digital
10 x 15 cm
2005

SOMBRAS DA CIDADE VI
Fotografia digital
10 x 15 cm
2008



ALEXANDRA ECKERT, 1971

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandra Eckert começa a sua trajetória na cerâmica, mas com inserções de outras linguagens de forma concomitante, entre elas, podemos destacar a série de postais em serigrafia, em que o símbolo coração é recorrente e sua marca registrada. As linhas que formam o coração têm um significado especial, referem-se à linha da vida, mas falam também de tempo e memória. Essas linhas valorizam o tema escolhido para representação e geram limites ao instaurar um dentro e um fora. A sua poética envolve muitos modos de lidar com esse coração que vai da cerâmica até a serigrafia e o desenho, ou mesmo o chumbo. Outra forma de mostrar seu trabalho foi transformá-lo em livros de artista, idealizando bulas e caixas e/ou potes para abrigar minigravuras e nanocerâmicas. Nestes livros, ao abrir a capa, podíamos ver um coração em cerâmica dentro de uma cavidade-coração recortada. Esta série rendeu uma exposição individual no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), coincidentemente o lugar em que ela está expondo atualmente seus livros de artista *Vide Bula* e outros daquela fase anterior. A característica que vem marcando profundamente o seu trabalho é a forma de apresentá-lo, com requinte e grande beleza, além de demonstrar a intensa pesquisa que desenvolve. Outro fato que muito agrada a todos é que Alexandra faz distribuições desses pequenos trabalhos, fortalecendo outro dado em sua pesquisa: uma arte acessível que atinge outros públicos.

Artista visual e pesquisadora, é licenciada em educação artística (1993), bacharel em cerâmica (1995) e mestre em poéticas visuais (2000) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realiza exposições individuais e coletivas, em diversos países, desde 1992. Suas pesquisas desenvolvem-se nos campos da gravura, da cerâmica, do livro de artista, da instalação e da performance. É docente na graduação e pós-graduação em arte, arteterapia e design na universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. Entre os anos de 2009 e 2012, foi membro do Conselho Estadual de Cultura (CEC), da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul. Nos anos de 2008 e 2009 foi docente na área da cerâmica e gravura no Departamento de Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre suas principais exposições individuais destacam-se *Corações: Volumes e Tomos*, nas Salas Negras, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2002); e *Terrale 4*, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) (1999). Entre suas principais premiações destacam-se a Menção Honrosa, no 3º *Salão Nacional de Cerâmica*, Curitiba/PR (2010), o 1º *Prêmio no Salão de Minicermica da Associação de Ceramistas do Rio Grande do Sul (ACERGS)* (2003) e o 1º *Prêmio no Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul* (1998).

Contatos: www.alexandraeckert.blogspot.com e aeckert@terra.com.br



DA SÉRIE VIDE BULA – CORAÇÃO MIX PLUS
 Múltiplo
 5,5 x 7,5 x 5,5 cm
 2009

DA SÉRIE VIDE BULA – CORAÇÃO SERÍGRAFO
 Múltiplo
 5 x 2 x 5 cm
 2011

DA SÉRIE VIDE BULA – CORAÇÃO Pb 82
 Múltiplo
 5,5 x 7,5 x 5,5 cm
 2010

DA SÉRIE VIDE BULA – CORAÇÃO MIX PLUS
 Múltiplo
 5,5 x 7,5 x 5,5 cm
 2009

DA SÉRIE HISTÓRIAS PEQUENAS
 Livros de artista
 26 x 18 cm
 2011



ALEXANDRE MOREIRA, 1974

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Alexandre Moreira desenvolve ações independentes em que a seleção, a disseminação, a apropriação, a colaboração e a produção e compartilhamento da informação são ideias evidenciadas pelo uso indiscriminado de imagens fotográficas advindas de várias fontes: internet, televisão, acervos pessoais ou de outros artistas, história da arte etc. Realizou várias séries de trabalhos como *Apócrifo*, iniciado em 2001, em que cartazes com retratos de pessoas são inseridos na paisagem urbana, reticulados e, quanto menor for a distância visual, mais ele se torna ilegível. Na série *Desenhos – Fliperama*, na qual o artista utiliza *stills* do filme *Fliperama* como referência para o automatismo usado pelos surrealistas, a projeção da imagem cria as condições para essa ação. Porém, na medida da construção do desenho, os grafismos são realizados de forma espontânea, criando um trabalho mais orgânico, realizado mais em função da luz e não tão fiel à forma projetada. Já o trabalho *Fliperama*, iniciado em 2005, é um filme em permanente construção, cuja apresentação acontece em confraternizações de qualquer espécie. As imagens formam clipes/capítulos combinados aleatoriamente e definidos em 10 quadros por segundo. O filme, na verdade, não é para ser assistido, mas experimentado como uma bebida, a música, a luz. O trabalho intitulado *Autacom*, de 2013, é um rearranjo de partes de um ou mais trabalhos elaborados e inspirados por meio da construção colaborativa.

Bacharel em artes visuais (2000), com ênfase em pintura, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participou da mostra *Sem Fronteiras*, no Museu Bispo do Rosário, no Rio de Janeiro/RJ (2013). Foi um dos artistas convidados para a 30ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, *A Iminência das Poéticas* (2012), onde participou da itinerância do evento apresentado, no SESC Campinas (2013). Apresentou *Nervos de Aço*, em mostra individual, na Manoel Macedo Galeria de Arte, em Belo Horizonte/BH (2012). Participou de uma ação no filme/livro *Soma – Projeto Areal*, de André Severo e Maria Helena Bernardes, contemplado no edital Rede Nacional de Artes Visuais da Fundação Nacional de Artes (Funarte) (2009). Integrou o elenco de *Arranco*, de André Severo, do Programa de Residência do Projeto Pedagógico da 7ª Bienal do Mercosul, *Artistas em Disponibilidade* (2009). A partir do projeto *Arte e Patrimônio*, do Ministério da Cultura (2008), atuou no projeto audiovisual *Dois Vazios*. Foi artista convidado do projeto piloto de Residência Artística *Lomba Alta* (2007), pelo programa Conexão Artes Visuais, da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Dentre os projetos em andamento destacam-se *Manifesto™* (2006), *Fliperama* (2005), *Vidro* (2002) e *Apócrifo* (2001). **Contato:** autacom@gmail.com





FLIPERAMA
Happening e/ou performance
2005/2013

APÔCRIFO
Intervenção urbana
Cartaz lambe em serigrafia inserido em tapumes
Dimensões variadas
2001/2013

APÔCRIFO
Intervenção urbana
Cartaz lambe em serigrafia inserido em tapumes
Dimensões variadas
2001/2013

SÉRIE DESENHOS_FLIPERAMA: FLIP_FLIPERAMA/29JUL2012_02:02
Desenho, grafite sobre papel
66 x 96 cm
2012

AUTACOM
Instalação e/ou site specific
Dimensões variadas
2013

AMELIA BRANDELLI, 1960

Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil



Amelia Brandelli dedica-se ao desenho e à pintura mais significativamente, porém as suas investigações abrangem também a fotografia e o vídeo. Para a realização de uma ideia ou tema, ela vai até as últimas consequências, e um desenho pode ser trabalhado a grafite em graus refinados de linhas e nuances cromáticas em um grande formato, ou pode, em pequenos formatos, ser feito com caneta esferográfica azul. Quanto às pinturas, será que são mesmo pinturas? A justaposição de materiais de características diferentes como a madeira e o vidro, ou uma mesa de fórmica preta e uma tela da mesma cor constroem outros sentidos que nascem da experimentação da artista que nos seduz através de seus planos e metáforas.

No trabalho intitulado *Através*, uma série de fotografias intercaladas com outros materiais, entre eles, a fórmica, utiliza imagens captadas por webcam dos filhos quando moravam longe. Para a produção desses trabalhos, entram as relações pessoais, a emoção e a saudade como fonte para a experiência. É o fio condutor do processo, só que o modo como Brandelli vai solucionar a visualidade é, mais uma vez, relacionada à pintura. Já que a pintura é a matriz primeira de sua criação artística, é natural que isso esteja dentro dela e as combinações de cores e materiais justapostos nasçam dessa relação e criem o ambiente necessário para as fotografias e toda a carga de sentimentos que elas abarcam nessa narrativa poética.



Bacharel em Pintura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na mesma instituição (2006). Desde 2003 é professora no curso de design visual da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/RS). Atuou como coordenadora e curadora da Galeria Espaço Cultural da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/RS) (2006-2010). Em 2010 passou a exercer somente as atividades de artista visual em seu ateliê. Realizou as exposições individuais: *Através* no Goethe Institut, em Porto Alegre/RS (2010), e *Ainda Hoje*, na Pinacoteca da universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS (2004). Recebeu premiações em salões de arte e o 6º Prêmio Açorianos Artes Plásticas, destaque em desenho, junto aos artistas participantes da exposição *MaisImerso* (2012). Participou das exposições coletivas: *Distensões do Real* (2012), no Espaço Cultural Feevale, Novo Hamburgo/RS; *Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2012); *MaisImerso*, no Espaço Cultural ESPM/RS, em Porto Alegre/RS (2011); *Paisagens Improváveis*, na Galeria Subterrânea, em Porto Alegre/RS (2009). Tem obras no acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e em publicações. **Contatos:** www.yourportfolio.com/ameliabrandelli e ameliabrandelli@gmail.com



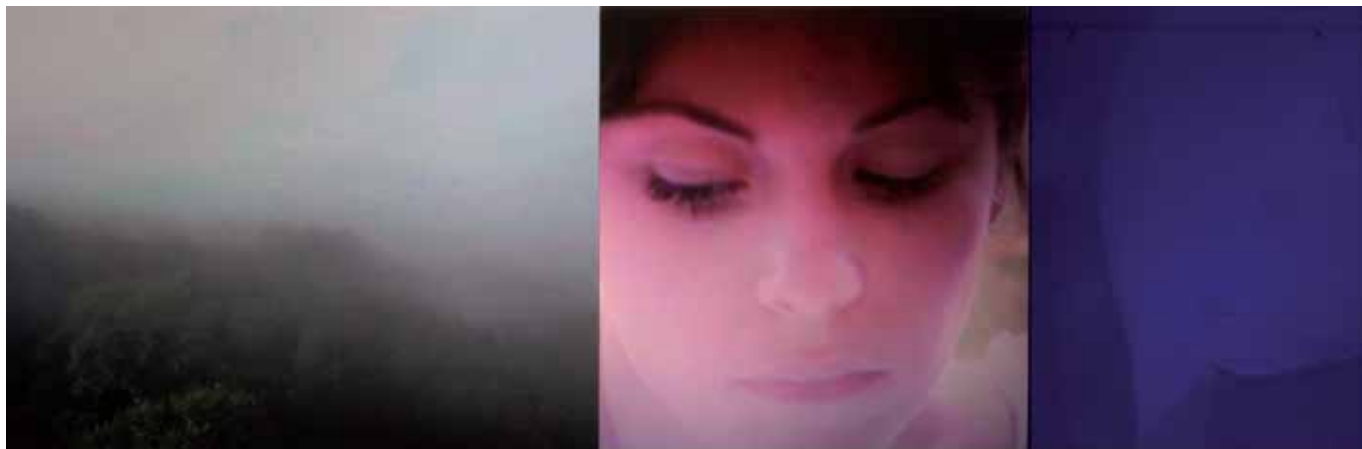
*PERDEU-SE A NUVEM SOBRE A PONTE ESTREITA,
UM BRILHO FRIO DESLIZA PELAS RUAS*
Óleo sobre tela, laca sobre madeira e objeto de MDF revestido de melanina
180 x 150 x 35 cm
2006

*RODEADA DE SOMBRAS PELA SONOLÊNCIA DA FOLHAGEM,
PELO OURO ESCURO DE GIRASSÓIS FANADOS*
Tinta esmalte sobre madeira e objeto de madeira
200 x 180 x 30 cm
2005

COM O OUTRO EU ME ENTENDO
Grafite sobre papel
170 x 170 cm
2012

SEM TÍTULO
Esferográfica sobre papel
29,7 x 42 cm
2012

SEM TÍTULO
Fotografia e acrílico
60 x 183,2 x 8 cm
2010



ANA FLORES, 1962

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A investigação de Ana Flores sobre seres e objetos que habitam os espaços internos e externos das casas transformou-se em peças requintadas, belas e úteis, enriquecendo-nos com questões sobre a vida, a permanência, a passagem, a matéria e seus significados. A artista parte de questões pertinentes ao conceito de casa e de três sentidos que a palavra acarreta: morada, lar e corpo. Como casa-morada, oferece proteção como abrigo físico que é; como casa-lar, anuncia-se como um lugar onde a vida é vivida como espaço íntimo e território pessoal, e nela estão os objetos, o mobiliário e as heranças que nos salvam do conceito de "não lugares" de Marc Augé; como casa-corpo, acolhe vivências, onde o tempo de permanência é regido pela finitude e nos permite aqui estarmos até que esta chegue.

O barro – este elemento de características simples – encontrado na natureza é matéria de sedução para a artista, e a sua proximidade os torna indissociáveis. O desafio de sua produção reside nas relações entre a matéria e a técnica, pois a matéria permite um leque de possibilidades em experimentações, e a técnica, no que diz respeito aos limites dos materiais, deve incluir o acaso devido à identidade própria do barro. O encontro com a essência da obra de Ana, ali representada e eternizada pela matéria, representa a vida, as emoções e os sentimentos através da cerâmica. Durante o percurso do nosso olhar percebemos as pulsações de seu fazer e, como um inventário, nos é permitido ver o que lhe toca profundamente.



Bacharel em artes plásticas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2002), onde foi professora do Departamento de Artes Visuais (2005-2006). É mestre em design e tecnologia, pela Escola de Engenharia, na mesma instituição (2010-2012). Participa de exposições desde 1997, das quais se destacam os seguintes prêmios: *Prêmio Açorianos*, destaque em cerâmica, com a exposição individual *Um Dia Entre Abril e Junho*, em Porto Alegre/RS (2012); Menção honrosa em design para produção em atelier no 3º *Salão Nacional de Cerâmica* do Museu Alfredo Andersen, em Curitiba/PR (2010); indicação ao *Prêmio Açorianos*, destaque em cerâmica, com a exposição individual *Formas Belas e Formas Úteis*, em Porto Alegre/RS (2008); 1º Prêmio no *XV Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul*, Associação de Ceramistas do Rio Grande do Sul (ACERGS) e Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2004); 1º Prêmio no *II Salão de Artes Plásticas*, da Fundação Municipal de Arte e Cultura, em Gravataí/RS (2003); 2º Prêmio no *XIV Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul* da Associação de Ceramistas do Rio Grande do Sul (ACERGS) e Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2000); *Prêmio Viagem*, no *III Salão de Arte Postal* da Casa 26, em Porto Alegre/RS; *Ball State University*, em Muncie, Indiana/EUA (1999).
Contato: www.anaflores.art.br





SOLSTÍCIO
Cerâmica raku
7 x 30 x 39 cm
2011

EU
Cerâmica raku
14 x 9 x 9 cm (cada peça)
2012

MÓVEL MAMBEMBE
Madeira e cerâmica
93 x 102 x 50 cm
2009

AMORES QUASE INFINITOS
Cerâmica raku
20 x 20 cm (cada peça)
2007

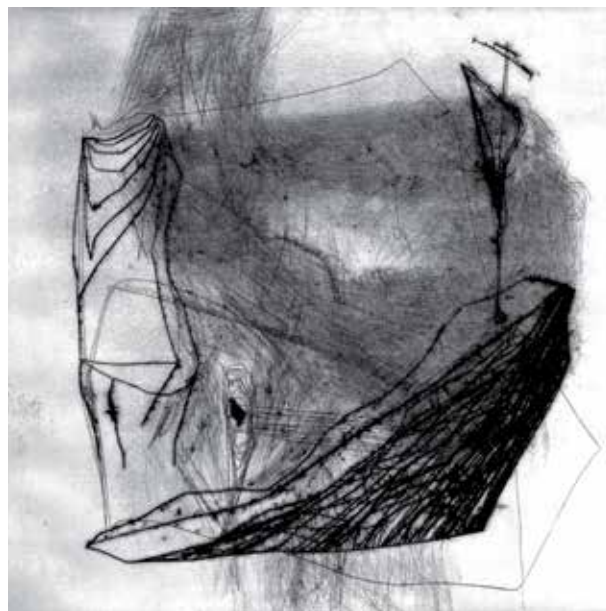
GARRAFAS
Cerâmica raku
Dimensões variadas
2006

ANANDA KUHN, 1984

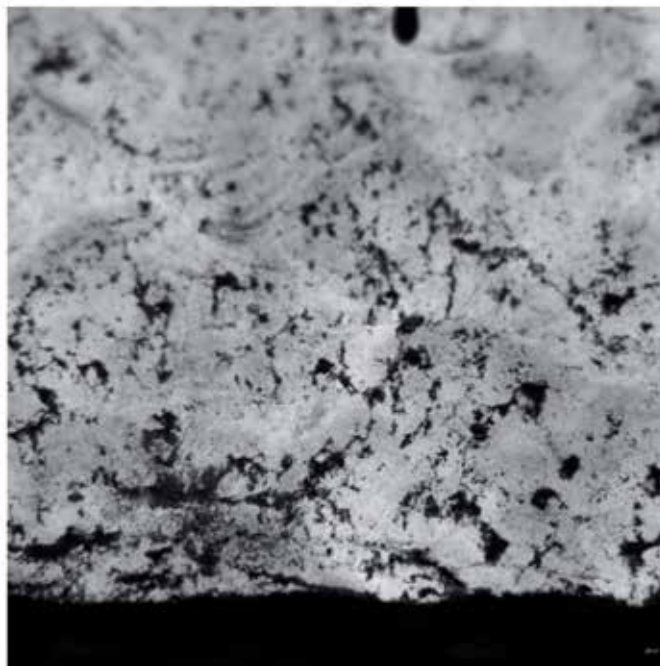
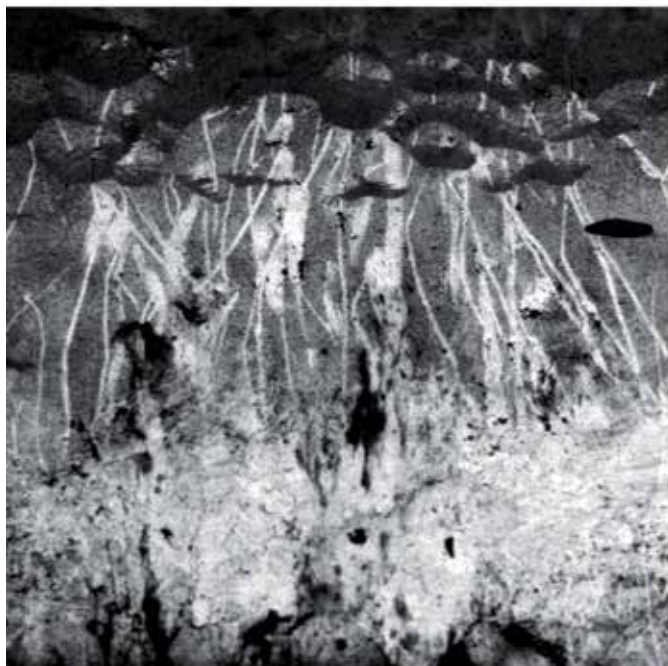
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

O desenho funciona como campo de investigação para Ananda Kuhn, para quem o gesto preciso a serviço de divagações imaginárias propicia a exploração de características das técnicas utilizadas a fim de criar visualidades com referência na paisagem urbana.

O trabalho nasce da junção da fotografia, desenho, pintura, gravura e colagem de objetos. O figurativo aparece na fotografia através da colagem ou transferência para o suporte, quando ela assume o seu papel documental relacionado à memória e retorna para ser o ponto de partida do processo. As misturas de materiais de linguagens distintas compõem um corpo só no trabalho: as linhas de grafite ou pastel oleoso cruzam manchas de tinta acrílica que se aprofunda entre os sulcos feitos a ponta seca – herança da gravura. Ananda conjuga alguns verbos nas suas experiências: testar, arranjar, riscar, colar, sulcar, manchar, cobrir, depositar, rasgar, sobrepor, justificando um processo criativo que não depende de um esboço inicial, o trabalho acontece e se forma em si mesmo. Ananda alça voos deixando a sua imaginação percorrer caminhos inovadores na busca dos pares perfeitos. Ao trabalhar as séries, infinitas possibilidades se apresentam. Debruça-se na criação exigindo nada mais nada menos que o apuro técnico relativo a cada linguagem utilizada. O mundo, através de suas imagens, pode lhe pertencer, mas ela nos devolverá porque a sua experiência no campo aberto do desenho mostra-se inesgotável e ele poderá instalar-se em um ambiente, tornar-se penetrável e até mesmo virar pele para o corpo.



Bacharel em artes plásticas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 2008 é produtora auxiliar do *Projeto Desvenda – Feira de Arte Contemporânea*. Foi premiada no Salão de Pintura e Desenho com o trabalho *A Novíssima Geração do Museu do Trabalho* (2012), que resultou na individual *Improváveis Construções* (2013). Realizou intercâmbio, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (2011), período em que participou das exposições coletivas *Repensar O Chiado / Reviver O Chiado, Café e Caracol e 12x12*, em Lisboa/PT; *6ª Bienal Internacional de Gravura do Douro*, em Alijó/Portugal; *99 Artistas y Médio*, em Barcelona/Espanha; e da itinerante *Gravura, Instalação e Poesia – A Alegria de Um Reencontro*, nas cidades de Granada/ESP, Utrecht/HOL, Copenhagen/DIN, Londres/UK e Lisboa/PT. Participou do *19º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre* (2010); do *61º Salão de Abril*, em Fortaleza/CE (2010); e de exposições coletivas (2009), em Porto Alegre, Monterrey/México, Salvador/BA, São Paulo/SP e Cachoeirinha/RS, período em que foi assistente do artista plástico Walmor Corrêa. Integrou mostras coletivas (2008), em Manaus/AM e em Porto Alegre/RS. Trabalhou na Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (2008) e estagiou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2007), produziu e articulou a Bienal B, evento paralelo a 6ª Bienal do Mercosul (2007). Trabalha e vive em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.anandakuhn.wordpress.com e anandazk@gmail.com



ESTRUTURAS ESPACIAIS URBANAS 3
Lixa e ponta seca sobre chapa de circuito elétrico
25 x 25 cm
2010

VAZIOS URBANOS #1 E #10
Desenho e colagem sobre papel
30 x 60 cm
2010

FRAGMENTOS
Fotografia digital
30 x 30 cm (cada imagem)
2009

ANDRÉ VENZON, 1976

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Entrar na poética de André Venzon significa ter que escolher um dos caminhos para onde ela aponta, pois o trabalho é multifacetado e envolve a construção de maquetes, a fotografia, a confecção de objetos, sejam eles de coisas apropriadas do cotidiano ou mesmo a fotografia-objeto, as intervenções na cidade e até mesmo o vídeo. A madeirite usada nas construções de cor rosa empregada nas molduras, nas caixas e nas maquetes é a sua marca registrada característica de toda a sua produção.

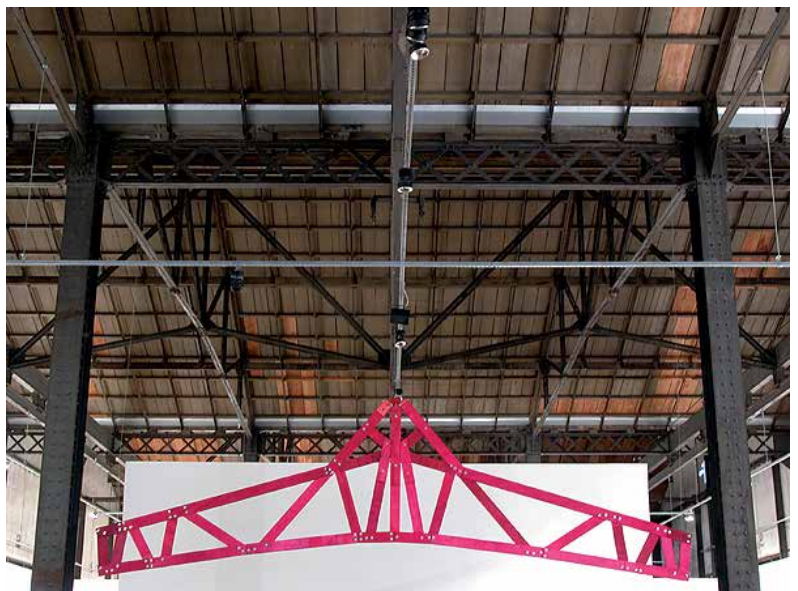
Algumas fases importantes de seu trabalho são: *Cidade sem Face*, *A Cidade é o meu Corpo*, *A Terra é o meu Corpo*, *Boates*, entre outras. Faz muitas vezes referência ao 4º Distrito, região de Porto Alegre onde sempre morou e onde vive e trabalha atualmente. Pensar na arte, para Venzon, é criar novos territórios, pois enquanto os lugares são apagados, ele os reinventa ao apropriar-se deles para criar outros. São os lugares/não lugares essenciais a sua poética.

Jovem e talentoso artista, trilha caminhos inovadores, questionadores e que criam um universo plástico-formal de indiscutível qualidade, desafiando os sentidos de quem partilha a sua arte e contribui para a reflexão sobre ela e sobre as relações entre espaço, lugar, corpo, cidade e memória para indagar qual é o seu lugar na arte.



Bacharel em artes plásticas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduando em licenciatura em artes visuais, no Instituto de Artes, na mesma instituição. Pós-graduado em gestão cultural, pela Universidade de Girona, Espanha/CEU. Dedica-se ao estudo dos conceitos de lugar, identidade e memória na construção poética dos seus trabalhos. Diante de sua forma de olhar e perceber a arte como atributo social, participou da Comissão de Avaliação e Seleção do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte), foi presidente da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa e vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul. Integrou o Colegiado Nacional de Artes Visuais e é membro dos colegiados setoriais de Museus e Artes Visuais do Rio Grande do Sul. Atualmente, é diretor do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Participou de diversas exposições, entre as quais se destacam: *18º Salão de Arte Jovem de Santos*; *3º Salão de Arte de Porto Alegre*; *3º Salão Nacional de Arte de Goiás*; *4º Bienal de Arte e Cultura*, da UNE, em São Paulo/SP; *10ª Bienal de Santos*, em São Paulo/SP; *13º Salão da Bahia/BA*; *10º Salão Victor Meireles*; *29º Salão Arte/Pará*, em Belém/PA.

Contato: www.andrevenzon.com.br



A CIDADE É O MEU CORPO
Fotografia
100 x 150 cm
2010

BRICABRAQUE
Maquete
Dimensões variadas
2002

AS PESSOAS SÃO ESPAÇOS
Intervenção urbana
Dimensões variadas
2009

DA SÉRIE CIDADE SEM FACE
Fotografia
2006/2013

QUE LUGAR É ESTE?
Maquete
Dimensões variadas
2005

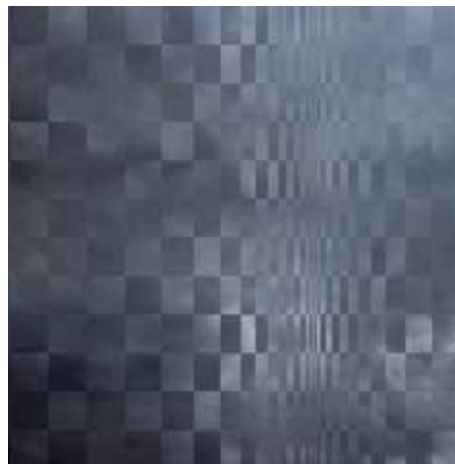
ANDREI THOMAZ, 1981

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

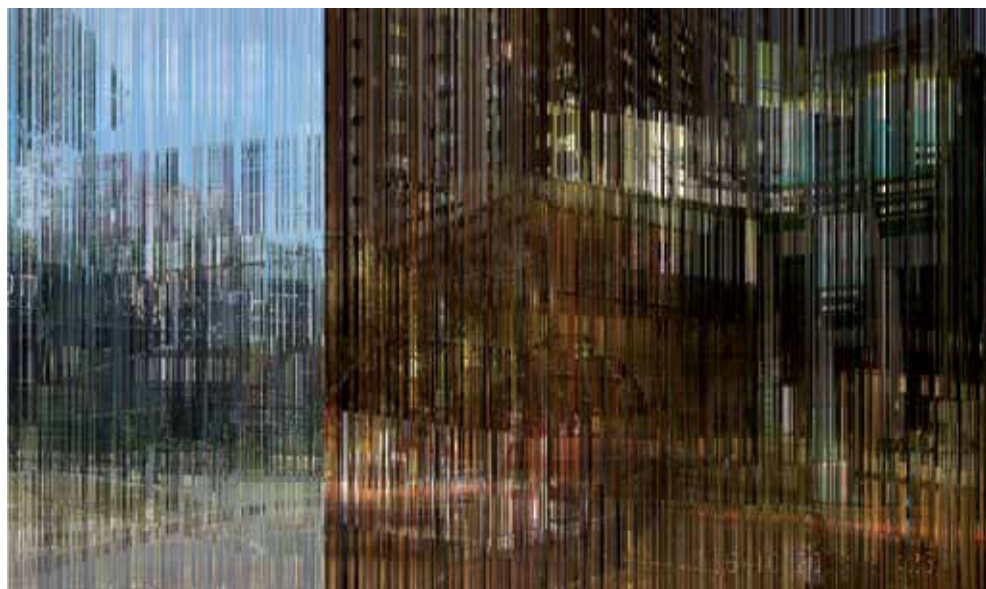
Andrei Thomaz desenvolve os trabalhos pela internet e, mesmo os que não foram feitos para a web, envolvem o meio digital para a sua elaboração. Já há algum tempo, ele abandonou os trabalhos realizados de modo analógico. Em 2009, concluiu seu mestrado na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo (ECA), onde desenvolveu pesquisa sobre o labirinto nos jogos eletrônicos. Seu trabalho tem esse pertencimento de ser gerado sempre via e para internet, investigando questões como espaço real e padrão. A colaboração com outros artistas é constante na sua trajetória.

Em *Cubos de Cor*, o espaço não é representado pelo desenho em perspectiva, é, sim, uma animação de retângulos sobrepostos que criam profundidades pelo contraste das cores. É um trabalho de web arte que se apresenta como um jogo baseado em texto; o visitante recebe instruções de como se movimentar, utilizando comandos como para frente, direita, esquerda etc., que ele precisa digitar no campo localizado no centro do trabalho.

Movement in Squares. Bridget Riley, 1961, é inspirado em um trabalho realizado pela artista inglesa naquele ano, no qual a distorção de um padrão xadrez produz a sensação de profundidade na imagem, sem fazer uso da perspectiva renascentista. Ao ser aplicado a um trecho de vídeo que exibe nuvens em movimento, o padrão xadrez distorcido e sua tridimensionalidade ora se impõem sobre as imagens, ora parecem se desmanchar. É nos momentos em que as nuvens parecem sobrepor-se aos quadrados que elas se impõem, jogando o padrão, por alguns momentos, a um segundo plano. Já o trabalho *Sonocromática* é uma performance visual e sonora que faz referência direta ao trabalho do artista brasileiro Abraham Palatinik.



Mestre em artes visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor no Instituto Europeo di Design de São Paulo/SP, no curso de Produção Multimídia e Design Digital. Sua produção artística abrange diversas mídias digitais e analógicas, envolvendo, também, várias colaborações com outros artistas, entre as quais podem ser encontradas performances sonoras e instalações interativas. Como desenvolvedor, é sócio do escritório de tecnologia asa.tc, auxiliando diversas agências de publicidade e empresas de tecnologia na realização de projetos. Junto com Daniel Escobar e Marina Camargo, foi um dos ganhadores do Prêmio de Ocupação dos Espaços da Funarte, com o projeto *Lugares/Representações* (2012). Recebeu diversos prêmios por sua produção artística, entre eles: *63º Salão Paranaense* (2009); *Prêmio Atos Visuais* (2007), da Funarte; e *Prêmio FIAT Mostra Brasil* (2006). Vive e trabalha em São Paulo/SP.
Contato: www.andreithomaz.com



MOVEMENT IN SQUARES. BRIDGET RILEY, 1961
Web arte
2010

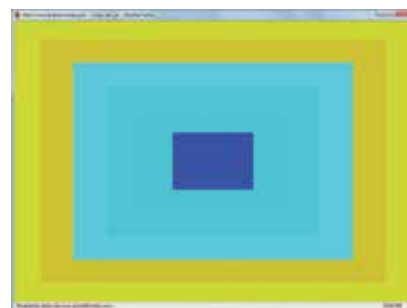
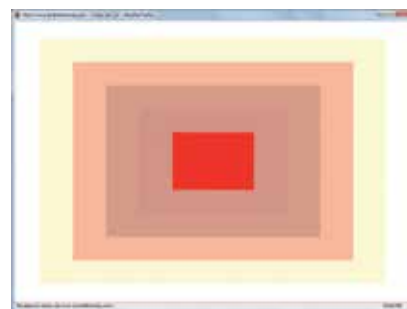
CHANGING LANDSCAPES
Colaboração com Daniel Escobar
Software desenvolvido pelos artistas, utilizando
arquivos de empresas de outdoors
2009

SOMEWHERE IN TIME
Instalação
Cartões postais e software desenvolvido pelo artista
Dimensões variadas
2011

SONOCROMÁTICA
Colaboração com Francisco Serpa,
Lilian Campesato e Vitor Kisil
Performance sonora
2008

CUBOS DE COR
Game arte
2007

CUBOS DE COR
Game arte
2007



ANTÔNIO AUGUSTO BUENO, 1972

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

As linhas multiplicam-se a todo instante, inscrevendo-se para sempre numa constante repetição de gestos que delineiam novos rumos, deixando para trás a sua primeira marca, já esquecida ante toda a trama. A originalidade da obra de Antônio Augusto Bueno nos coloca em meio a uma tempestade, através da qual uma cortina se levanta com o intuito de desvelar a obra. Ainda assim, ela continua envolta no seu próprio mistério, na sua poesia, na sua capacidade de trama singular que transforma nossos sentidos. Neste caminho de sentidos, em meio às tramas de grafite, descobrimos campos de silêncios e de cores, antes pouco usados por Antônio. As linhas que rompem, tecem ritmos, contornam, vão e voltam impalpáveis sobre o suporte, constroem o desenho do artista e se vestem no plano de sutis armadilhas: deixa-se ver como volume, delineando tessituras, enquanto desdobram-se no espaço. Deparamos-nos com afinidades, repetições e diferenças em paisagens onde a linha do desenho é o fio condutor para a escultura, ou seja, a linha mostra-se como matéria sobre o plano ou como matéria expandida no espaço.

A forma tecida pela agregação de gravetos cresce e apropria-se do espaço, distendendo-se, deixando rastros, abrindo-se às novas possibilidades. O ato de tecer a trama é repetir o gesto e/ou a ação para trazer a diferença, pois nela são percebidos valores diferentes, como no desenho: linhas grossas, finas, sinuosas, nichos de puro encantamento que necessitam do olhar atento para perceber as especificidades da matéria. A matéria-corpo ocupa um lugar no tempo e no espaço e as linhas formadas pelos gravetos podem ser infinitas, sem meio ou fim.

Bacharel em escultura (2008) e desenho (2004) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 1998 realiza exposições individuais em Porto Alegre, no interior do Rio Grande do Sul e em outros estados. Realizou várias exposições individuais, dentre elas: *Cabeças – Armadilhas para um Significado*, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS; *Uma Maneira de Pensar*, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), em Pelotas/RS; *Desenhos*, no Estúdio Dezenove, no Rio de Janeiro/RJ; *Série Gravetos Armados*, montada em diferentes locais do Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Desde 1996 participa de exposições coletivas como: *Do Atelier ao Cubo Branco e Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS; *Desvenda*, no Museu da República, Brasília/DF; *ArtLive*, na CATM Chelsea, em Nova York/EUA. Realizou as ilustrações e a arte da capa do livro *Arame Falado*, da editora Sete Letras, no Rio de Janeiro/RJ (2012), e do livro e da exposição *O Último Homem na Lua*, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2012). Participou vários salões e seleções, obtendo reconhecimento, como: no *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, onde tem sido indicado e premiado, em diferentes categorias. Desde 2008, coordena o Espaço Expositivo Jabutipe, onde realiza seus trabalhos e ministra aulas. **Contatos:** www.jabutipe.com.br e www.antonioaugustobueno.blogspot.com





GRAVETOS ARMADOS
Instalação
Dimensões variadas
2010

DA SÉRIE PAISAGENS LUNARES – SEM TÍTULO
Desenho sobre papel
50 x 96 cm
2012

GRAVETOS SUBMERSOS
Gravetos, cera, água em aquários
Dimensões variadas (detalhe)
2011

BEATRIZ DAGNESE, 1954

Nova Bassano, Rio Grande do Sul, Brasil



Beatriz Dagnese explora a linha com sensibilidade em tramas originais e únicas que se expandem no preto do papel. Delicadas e firmes, elas escravizam o nosso olhar exigindo uma fruição plena e meticulosa. O ritmo que ela impõe nos elegantes desenhos nos convida a penetrar em seu fazer e descobrir o que está por trás dessas tramas: verdadeiras paisagens provocativas, envolventes e questionadoras, indicando que o gesto formador retorna sobre si mesmo, voltando sempre ao ponto inicial para se perder na força instauradora da forma. A surpresa é introduzida diante de cada desenho, uma vez que as teias de linhas criam verdadeiros espetáculos, ora abrindo-se, ora fechando-se em suaves caminhos que levam a outros, e estes por sua vez se perdem em novas tessituras. Seria infinito, se as bordas do papel não os fizessem estancar, ou mesmo as bordas invisíveis criadas pelo imaginário da artista. Assim é o seu desenho: seguro, delicado, apurado e que nos faz submergir em seus meandros. Nos últimos trabalhos, a artista acaba deixando nascer de seus pequenos casulos uma figura feminina frágil e tímida que contrasta com a linha cada vez mais forte e decidida.

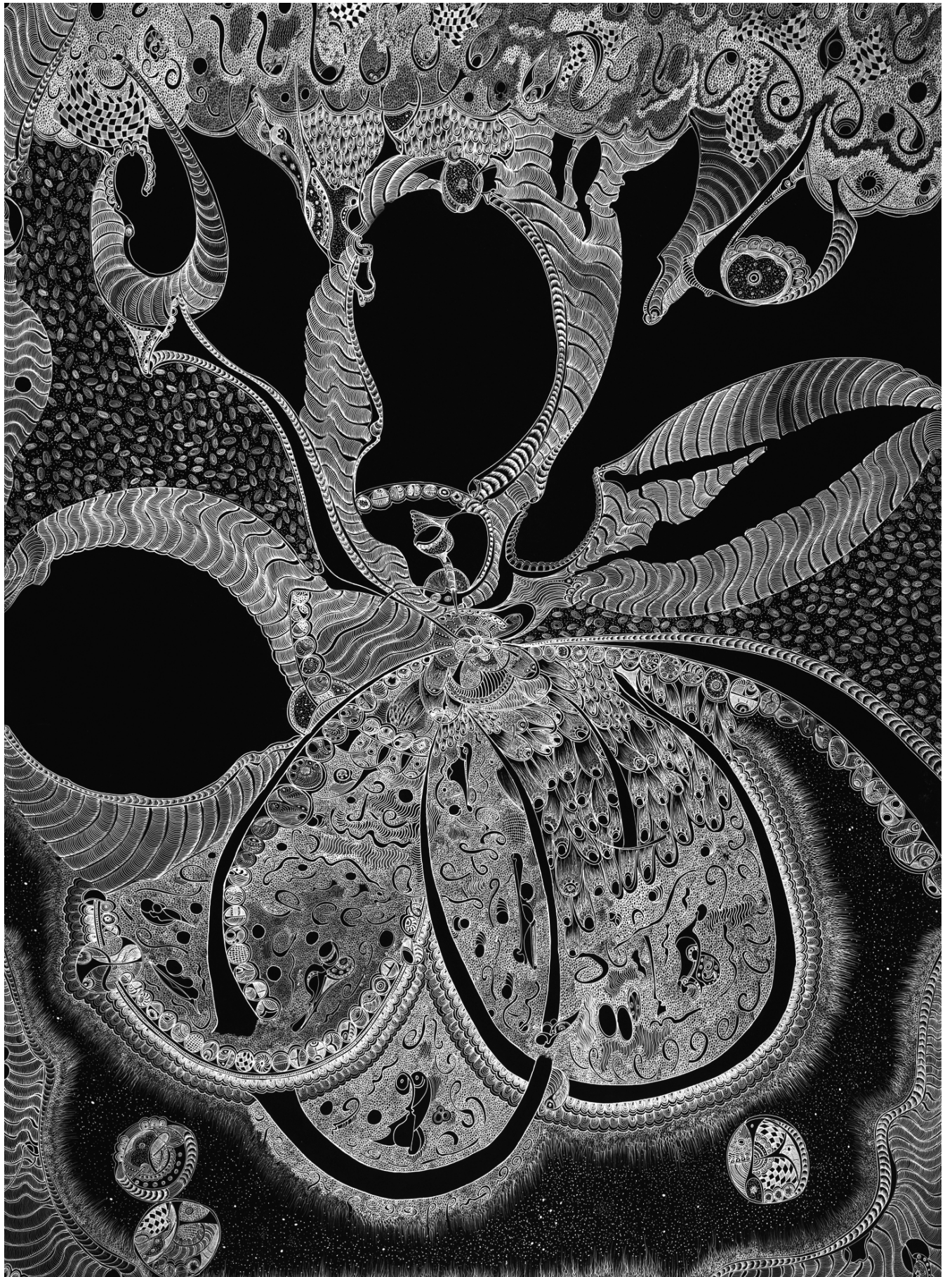
DA SÉRIE MULHERES

Nanquim sobre papel Black Sírío
35 x 50 cm
2011

DA SÉRIE ARMADILHAS DO IMAGINÁRIO

Nanquim sobre papel Black Sírío
70 x 100 cm
2012

Artista plástica. Realizou a exposição individual *Armadilhas do Imaginário*, na Galeria Arte&Fato, em Porto Alegre/RS (2011). Participou de exposições coletivas, dentre elas: *Papel sem Limite*, na Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2012); *Tessituras*, no Espaço Expositivo Jabutipê, em Porto Alegre/RS (2012); *20x20* da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, na Bolsa de Arte, em Porto Alegre/RS (2012-2011); *Arte+Arte Transversalidades*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2011); *3º Salão Fundarte/SESC de Arte 10x10*, na Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS (2011); *Armadilhas do Imaginário*, no Palácio de Praia Grande, em São Paulo/SP (2010); *International Miniart Exchange*, no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano, em Porto Alegre/RS (2010), e itinerâncias no Canadá e México; *Painel do Café do Cofre*, no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS (2007); *Designs*, Bienal B, na Sala Augusto Meyer, Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2007). Vive e trabalha em Gramado/RS.
Contato: beadagnese@uol.com.br

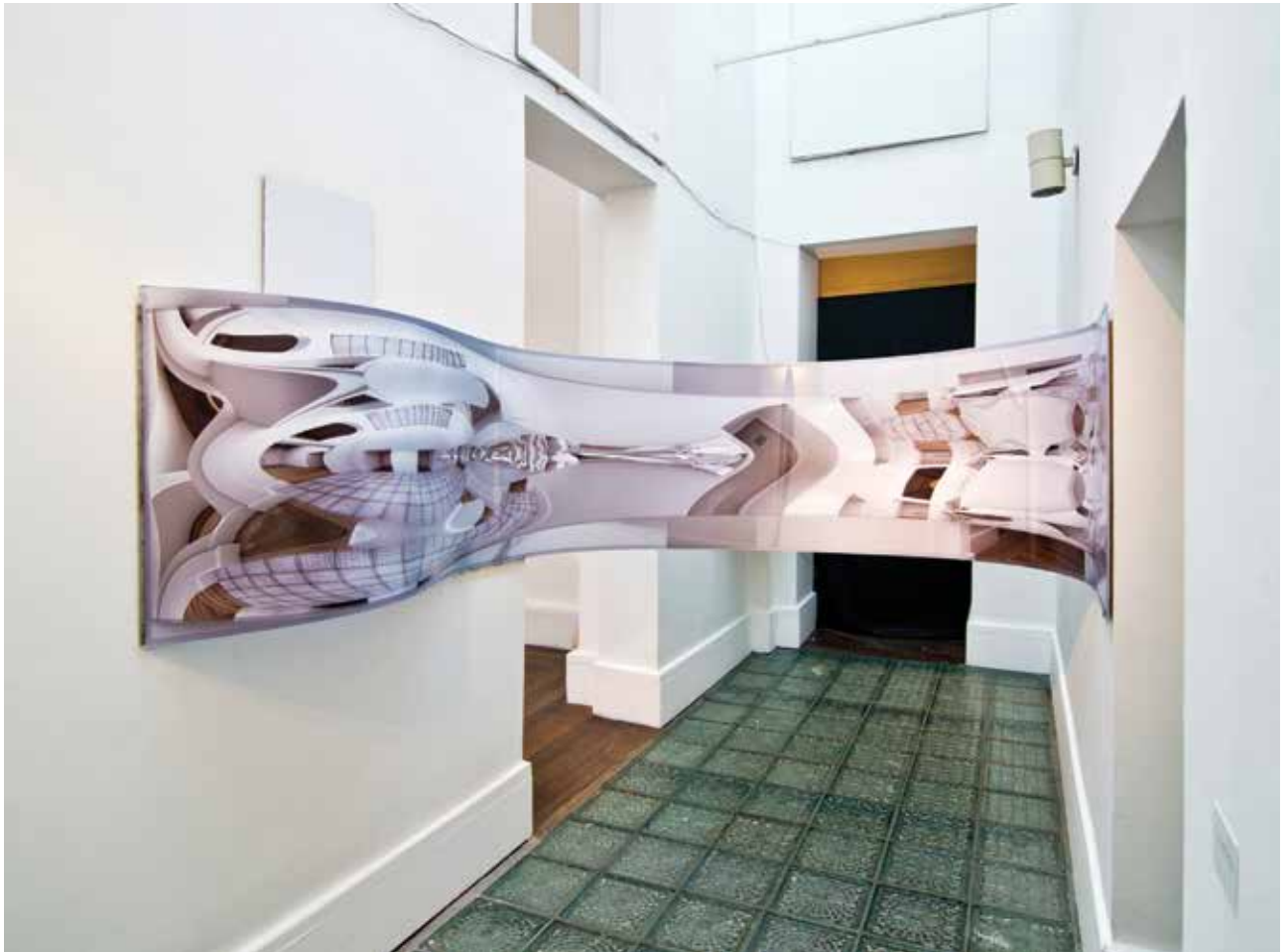


BRUNO BORNE, 1979

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Arquiteto e artista visual, Bruno Borne tem a sua poética voltada para a fotografia, ou seja, ele cria imagens híbridas dos espaços expositivos que abrigam mostras das quais participa. É a partir de um convite para expor que o processo se desencadeia. O espaço torna-se referência e objeto no processo criativo após o registro da sua imagem e posterior manipulação digital. O resultado do trabalho é a escolha final das imagens que melhor dialogam no espaço. As fotografias são produzidas no local onde a obra vai ser colocada e de onde partem eixos da imagem expandindo-se para outros campos da visão. No campo da fotografia, Borne desenvolve um trabalho instigante e cheio de armadilhas para o olhar, pois não nos é dada uma imagem tão óbvia, ela sempre vem confrontar o nosso olhar através de espelhamentos e/ou rebatimentos, o que aguça os sentidos e, por vezes, causa certa confusão sobre o que está se olhando. De qualquer forma, mesmo que não se tenha a compreensão de seu processo, as imagens são, por si só, um resultado formal belo e impecável. Com frequência, o artista realiza vídeos no espaço expositivo a partir de fotos do local.

Produz obras relacionadas especificamente com o ambiente de exposição, conectando arquitetura, obra e espectador, por meio de instalações e imagens produzidas com computação gráfica. É mestre em poéticas visuais, no Programa de Pós-graduação em Artes, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduado em arquitetura e urbanismo e artes visuais. Realizou exposições individuais na Galeria Lunara e no Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em Porto Alegre/RS. Suas principais exposições coletivas foram no Centro Cultural Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro/RJ; Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), Atelier Subterrânea, Galeria Gestual e no Espaço Cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS. Foi selecionado no 19º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre e no 1º Concurso de Artes Visuais, da Feira do Livro de Canoas/RS. Em 2010 foi vencedor do V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, na categoria destaque em mídias tecnológicas e indicado na categoria artista revelação. Em 2011 venceu o mesmo prêmio, com a exposição coletiva *Cartão de Visita*, na Galeria Gestual. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contato:** www.brunoborne.com





PANORAMA
Instalação, computação gráfica e impressão digital
210 x 80 x 180 cm
2012

CONCHA
Espelho, computação gráfica e impressão fotográfica
120 x 90 x 300 cm
2012

ÉPURA
Computação gráfica e impressão fotográfica em metacrilato
85 x 85 cm
2012

SINGULARIDADE
Computação gráfica e impressão digital
Dimensões variadas
2012

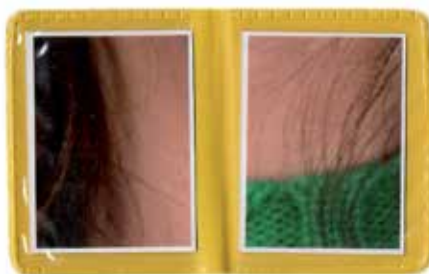


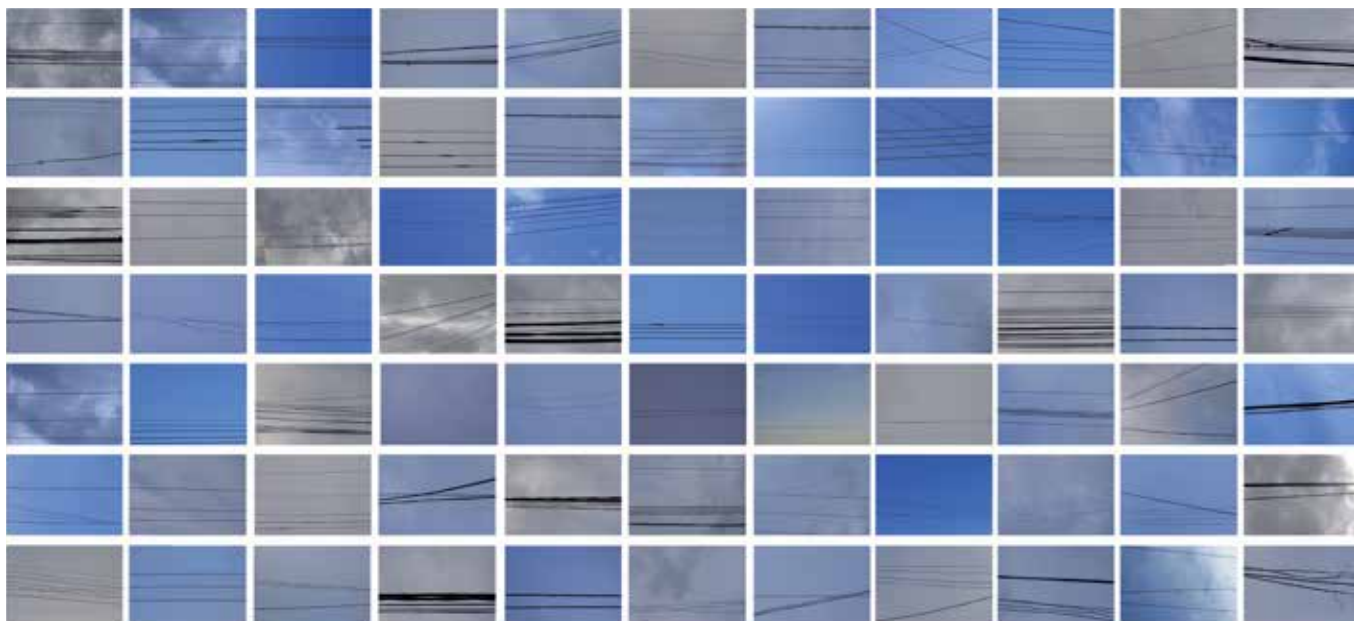
CAMILA SCHENKEL, 1982

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Camila Schenkel trabalha com a fotografia como meio e assunto para desenvolver a sua poética. O foco de seu trabalho sempre esteve no contexto a sua volta: céus, fios de luz, propagandas imobiliárias e também séries autobiográficas. Em geral, são de formatos pequenos e agrupadas em módulos. Alguns processos realizados duraram mais tempo que outros e aqueles que persistem por um período maior são explorados intensamente. Em algumas séries de trabalho, a montagem se torna muito importante, o que "envolve a fotografia como uma imagem mais construída e ficcional do que automática", conta Camila. A repetição e a multiplicação dos elementos podem ser observadas em vários trabalhos, principalmente nos primeiros. Já as séries atuais referem-se à pesquisa de propagandas imobiliárias. As imagens são misturadas provocando estranhamento, pois se contrapõem, mas não se hibridizam. Entre uma imagem e outra existe a tensão, originando uma imagem mestiça.

Doutoranda em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em artes visuais pelo mesmo programa. Bacharel em artes visuais nas ênfases de fotografia e história, teoria e crítica de arte, pela mesma universidade. Atualmente, coordena o Programa Educativo da Fundação Iberê Camargo. Atuou como professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2013-2012). Possui obras no acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e na Fundação Vera Chaves Barcellos. Participa de eventos e publicações sobre pesquisa em artes, com destaque para os livros *Mestiçagens na Arte Contemporânea* (2007), organizado por Iceia Cattani, e *Imagens: arte e cultura* (2013), organizado por Alexandre Santos e Ana Maria Albani de Carvalho. Foi premiada no 1º Salão Fundarte de Arte 10x10, na Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS (2007), e no 19º Salão Jovem Artista, em Porto Alegre/RS (2006). Participa de exposições coletivas desde o ano de 2003, tendo realizado também exposições individuais. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.camilaschenkel.carbonmade.com e camilaschenkel@gmail.com





PORMENORES
Fotografia em carteiras plásticas
3 x 4 cm (cada imagem)
2007

NA MEDIDA DO OLHO
Fotografia
Conjunto de fotografias
3 x 4 cm (cada imagem)
2009

SÉRIE LINHA DE TRABALHO
Fotografia
98 x 180 cm
2006

DA SÉRIE CONSTRUÇÕES - SEM TÍTULO
Fotografia
80 x 60 cm
2012



CARLA BARTH, 1972

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Carla Barth coleciona dados para a construção de painéis semânticos de imagens e informações sobre um determinado assunto que vão ser passados para seu trabalho: desenhos, pinturas, esculturas e murais. Os personagens de suas obras, realizados em cores chapadas, são criaturas cativantes do mundo da fantasia e da poesia. Não podemos deixar de perceber um diálogo com a pintura *naïf*, como também com a pop arte (recontextualizada) e a influência das histórias em quadrinhos. Entretanto, a presença de todas essas referências não tira a sua capacidade de ser original e criar mundos de intensa beleza a partir de pesquisas, pois está sempre sintonizada no mundo contemporâneo em que vive.

A natureza, os animais e os personagens são colocados dentro de narrativas em que o humor e a ironia estabelecem rumos para o trabalho. O cunho onírico, a cor intensa, a linguagem estética de sua obra encantam e mostram uma certeza em seu trabalho e uma coerência que já indica um grau de maturidade de seu fazer artístico, demonstrado pelas várias publicações, participações em exposições nacionais e internacionais, além de produtos estampados com as suas criações.



Formada em turismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estudou desenho e escultura no Atelier Livre de Porto Alegre/RS, além de cursos livres de arte contemporânea com Guilherme Dable, Maria Helena Bernardes, Ana Flávia Baldisserotto, Charles Watson e Jailton Moreira. Realizou quatro exposições individuais em Porto Alegre/RS e São Paulo/SP na Galeria Choque Cultural. Participou de diversas exposições coletivas em lugares como: Museu do Trabalho (RS), Santander Cultural (RS), Galeria Laura Marsiaj (RJ), Centro Cultural Banco do Brasil (DF), Pavilhão das Culturas Brasileiras (SP) e no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Foi finalista do concurso *Jovem Artista* (2005). No exterior, participou de mostras em centros culturais e galerias nos EUA, Espanha, França, Itália, Taiwan e Colômbia. Ministrou cursos e palestras sobre arte pública, processo artístico, desenho e escultura. Fez parte de publicações como as revistas *Juxtapoz* (EUA), *+SOMA* (BR), *GOB* (EUA), *Clam Magazine* (FR), *Amelia's Magazine* (UK), além dos livros *Xirogravuras* e dos *Monstros*, ambos editados pela Choque Cultural (SP). Foi tema de trabalhos acadêmicos, de alunos de faculdades de design e de artes visuais, em Goiás e no Rio Grande do Sul.
Contatos: www.carlabarth.com e carlachibi@gmail.com

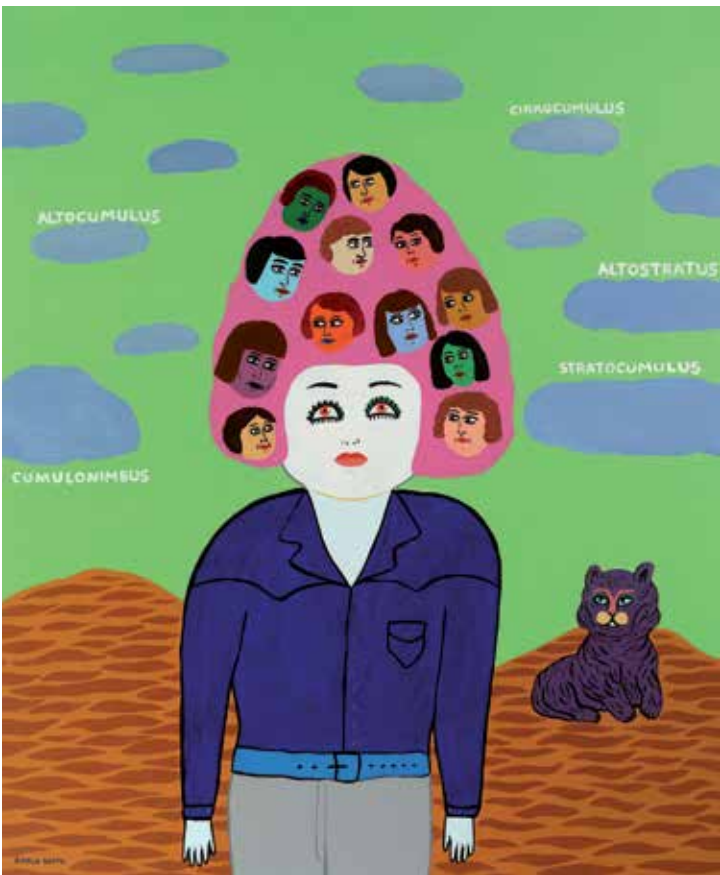
GAROTA COM MANTO
Nanquin sobre papel sulfite
21 x 29,7 cm
2013

TIPOIA
Acrílico sobre tela
100 x 80 cm
2013

NOTURNO II
Aquarela sobre papel
29 x 42 cm
2008

ILHA
Acrílico sobre tela
150 x 150 cm
2011

RAW FOLK
Acrílico sobre tela
60 x 50 cm
2013



CARLA BORBA, 1978

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Carla Borba é uma performer, e o que mais lhe interessa na sua pesquisa é o limiar entre a performance, o vídeo e a fotografia. A sua poética envolve o corpo, imagem, tempo e espaço em um processo cumulativo em que o corpo produz e registra a imagem a partir da ação performática na qual as diferentes temporalidades de memórias afetivas produzem os discursos corporais. A presença do corpo e as escolhas poéticas trouxeram inquietações e reflexões acerca de seu trabalho, que tem o corpo como receptáculo para os vestígios da memória. A partir daí, a artista elabora um conceito importante de seu processo: o de corpo sedimento, polimorfo, construído por camadas de lembranças, acúmulo de imagens e sentimentos, marcas na própria carne. A analogia entre o ato criativo e o processo de sedimentação do corpo diz respeito aos deslocamentos desse no mundo e os registros gerados nessas experiências. Assim, Carla Borba realiza as performances *Etroc*, *Vestido de Pedra* e *Cabeça de Terra*. Cada uma potencializou as imagens fotográficas e de vídeo aproximando as linguagens que são complementares para a ação, mas ganharam independência pela intensidade de seus conteúdos, se vistas depois do ato performático.

É mestre em poéticas visuais, pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como bolsista da Capes. Participou de encontros de performance e exposições na França, em Berlim e no Brasil, entre as quais se destacam: *Vão*, na Galeria TLZ, em Porto Alegre/RS (2013); *Performance Cabeça de Terra*, no Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre/RS (2012); *Espetáculo Vão*, no Teatro Qorpo Santo e na Sala Álvaro Moreyra, em Porto Alegre/RS (2011-2010); *Projeto Dueto*, Casa M – 8º Bienal do Mercosul (2011); *Convivência – Dez Anos de Bolsa Iberê Camargo*, na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre/RS (2010); *Rencontres Européennes Art Performances – Forum Social European*, Espace Les Blancs Manteaux, Paris (2003); *7º e 8º Congrès International Art Performances*, em Paris e Berlim (2002); *A Imagem Lúcida Fotografia Contemporânea*, no acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos, em Porto Alegre/RS (2006); e *Câmara Rasgada*, na Galeria dos Arcos, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2006). Recebeu a Bolsa da Fundação Iberê Camargo, com o *Projeto Álbum de Família* (2002), o qual possibilitou sua residência na Cité Internationale des Arts, em Paris. Sua pesquisa envolve uma poética híbrida entre fotografia, performance, vídeo e teatro. Possui obras no acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos e no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.
Contato: carlaborba.arte@gmail.com



PERFORMANCE ETROC
Registro fotográfico de performance
2010/2011

PROJETO CABEÇA DE TERRA
Fotografia
150 x 100 cm
2012

SALLE DE BAINS III
Fotografia
150 x 100 cm
2012

VESTIDO DE PEDRA – MINA DO CAMAQUÃ
Still de vídeo HD, 10"
2012

CARLA MEURER MAGALHÃES, 1969

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A pintura, realizada em papel ou tela, tanto empregando técnicas mistas quanto a óleo, é a linguagem de Carla Magalhães. Costuma usar slogans, frases e orações misturadas ao trabalho de cunho figurativo. Além da pintura, trabalhou com cenários para cinema e teatro e desenho animado. Quem conhece um pouco mais o trabalho da artista, percebe que ela não se prende a modismos, mas passa a sua obra os seus sentimentos mais profundos – os seus trabalhos são intimistas. Na exposição *Conexões: Espaço Rizomático*, apresentada no Ateliê Jabutipê, em 2011, Carla apresentou a intimidade de seu espaço de trabalho. Lá estavam produções de diferentes épocas, pinturas, livros de artista, e outros pertences como fotos, recortes de revistas, livros, desenho, a mesa, o tapete, enfim, tudo que compõe o seu ambiente estava lá para ser absorvido, desvelado. As suas pinturas são elaboradas a partir de um pensamento e, muitas vezes, acontecem em séries, como no caso dos retratos. O período em que morou em Berlim e Hamburgo foi bastante profícuo para o desenvolvimento de suas pinturas.

Bacharel em artes visuais, com ênfase em pintura, e licenciada em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha com cenografia para teatro e cinema. Criou o Espaço Galerie "BOMFIM" (2004-2002). Morou em Hamburgo e Berlim, na Alemanha, frequentou, como aluna ouvinte, a HFBK de Hamburgo. Fez exposições na Galeria Meisterschüler e Galerie La Girafe, em Berlim, e no Brasil, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MACSP). Tem obras na Dinamarca, Alemanha, Japão, Espanha, Brasil e EUA. Trabalhou com a Galeria Arte&Fato. Participou de salões e recebeu Menção Honrosa no Salão Pequenos Formatos, Universidade da Amazônia (Unama), em Manaus. Criou o projeto *Estética de Rodoviária*, que participou de exposições na Bienal B, em Porto Alegre/RS, e na Bienal de Atibaia/SP. Possui obras no acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e na Universidade de Lajeado/RS. Pesquisa textos de Adorno, Mike Davis, Marc Augé e John Cheever. Assina seus trabalhos com o número 44. Contatos: www.esteticaderodoviaria.blogspot.com, www.fridacarla44.blogspot.com e fridacarla@hotmail.com

SEM TÍTULO
Óleo sobre tela
150 x 130 cm
2009

EU NÃO ESCREVO PARA NINGUÉM
Óleo sobre tela
150 x 130 cm
2009

MASON E CHUVA
Óleo sobre tela
150 x 150 cm
2012

PARANOÁ
Técnica mista sobre papel
150 x 130 cm
2013





CARUSTO CAMARGO, 1962

São Paulo, São Paulo, Brasil

Os arranjos relacionais ocorridos na exposição *Mamilus in Memoriam* desencadearam um novo processo artístico no artista Carusto Camargo e alteraram a visualidade de seu ateliê, que passa de um espaço de ceramista em potencial, com potes para preparação de revestimentos, balança de precisão, pacotes de argila organizados e catalogados, ferramentas para a cerâmica, para ser agora um novo local para guardar séries de objetos adquiridos nas feiras, antiquários e lojas de produtos populares, resgatados de suas gavetas de guardados e dos amigos. A apropriação não foi com o propósito de serem referências para as modelagens em cerâmica e nem para serem impressos em suas superfícies, mas, conforme o artista, "devido as suas potencialidades como geradores de enredos coletivos". O fascínio que certos objetos exercem sobre Carusto tem a ver com as suas potencialidades como forma. Desde 2012, ele desenvolve séries com resina acrílica de objetos relacionais. "A resina não é utilizada para sacralizar os objetos que colecionei ou a realidade que vivi e sim para conferir corporeidade ao vazio presente nas relações do consumo e do esquecimento contemporâneo", afirma. Podemos destacar duas fases importantes na sua trajetória, a primeira do artista que modela o material e as suas experiências de vida com o barro, a segunda, o colecionador de objetos mundanos que fala através dos trabalhos sobre suas relações com o mundo.

Mestre e doutor em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade de Campinas. Artista visual, professor adjunto do Departamento de Artes Visuais e vice-diretor do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além das obras públicas *Vazocorpos*, *Prensautos* e *Acervo Cerâmico Itinerante*, instaladas no campus central da UFRGS, tem obras nos acervos da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo da UFRGS, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), no Museu de Arte Contemporânea (MAC Campinas), na Galeria de Artes da UNICAMP e no Museu Alfredo Andersen/PR. Recebeu vários prêmios, dentre eles: a indicação ao *V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, destaque em escultura (2010); *3º Salão Nacional de Cerâmica*, do Governo do Paraná (2008); *II Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, destaque em cerâmica – Grupo Bando de Barro, em Porto Alegre/RS (2008); I Prêmio na Exposição *Sempre Cerâmica*, no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro/RJ (2005); e *Grande Prêmio*, no Salão Yu de Cerâmica, na Sociedade Bunkyo, em São Paulo/SP (2004). Como exposições recentes destacam-se *Submersos: Apropriações de um entorno Urbano*, no Espaço Cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (2011); *Memoriais de um Urbano*, no Porão do Paço Municipal, da Prefeitura de Porto Alegre/RS (2011); *Mamilus in Memoriam*, Espaço Expositivo Jabutipê, em Porto Alegre/RS (2010); e *Acervo Cerâmico Itinerante*, na Sala Fahrion, UFRGS (2010). Reside em Porto Alegre/RS desde 2007.

Contatos: www.carustocamargo.blogspot.com e carustocamargo@ufrgs.br





DE ANDAR POR AÍ
 Assemblagem
 Suporte cerâmico de banheiro, mãos de boneca, ex-voto e resina
 20 x 17 x 21 cm
 2012

DA SÉRIE MAMILOS IN MEMORIAM – ARRANJO RELACIONAL
 Apropriação, resina e modelagem
 13 x 55 x 10 cm
 2010

DA SÉRIE MAMILOS IN MEMORIAM – ARRANJOS RELACIONAIS
 Apropriação e modelagem
 55 x 55 x 13 cm e 70 x 40 x 6 cm
 2010

DA SÉRIE MAMILOS IN MEMORIAM – ARRANJO RELACIONAL
 Apropriação, resina e modelagem
 72 x 49 x 16 cm
 2010

MINHAS MORTES
 Urna cerâmica 1200°C
 127 x 30 x 30 cm
 2007

CLÁUDIA BARBISAN, 1964

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Para Cláudia Barbisan, "a arte se estende, ela se expande. Ela não está na obra. A arte está na vida, no cotidiano, em como se olha, apreende o mundo". As suas pinturas e os seus desenhos comunicam-se, misturam-se, engendram realidades, superfícies do cotidiano. Os trabalhos são cheios de energia, coloridos, sobrepostos, sobre diferentes suportes, desde toalhas de mesa e cortinas de banheiros, subvertendo as coisas já impressas, reagindo a elas, criando novas. Sempre com bom humor, a artista utiliza na sua obra muitas informações, heranças cotidianas em que o excesso transborda em seus suportes. A dinâmica de suas intervenções seja sobre tela, papel, folhas de revistas e até sacolas de plástico é de um ritmo intenso, sobreposições de toda ordem causando o caos na imagem, como uma tempestade que descortina ações múltiplas e um vento forte nos arremessa para o seu interior. Passado os primeiros instantes de confusas buscas, vamos familiarizando-nos com a sua linguagem e aprendendo as suas lições. Este percurso instigante surpreende pelo nexo interno, o olhar não sossega tentando absorver todas as informações ali presentes e revisa a obra para ver mais uma vez a complexidade do contexto.

Bacharel em artes visuais, com ênfase em pintura, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1993), e mestre em poéticas visuais pela mesma instituição (1997). Trabalhou como diretora de arte em filmes de desenho animado, vinhetas e vídeo-arte. Possui trabalhos premiados. Foi vocalista da banda She's OK e She's so Fake. Atualmente, dedica-se ao desenho e à pintura, no seu ateliê particular. Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), desde 2001, leciona nos cursos de graduação em publicidade e propaganda e design, na Pós-graduação. É coordenadora do Espaço Cultural da ESPM-Sul. Realiza exposições de desenho e pintura desde 1989, com destaque para *10ª Bienal Nacional de Santos/SP* (2006), individual no Espaço Cultural ESPM, em Porto Alegre/RS (2008), e no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS (2010); *Salão Arte Pará*, na Fundação Rômulo Maiorana, em Belém/PA (2004); *5ª Bienal Internacional de Artes Plásticas*, no Chile (1995); *13ª Salão Nacional de Artes Plásticas*, no Rio de Janeiro/RJ (1994); e *9ª Salão de Artes Plásticas*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (1990). Fez vídeos experimentais (2007-2004) e recebeu *Prêmio Melhor Vídeo de Setembro*, com *Pai macaco e cachorro veado*, no Festival do Minuto, no Rio de Janeiro/RJ (2007), e o *Prêmio Melhor Exposição de Pintura Vem me Ver*, no Espaço Cultural da ESPM-Sul.
Contatos: www.claudiabarbisian.blogspot.com e claudiabarbisian@gmail.com





ORA BOLAS
Técnica mista sobre tela
20 x 40 cm
2008

VEM ME VER
Técnica mista sobre imagem de santo
22 x 15 cm
2008

THIMUS
Técnica mista sobre papel
34 x 49 cm
2010

É CURIOSA A FLORA, A FAUNA TAMBÉM
Acrílica e pastel sobre película lenticular
19 x 23 cm
2008



CLAUDIA HAMERSKI, 1980

Seberi, Rio Grande do Sul, Brasil



O elemento árvore rege a composição; o seu tronco ricamente elaborado em linhas proporciona o seu agigantamento, pois é fotografado de baixo para cima para depois ser desenhado da mesma maneira. A sua força contrasta com a delicadeza dos galhos que traçam um emaranhado de linhas no céu e, mais tarde, no suporte. O reconhecimento do objeto representado se perde na contemplação do conjunto já que Claudia Hamerski altera a lógica quando brinca com a nossa percepção; o senso lúdico, no sentido de jogo formal, nos desorienta e passamos a enxergar outras figuras através do espelhamento das imagens. A trama em linhas nos instiga a buscarmos as conexões entre as partes e o todo, os desenhos sutis elaboram paisagens e, com os espaços vazios, promovem as pausas necessárias para que o equilíbrio seja o mediador do nosso olhar. Assim, o trabalho é construído por meio de uma articulação modular autônoma em que cada módulo fala por si ou dialoga com o outro, expandindo-se do papel à parede, numa sintonia rítmica. Quando o resultado final é a fotografia, Hamerski continua suas deambulações na busca daquela paisagem que lhe interessa, as pequenas vegetações que nascem em pontos que ninguém percebe, como no rasgo de um muro, fachadas ou nos troncos das árvores. Os registros são feitos de muitos pontos para, depois de ampliados, constituir o novo vocabulário plástico, não mais em módulos seriais, mas em belas imagens que dialogam entre si.

Artista visual, mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui especialização em pedagogia da arte (2012), é bacharel em história, teoria e crítica de arte (2010) e bacharel em artes visuais, com ênfase em desenho (2006), todos na mesma instituição. Desenvolve sua pesquisa artística na linha de processos de criação, atuando principalmente nos seguintes temas: paisagem, processo de criação, desenho, fotografia, escala, ampliação, repetição e na educação com mediação, formação de mediadores e professores, ensino da arte em espaços não formais. Realizou a individual *Em Processo*, na Galeria Arte&Fato, em Porto Alegre/RS. Participou de várias exposições coletivas, dentre elas: *10º Salão Nacional de Arte*, em Jataí/GO (2011); *Projeto Desvenda*, no 61º Salão de Abril, em Fortaleza/CE (2010); *19º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre* (2010), *Projeto Observatório*, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2010); artista residente do *Projeto Artistas em Disponibilidade*, da 7ª Bienal do Mercosul (2009); *Projeto TDUEPURC* (2009); *Novíssima Geração*, no Museu do Trabalho, e *Linha de Ação*, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2008). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.
Contato: www.claudiahamerski.blogspot.com

MEDIDAS VÁRIAS
Caneta de nanquim sobre 40 réguas de madeira
30 x 100 cm
2011

SÉRIE RUA 24 DE OUTUBRO, 200
Impressão fotográfica
80 x 120 cm
2013

SÉRIE RUA 24 DE OUTUBRO, 200
Impressão fotográfica
80 x 120 cm
2013

SÉRIE RUA 24 DE OUTUBRO, 200
Impressão fotográfica
80 x 120 cm
2013

4779 RISCOS
Palitos sobre placa de MDF
66 x 96 cm
2013



CLÓVIS MARTINS COSTA, 1974

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

O processo criativo de Clóvis Martins Costa é composto por três fases: a fotografia, a impressão e a pintura. As paisagens da natureza, mais especificamente a cidade de Porto Alegre e o Guaíba, são temas das fotografias que depois são passados à tela por meio da impressão, ou sublimação. Realizadas estas duas etapas, a terceira é colocar a tela, muitas vezes de tamanho avantajado, estendida na beira do Guaíba por alguns dias. Esta tela com a imagem impressa vai sofrer as ações do tempo e se modificar devido ao acúmulo de materiais como a areia, produtos químicos e pequenos objetos, entre eles, galhos ou vegetação que ali se depositam. Na fase seguinte, Martins Costa leva a tela de volta ao ateliê e retrabalha com tinta na intenção de refazer alguns pontos da pintura, resignificando-a. Em algumas séries, por exemplo, *Trazendo Aqui para Marte*, o contato da pele da pintura com a água transforma as imagens da paisagem pela própria paisagem e os acasos que acontecem com a lona estendida na margem são incorporados à poética, criando um novo corpo para a pintura. O resultado final são telas de grande impacto visual que, além de seus hibridismos, suscitam outras questões de ordem teórica. A primeira delas seria uma relação com a *land art*, uma vez que as telas estendidas na margem do lago criam nova paisagem, mesmo que provisoriamente. A segunda questão aponta para reflexões acerca do tempo ou da duração em Bergson, em que o tempo distendido está em ressonância com as etapas que levam à realização de cada pintura. Outra observação importante refere-se ao registro da ação, pois ele é complexo e resulta em material importante para ser compartilhado.



Bacharel em pintura, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em poéticas visuais e doutorando em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Poéticas Visuais, na mesma universidade. É professor da universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, e co-diretor do Plataforma Espaço de Criação, ateliê e espaço expositivo, em Porto Alegre/RS. Organizou a publicação do livro *Vetor* (2009). Participou de exposições coletivas, dentre elas: *Diante da Matéria*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2012); *Experimento Zero*, no Plataforma Espaço de Criação, (2011); *Labirintos da Iconografia*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2011); e *Zona de Indeterminação*, na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) (2010), todos em Porto Alegre/RS. Pesquisa a experiência através de incursões em territórios específicos. Dedica-se atualmente à pesquisa acerca de procedimentos híbridos na construção da pintura. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Contato: clovismartinscosta@gmail.com



DOCUMENTO DE TRABALHO
Fotografia
Dimensões variadas
2011

SEM TÍTULO
Fotografia
40 x 260 cm
2012

DISTENSÕES DA EXPERIÊNCIA I
Fotografia
4 imagens de 40 x 60 cm
(cada imagem)
2012

DISTENSÕES DA EXPERIÊNCIA II
Fotografia
4 imagens de 40 x 60 cm
(cada imagem)
2012



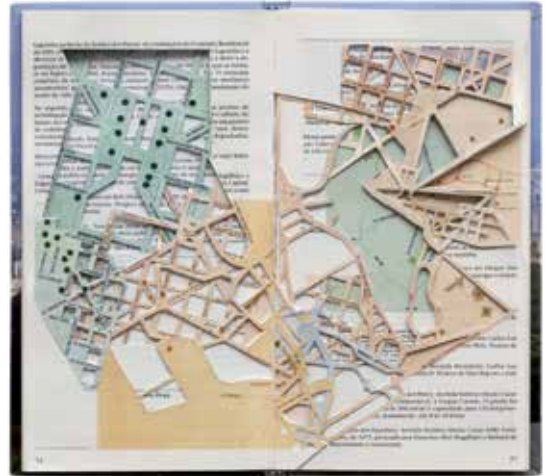
DANIEL ESCOBAR, 1982

Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil

Campos Migratórios é o título do catálogo de Daniel Escobar que abrange várias séries de trabalhos a partir de mapas, guia turísticos, material publicitário de outdoors e faixas de propaganda nas esquinas das cidades. Todo esse material torna-se matéria-prima para as suas investigações poéticas. Os guias turísticos de cidades ganham a tridimensionalidade nas mãos hábeis do artista, todos os locais, cenários, pontos referenciais e personagens saem da bidimensionalidade para ocupar um espaço na dimensão da folha.

A apropriação destes materiais relacionados à comunicação é o meio pelo qual Escobar transmuta a cidade. Ele cria as suas cidades imaginárias, sempre a partir do recorte, do ato de furar uma imagem para que os furos permitam que se vejam todas as camadas sobrepostas. Nesse ato de furar e modificar essa imagem, ele cria pinturas. A construção de mapas com fita adesiva na parede indica um novo lugar que pode se estender infinitamente. Suas construções temporárias nos falam do modo como apreende a cidade, pois ele cava nas suas superfícies criando densidades, dando ênfase ao que lhe interessa, criando as suas geografias.

As letras de cinco locais da cidade de Belo Horizonte também foram confiscadas por este artista, provisoriamente, em mais uma apropriação para criar outro espaço com elas, aquele do *Sonho* – foram estas as letras que ele ousou pedir aos estabelecimentos. A cidade não é mais a mesma depois que Escobar rouba sua comunicabilidade e lhe devolve de outro jeito, por meio de sutis modificações, impondo-lhe um novo fluxo.



Artista graduado em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre suas mostras recentes destacam-se as individuais *Fictitious Topographies*, na RH Gallery, em Nova York, e *Campos Migratórios*, na Funarte, em Belo Horizonte/MG. Sua trajetória inclui a participação no programa *Bolsa Pampulha*, residência artística concedida pelo Museu de Arte da Pampulha/MG, o *Prêmio Funarte de Arte Contemporânea*, em duas edições consecutivas (MG/2011 e SP/2010), e o *Prêmio Fiat Mostra Brasil*, em São Paulo/SP. Possui obras em acervos públicos no Brasil e no exterior. Em Porto Alegre, realizou mostra individual no Goethe Institut, pela qual recebeu o *Prêmio Artista Revelação*, na primeira edição do *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas* (2005), e participou do programa *Artista Convidado*, do Atelier de Gravura, da Fundação Iberê Camargo. Entre 2008 e 2012, residiu em Belo Horizonte/MG, onde manteve seu estúdio e desenvolveu diversos projetos artísticos. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.
Contato: www.danielescobar.com.br





**ATLAS DE ANATOMIA
URBANA 76-97**
Recortes sobre guia turístico
de Belo Horizonte
23 x 21 cm
2011

THE WORLD
Recortes sobre
guias de viagem
10 x 23 x 20 cm (cada peça)
2011

**PERMEÁVEL XV
(PERTO DE MAIS)**
Cartazes outdoor publicitários
perfurados e sobrepostos
150 x 110 cm
2011



A ARTE DA CONVERSACÃO
Negociação e apropriação
temporária de letras de
fachadas comerciais
Dimensões variadas
2012

**CONTINUOUS
(BELO HORIZONTE)**
Papel, metal e
fragmentadoras de papel
Dimensões variadas
2012



DENIS SIMINOVICH, 1974

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A pesquisa de Denis Siminovich é a pintura em afliência com a fotografia na qual executa os desdobramentos sob a forma de *collage* – fotomontagem digital e pinturas mistas por meio de processos híbridos de criação. O trabalho configura-se em pinturas conceitualizadas, como ele se refere às séries de fotografias. Isso porque, por meio da documentação fotográfica digital acontecem manchas de naturezas diversas: virtuais, no meio digital, e pictóricas, quando as imagens são impressas. A pintura é concebida virtualmente, opticamente e mentalmente. A partir da estratégia de simulação digital o artista diz: "Permeio um universo onde faço a minha arte como um *ready-made* de ideias visuais." Para construir o seu *ready-made*, ele parte das operações de apropriações e fragmentações de imagens cotidianas que são hibridizadas e montadas para buscar outro sentido para os códigos visuais. A fotomontagem propõe uma interligação entre: a identidade das imagens, as imagens fotográficas digitais, a lembrança da pintura e a ação do artista como indivíduo criador de reflexões, que mesmo impressas pela máquina não deixam de estar próximas do humano. O gesto da pintura aqui é outro. É intenção quando Siminovich trata de temas como arte, sociedade, imagem, pintura, fotografia e visualidade, numa aproximação com a identidade do sujeito e da sua própria, o imaginário da época em que vive e as relações das pessoas no mundo contemporâneo.

Artista visual e designer gráfico. Mestre em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria/RS (2009). Bacharel em artes plásticas, ênfase em pintura, pelo Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2002). Bacharel em comunicação e publicidade, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (2001). Professor no curso de Especialização, Pós-graduação na Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo/RS (2013). Realizou cursos de Fernando Baril, Paulo Pasta, Plínio Bernhardt e Rubem Grilo. Desenvolve e pesquisa a pintura em convergência com a fotografia, operando os desdobramentos sob forma de *collage*, fotomontagem digital e pinturas por meio de processos híbridos de criação. Participou das exposições coletivas: *Feira de Arte Contemporânea Desvenda*, no SPA das Artes, Museu Murillo La Grega, em Recife/PE (2011); *1º Salão de Arte Digital Xumucuis*, no Museu das Onze Janelas, em Belém/PA (2011); *Arte+Arte Transversalidades*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2011); *Contemporâneos em Santa Maria*, na Fundação Ecarta, em Porto Alegre/RS (2009); *PPGART – Mestres 2009* no Museu de Arte de Santa Maria/RS. Realizou a exposição individual *Fragmentos de Identidades*, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2010). **Contatos:** www.denisiminovich.blogspot.com e denovich@terra.com.br





MARK
Impressão digital em papel
fotográfico montado sobre PVC
93 x 70 cm
2009

SR⁴M
Impressão digital em papel
fotográfico montado sobre PVC
63 x 82 cm
2009

AUTORETRATO COM VISOR
DE RAUSCHEMBERG
Impressão digital em papel
fotográfico montado sobre PVC
63 x 82 cm
2009



DENISE GADELHA, 1980

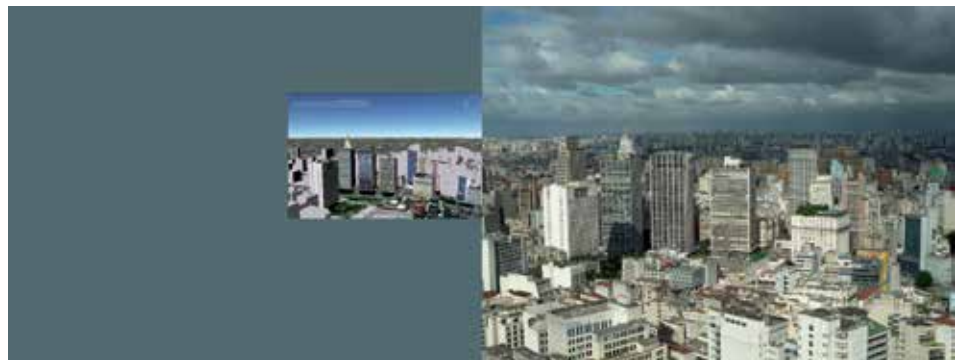
Belém, Pará, Brasil

Denise Gadelha é uma artista que se dedica essencialmente à linguagem da fotografia e à criação de trabalhos de grande beleza formal, originalidade e maturidade na construção de obras conceituais instigantes. O intuito de suas fotografias é ressaltar a percepção da diferença entre representação e realidade. Para isso, estrutura o paralelismo acentuando a percepção quando se comparam as dimensões espaciais e temporais.

Na série *Metaespaço*, um *site-specificwork* construído a partir da orientação espacial da galeria, a sala foi dividida em quatro quadrantes pintados em variações de cinza que indicavam as posições das zonas geográficas de norte a sul com uma alusão à Rosa dos Ventos, no chão, ao centro, sugerida pela notação das letras dos pontos cardeais. Este mapeamento inicial serviu de base para o ensaio fotográfico de cunho conceitual no qual cada imagem representaria o próprio local onde seria pendurada durante a exposição. Já na série *Realismo Abstrato*, as fotografias usadas são aerofotogrametrias, imagens feitas com absoluto rigor a partir de uma câmera instalada em um avião com a parte inferior de vidro, para depois montar as imagens em um software que possui a cartografia tridimensional da área. No entanto, há algo de abstrato nessas imagens em que as formas, os padrões e as texturas saltam aos olhos. A intenção é provocar essa dualidade de que as formas que vemos – círculos, cones, linhas e volumes – nada mais são do que casas, árvores, igrejas etc. A linguagem metalinguística de Denise Gadelha proporciona aspectos inusitados em seus trabalhos, de uma beleza plástica que a coloca em destaque na produção emergente contemporânea.

Mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação e em artes visuais do Instituto de Arte, ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Fez especialização em *Art and Business*, no Sotheby's Institute of Art, em Londres (2012). Atua como artista, professora e curadora. Conduziu o ciclo de palestras na SP_Arte/Foto (2011) e o programa educativo da SP_Arte/Foto (2010). Realizou acompanhamento de artistas e curadoria da exposição inaugural do *El Bordo*, no Centro de la Imagen, Lima/Peru (2011). Participa de exposições coletivas desde o ano de 1994, entre as mais recentes estão: *Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2012); *Geração 00: a Nova Fotografia Brasileira*, no Sesc Belenzinho, São Paulo/SP (2011); *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*, no Itaú Cultural, São Paulo/SP (2010). Realizou as exposições individuais: *A Ideia de História*, na Galeria Bolsa de Arte, em Porto Alegre/RS (2009); *Metaespaço*, na Funarte, em São Paulo/SP (2008); *Observatório*, no Torreão, em Porto Alegre/RS (2005); e *Condensável*, na Galeria Lunara, em Porto Alegre/RS (2001). Tem trabalhos no acervo de importantes instituições brasileiras, como: MAM-RJ, MAM-Bahia, Itaú Cultural, Instituto Tomie Ohtake. Vive e trabalha em São Paulo/SP.
Contato: www.denisegadelha.com





EXERCÍCIOS DE REALISMO ABSTRATO

Fotografia
50 x 50 cm
2009

EXERCÍCIOS DE REALISMO ABSTRATO

Fotografia
50 x 50 cm
2009

METAESPAÇO

Intervenção
2008

TEMPO SOBRE ESPAÇO

Fotografia – políptico
32 fotografias medindo 30 x 80 cm (cada imagem)
2010

TEMPO SOBRE ESPAÇO

Fotografia – políptico
32 fotografias medindo 30 x 80 cm (cada imagem)
2010

TEMPO SOBRE ESPAÇO

Fotografia – políptico
32 fotografias medindo 30 x 80 cm (cada imagem)
2010



DIRNEI PRATES, 1965

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Dirnei Prates usa como meios de expressão artística o vídeo e a fotografia, tentando tencionar os limites entre as duas linguagens. O artista desenvolve seu trabalho a partir de imagens apropriadas de jornais, filmes recentes e antigos das décadas de 1930, 1940 e 1950. São tantas as imagens que chegam ao seu conhecimento no dia a dia, que ele também utiliza as que compõem o seu arquivo pessoal para falar das suas inquietações. Prates trabalha com a paisagem – não a natural e sim a cultural – ao se apropriar de imagens midiáticas, o seu alvo. Na série *Paisagens Populares*, usa imagens de jornais para destacar as figuras que estão em segundo plano e que se tornam pontos mais distantes, misturando-se ao grão estourado devido à impressão gráfica da publicação. Em *Zona de Neutralidade*, o foco está nos passantes que estão ao fundo de acontecimentos históricos registrados em fotografia. Os personagens agora ganham outras narrativas em um novo contexto. As imagens ganham características pictóricas e saem do contexto documental de antes. Em *Ponto de Vista*, a concepção é feita por meio de recortes, colagens e replicações, criando singularidade em imagens icônicas já muito visualizadas. A fotografia sequencial sempre interessou ao artista de modo que não foi difícil chegar ao vídeo.

Bacharel em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 2006 é co-organizador do *Coletivo Cine Água*, junto com o artista Nilton Pellenz. Em 2012 recebeu indicação ao *Prêmio PIPA* e destaque na *Bolsa Iberê Camargo*, participou do *MAC Encontra os Artistas*, organizado pelo Grupo de Estudos em Crítica e Curadoria do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP. Realizou as individuais: *Verdes Complementares*, no Palácio das Artes, Belo Horizonte/MG (2013); *Paisagens Populares*, no Centro Cultural de São Paulo/SP (2012); *Fotografias Recentes*, na Galeria Virgílio Callegari, Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2012); e *Ficções Apropriadas*, na Pinacoteca da universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS (2009). Participou de várias exposições coletivas, dentre elas: *Cinema do Acaso*, no Museu Victor Meirelles, Florianópolis/SC (2013); *Cromomuseu – Pós-Pictorialismo no Contexto Museológico e Alien: Manifestações do Disforme*, ambas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2012); e *11º Salão Nacional de Artes de Jataí*, no MAC, Goiânia/GO (2012); *Cine Brasileiro de Cortometraje en México*, na Filmoteca de La Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) (2011); *Caos e Efeito*, no Itaú Cultural, em São Paulo/SP (2011); *Marestesia*, na Fundação Ecarta e *Cartão de Visita*, na Galeria Gestual, ambas em Porto Alegre/RS (2011); *Salas de Chuva*, *Prêmio Funarte de Arte Contemporânea*, na Galeria Fayga Ostrower, em Brasília/DF (2010). Recebeu o *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas de Porto Alegre*, na categoria mídias tecnológicas (2010). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.cineagua.blogspot.com e dirneiprates@hotmail.com





DELILAH
VHS convertido para DVD
Duração 1'30"
2008

PEÇO-LHE QUE VOLTE E FIQUE CONTENTE
VHS convertido para DVD
Duração 1'45"
2009

PAISAGENS POPULARES # 6
Fotografia
100 x 460 cm
2012

PAISAGENS POPULARES # 3
Fotografia
100 x 460 cm
2012

ENSIMESMADO
Filme 35 mm convertido para DVD
Duração 2'16"
2012



EVENIR COMERLATO, 1952

Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

As performances de Evenir Comerlato envolvem a sua imersão junto a personagens que se apresentam ora vivos, ora mortos – a artista interage com porcos. Em alguns casos, as cenas em que ela se cobre com os órgãos do animal, ou se veste com sua cabeça e patas, adquirindo outra identidade, são um tanto perturbadoras. Em *Porca Dor*, podemos perceber a condição de sofrimento e solidão.

Comerlato despe-se da sua condição humana e social para se colocar no lugar do animal e tecer as relações entre sentimento, apego às estéticas estabelecidas pela sociedade e, mais profundamente, as relações entre arte e vida. Nem sempre os animais estão mortos, às vezes, ela interage com eles diretamente no chiqueiro.

Por meio de seu trabalho, a artista chama a atenção para situações em que o homem é colocado no lugar de animal e a indiferença é o que mais lhe toca. Cada imagem vista representa um instante de questionamento que evitamos. As imagens e o processo criativo nos falam de uma artista sensível que provoca os nossos sentidos através de imagens inquietantes.



PORCA DOR
Fotografia
40 x 60 cm
2008

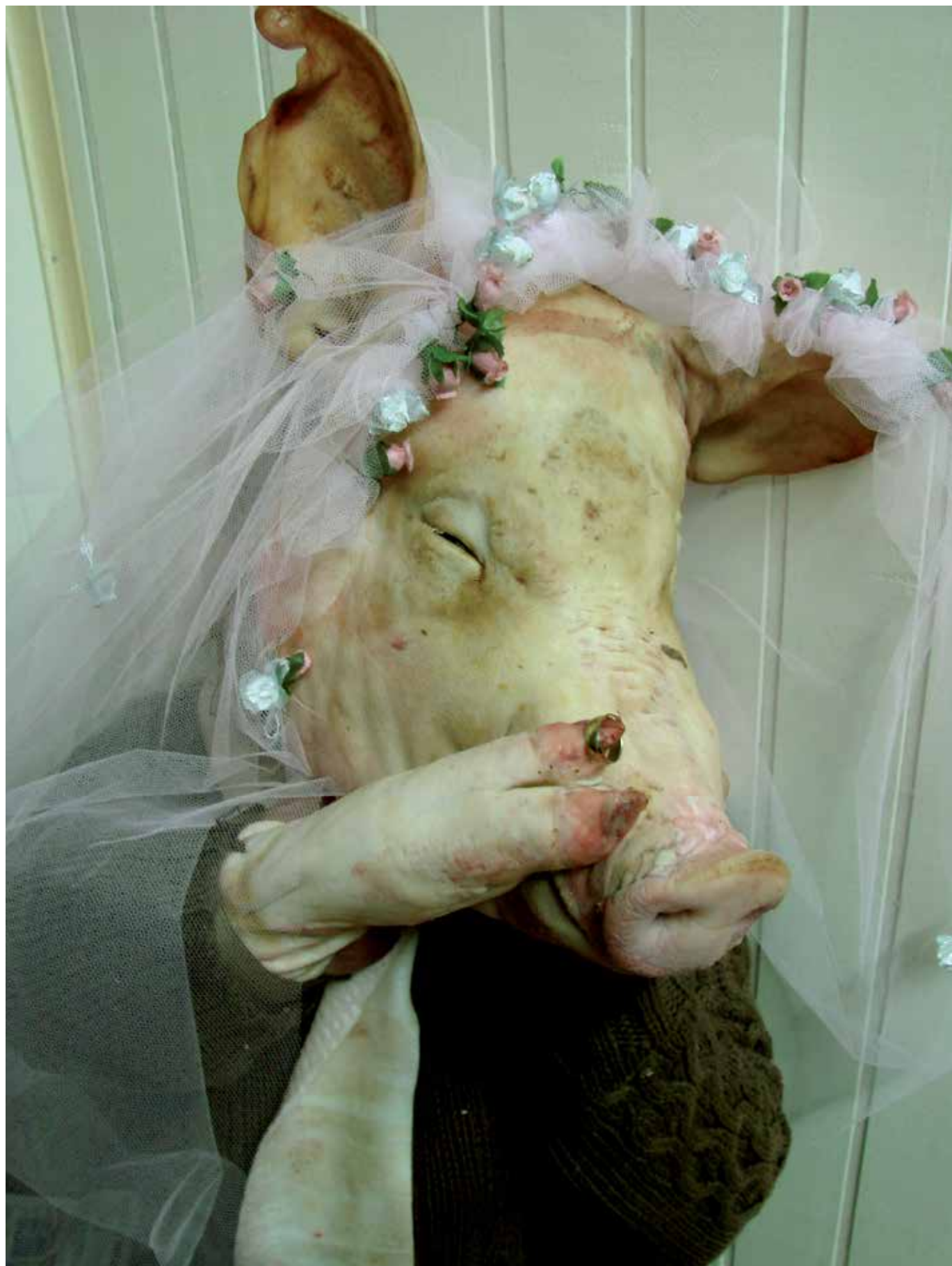
EU PORCO II
Fotografia
40 x 60 cm
2007

O QUEBRA CABEÇA DO PORCO
Fotografia
40 x 60 cm
2011

O QUEBRA CABEÇA DO PORCO
Fotografia
40 x 60 cm
2011

PORCA NOIVA
Fotografia
40 x 60 cm
2012

É licenciada em educação artística, habilitação em artes plásticas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Está em constante criação e participa do *Programa de Linguagens da Arte (PLA)*, UCS/RS. Realizou exposições individuais e coletivas, dentre elas: *Labirintos da Iconografia*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2011); *Idades Contemporâneas*, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2009); e *Reflexos Contemporâneos*, no Espaço Cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS (2009). Recebeu prêmios em Salões de Arte, dentre eles: no *18º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre* e Salões de Artes da Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Campus 8. Tem obras no Acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Vive e trabalha em Caxias do Sul/RS.
Contato: evecomer@hotmail.com



FABRIANO, 1965

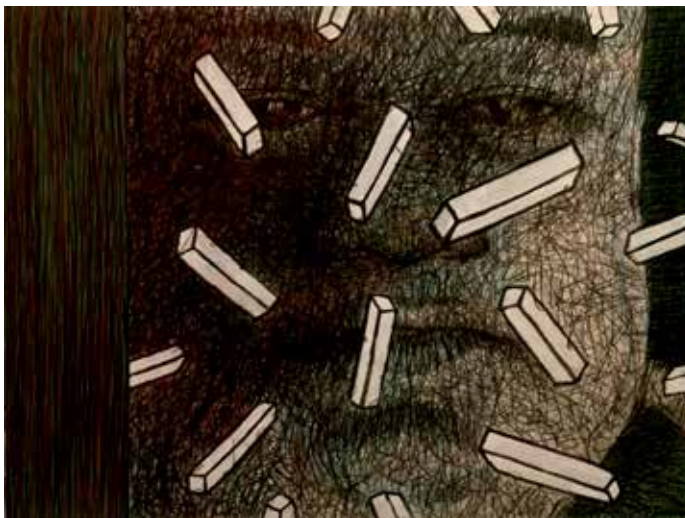
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Fabiano dedica-se ao desenho sem se ater a temas específicos, já que busca por meio de motivos simples, como os objetos ou a figura humana, o meio para aprimorá-lo. A série de trabalhos delinea o seu perfil e ele deposita no autoconhecimento o propulsor de um processo simbólico: no ato de selecionar imagens entre os seus guardados, a razão para desenhar, traz à tona o seu passado de estudante e, reapropriando-se delas, lhes dá novos significados, num resgate de si mesmo. O desenho vem forte. As linhas sobrepõem o motivo escolhido de forma densa, repetitiva, criando camadas e texturas, apropriando-se dele para subvertê-lo, transformá-lo. À medida que o tempo passa, as camadas se acumulam sobre o papel, mas podemos ver as anteriores como em uma arqueologia da matéria. As camadas de linhas vão modificando o desenho e o lúdico se faz presente em meio a essa trama de elementos que se repetem. Fabiano busca a unidade pelo peso, pela densidade das camadas. O desenho é instigante, provocativo, feito para se olhar tanto de perto quanto de longe. Em cada uma das situações, ele demonstra atitude, pois a dinâmica, a sensibilidade, o emaranhado de linhas e a cor não permitem uma leitura apressada, uma vez que, se assim fosse, não daria conta de tudo o que está contido ali porque diz respeito a muitas possibilidades e desdobramentos deste trabalho como necessidade primeira da criação.



É bacharel em artes plásticas, com ênfase em desenho, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2003). Mestrando em design pelo Programa de Pós-graduação da Uniritter-RS. Atua como ilustrador e designer gráfico. Ministra cursos de desenho, pintura, processos criativos e arte digital, desde 2002. Realizou exposições individuais, dentre elas: *Questão de Sentido*, no Espaço Expositivo SESC (2011); *Enquanto Isso...*, no Espaço Expositivo da Tortaria (2010); *Começo, meio e fim*, na Galeria de mArte (2009), todas em Porto Alegre/RS. Participou de várias coletivas, dentre elas: *Empilháveis IV*, na Galeria Augusto Meyer – Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2011); *Design da Cultura*, na Galeria Augusto Meyer – Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2011), todas em Porto Alegre; *Acumulações Sensíveis*, na Galeria de Artes do Centro de Cultura Ordovás, em Caxias do Sul/RS (2011); *Entre Linhas*, na Galeria do Instituto Cultural Norte-Americano (2010); e *Empilháveis III*, no Espaço Cultural do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS) (2010), ambas em Porto Alegre/RS. Edita a revista *MaisUmCoisas* e publica seus trabalhos no blog www.maisumacoisas.blogspot.com. Reside e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contato:** fabriano.rocha@gmail.com



DA SÉRIE INÍCIO MEIO E FIM

Acrílica sobre tela
30 x 30 cm
2009

DA SÉRIE QUESTÃO DE SENTIDO

Acrílica e lápis de cor sobre papel
60 x 35 cm
2011

MIRANDO 2

Desenho com tratamento digital
22 x 16 cm
2013

DA SÉRIE QUESTÃO DE SENTIDO

Acrílica e lápis de cor sobre papel
60 x 144 cm
2011

MIRANDO 3

Desenho com tratamento digital
19 x 16 cm
2013



FELIPE CALDAS, 1986

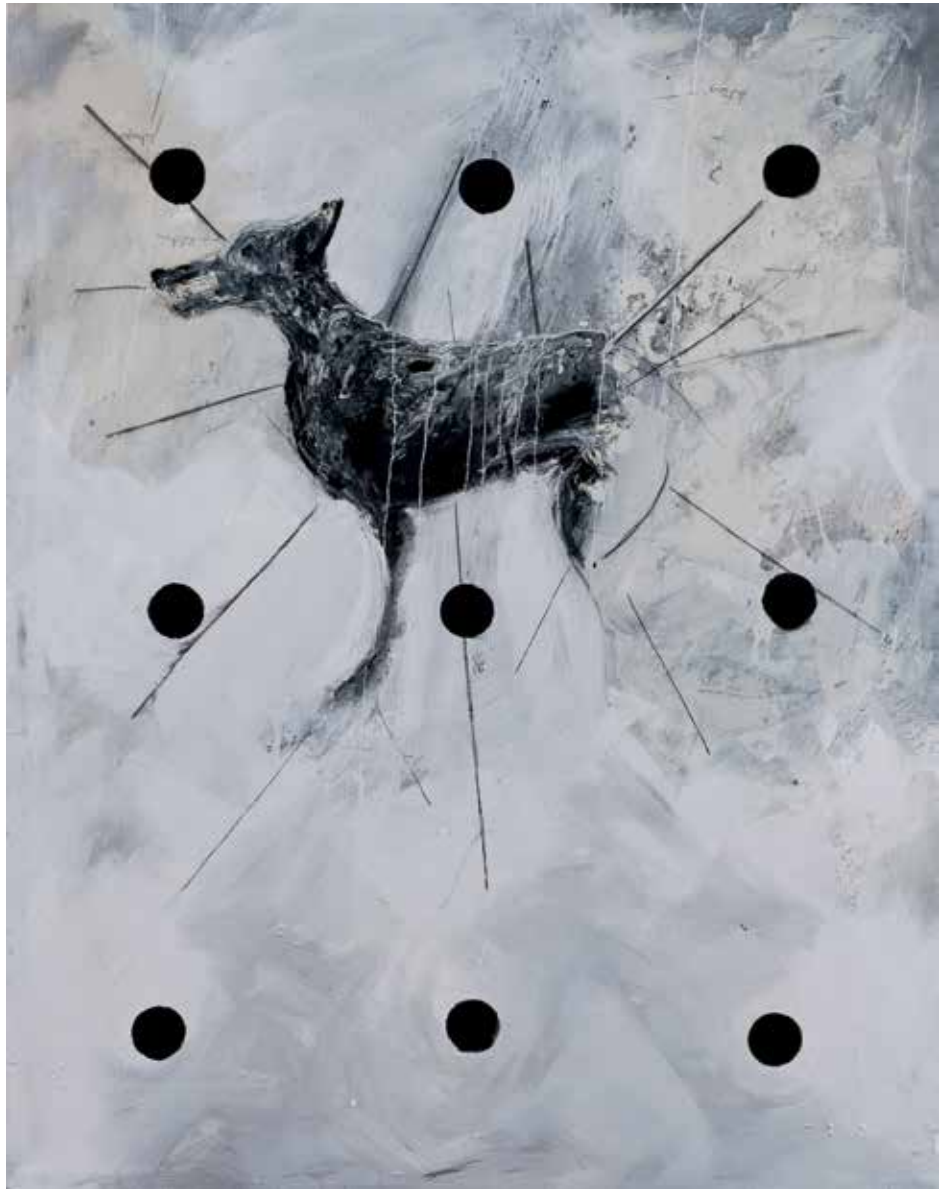
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

As pinturas e os desenhos originam-se a partir de muitas camadas sobrepostas. Além dos materiais empregados, o que se acumula igualmente são as questões implícitas à obra, ou seja, são camadas de modernidade para tornar a pintura única e original; são camadas de contemporaneidade para que a pintura abrace informações de todos os tempos e reveja nomes, em meio a novos métodos pictóricos.

As pinturas e desenhos de Felipe Caldas guardam significados e citações de artistas que influenciam o seu trabalho, seja pela aparência da imagem ou "pele pictórica", como ele chama, seja pelo claro convite à reflexão sobre a pintura. Pintar é metáfora da vida, é transformação, metamorfose. Felipe não almeja o perene, o constante ou o imutável; ele busca a ação, o movimento, a batalha. É no fazer que a ação se apresenta sempre nova, o gesto é intenso, o acaso é acolhido como experiência. A obra se faz durante o processo. A obra se faz tempo. A obra se faz espaço. É o resultado de vivências que vão sendo impressas, gravadas na superfície, mais do que isso, são gravadas na memória de quem se vê diante de um inequívoco questionamento sobre o sentido da arte e da vida.

Mestre em artes visuais, com ênfase em história teoria e crítica da arte pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em educação artística e bacharel em artes visuais pela mesma universidade. Realizou a exposição individual *O Sonho Não Acabou*, na Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2012). Participou de exposições coletivas, dentre elas: *Risco Coletivo*, na Pinacoteca da universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS (2012); *Correndo Risco*, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS (2012); *72 Horas*, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2011); *Je Le Sais Par Coeur, Eu sei de cor, eu sei de coração*, na La Galerie Aliança Francesa, em Porto Alegre/RS (2010); *18º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre* (2008); *6º Salão Nacional de Arte do Museu de Arte Contemporânea de Jataí, Goiás/GO* (2007); *12º Salão UNAMA de Pequenos Formatos*, Belém do Pará/PA (2006). Recebeu destaque com a exposição *Sem título: desenho*, na Galeria Augusto Meyer, Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), do *I Prêmio IEAVi de Incentivo às Artes Visuais* (2011). Possui trabalhos no acervo do Museu de Arte Contemporânea de Jataí, Goiás/GO. **Contato:** felipecaldas@yahoo.com.br





EU SONHO COM BEUYS E DAMIEN HIRST
Tinta acrílica, PVA, tinta óleo e tinta
esmalte sobre tela
140 x 180 cm
2012

EU SONHO COM BEUYS E ASP
Tinta acrílica, PVA, tinta óleo
e tinta esmalte sobre tela
180 x 140 cm
2012

EU SONHO COM BEUYS II
Tinta acrílica, PVA, tinta óleo,
tinta esmalte e piche sobre tela
180 x 140 cm
2012

EU SONHO COM BEUYS V
Tinta acrílica, PVA, tinta óleo,
tinta esmalte e piche sobre tela
140 x 180 cm
2012



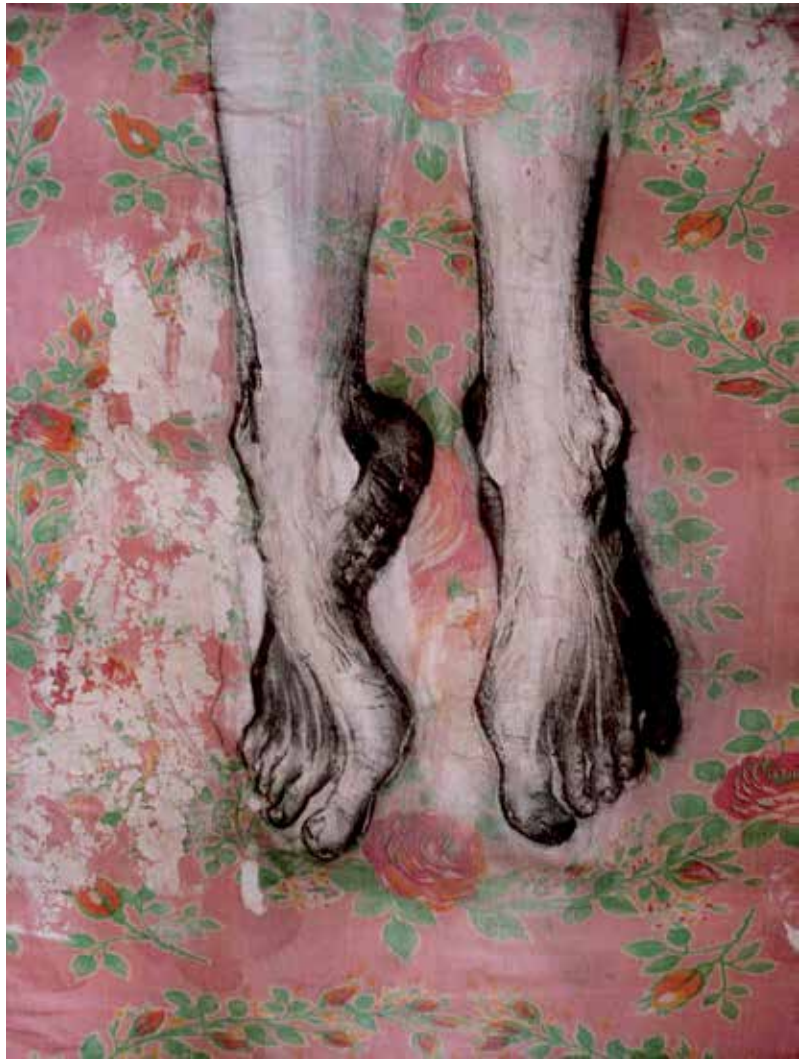
FERNANDA MANÉA, 1980

Gramado, Rio Grande do Sul, Brasil

O processo criativo de Fernanda Manéa inclui o material, o imaterial e o próprio observador numa conexão entre o corpo, o espaço e o tempo, em que a fotografia, o desenho e a intervenção são elementos conectados que dão origem ao trabalho final. A apurada aplicação de técnicas no desenho e na fotografia causa uma simbiose de imagens que aparentemente se contrapõem: o desenho de pés na paisagem urbana mistura-se a ela e dialoga com o seu entorno, pois ele é ação e transgressão e está ali para gerar novos significados. A fotografia é usada como meio e fim ao mesmo tempo. Como meio, quando registra o local da ação e, como fim, quando ela é a obra em si, já com o resultado da intervenção na sua nova realidade urbana. Ao inscrever o desenho no espaço público, ele se torna de todos e de ninguém, pois passa a incorporar e a interagir com este lugar, ressignificando-o, e com o observador porque a obra só acontece plenamente a partir do ato interativo. O desenho, como metáfora da passagem do tempo sobre as coisas do mundo, é desconstruído pela irreversibilidade do tempo, assim como o lugar que o recebe. A sua existência, no entanto, alcança os objetivos e questionamentos no que diz respeito ao olhar do outro sobre a cidade. O papel da fotografia está na ação oposta: enquanto o desenho e o lugar se esvaem, ela é o elo que perpetua a memória guardando os vestígios da cidade e do desenho em suas relações intrínsecas. Para finalizar, parafraseando a própria artista, o mais importante não é a bela imagem produzida no final do processo poético, mas a constatação sobre a fragilidade das coisas: o ciclo de construção/destruição e renovação/esquecimento. A perenidade de seu desenho não a incomoda porque o seu significado está no que ele suscita enquanto existe.



É bacharel em desenho e mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Participou do projeto *Street Art Without Borders*, em Paris/FR. Realiza de exposições desde 2003, dentre elas as individuais: *Intervenções simultâneas paisagem/in arquitetura*, no Espaço Expositivo Jabutipê, em Porto Alegre/RS (2009); e *Intervenção Urbana: da gênese à efemeridade do desenho sob o olhar da cidade*, em Guarulhos/SP (2008). Dentre as coletivas: *Gravando*, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2012), *SEU – Semana Experimental Urbana* (2010), 9ª e 6ª *Vaga-Lume*, todas em Porto Alegre/RS. Em 2009 participou da Intervenção *Como se fosse um Happening*, do Projeto # 3 Riozinho, na 7ª Bienal do Mercosul; do *Diálogos*, na 6ª Bienal do Mercosul; do 16º Encontro de Artes Plásticas, Atibaia/SP; e da 5ª Bienal de Arte Ciência e Cultura da UNE, no Rio de Janeiro/RJ. Foi selecionada para o 1º *Prêmio Londrina de Arte Contemporânea* (2011); 3º e 2º *Salão Fundarte-SESC de Arte 10x10*, na Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS (Fundarte) (2011 e 2009); 61º *Salão de Abril: Qual o lugar da arte? Desvenda*, Fortaleza/CE (2010); *Salão do Jovem Artista*, em Porto Alegre/RS (2008 e 2006); e recebeu o *II Prêmio* no 7º *Salão de Artes Visuais de Guarulhos* (2007).
Contato: feberimbau@yahoo.com.br



HORIZONTE

Desenho, intervenção e fotografia
60 x 90 cm
2009

DECADUTA

Desenho, intervenção e fotografia
90 x 60 cm
2009

PÉS III

Desenho à grafite, acrílica, gesso e
verniz de damar sobre tecido de algodão
66 x 44 cm
2006

CLESSIDRA

Desenho, intervenção e fotografia
60 x 90 cm
2011



FERNANDA SOARES, 1966

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil



Fernanda Soares explora o conceito de repetição e diferença, aquele que importa à arte, no qual a repetição causa a diferença, já que ao multiplicar as imagens o que ela cria são paisagens através da serigrafia, xilogravura e, principalmente, litografia. A linguagem da gravura pode ser descrita como uma forma de reprodução que compreende três estágios básicos: gravação, impressão e apresentação do material impresso. Além da repetição, outras singularidades chamam a atenção do observador para o trabalho, como as dimensões avantajadas de suas gravuras e a ausência de vidro na maior parte delas, o que por um lado compromete a sua durabilidade, mas por outro deixa ver os mais minuciosos detalhes da impressão.

O primeiro passo do processo criativo de Fernanda é a fotografia, usada como memória visual para depois proceder ao desenho. A incidência de imagens de matrizes fotográficas em gravuras faz parte dos processos criativos de muitos artistas na contemporaneidade. No desenho, os detalhes são ampliados, ou cria-se uma imagem para depois multiplicá-la gerando módulos, reproduzindo a imagem escolhida para se chegar a várias cópias. O objetivo é formar uma unidade pela repetição em sutis rebatimentos ou mesmo inversão de imagens. Após gravar na matriz, uma dessas imagens interfere no processo de impressão, ou na montagem, criando novas configurações. O tema preferido e explorado com maior assiduidade são as paisagens, pois as árvores com seus troncos cheios de texturas e galhos retorcidos podem representar cenas de puro encantamento e mistério.



Mestre em artes visuais e bacharel em gravura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em design gráfico pela Escola de Design da Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), Politécnico de Milão. Criou, em parceria com a artista gaúcha Miriam Tolpolar, a marca *Eu Não Sou de Plástico*, onde ambas aliam arte e sustentabilidade. Professora de litografia no Atelier Livre Xico Stockinger, da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre (2013-2012). Docente do curso de especialização em artes visuais: desenho, pintura, gravura e fotografia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) (2012). Co-criadora e designer do *Design de Atelier*, em parceria com a artista visual e designer Rosana Almendares. Participa de exposições coletivas, nacionais e internacionais desde 2001. Realizou as exposições individuais: *Paisagens*, na Galeria Modernidade, em Novo Hamburgo/RS (2009); *Caminhos que se repetem*, na Galeria Iberê Camargo, da Usina do Gasômetro (2007); e *Litografias*, na Galeria do Solar Annes Dias (2005), ambas em Porto Alegre/RS. Reside e trabalha em Porto Alegre/RS, onde mantém ateliê próprio e desenvolve seu trabalho como artista e designer gráfica.
Contato: www.designdeatelier.com.br e fsoaresdk@gmail.com



DA SÉRIE CLAREIRAS
Litografia
58 x 41 cm
2006



POSIÇÕES
Infografia
70 x 50 cm
2007

DA SÉRIE BOIS
Litografia
49 x 117 cm
2007

DA SÉRIE CATAVENTOS
Litografia
88 x 88 cm
2011

DA SÉRIE CAMINHOS – CAMINHOS TRANÇADOS
Litografia, composta de gravuras, recorte,
justaposição e trançados
2007



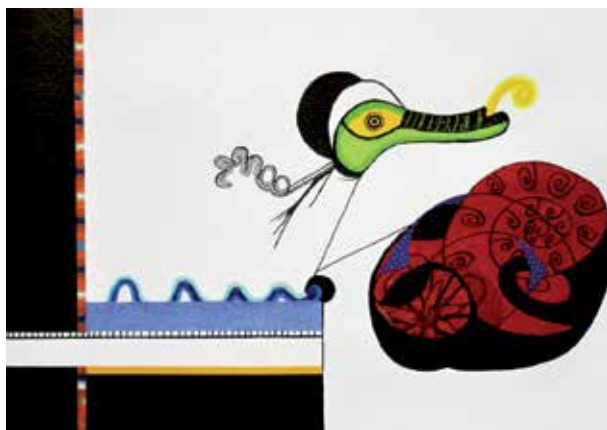
FLÁVIO MORSCH, 1963

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A pintura construída na evidência do uso da escala cromática que interage com um padrão estrutural matemático é a linguagem usada por Flávio Morsch na atualidade. Nessa interação, variações de tensões de interferências surgem ampliando o espaço da percepção onde o olhar e o tempo se cruzam em movimentos de uma tridimensionalidade de luz e sombra. Como procedimento, são definidos dois padrões estruturantes: o desenho de linhas que forma uma grade fixa e as cores em sequência que formam uma escala cromática. No entrecruzamento de linhas de cor transparente vão se definindo novas cores e tons. As pinturas refletem uma temática da cor. A cor, em exercício da própria cor, resplandecendo através da luz e das transparências. O tratamento dado à superfície é criado em faixas coloridas que traçam um percurso de alto a baixo. A tinta escorre por estas linhas em várias camadas, porém não cria texturas por seu uso ser diluído. A riqueza desta construção geométrica transforma a pintura num holograma. A obra de Morsch é poesia feita de cores, de gestos e de linhas e o resultado indica um exercício de paciência e rigor técnico-formal em que a mão que seduz a matéria é a mesma que a leva por caminhos feitos de liberdade na criação, tanto no desenho quanto na pintura.

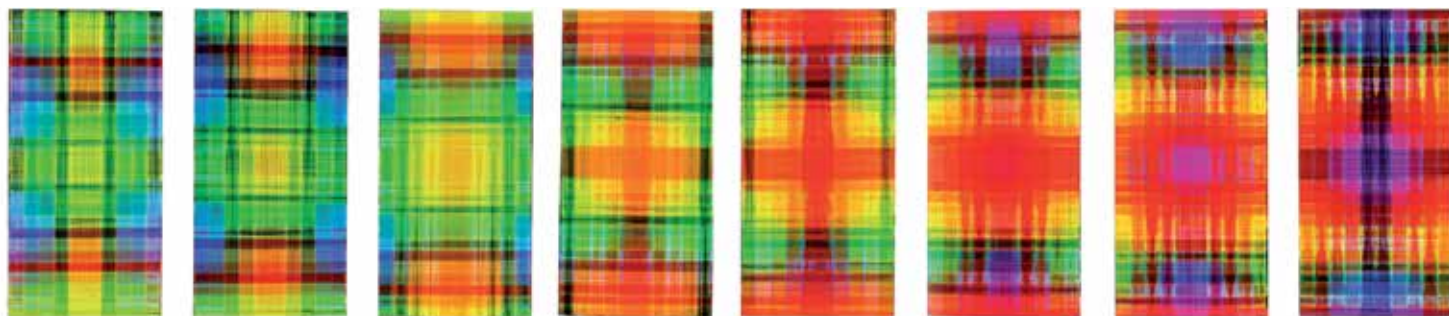
Os desenhos são elaborados pelo domínio absoluto da técnica e da diversidade de materiais utilizados, além das cores intensas de guaches, aquarelas, óleos e acrílicas, colagens de papéis japoneses e tailandeses, tecidos e papéis fotográficos, nanquim e lápis de cor. A sua poética revela requinte e enigma para a retina, pois os personagens capturados do mundo animal tornam-se figuras imprevisíveis e se inscrevem num contexto em que os deixa num universo de firmeza e exatidão.

As obras formam um conjunto harmonioso onde os desenhos significam anotações e são realizados de maneira metódica, enquanto que as pinturas remetem ao espaço puro; fruto de incessantes pesquisas em relação ao uso das cores e a uma disciplina de trabalho diário que o artista se impõe no processo criativo. O amor à arte e o prazer do fazer artístico nos são revelados por Morsch através de sua estética refinada. A escolha de seu caminho é marcada pela relação indissociável entre arte e vida e a dualidade entre o espírito do cientista contrapondo com o espírito do poeta, oferece para a nossa contemplação uma arte de indizível beleza.



Bacharel em artes plásticas, habilitação em desenho, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1991). Recebeu o *Prêmio Primeira Mão*, quando permaneceu um ano em Nova York (1995). Desde esta data tem desenvolvido pesquisa em poéticas visuais focalizada na linguagem pictórica. Realizou exposição individual na Galeria de mArte, em Porto Alegre/RS (2008); a intervenção urbana, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), envolvendo artes visuais e teatro, denominada *O Fundo Do Céu* (1998); e a exposição e instalação *A Fonte*, na Galeria Arte&Fato, em Porto Alegre/RS (2009). Participou do Coletivo Khora, onde realizou comissariado compartilhado, de uma série de seis exposições convocatórias, da classe artística do estado do Rio Grande do Sul/RS (2000). A partir desta data intensificou as viagens de estudos pelo Brasil e exterior, incluindo uma viagem à China (2011). Seu trabalho em pintura foi apresentado no Congresso Internacional *Criadores Sobre Outras Obras* e publicado na *Revista Cromo 2*, Lisboa/PT. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Contato: fla.om@hotmail.com



SÉRIE PINTURAS TRANSPARENTES
Doze pinturas em acrílico sobre policarbonato
61 x 122 cm
2011

SEM TÍTULO
Desenho, técnica mista
15 x 20 cm
1994

SEM TÍTULO
Pintura acrílica sobre tela
150 x 200 cm
2003



GIOVANNI FERREIRA, 1983

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Giovanni Ferreira explora várias linguagens e métodos de apresentação, com ênfase na criação tridimensional, visando discutir os conceitos de ar e vazio através de suas intervenções. A relação da matéria no espaço é o que motiva suas atuais séries de trabalhos. Seu processo artístico está vinculado ao lugar onde será realizada a interferência, onde ele elabora desenhos e documentos do futuro trabalho. A partir do uso de fitas adesivas em ambientes expositivos, o artista questiona a questão do espaço, do vazio e da relação do corpo, que na maioria das vezes não consegue ultrapassar as barreiras impostas pelas fitas tencionadas no espaço das salas. Estas fitas são transparentes, o que acarreta uma luminosidade decorrente dos reflexos da luz. A obra é um convite à interação, já que o espectador pode colar em suas superfícies pequenos papéis que estão no espaço expositivo para esta finalidade. Diz Giovanni Ferreira sobre seu processo: "São estruturas demarcadoras de um território. Sem a pretensão de destacar essas balizas do ar, mas sim, tornar visível esta área envolvida por faixas adesivas. É um modo de fixar, de sobressair, o imperceptível ar. A passagem de um determinado tempo é retida na cola dessas fitas transparentes, e, a partir desses registros, monto desenhos que adquirem a atmosfera desses locais." Depois de desmontar a obra, seus resíduos se transformam em outros trabalhos.

Bacharel em desenho pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2010). Explora diversas linguagens e métodos de apresentação, com ênfase na criação tridimensional de trabalhos que vão se articulando dentro de um processo que delimita um raciocínio. Em 2008 começou a investigar o que hoje é o seu objeto de pesquisa: a relação da matéria no espaço, do ideal de uma materialização do ar atmosférico. Têm trabalhos publicados em sete catálogos. Realizou exposição individual *Objeto de Fixação*, na Galeria Augusto Meyer, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2011). Em 2010 realizou sua primeira individual em Porto Alegre/RS e expôs em mais cinco mostras coletivas. Já recebeu seis prêmios por seu trabalho e quatro obras suas encontram-se em acervos de instituições no Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e São Paulo. Em 2009 participou de dez exposições coletivas e dois programas de interferência urbana, destacando o *Prêmio Energias na Arte*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo/SP. **Contato:** www.giovanniferreiradesouza.blogspot.com





CONJUNTO PINACOTECA
Instalação
Dimensões variadas
2010

CONJUNTO PINACOTECA
Instalação
Dimensões variadas
2010

CONJUNTO GAM
Instalação
Dimensões variadas
2011

TRANSPASSAGEM
Instalação
Dimensões variadas
2011

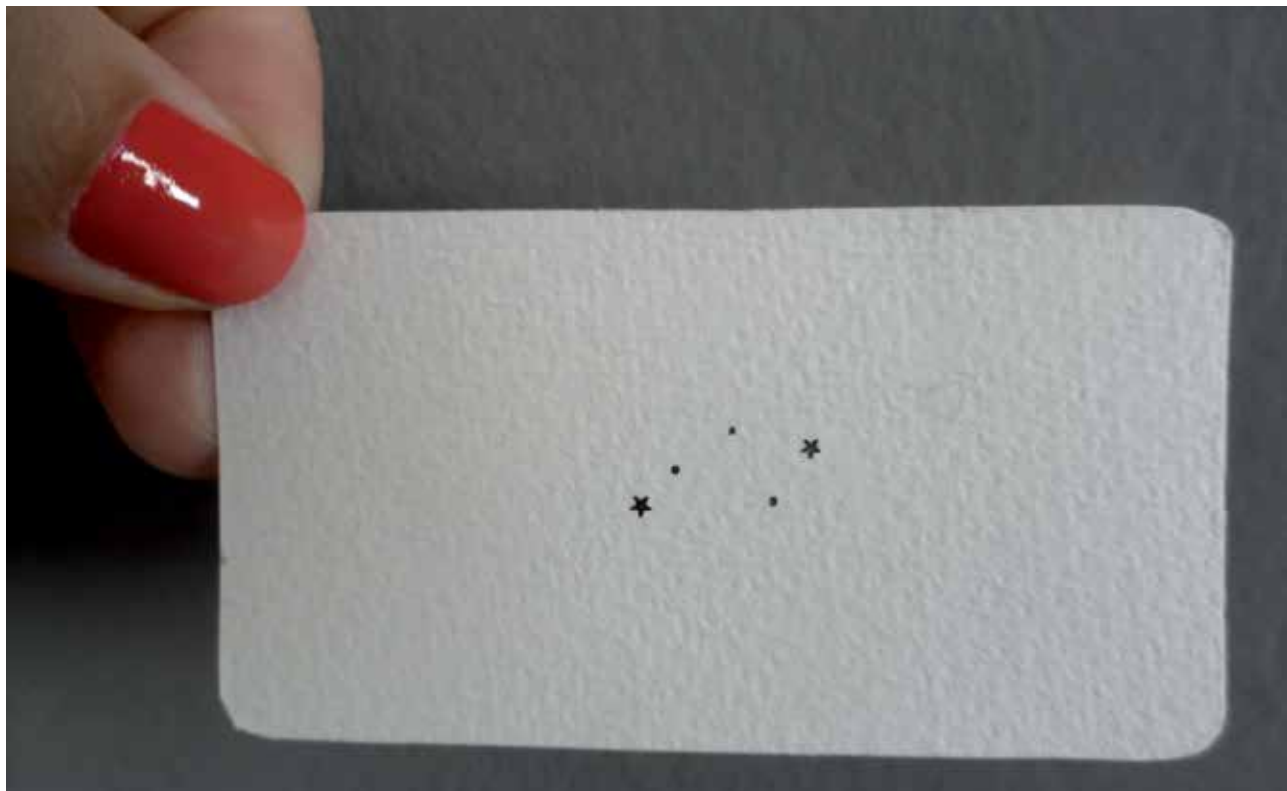
GLAUCIS DE MORAIS, 1972

Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil

Com linguagens diferenciadas, como a da fotografia e do vídeo, Glaucis de Moraes discute em seus trabalhos questões relativas ao espaço, espaço da cidade e do corpo. Até mesmo quando produz desenhos, como no caso de *Côncavo*, trabalho realizado de 1999 a 2002, ela diversifica a linguagem, já que grava na parede os dizeres "*Amortecendo Cavo Aconchego*", *site specific*, e depois a pinta de branco. Outro trabalho marcante do início de sua trajetória foi *Concreto*, em que ergue um castelo de cartas de baralho, e o maior desafio é deixá-lo em pé.

A ideia de impossibilidade está presente em muitos trabalhos seja na imagem que revela uma ponte entre dois abismos, seja nas fotografias que tentam capturar o voo de um pássaro ou a passagem de um avião, na série que retrata o desvanecimento do corpo em meio à escuridão. Operações sutis na apresentação, mas profundas nas reflexões que evocam. O espaço aconchegante da casa ou a cidade são temas frequentes em seus trabalhos. Em uma intervenção, coloca uma placa de "Reservado" em parques e praças de Paris e Porto Alegre, embaralhando as noções de público e privado e sugerindo outra impossibilidade. Na 8ª Bienal do Mercosul, em 2011, Glaucis participou da vitrine da Casa M, onde apresentou um vídeo, cujo teor são relatos imaginários sobre Porto Alegre a partir de depoimentos de pessoas que conhecem a cidade apenas por meio de cartão postal.

Bacharel em desenho e mestre em poéticas visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde 2011 vive em Paris, onde desenvolve pesquisa na Pós-graduação da Université Paris 8, Saint-Denis. Trabalha como designer desde 1999. Trabalhou como professora na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) (2004-2006) e na universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS (2006-2006). Participou de exposições no Brasil e no exterior, dentre elas: 10 anos da Bolsa Iberê Camargo, *Projeto Pesquisas Artísticas Presentes*, *Projeto Subsolo*, na Casa França/Brasil (2011); 15º Festival de Arte Eletrônica Vídeo Brasil, SESC Pompéia, em São Paulo/SP (2004); 8ª Bienal do Mercosul, Mostra Rumos da Nova Arte Contemporânea Brasileira, do programa Rumos Itaú Cultural (2002); *Convivências, As individuais Situações Amorosas: uma poética de entrelaçamentos em artes visuais*, na Pinacoteca Barão de Santo, Instituto de Artes da UFRGS (2002); e *Concreto*, no Espaço Torreão, em Porto Alegre/RS (2000). Venceu a 3ª edição da Bolsa Iberê Camargo, da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre/RS (2003).
Contato: glaucisdemoraes@gmail.com





CONSTELAÇÃO DE BOLSO

Carta de visita
4 x 7,5 cm (tiragem ilimitada)
2010

CONSTELAÇÃO DE BOLSO

Carta de visita
4 x 7,5 cm (tiragem ilimitada)
2010

VICE-VERSA

Objet-trouvé e letras adesivas sobre parede
Dimensões variadas
2011

PONTO DE FUGA

Fotografia digital
50 x 75 cm
2011

PONTO DE FUGA

Fotografia digital
50 x 75 cm
2011



GUILHERME DABLE, 1976

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



O desenho é a linguagem mais explorada por Guilherme Dable, para quem as formas desenhadas no papel são reflexos de situações que observa em seu entorno, seja em seu ateliê ou de fragmentos de paisagens da cidade que anota em pequenos cadernos e depois os retoma. Em geral, são formas da cidade, porém, esses desenhos não denunciam a arquitetura, mas deixam implícita essa relação. Mais do que identificar possíveis modelos, o que importa é a sua qualidade: o desenho inclui poucas cores, algumas formas mais definidas, outras parecendo esboços de desenhos inacabados. Outra característica de seus desenhos é que as linhas parecem querer se libertar do papel e ganhar o espaço.

Na performance *Tacet*, que significa silêncio na linguagem musical, são realizados desenhos a partir da colocação do papel em lugares estratégicos de instrumentos musicais e trocados em diferentes momentos enquanto os músicos tocam. Novas parcerias acontecem, seja no desenho, que através do carbono registra no papel verdadeiros mapas, seja nos resultados sonoros, devido às interferências do papel.

Mestre em poéticas visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Co-gestor do Atelier Subterrânea desde 2006. Seu trabalho contempla principalmente a linguagem do desenho. Realizou as individuais: *Latentes*, na Sala Recife, Recife/PE (2013); *Desenho em Obra*, na Casa Paralela, Pelotas/RS (2012); e *Alguns Desenhos*, na Galeria Gestual, em Porto Alegre/RS (2009). Participou de várias exposições coletivas, dentre elas: *Projeto Rumos Artes Visuais*, no Itaú Cultural (2013-2012); *Instâncias do Desenho*, na EAV Parque Lage Rio de Janeiro/RJ e na Galeria Logo São Paulo/SP (2012); *Alien: Manifestações do Disforme*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2012); e *Novas Aquisições Coleção Gilberto Chateaubriand*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/RJ (2012). Possui obras nos acervos: da Pinacoteca Aldo Locatelli, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS, da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS, do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), da Coleção Gilberto Chateaubriand, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e da Fundação Vera Chaves Barcellos. Vive e trabalha em Porto Alegre.
Contatos: www.subterranea.art.br e guilherme.dable@gmail.com

TACET

Carbono sobre papel e áudio
Dimensões variadas
2012

*ELES TÊM SORTE DE ESTAREM LIGADOS,
NEM QUE SEJA PELA MESA ENTRE ELES*

Técnica mista sobre papel
95 x 152 cm
2013

SEM TÍTULO

Técnica mista sobre papel
45 x 40 cm
2009

SEM TÍTULO

Acrilica, carvão e óleo sobre tela
150 x 200 cm
2011



GUSTAVO RIGON, 1963

Rio Negro, Paraná, Brasil



Gustavo Rigon é pintor e desenhista e o seu processo criativo implica uma pesquisa cromática na qual o abandono da paleta tradicional encaminha o artista na obtenção de cores inusitadas e harmoniosas presentes na contemporaneidade. Sua maneira de atuar poeticamente inicia com a construção de maquetes iluminadas e posteriormente fotografadas que dão origem à arquitetura fantástica de suas telas. Os elementos que constituem a sua produção plástica são gerados em múltiplas etapas: maquetes, luz, fotografias, até chegar ao meio virtual. Todas as imagens passam a compor um enorme acervo e configura-se então uma nova fase a partir do jogo de intenções do artista – um jogo que instiga pelo pulsar das imagens que norteiam suas ações para escolher, entre tantas, aquelas que caracterizam o espaço como um grande vazio. Tal ideia contrapõe a falta de espaço das nossas cidades reais, tão abarrotadas de informações, verdadeiro congestionamento visual, onde a natureza se perde por completo e nosso olhar estanca na esquina mais próxima sem uma linha de horizonte possível.

Construídos de forma laboriosa e em etapas, seus desenhos têm um caráter lúdico. Podemos visualizar situações de contraponto à cidade congestionada em cenários criados entre morros, com roupas no varal, carro andando em ruelas sinuosas e árvores. São feitos em camadas, não sobrepostas, mas uma atrás da outra, criando uma imagem tridimensional. Uma nova série de pinturas está a caminho e nesse novo processo criativo as imagens que serão pintadas são escolhidas de um banco de dados elaborado a partir de suas deambulações pela cidade.



Bacharel em pintura e licenciatura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-graduado em poéticas visuais – pintura, desenho e instalação: processos híbridos, pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS. Atuou como professor na Galeria de mArte entre 2001 e 2009. Realizou as exposições individuais: *Lugares Virtuais para Plantar Árvores*, na Galeria Arte&fato (2008); *Quixote: as cores do cavaleiro da triste figura*, na Câmara Municipal de Porto Alegre (2006); *Um Contraste em 3D*, no Espaço Ado Malagoli, Instituto de Artes da UFRGS (2002), todos em Porto Alegre/RS. Participou do *17º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre* (2006); *Draw_Drawing_2*, na Galeria The Foundry, 86 Great Eastern Street, Shoreditch/ London (2006); *Exposição de Mapeamento das Artes Visuais no Rio Grande do Sul*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2005). Participou das exposições coletivas: *Entre Linhas*, no Instituto Cultural Norte Americano, em Porto Alegre/RS (2010); *Intersecções*, na Fundação Cultural de Criciúma/SC (2008); *Gerações*, na Galeria Arte&Fato (2007); *Arte+Arte, em Nome da Terra*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), Galeria Xico Stockinger (2007); *Revezamento*, na Galeria Arte&Fato (2003); *Caixas do Circuito de Ateliers*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2004-2003); *Deformando – Auto-Retrato*, na Galeria de Artes do SESC/RS (2002); *Vernissage Virtual*, na Usina do Gasômetro (1998), todas em Porto Alegre/RS.
Contato: gustavorigonarte@gmail.com



PRAÇA DA SOLIDÃO
Óleo sobre tela
81 x 116 cm
2007

MAÇÃ 01
Fotografia
20 x 20 cm
2011

SEM TÍTULO
Óleo sobre tela
100 x 120 cm
2006

SEM TÍTULO
Óleo sobre tela
80 x 100 cm
2007

SEM TÍTULO
Óleo sobre tela
80 x 100 cm
2007

Ío

Laura Cattani (1980), Les Lilas, França

Munir Klamt (1970), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



A produção plástica e visual desses dois artistas abarca diferentes linguagens e suportes, sendo o vídeo, a fotografia, as intervenções sonoras, as esculturas e as instalações os meios de expressão que culminam em uma arte refinada e questionadora.

No cerne de seus trabalhos, estão a experimentação e o improviso, ou seja, munidos de suficiente conhecimento teórico e técnico, eles submetem os materiais aos seus caprichos, permitindo que em determinados momentos ganhem vida própria. Dessa sintonia entre o fazer e o deixar acontecer surgem verdadeiras obras, instigantes e metafóricas, em que a realidade se confunde com a ilusão. As obras, sempre em processo e por isso mesmo em constantes mutações, dependem da sua instauração para atingirem seu real significado.

Ao permear o universo poético, as múltiplas linguagens das artes visuais entrecruzam-se com outras, como a literatura, o teatro, a tecnologia e a música, em sutis ou ousadas combinações, cujo resultado final surpreende, ora pela simplicidade, ora pela complexidade, porém longe do lugar-comum e do esperado.

Laura Cattani é graduada em artes dramáticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2003), especialista em gestão de projetos pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) (2007) e é mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2012). Munir Klamt é licenciado em artes visuais (1993), especialista em economia da cultura (2008), mestre em poéticas visuais (2010) e doutorando em poéticas visuais, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ambos vivem e trabalham em Porto Alegre. A trajetória de Ío inclui nove exposições individuais, participação em sete exposições coletivas, cinco indicações ao *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, sendo uma premiada, como destaque em mídias tecnológicas. Quatro projetos multimídia selecionados pelo Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte), a seleção no *1º Prêmio IEAVi de Incentivo às Artes Visuais*, pelo qual receberam Menção Honrosa, e a seleção para o *2º Prêmio IEAVi*. Inclui, ainda, a seleção para uma residência artística no Espaço de Arte Contemporâneo, em Montevideu/UY (2013); bem como a participação em diversas publicações e catálogos sobre arte contemporânea. Munir Klamt foi também convidado a participar de um dos projetos da 9ª Bienal do Mercosul *Island Sessions*.
Contatos: lbcattani@gmail.com e munirklamt@gmail.com



HALO V
Instalação
Vidro automotivo e nylon
45 x 180 x 400 cm
(aproximadamente)
2010/2013

AUTOCHOQUE
Espetáculo multimídia
54'
2010

EM MAGMA
Fotografia
90 x 60 cm
2012

ESTUDO PARA INUNDAÇÃO XXXVII
Fotografia
100 x 100 cm
2012

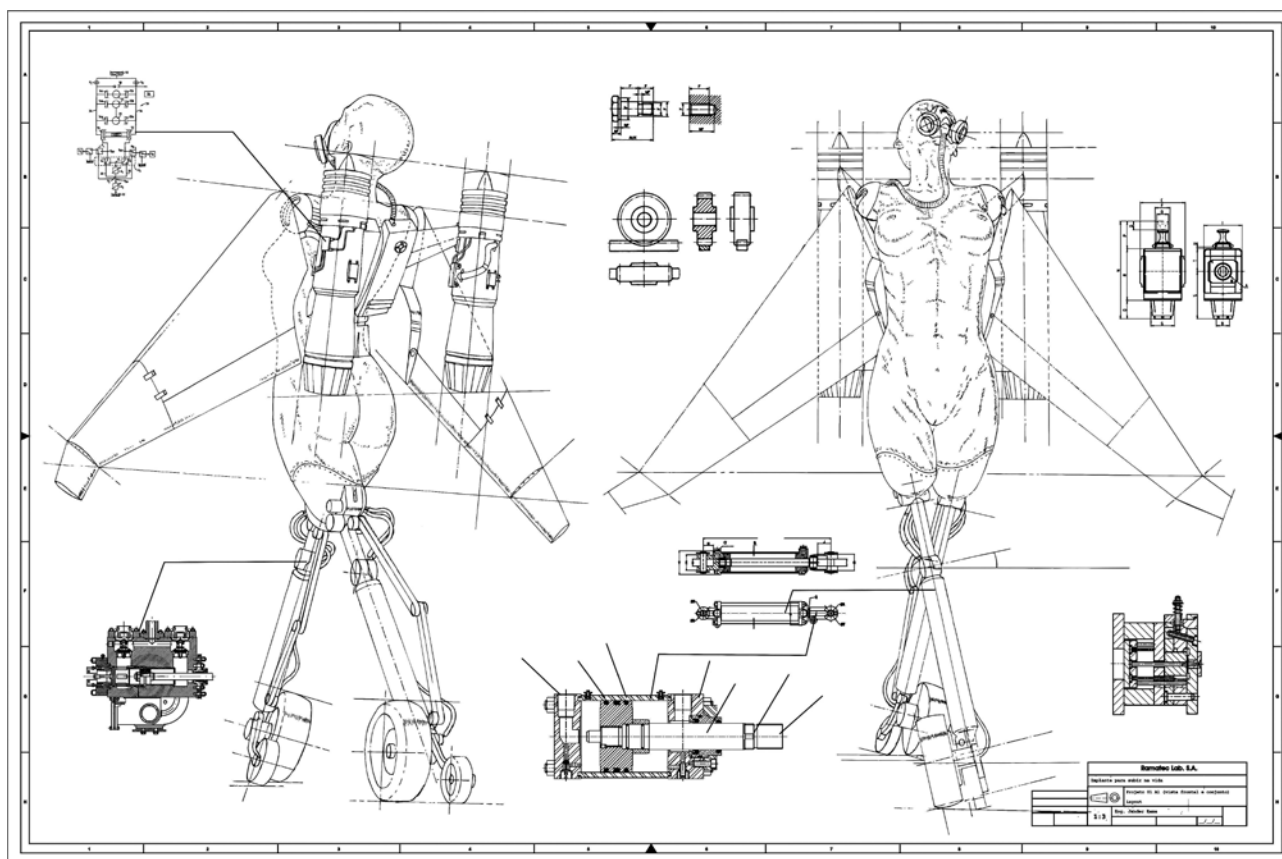
JANDER RAMA, 1978

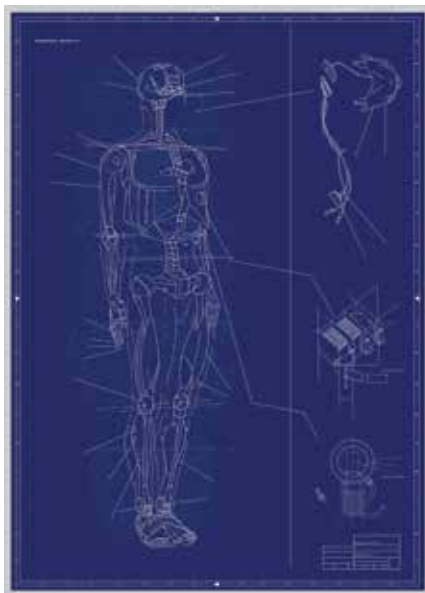
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A linoleografia é a área de atuação de Jander Rama, ou melhor, o produto final vem nesse suporte. O desenho é o meio utilizado para gerar o que será repassado à técnica, em que a substituição do plotter (máquina) pela operação manual da técnica da gravura é o modo como ele procede. Na impressão final, ele opta pelo fundo azul noite, uma característica de seu trabalho. Os desenhos são híbridos entre homem e máquina e são realizados de modo técnico para criar figuras andróides, robotizadas em metáforas da relação entre o ser humano e a tecnologia. Partes desse corpo humano são substituídas por mecanismos tecnológicos e ele é transformado em ciborgue pela ciência e a ficção. Os desenhos de Jander são acompanhados de instruções de uso, como nos manuais de produtos que se compram no mercado.

As suas criaturas constituem um espaço de cruzamento entre homem e máquina, com suas próteses e órteses, além do uso da máquina como extensão do próprio corpo, onde é instaurado um universo singular relacionado à robótica. Em seu discurso, o artista propõe estimular o espectador na intenção de pensar se os artificios engenhosos como estes de suas invenções não poderiam acontecer de fato e se materializarem daqui a alguns anos.

Artista visual e mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem experiência na área de artes, com ênfase na pesquisa em linguagens híbridas em desenho e gravura. Realizou as exposições individuais: *De Androide e Ciborgue todo mundo tem um pouco*, XIII Concurso Goethe Institut, em Porto Alegre/RS (2012); *Homem-Máquina*, na Galeria da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) (2011); *Ilm prováveis*, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2010). Participou de várias coletivas, dentre elas: *Sobre Amanhã*, na Fundação Ecarta, em Porto Alegre/RS, e na Casa Paralela, Pelotas/RS (2012); *Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2012); *8ª Bienal Nacional de Gravura Olho Latino*, em São Paulo/SP (2011); *Natureza da/na Arte*, no Memorial Meyer Filho, Florianópolis/SC (2011); *9º Salão Nacional de Arte de Jataí*, no MAC, Jataí/GO (2010); *40º Salão Novíssimos IBEU*, no Instituto Brasil Estados Unidos, no Rio de Janeiro/RJ (2010); *19º Salão de Artes da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS* (2010); *VIII e VI Arte + Arte*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2011 e 2009). Foi indicado ao VI e ao V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, na categoria destaque em gravura (2012 e 2011); e recebeu Menção Honrosa no XX Encontro de Artes Plásticas de Atibaia/SP (2011). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.hibridosimprovaveis.blogspot.com e jander.rama@gmail.com





IMPLANTE PARA SUBIR NA VIDA (PARTE 3)

Desenho à nanquim, digitalizado e plotado, e jato de tinta sobre papel
104 x 68 cm
2013

IMPLANTE PARA MOTOBOYS (CENTAURO SCI-FI)

Linóleo gravura e tinta tipográfica sobre papel
110 x 78 cm
2012

IMPLANTE MULTIFOCAL

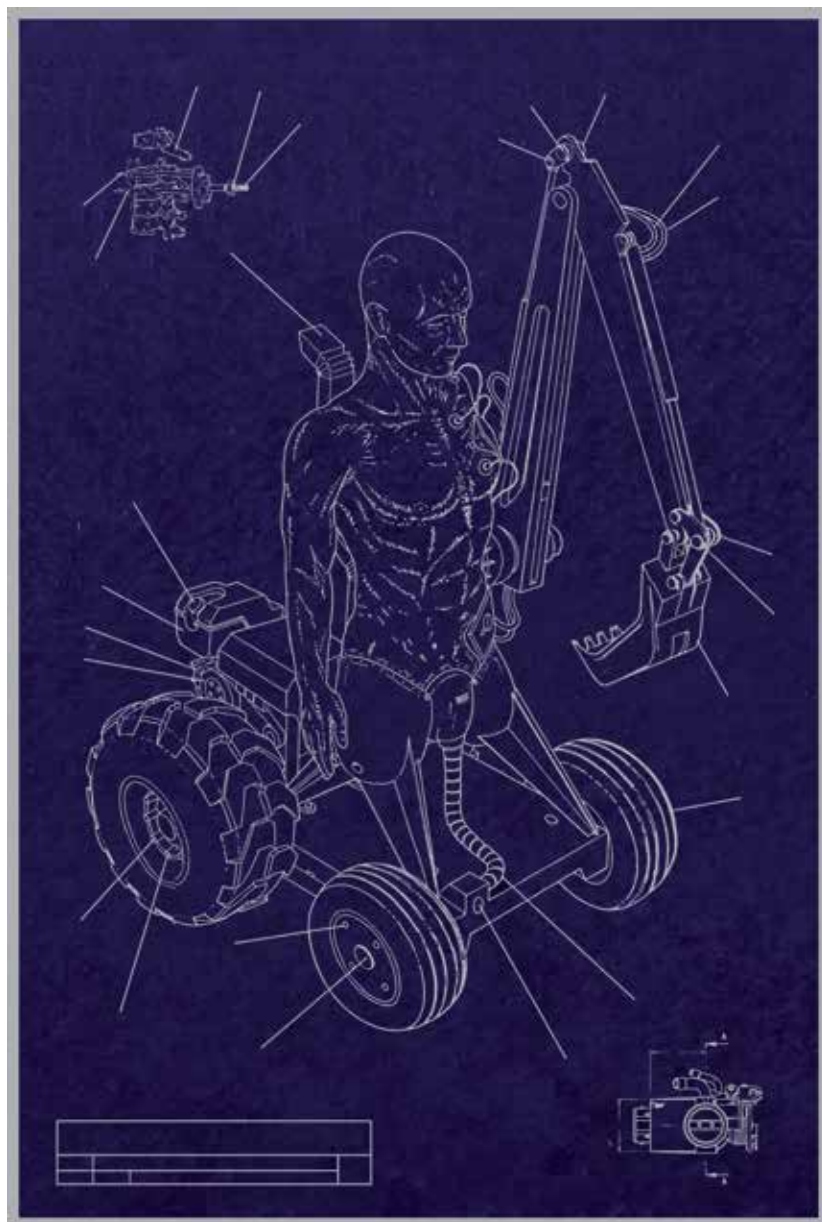
(Como estabelecer um olhar através dos diversos
fragmentos que a vida oferece?)
Linóleo gravura e tinta tipográfica sobre papel
100 x 50 cm
2012

SÍLVIO SANTOS É UM ANDROIDE (PARTE 1)

Desenho à nanquim, digitalizado e plotado, e jato de tinta sobre papel
110 x 78 cm
2012

IMPLANTE PARA CONSTRUÇÃO CIVIL (PARTE 2)

Linóleo gravura e tinta tipográfica sobre papel
110 x 75 cm
2011



KARINE PEREZ, 1981

Rosário do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Karine Perez vem realizando, nos últimos anos, autoperformances fotográficas, trabalhos em que explora as relações do corpo e do sujeito. Esse corpo, além de ser um artifício representado, passou a se tornar sujeito e objeto do trabalho. A questão do autorretrato implica no uso da imagem representada ou do próprio corpo da artista, contudo, com a sua (des)identificação. A artista realiza a autoperformance diante da câmera com ações efêmeras, improvisadas e solitárias. Os autorretratos permitem que ela assuma outro papel, uma passagem de um eu para outro. O corpo torna-se imagem apresentando-se vestido e velado. O véu que oculta o corpo é símbolo de segredo e secreto.

Karine assume um personagem em seu imaginário provocando "eus" provisórios, configurando seu corpo como campo de experimentação. A interação com o observador só acontece depois e de maneira indireta, por meio da visualização da fotografia em espaços expositivos. No processo criativo, o corpo relaciona-se com a tecnologia, pois ao retratar-se, a artista atua como sujeito que fotografa e é fotografado, além de manipular as imagens. Logo, o corpo é convertido em pixels, tornando-se informação, o que permite à artista proceder mudanças a partir do comando de softwares. Na apresentação, algumas fotografias são cobertas por um tule, causando mais uma veladura sobre a imagem.

Doutoranda em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Bacharel em desenho e plástica (2005) e desenho e plástica – licenciatura plena (2007) pela mesma instituição. Realizou estudos na Escuela Nacional de Bellas Artes, IENBA – UDELAR, mediante Programa Escala Estudantil da AUGM (2004). Realizou as exposições individuais: *Autoficções*, na Galeria dos Arcos, Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2011) e *(Re)Configuraciones del yo – autorretratos fotográficos*, na Sala Miguel Angel Pareja, Instituto da Escuela Nacional de Bellas Artes – UDELAR, Montevideo/UY (2009). Dentre as coletivas, destacam-se: *XIII Salão Graciosa de Artes Plásticas*, Curitiba/PR (2011); Salão de Artes de Novo Hamburgo (2011); *19º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre* (2010); e *Outros Lugares*, no Espaço Cultural Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS, na universidade Feevale, Campus Um, Novo Hamburgo/RS, na Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Campus 8, Caxias do Sul/RS, na UFSM Centro de Artes e Letras, Santa Maria/RS, e na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Recebeu *Prêmio – Aquisição* no Salão de Arte de Mato Grosso do Sul (2010) e no Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande/MS (2010). **Contato:** karineperez@hotmail.com



AUTORRETRATO X
 Encáustica e fotografia digital
 82 x 81 cm (detalhe)
 2009

AUTORRETRATO XII
 Encáustica e fotografia digital
 63 x 120 cm
 2009

AUTORRETRATO XV
 Encáustica e fotografia digital
 124 x 190 cm
 2010



KÁTIA COSTA, 1969

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

O vocabulário plástico de Kátia Costa é formado por trabalhos interativos voltados a construção de objetos que ocupam e transformam o espaço. Os verbos conjugados pela artista são: fotografar, guardar, aparecer, desaparecer, multiplicar, lembrar, interagir, entre os vários que possuem um significado em sua trajetória. Os trabalhos selecionados para este livro são as três grandes obras da artista. *A Caixa de Música*, móvel de proporções avantajadas revestido do lado de fora por madeira e pelo lado de dentro por espelhos. A obra realiza-se plenamente na ação do outro, de um sujeito convidado a entrar e interagir com o espaço. Kátia constrói espaços, mais do que isso, constrói sonhos, a partir do momento em que o sujeito se sentir envolvido pela obra. Dentro da caixa, ele é surpreendido pela multiplicidade de percepções de si mesmo, as tramas da fantasia o levam a viajar pelo tempo refletido em uma série de imagens, onde cada uma delas parece estar em um tempo distinto. A memória transcende do simples pensamento à ação concreta de deixar-se levar através da música, das luzes e da imagem da bailarina.

Em *O Cofre das Imagens*, Kátia nos propõe uma experiência visual e sensorial de entrar em um objeto que inspira mistério e segredo. O que há dentro do cofre? A passagem entre os territórios reais e imaginários, em que a imaginação está guardada em gavetas que se multiplicam, mexem com a nossa percepção. O simulacro, o abismo, a vertigem são palavras que afloram por meio dos nossos sentidos. A simulação de uma passagem: lado de dentro – lado de fora; o despenhadeiro, o sentir-se afundar e a vertigem pela repetição das gavetas em todos os lados do cofre por meio dos espelhos que tornam o ambiente abissal. O terceiro trabalho é *A Mala do Mágico*, caixa que instiga porque esconde algo entre as suas paredes de espelhos, esconde uma câmera com a qual são fotografados todos os que se arriscam a penetrar em seu interior, confundindo-se pela sensação de espelhamento e multiplicidade das imagens. Não ficam por aqui as ousadias da artista, pois ela tem muitas séries de fotografias, geralmente montadas com espelhos. Kátia Costa assegura o ambiente necessário para uma verdadeira interação entre público e obra, onde a matéria tece relações com os sentimentos e deixa o tempo suspenso, provocando-nos para uma reflexão sobre as fronteiras e os desdobramentos da arte contemporânea.

Artista plástica, fotógrafa, professora de artes visuais e produtora cultural. É bacharel em artes visuais, com ênfase em fotografia, e licencianda em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Concentra sua produção no Atelier de Arte Plano B, onde também desenvolve seus projetos, ministra cursos, mantém o estúdio de produção em fotografia e presta assessoria à artistas. Dentre suas atividades autorais, já produziu e realizou várias exposições individuais e coletivas, dentre elas, exposições e projetos que agregam a participação de muitos artistas e/ou fotógrafos, como o *Projeto Empilháveis*, *Projeto 1ª Pessoa: Pessoas*, *Projeto InFoto* e a *Convocatória de Arte do Atelier Plano B*. Participou de Concursos de Fotografias e de Salões de Artes Visuais nos quais recebeu vários prêmios, dentre eles, venceu o 18º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre (2008) e foi indicada ao Prêmio Açorianos de Artes Visuais, em Melhor Fotografia, com a exposição coletiva *SobreImagem* (2008). Possui várias obras em acervos e publicadas, como no *Livro de Pedra*, de Ena Lautert (2010), e no *Catálogo de Artistas da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa* (2010). Reside e trabalha em Porto Alegre.

Contatos: www.atelierplanob.com.br e katiacosta@atelierplanob.com.br





DA SÉRIE CONVIDADOS – A MALA DO MÁGICO

Fotografia
Dimensões variadas
2007

DA SÉRIE CONVIDADOS – A MALA DO MÁGICO

Fotografia
Dimensões variadas
2007

DA SÉRIE CONVIDADOS – A MALA DO MÁGICO

Fotografia
Dimensões variadas
2007

A MALA DO MÁGICO

Instalação
66 x 105 x 75 cm
2006

CAIXA DE MÚSICA

Instalação
250 x 165 cm de diâmetro
2008

COFRE DAS IMAGENS – A PASSAGEM

LADO DENTRO FORA
Instalação e fotografias
220 x 130 x 110 cm
2005



KELLY WENDT, 1980

Maringá, Paraná, Brasil

A cidade de Pelotas, onde vive Kelly Wendt, é o sítio que lhe proporciona o surgimento do seu trabalho plástico. A relação com o lugar faz com que a matéria-prima de suas fotografias esteja ao seu alcance durante as caminhadas, numa conexão entre o corpo, o espaço e o tempo. Em meio à trama urbana, Kelly realiza um inventário das casas abandonadas, casas cegas e mudas que outrora faziam parte da arquitetura da cidade. Hoje, nada mais são do que corpos em ruínas e, em silêncio, guardiães de segredos e histórias dos que lá viveram. Como corpos abandonados ao seu próprio destino, cegos e mudos, com suas portas e janelas lacradas por tijolos ou tapumes, configuram um cenário de estranhamento à cidade, despidos de sua verdadeira razão de ser: a casa-morada. A presença faz-se ausência.

Na condição de escrever sobre o trabalho de Kelly, tento adentrar-me em sua poética e acompanhar o vir a ser de sua obra. O seu processo criativo dispensa o ateliê – lugar de fabricação de imagens – e ela captura por meio de seu celular ou câmara-fone aquelas que lhe são apropriadas, criando relações entre o escuro do lado de dentro e o invisível do lado de fora. Poucas vezes, o avesso desses corpos é revelado por alguma fresta que deixa entrever as poeiras da alma, os vestígios e as memórias de quem ali habitou. As casas sem alma com sua interioridade encerrada estão no interstício entre a ausência e a presença e na sutura entre a arte e a vida.



Artista visual e pesquisadora. Doutoranda em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista Capes, mestre em artes visuais pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, bacharel em artes visuais pela Universidade Federal de Pelotas/RS e bacharel em ciências sociais e especialista em memória e identidade. Desenvolve o trabalho de pesquisa por meio de sua poética visual, discutindo a cidade e os meios de capturá-la, por meio de deambulações. É colaboradora do projeto de pesquisa *Percursos Poéticos: Técnicas e Grafias na Contemporaneidade*, gravura contemporânea não tóxica junto ao CA/UFPel/CNPq. Realizou as exposições individuais: *Panorâmicas Estação Férrea*, no Museu de Montenegro/RS (2011); *Tempo – Espaço – Matéria*, na Fundação Hassis, Florianópolis/SC (2011); *Satolep de Olhos Cerrados*, no Ágape Espaço e Arte, Pelotas/RS (2011); e *De Fora para Dentro*, no Espaço Expositivo Jabutipê, em Porto Alegre/RS (2010). Participou de várias das coletivas, dentre elas: *Outros Lugares*, no Espaço Cultural Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS (2010); *Stand para Olhos Cerrados*, no Museu de Arte de Santa Maria/RS (2010); *Espaço Compartilhado*, na Universidade de Caxias do Sul/RS (2010); e *Visões sem Lembrança*, na Sala Frederico Trebbi, Pelotas/RS (2009). Vive em Pelotas/RS. **Contatos:** www.deolhoscerrados.blogspot.com, www.instantedepermanencia.blogspot.com e kelly.wendt@hotmail.com



MAPATUR
Impressão digital sobre lona
250 x 140 cm
2010

PANORÂMICOS: PORTIFICANDO
Impressão digital sobre papel fotográfico
40 x 7 cm
2012

JANELA AZUL
Fotografia, impressão digital em tecido poliéster
120 x 40 cm
2011



LAURA COGO, 1980

Lafayette, EUA



As estruturas feitas de tule colorido de Laura Cogo reproduzem um elemento do local onde ela será inserida, geralmente aos pares, um real e o outro uma construção simbólica. Quase sempre, a similaridade acontece apenas na forma, pois o material é sempre oposto. O objeto-modelo, seja ele um banco, seja uma cadeira, cama, lata de lixo etc. vai dar origem a outro de cor forte, no sentido de oposição. Os primeiros trabalhos foram produzidos para locais fechados, depois, ganharam o espaço da rua, inserindo-se em contextos de grande movimentação, posicionando-se muito próximo de seu semelhante. Este detém a característica utilitária e o objeto em tule colorido, a estética. *Espectros*, como Laura os intitula, são intervenções urbanas realizadas para interagir com o observador. Os trabalhos apresentam-se no espaço com leveza e transparência, indicando a sua fragilidade como objeto escultórico localizado no espaço público. No entanto, o significado conceitual é forte e se insere na modalidade *in situ*, ou seja, o trabalho é feito para aquele lugar e só ali ele tem sentido.

Bacharel em artes plásticas, com ênfase em desenho (2003), e em história, teoria e crítica da arte (2004), pelo Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalhou no projeto educativo da 4ª e 5ª *Bienal do Mercosul*. Em 2003 criou a *Série Espectros* e, a partir deste ano, começou a realizar intervenções urbanas independentes. Desde 2010 trabalha como produtora cultural na Fundação Iberê Camargo. Em 2012, inaugurou a Galeria TLZ em Porto Alegre/RS, atuando como curadora e coordenadora-geral das exposições. Realizou exposições individuais e coletivas, no Brasil e na Argentina. Recebeu o *Prêmio Exposição*, do 16º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre (2010). Foi selecionada para o Laboratório de Investigación en Prácticas Artísticas Contemporáneas (LIPAC), no Centro Cultural Ricardo Rojas, também em Buenos Aires/Argentina (2008). Ganhou a bolsa do Programa *Intercampos II*, da Fundación Telefónica, Buenos Aires/Argentina (2006). Participou do programa *Rumos Itaú Cultural*, em São Paulo/SP (2005), e do *18º Salão Jovem Artista*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2004).
Contato: www.lauracogo.com.br e laurameirellescogo@yahoo.com.br



ESPECTROS – TONÉIS

Tule e arame
58 x 85 x 58 cm (cada peça)
2003

ESPECTROS – POR FAVOR, NÃO SENTE

Tule e arame
91 x 180 x 60 cm
2003

MOBILIÁRIO DE MUSEU – PARA CONTEMPLAR

Tule
45 x 150 x 50 cm
2006

EL BAILE DE LAS SILLAS

Tule, arame e áudio
Dimensões variadas
2007



LEANDRO MACHADO, 1970

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Leandro Machado dedica-se à pintura e a considera como "um diálogo inscrito no corpo", ou seja, ela é corpo-memória, corpo-ação e corpo-reflexão. O seu processo criativo é sempre pensado a partir do acúmulo, da sobreposição, da transparência, das relações cromáticas e dimensionais e das camadas sucessivas. O trabalho é considerado por ele um embate, resistência para a afirmação de que ele existe. As telas nascem a partir desse pensamento. São gotas que escorrem sobrepostas, deixando ver a arqueologia do todo através das transparências das camadas. O colorido é intenso.

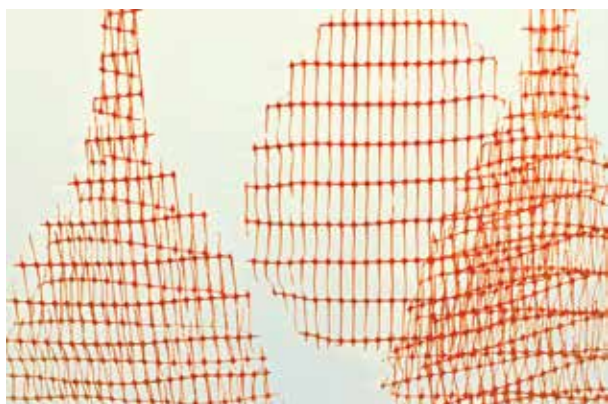
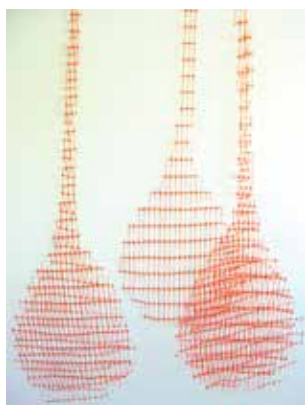
Em suas andanças e/ou deslocamentos pela cidade, o artista junta coisas como embalagens, objetos de papel, plástico e metal, que, reorganizados, servem de reflexão ou tema de uma exposição. Esse ato de apropriar-se também auxilia na pintura já que o mesmo princípio de acumulação faz parte dos dois processos, que têm a cidade como corpo para todas as investigações possíveis. Durante essas buscas, descobriu os cartazes lambe-lambe com anúncios de shows que se tornaram suportes para a pintura. As gotas cresceram de tamanho e abandonaram as telas indo diretamente para a parede ou chão.

No trabalho mais recente, apropria-se das telas plásticas de cor laranja oriundas da construção civil. Sendo elas finas e vazadas, já implica uma sobreposição para ganharem corpo e se tornarem visíveis? Alguma relação com a sua pintura?



Artista visual, é bacharel em pintura (2003) e licenciado em educação artística (2007) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui especialização em saúde mental, Hospital Psiquiátrico São Pedro, residência integrada em saúde, pela Escola de Saúde Pública (2005-2007). Dentre as exposições, está a individual, *O paraíso fica bem perto do inferno*, no Espaço Expositivo Jabutipê (2012) e, a coletiva, *Alien – Manifestações do Disforme*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (2012), ambas em Porto Alegre/RS. Realizou, junto com outros artistas, o 1º e o 3º Marco Escultural do Museu de Percurso do Negro, da Prefeitura de Porto Alegre, Unesco, BID, Monumenta, Iphan e Ministério da Cultura – Governo Federal (2010-2009). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.
Contatos: www.pequenaespelunca.blogspot.com e frotage2005@yahoo.com.br





GRABILÃO
Recortes sobre cartazes lambe-lambe
Dimensões variadas
2011

SEM TÍTULO
Recortes sobre cartazes lambe-lambe e tinta acrílica
560 x 410 cm
2012

CABOS DE VASSOURA
Instalação
2012

SEM TÍTULO
Recortes sobre redes em plástico
Dimensões variadas
2013

SEM TÍTULO
Recortes sobre redes em plástico
Dimensões variadas (detalhe)
2013

LEANDRO SELISTER, 1965

Vacaria, Rio Grande do Sul, Brasil



Há Tempo Atento ao Tempo é um livro que apresenta os últimos oito anos de trabalho do artista Leandro Selister, de 2002 a 2010, em que ele nos proporciona, fracionado, quadro a quadro, o tempo em sua obra. As séries de fotografias são o resultado de suas indagações em relação à passagem do tempo, registrado em percepções sutis da natureza e das coisas a sua volta. Podemos pensar no tempo que nos é dado, em que tudo se congela. Nele o artista reivindica outro tempo: o da espera, no qual cada minuto ou segundo é precioso e revelará algo de muito importante em seu processo artístico. Ele pode nos dar a vida ou a morte em um tempo lentificado, em que o desabrochar e o murchar de uma flor não é percebido por nós, a não ser através de suas lentes que tangenciam o finito por meio do tempo infinito.

O trabalho atual de Selister está relacionado com a fotografia, porém os projetos são bem diferentes. Em *Coisas do Cotidiano*, que segue indefinidamente pelo Facebook, registra flagrantes do dia a dia, associados a um título que dá substância a essa imagem, tornando-a arte. Já no projeto *Em Instantes*, na Trensurb de Porto Alegre, o artista deverá realizar 25 imagens das cidades que fazem parte do trajeto do trem metropolitano. Toda semana, cria uma página na internet e distribui nas 19 estações cartazes com QR Codes (códigos de barras em duas dimensões), que, através de celular com programa para leitura desse código, convida o público a acessar as imagens e compartilhar nas redes sociais. Esse retorno seduz o artista pelo alcance nas redes desde que começou estes dois novos projetos.



Bacharel em fotografia pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi criador e editor do site www.artewebbrasil.com.br (2000-2009). É curador da *Microgaleria de Arte Acessível*, do StudioClio, em Porto Alegre, juntamente com Blanca Brites. Participa de exposições coletivas desde o ano de 2000, tendo realizado também várias exposições individuais e projetos de intervenção urbana, com destaque para o projeto *Cotidiano*, vencedor do *II Prêmio Sergio Motta de Arte e Tecnologia*, em São Paulo, e com realização nas estações do Trensurb, em Porto Alegre/RS. Durante a sua trajetória, já ganhou diversos prêmios em salões de arte e também prêmios em design, dentre eles destacam-se: o *Prêmio IDEIA/Brasil – Excelência em Design*, categoria design de ambientes, em São Paulo/SP (2009); o *Prêmio Bornancini de Design*, Menção Honrosa em Design de Ambientes, em Porto Alegre/RS (2008); e o *I Prêmio Açorianos de Artes Plásticas* de Porto Alegre/RS (2006). Publicou três livros, dentre os quais, *Há tempo atento ao tempo* (2011), que abrange os últimos oito anos da sua produção como fotógrafo. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS, onde mantém escritório, é fotógrafo e designer.

Contato: www.leandroselister.com.br



PROJETO POR TRÁS DO MURO

Fotografia impressa em adesivo aplicado sobre painéis de MDF
285 x 350 cm
2011

PROJETO COTIDIANO

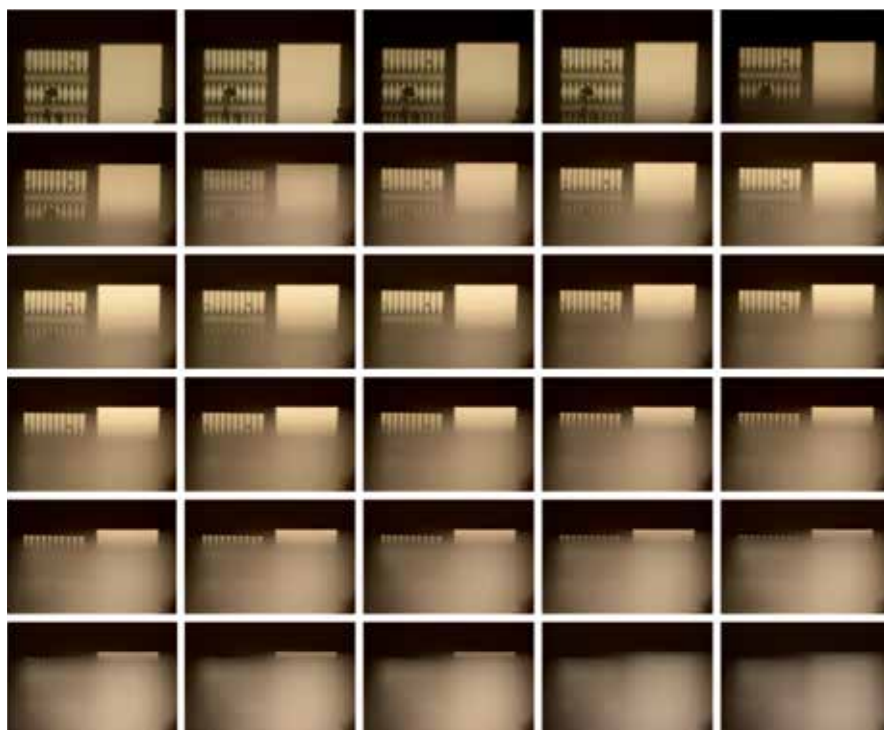
Intervenção
Imagens e plotter de recorte
2001/2002

PROJETO COISAS DO COTIDIANO

Sopro, fotografia digital, 2012
Lei de Murphy, fotografia digital, 2012
Flerte, fotografia digital, 2012
Passatempo para Dias Chuvosos, fotografia digital, 2012
Game Over, fotografia digital, 2012
Giacometti, fotografia digital, 2012
O Apagador de Memórias, fotografia digital, 2012
Cansaço, fotografia digital, 2012
Ciúme, fotografia digital, 2012

HÁ TEMPO ATENTO AO TEMPO

6' – 07 fevereiro
Foto digital
2011



LEONARDO FANZELAU, 1983

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Leonardo Fanzelau trabalha com a fotografia, mas tem predileção por objetos, preferencialmente aqueles que estão no mundo, na intenção de manipulá-los para poder desestabilizar a sua função original. Caminhar em playgrounds e olhar atentamente os brinquedos, descobrindo falhas em seus mecanismos, é uma ação que abre janelas para a sua criação. Esses defeitos que podem causar danos são a inspiração para criar uma série de brinquedos sem lógica, com suas funções alteradas por alguma intervenção que o impossibilite de ser usado como tal. Brinquedos que aparentam certa normalidade porque possuem as cores alegres, mas se olhados mais de perto vão causar estranhamento, pois alguma coisa naquele brinquedo não é viável. A série rendeu vários brinquedos apresentados de forma impecável com aparência industrial e realizados com precisão.

O segundo bloco de trabalho de Fanzelau são ovos. Nesse conjunto, as relações conceituais são mais silenciosas já que esses ovos são verdadeiros. O artista retira seu conteúdo por furinhos e ressignifica esse objeto, gerando obras de puro refinamento técnico e conceitos reveladores. Ovos viram os sete anões, dependendo das características de cada um, pregos ajudam a mantê-los em pé, mais altos ou baixos, em um contraponto entre a fragilidade e a força. As séries se formam, às vezes são artistas como Warhol ou Brancusi e até mesmo o Ovo de Lascaux, que tem o desenho de um dos animais da caverna na parede interna. Os trabalhos são colocados sempre em caixas de vidro ou acrílico com acabamentos impecáveis que valorizam o conjunto.

Formado em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2008). Realizou exposições individuais, dentre elas: *Conjecturas*, na Galeria Gestual, (2012); *Arte Como Questão*, X Concurso de Artes Plásticas Contemporâneas, no Goethe Institut (2010); e *Playground*, na Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro (2009), todas em Porto Alegre/RS e indicadas ao *Prêmio Açorianos* de Artes Plásticas de Porto Alegre/RS. Participou de várias exposições coletivas, dentre elas: *Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2012); *Nova Escultura Brasileira*, na Caixa Cultural Rio de Janeiro/RJ (2011); e *Labirintos da Iconografia*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2011). Foi selecionado em vários salões, dentre eles: 20º e 18º *Salão Jovem Artista* (2008 e 2004), no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS; 39º *Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto*, Santo André/SP; 2º *Salão Fundarte – SESC de Arte 10x10*, na Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS; 15º *Salão UNAMA de Pequenos Formatos*, Belém/PA; 18º *Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal Porto Alegre/RS*; 13º *Salão das Navas*, Joinville/SC; 6º *Salão Nacional de Arte*, Jataí/GO; e VII *Salão Elke Hering*, Blumenau/SC. No teatro fez o cenário de três espetáculos da *vai!ciadeteatro*: *Cara a Tapa*, *Parasitas* e *Agora Eu Era*.
Contatos: www.leonardofanzelau.blogspot.com e leonardofanzelau@gmail.com

CARROSSEL COM SISTEMA DE AQUECIMENTO

Escultura
Ferro, madeira, mangueira, pintura eletrostática e registro de gás
155 x 106 x 106 cm
2012

BERÇO DE NEWTON

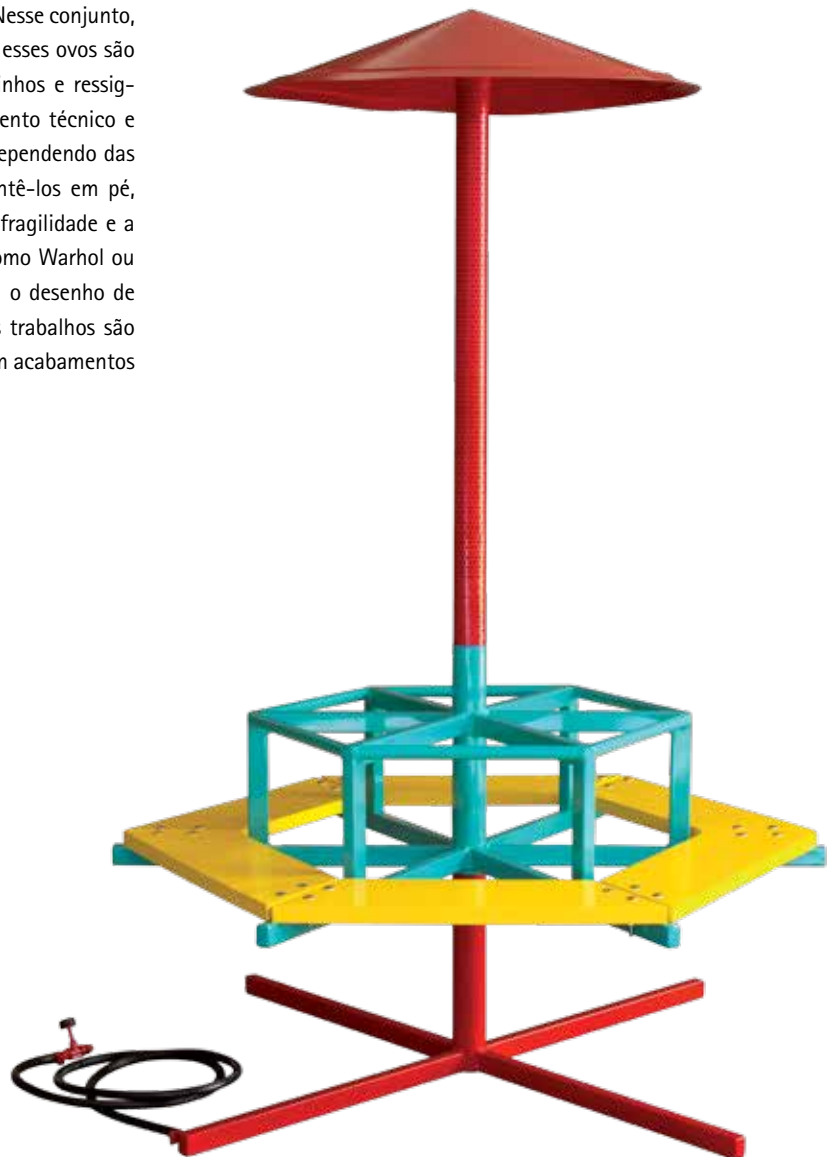
Escultura
Cabo de aço, ferro e pintura eletrostática
120 x 164 x 78 cm
2011

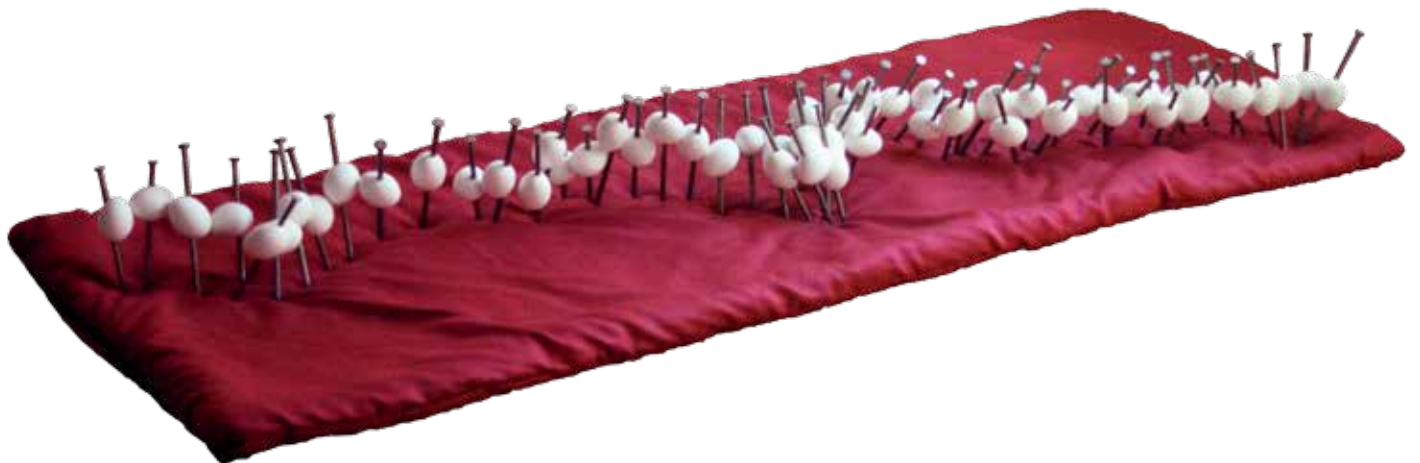
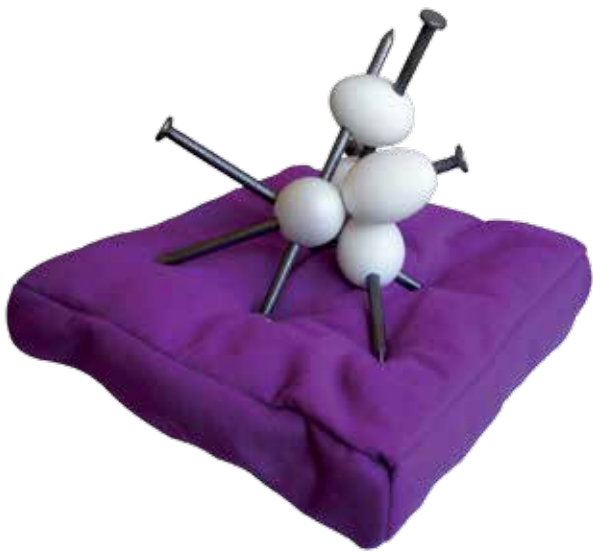
MINI-MONUMENTO

Objeto
Almofada de feltro, ovo e prego
30 x 30 x 30 cm
2009

UM DE CADA VEZ (VERSÃO 1)

Instalação
Almofada, linha "invisível", ovo e prego
19 x 72 x 188 cm
2005





LETÍCIA LAMPERT, 1978

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Trabalha com fotografia e livro de artista e, recentemente, migrou para o vídeo e projetos que envolvem instalações fotográficas ou audiovisuais. Leticia Lampert trabalhou várias séries, entre as quais cabe destacar: *(des)Construções*, em que ela faz colagens, juntando de modo lúdico parte de casas e prédios, construindo novas moradias, estranhamente familiares já que nessa poluição visual das grandes cidades causa esse hibridismo. Na série *Escala de Cor do Tempo*, explora o conceito de tempo-cor, em que o tempo possui uma cor respectiva ao momento que já foi. Já em *Escala de Cor das Coisas*, as cores são palavras no imaginário coletivo. Nesse trabalho, criou o livro-catálogo com 58 cores-coisas fotografadas. As últimas séries, *Apartamentos com Vista* e *Os Aversos da Cidade*, tratam de problemas de cidades muito habitadas, onde não conhecemos o nosso vizinho ao lado mesmo com a proximidade das portas e janelas. O trabalho questiona as aproximações que surgem entre janelas, a vista da cidade que se transforma, e o ponto de vista em relação às coisas e às pessoas.

A sensibilidade da artista, investigadora das relações humanas quer sejam elas de espaço, de cor e de tempo, é demonstrada em seus trabalhos quando eles apresentam o resultado dessas relações.

Graduada em design pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) (2001); artes visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2009); e mestre em poéticas visuais, pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, da mesma instituição (2013), onde fez parte do grupo de pesquisa em artes *.p.a.r.t.e.s.c.r.i.t.a.* Realizou sua primeira exposição individual *Projeto (des)construções*, na Galeria dos Arcos da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2008). Foi vencedora do *Prêmio Nacional de Fotografia Pierre Verger*, na categoria trabalhos de inovação e experimentação, na área de fotografia, com o *Projeto Conhecidos de Vista*, e do *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, na categoria fotografia, com *Projeto Escala de Cor das Coisas*, que foi contemplado com patrocínio do Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte) no mesmo ano (2009). Foi premiada no *Fotograma Livre do FestFotoPoa* (2009), com o mesmo projeto. Dentre as mostras seletivas, destacam-se: *Salão Unama de Pequenos Formatos* (2012), onde recebeu *Prêmio Aquisitivo*, *Salão do Jovem Artista* (2008 e 2006), *Salão Paulista de Arte Contemporânea* (2008).

Contato: www.leticialampert.com.br

ESCALA DE COR DAS COISAS

Livro de Artista
28 x 6 cm
2009

SÉRIE (DES)CONSTRUÇÕES Nº 18

Fotografia e colagem digital
93 x 90 cm
2008

SÉRIE AVESSOS

Fotografias
180 x 60 cm
2012





LIANE BORGHETTI KREZNINGER, 1954

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A intenção plástica de Liane Borghetti Krenzinger começa a partir do registro de imagens com importância e significado de ordem pessoal. O balé faz parte de sua vida e alimenta o seu fazer no campo da pintura. A composição de cada obra revela a diversidade de materiais utilizados: tinta acrílica, PVA, betume, folha de ouro, papéis de seda estampados, nanquim, grafite e carvão. Com elevado grau de habilidade no uso destes materiais, Liane sustenta a dinâmica para a construção de cada tela atuando sobre a matéria de modo a torná-la sua cúmplice no desenvolvimento das formas. As camadas transparentes sobrepõem-se umas às outras e criam vários tempos dentro da pintura.

Do gesto inicial traçado na tela ao acúmulo das camadas, surgem as texturas, ora mais densas quando são utilizadas folhas de ouro ou papel de seda, ora mais suaves quando formadas pelo betume e PVA. Todo o conjunto é criado a partir de sobreposições. As camadas deixam emergir as sutilezas das matérias em estratégias de manchas que mostram tanto as estampas do papel como os desenhos a grafite. Os ocre, marrons e brancos entremeiam escalas de cor promovidas pelas transparências e, apesar da densa matéria construída, a sensação de leveza das formas é incontestável. Assim, na busca desta leveza e graça, as imagens são criadas em movimentos inéditos da forma, pelo deslocamento no espaço e pela inventiva sensível do posicionamento das figuras, numa pintura construída de forma laboriosa, ou seja, esfregada, raspada, diluída e sobreposta.



Bacharel em pintura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Iniciou a técnica do desenho na Escola Nacional de Desenho, sob a orientação de Fernando Merlo, e a pintura a óleo, com a Simone Gabardo, e aperfeiçoamento no Centro de Cultura Júlio Cortazar del Ayuntamiento de Madrid, Espanha (1992). Atualmente desenvolve processos que buscam um diálogo entre a linha e a pintura. Realizou exposições individuais, entre elas: *Série Borboletas*, na Galeria de mArte, em Porto Alegre/RS (2008); *Com-Passos*, na Galeria de Arte do Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, em Caxias do Sul/RS (2008); e *Pinturas*, no Espaço de Arte 2 da Univates, Lajeado/RS (2007). Participou das coletivas: *Acumulações Sensíveis*, na Galeria de Arte do Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, em Caxias do Sul/RS (2011); *Retrautos*, na Galeria de mArte, em Porto Alegre/RS (2007); *Acaso*, na Galeria de Arte do Dmae (2006); e *Pinturas*, no Centro de Cultura Júlio Cortazar del Ayuntamiento de Madrid/Espanha (1992); e do *17º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS* (2006). Tem obra no acervo do Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, em Caxias do Sul/RS.

Contato: lianekren@gmail.com

COM – PASSOS III
Técnica mista
189 x 132 cm
2004

BORBOLETAS III
Técnica mista
50 x 52 cm
2008

CAMINHOS
Técnica mista
197 x 196 cm
2011



LILIAN MAUS, 1983

Salvador, Bahia, Brasil

O desenho, para Lilian Maus, é a linguagem que abriga os seus desafios na construção da poética, mas também é a passagem para outras intenções, ou seja, do desenho ela pode partir para a instalação ou mesmo o vídeo e a fotografia. "Relaciono o desenho como uma espécie de área de cultivo, onde a transformação da superfície, ao longo do tempo, evoca a fugacidade da própria experiência estética. Os exercícios gráficos, nesse sentido, passam a ser entendidos como um campo a ser habitado (jardim), em que ações projetadas e incidentais constroem a obra e envolvem o espectador", diz Lilian.

O seu processo é imersivo, é um mergulhar em seu fazer para dele tirar mais subsídios para novas investidas, pois, ao desenhar, descortina o mundo das palavras e das letras que, emaranhadas, criam também desenhos. Desenhar é também aproveitar a parede e deixar a natureza agir. A umidade também cria as suas cicatrizes, como a água em seus desenhos. A apropriação vem depois, quando adota o desenho e o intitula *Área de Cultivo*. O seu desenho é sempre minuciosamente cultivado, seja ele sobre o papel, em livros de artista, ou em performances, nas quais ela senta e o desenho vai nascendo a partir do giro de seu corpo, em um processo lento de sobreposição de camadas de aquarela.

Doutoranda em poéticas visuais, mestre em história, teoria e crítica da arte, pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e bacharel em artes plásticas: desenho e licenciada em artes visuais, pelo mesmo instituto. Além de artista, atua como organizadora de publicações em arte, ministra cursos livres e é co-gestora do Atelier Subterrânea, espaço independente de arte em Porto Alegre/RS, desde 2006. Foi contemplada pelo Prêmio *Rede Nacional da Funarte* (MinC) (2011). Vem realizando residências artísticas em diversos espaços independentes, entre eles o *Capacete Entretenimentos* e *El Parche Artist Residency*, Bogotá/Colômbia. Exposições individuais mais recentes: *Onde o Desenho Germina*, no Espaço Cultural ESPM, em Porto Alegre/RS (2012); *Free-Way*, El Parche Artist Residency, Bogotá/Colômbia (2012); *Área de Cultivo*, na Galeria A Sala (IAD), Pelotas/RS (2011); e *Tramas Diárias*, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS (2010). Obras em acervo público: Instituto Figueiredo Ferraz, em Ribeirão Preto/SP; Coleção Mônica e George Kornis, no Rio de Janeiro/RJ; Pinacoteca Barão de Santo Ângelo – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre; Museu do Trabalho, Pinacoteca Aldo Locatelli, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre; Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual de Artes Visuais do Rio Grande do Sul (IEAVi).
Contatos: www.lilianmaus.art.br e www.subterranea.art.br





DA SÉRIE ÁREA DE CULTIVO – LIMITES PROVISÓRIOS

Aquarela, grafite e lápis de cor aquarelável sobre parede com fungos e papéis recortados presos com alfinetes amarelos
2009

DA SÉRIE ÁREA DE CULTIVO – LIMITES PROVISÓRIOS

Aquarela, lápis de cor, tinta caligráfica, nanquim, giz de cera e pastel seco sobre papel 300 g
77,5 x 107 cm
2012

DA SÉRIE TRAMAS DIÁRIAS – GRAFO

Instalação, letras plásticas derretidas e soldadas
2010

DA SÉRIE ÁREA DE CULTIVO – DESENHO Nº 15

Aquarela, lápis de cor, tinta caligráfica, nanquim, giz de cera e pastel seco sobre papel 300 g
77,5 x 107 cm
2012

TRAMAS DIÁRIAS

Desenho sobre papel colado em tela, 4 fotografias digitais e objeto de chão
Dimensões variadas
2010



LISSANDRO STALLIVIERI, 1973

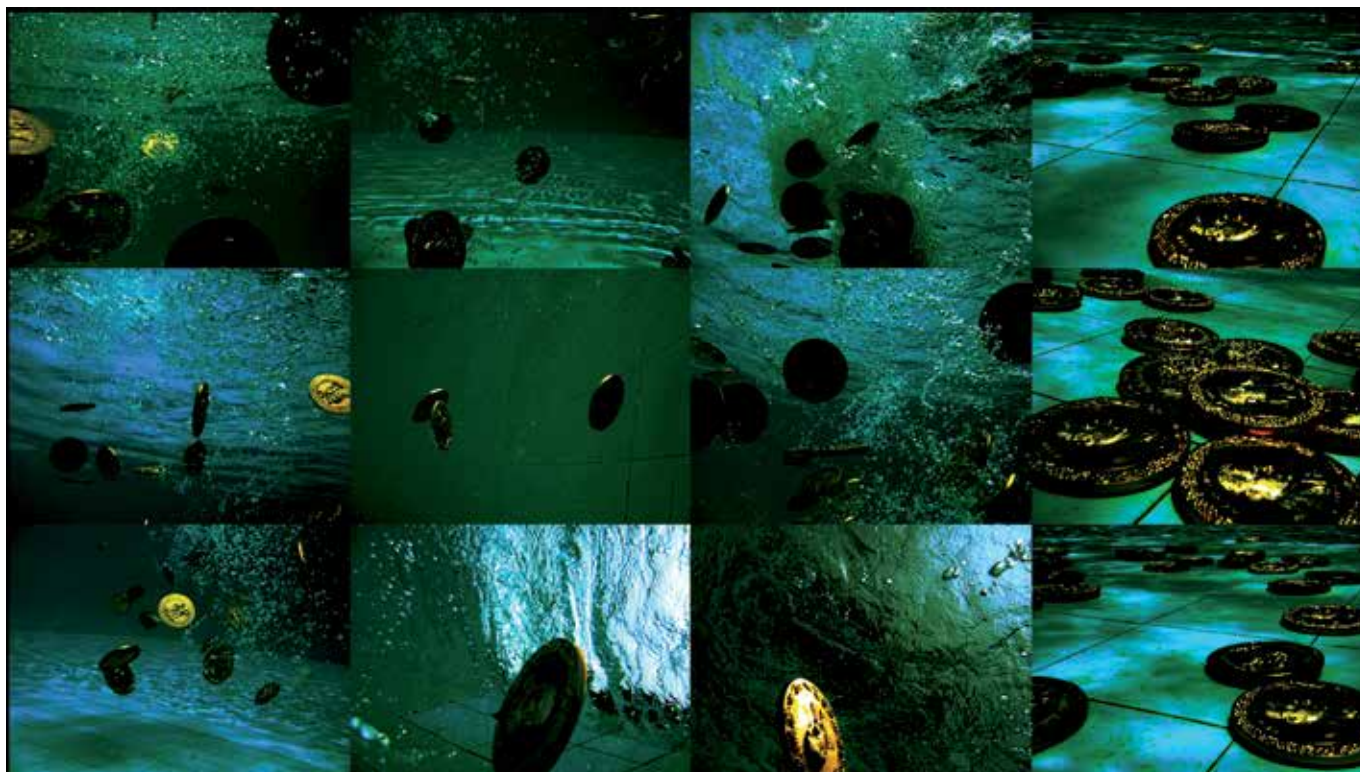
Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Para Lissandro Stallivieri, a sua trajetória artística é marcada pela pesquisa crítica e depois pela prática artística que envolve a fotografia e o vídeo, salientando que as imagens que lhe interessam são preferencialmente as que têm a mesma sequência tanto em imagem parada quanto em movimento. Com este formato, o processo agrega elementos como o tempo, o ato de registrar, a percepção, a luz, a mecânica e a eletrônica. O que o artista busca através da imagem é a relação do ser humano com a cidade e entre eles próprios e como os corpos se inserem no espaço. As situações sociais, políticas e dogmáticas permeiam o seu processo e, sobre isso, ele afirma que deseja aperfeiçoar seus conhecimentos na área da antropologia visual. Quando um assunto lhe atrai, monta uma estratégia de ação que vai desde uma equipe de trabalho, estendendo para a pesquisa, posteriormente os registros, a escolha e a elaboração das imagens que serão mostradas e, por fim, a exposição. Além de seu trabalho em artes visuais, Stallivieri tem uma produtora de filmes e atua também na área de registros da história da arte de valor inestimável, entre eles, o documentário sobre o artista Bruno Segalla, artista para o qual foi criada uma fundação cultural em Caxias do Sul.

Pós-graduando em artes visuais pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). A partir do final dos anos 1980 iniciou estudos em música, vídeo e fotografia. De 1989 a 2000 realizou formação em música erudita e passou a integrar orquestras de câmara, sinfônicas e quartetos de cordas. Em 1995 ingressou no curso de jornalismo na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e paralelamente iniciou estudos mais aprofundados na área de cinema e fotografia, tendo participado de diversos cursos e viagens. Em 1997 recebeu bolsa de estudos da Fundação Rotary International e realizou viagem de estudos para a Itália com objetivos em cinema e artes visuais. No ano de 2005 ingressou no curso de educação artística na Universidade de Caxias do Sul (UCS) e no mesmo ano foi selecionado para o *Projeto de Laboratórios Territórios Recombinantes*, do Instituto Sérgio Motta de Arte e Tecnologia de São Paulo, onde apresentou projetos de videoartistas, como Luiz Duva e Lucas Bambozzi. Seu trabalho foi selecionado para o catálogo de 2007. É um dos diretores da Spaghetti Filmes, empresa especializada em produções audiovisuais.

Contatos: www.spaghetti.com.br e lissa@spaghetti.com.br





DEATH ROLL 06
Fotografia
45 x 30 cm
2013

DEATH ROLL 11
Fotografia
45 x 30 cm
2013

VERTIGEM 1
Fotografia
45 x 33 cm
2005

VERTIGEM 2
Fotografia
45 x 33 cm
2005

MEDALHAS
Painel de fotos
160 x 100 cm
2006

GIOCATOLI A NEW YORK
Video 23'
2003

LUCIANO ZANETTE, 1973

Esteio, Rio Grande do Sul, Brasil

As linguagens aplicadas por Luciano Zanette transitam entre desenho, pintura, escultura, instalação e *site specific*. Seus trabalhos tridimensionais têm apresentado uma relação mais intensa com os observadores, pois causam questões de confronto, aferição em relação ao corpo, suas memórias e distâncias, hábitos e supostas certezas. Os objetos construídos não são para serem usados, mas quem os vê estabelece relações indiretas com os mobiliários normais. Em *Mobiliários Melancólicos*, os objetos instauram coreografias que profanam os sentidos do real ao transformarem os sentidos. Ali, parados, não servem senão à estética criada a exemplo dos minimalistas norte-americanos e do construtivismo russo em relações próximas. Zanette desafia o olhar no trabalho *Barreira Militar Rietvelt (BMR1)*, cujo teor remete ao design de Rietvelt, apesar da sua cadeira ter um dos pés muito longo, formando uma barricada militar em que o assento está na cadeira, mas a impossibilidade de uso é concreta. A criação destes mobiliários ocorre de maneira *clean* e o silêncio visual que engendra a cena cria o jogo entre presença e ausência, e o estranhamento pela condição de impossibilidade de uso dão força estética aos trabalhos.

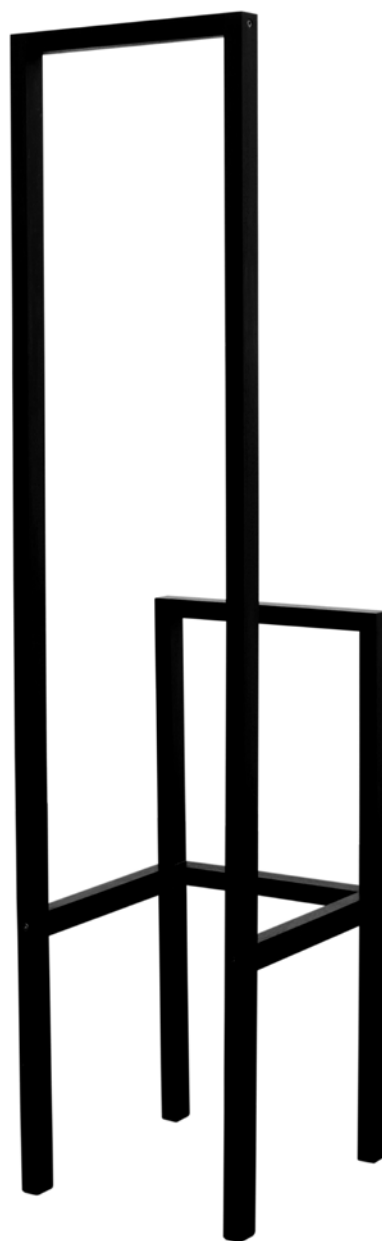
Bacharel e mestre em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2007 recebeu dois *Prêmios Açorianos*, de artista do ano e destaque escultura, pela exposição individual *Mobiliário Melancólico* (2006). Desde o início dos anos 2000 tem exposto seu trabalho em diversos estados do país e dentre as seleções recentes estão: *100 Curators 100 Days Project*, Saatchi Online (2012); Prêmio *Investidor Profissional de Arte* (2011); *Rumos Visuais*, do programa Rumos Itaú Cultural (2010/2009). Entre as coletivas recentes destacam-se as exposições *Espelho Refletido: O Surrealismo e a Arte Contemporânea Brasileira*, no Centro Cultural Hélio Oiticica (2012) e *Nova Escultura Brasileira*, na Caixa Cultural (2011), ambas no Rio de Janeiro/RJ. Realizou a individual *Que a Distância nos Guarde*, na Galeria Virgílio, paralela à Bienal de São Paulo (2012). Atua como professor na área de linguagem tridimensional, na Graduação do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. É representado pela Galeria Virgílio, em São Paulo/SP, e Luciana Caravello Arte Contemporânea do Rio de Janeiro. Tem obras em acervos públicos do Museu de Arte Contemporânea do Pará e do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Vive e trabalha em São Paulo/SP.
Contato: www.lucianozanette.wordpress.com

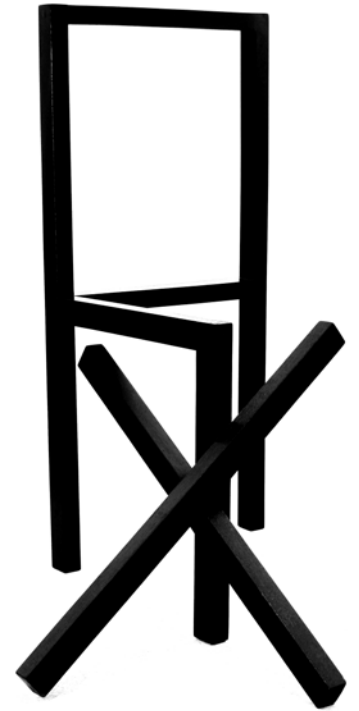
PARA UM
Madeira pigmento e cera
180 x 42 x 45 cm
2012

DA SÉRIE RE-RIETVELD – BARREIRA MILITAR RIETVELD (BMR1)
Madeira
176 x 176 x 185 cm
2012

OBSTÁCULO DEFENSIVO ENTRE SI E O PERIGO
Madeira pigmento e cera
90 x 72 x 72 cm
2012

DA SÉRIE MOBILIÁRIO MELANCÓLICO – HÁBITOS INSUFICIENTES
Madeira e laca
75 x 100 x 220 cm
2006





MAGNA SPERB, 1953

Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

A reação de estranhamento, e até de repulsa ou medo, causada pelas imagens suscita reflexões e faz com que se pense além do que se vê. A alegoria da imagem é o produto de um longo processo de aprendizagem e experimentações. As primeiras pinturas de Magna Sperb foram realizadas a partir de revistas de artigos de luxo: moda, joias e perfumes. Os rostos em *close* e poses provocativas, geralmente de óculos, falavam de beleza e sedução. Nas pinturas recentes, o estereótipo escolhido foi o de uma figura feminina, jovem, loura e sensual dotada dos aparatos usados por grifes para seduzir e provocar o narcisismo contemporâneo em uma sociedade capitalista, em que tudo está à venda. A pintura foi usada como meio para retratar o mundo ideal rodeado de beleza, juventude e felicidade. Em que pese a sua reflexão sobre isso e em seu desejo de mudança, ela sobrepõe nos rostos e nos corpos adesivos de insetos para contextualizar a contaminação do belo como metáfora daquilo que não queremos ver: doenças, velhice e morte.

Magna construiu este trabalho oferecendo as revistas que o inspiraram às baratas, criaturas dissimuladas e traiçoeiras que devoraram a beleza e a perfeição. As formas perderam os seus contornos, envelheceram e foram sugadas com o passar do tempo. As fotografias revelam um verdadeiro escrutínio desses insetos sobre as revistas, onde podemos enxergar a profundidade e as camadas que desvelam as entranhas. As cenas são captadas em momentos específicos e revelam a fragilidade do ser humano no mundo, além de aspectos lúdicos e eróticos.

Graduada em artes plásticas (1976), pós-graduada em artes visuais (1983) e em poéticas visuais e processos híbridos (2010), todas pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS. Especialista em cor, prestou assessoria em projetos especiais e estudos de cor para ambientes e fachadas de prédios. Desde 2008 atua como artista plástica, desenvolvendo trabalhos nas técnicas de fotografia, desenho, pintura e design, tendo participado neste período de mais de 40 exposições coletivas e salões de arte, em locais públicos e em galerias particulares, no estado e no país. De 2008 a 2012 fez várias exposições individuais, onde se destacam: *Série Metamorfose*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2011), onde também tem obra no acervo, e *Série (Des)Encontros*, na Usina do Gasômetro, Porto Alegre/RS (2009). Atualmente desenvolve a *Série Entrelaçados*, misto de arte e design. Vive e trabalha em Novo Hamburgo/RS. **Contatos:** www.magnasperb.com.br e www.magnasperb.blogspot.com

BOCA082
Fotografia
100 x 150 cm
2011

METAMORFOSE222
Fotografia
100 x 150 cm
2011

METAMORFOSE080
Fotografia
100 x 150 cm
2011

PRADA 2
Acrílica sobre tela
150 x 100 cm
2010





MARCELO ARMANI, 1978

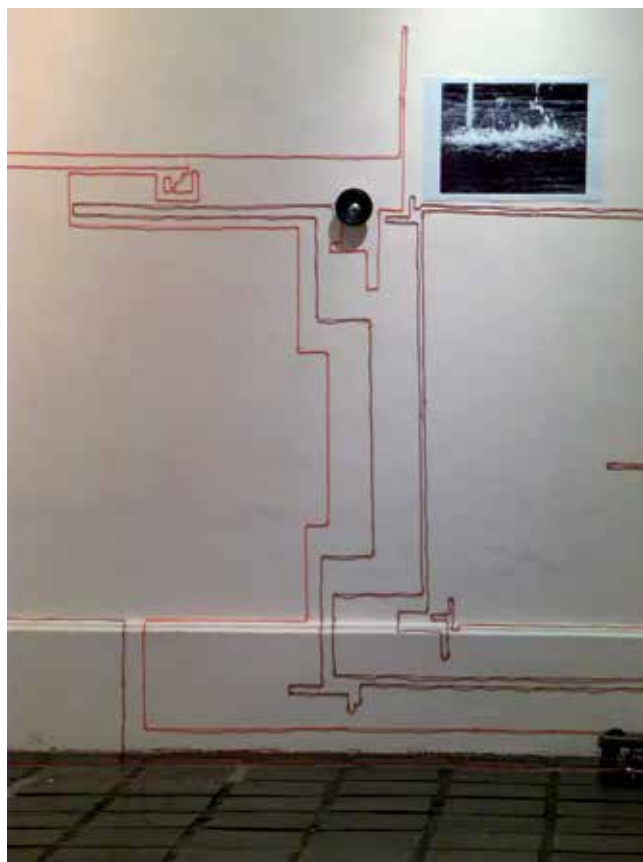
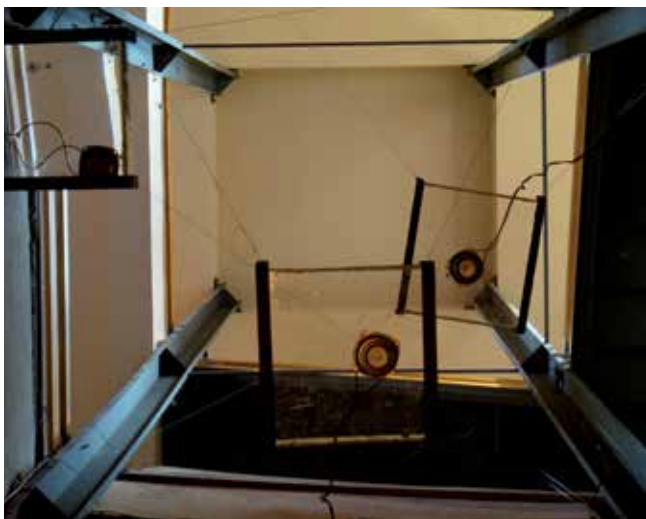
Carlos Barbosa, Rio Grande do Sul, Brasil

Marcelo Armani trabalha com instalações sonoras em que as relações físicas e sonoras entre os materiais tecem combinações entre si. A importância está no conjunto, as duas têm que andar juntas. Na instalação *Frascos Comunicantes*, foram usados mais de 40 vidros transparentes, cada um com um alto-falante e mais de 60 cabos para trazer o som de 10 canais diferentes. O conjunto é harmonioso. Os fios, vidros e alto-falantes devem estar em um diálogo afinado visualmente, a estética tem que prevalecer. Os elementos distribuídos no chão do ambiente permitiam a circulação entre eles enquanto o som passava de um a outro vidro, reproduzindo a sonoridade da cidade de Porto Alegre. Os fios subiam pela parede criando novos desenhos.

As muitas instalações sonoras produzidas por Armani são pensadas a partir dos locais em que vão ser realizadas, quer sejam em galerias, espaços abertos ou praias. O som que vai ser ouvido também diz respeito a essa escolha.

Músico improvisador eletroacústico e artista sonoro. Possui registros fonográficos editados no Brasil, na Argentina, no México, na Venezuela, no Chile e na Espanha. Realizou intervenção sonora na *VI Jornada Brasileira de Cinema Silencioso*, Cinemateca Brasileira, em São Paulo/SP (2012); no *Projeto DJ Residente*, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (2012); e na abertura da CasaM – 8ª Bienal do Mercosul (2011). Recebeu prêmio com o *Projeto Campo Elétrico*, no II Arte Praia, Natal/RN (2013), com o *Projeto Silêncio Flutuante* CCBN – Sousa, Sousa/PB (2013), no CCBNB – Cariri, Juazeiro do Norte/CE (2012); e com a *Instalação Sonora trans(obre)por*, na 10ª Edição do SPA das Artes, Recife/PE (2011). Foi selecionado para: *II Salão Xumucuis de Arte Digital*, Belém/PA (2013); *2º Prêmio IEAVI*, em Porto Alegre/RS (2013), com a *Instalação Sonora Frascos Comunicantes*; e *XI Bienal do Recôncavo*, em São Félix/BA (2012). Participou de mostras coletivas na Galeria Gestual (2013); no Instituto de arquitetos do Brasil, em Porto Alegre/RS (2013); na Galeria Quarta Parede, em São Paulo/SP (2012); e na Galeria de Arte do Dmae, em Porto Alegre/RS (2011). Recebeu o *VII Prêmio Açorianos de Artes Visuais*, destaque em mídias tecnológicas (2013). Vive e trabalha em Canoas/RS.
Contato: www.marceloarmani.hotglue.me





DA SÉRIE CONSERVAÇÃO DA MATÉRIA – FRASCOS COMUNICANTES

Instalação sonora decafônica, frascos de vidro, autofalantes e cabos de áudio
Dimensões variadas
2013

GARGÔMAGO

Instalação sonora hexafônica, cubas de acrílico, água, autofalantes e cabos de áudio
Dimensões variadas
2013

TRANS(OBRE)POR #05

Instalação sonora processual
Dimensões variadas
2012

CORPO INSTÁVEL

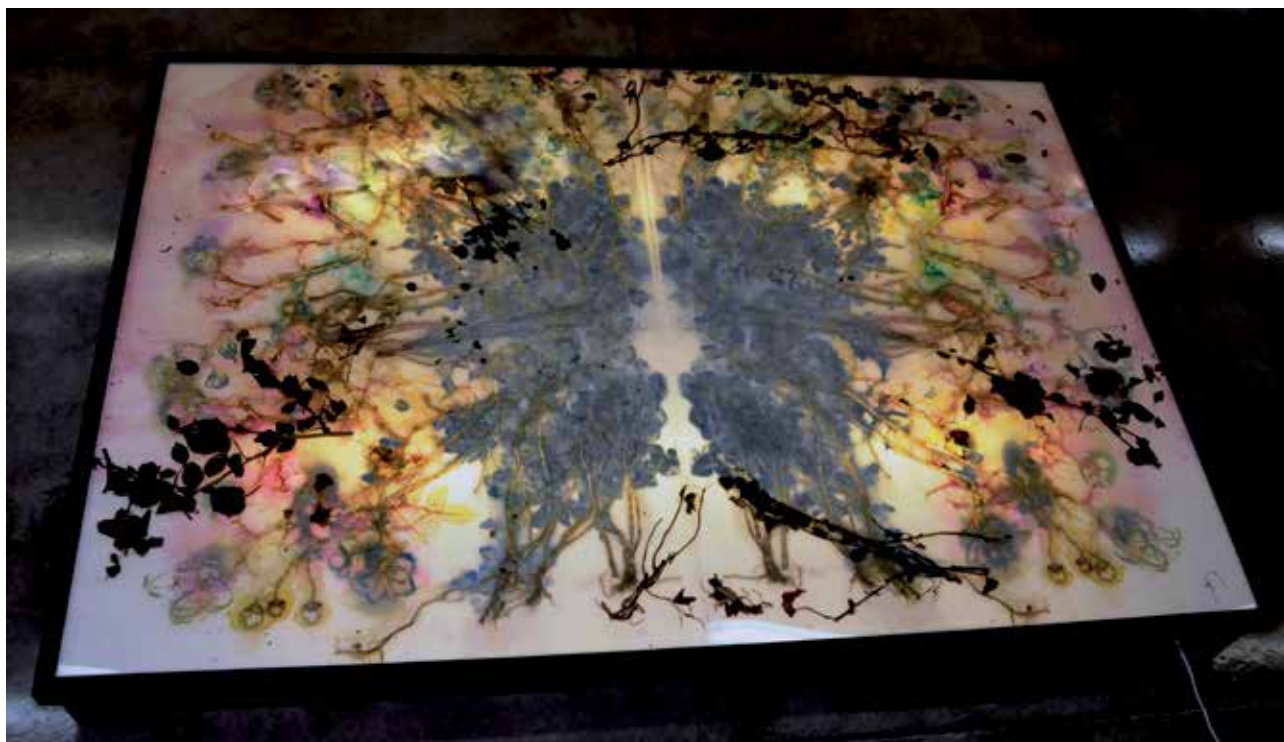
Escultura, instalação sonora hexafônica, arames, acrílicos, autofalantes e cabos de áudio
Dimensões variadas
2013

TRANS(OBRE)POR #06

Instalação sonora hexafônica, impressão digital P&B, autofalantes e cabos de áudio
Dimensões variadas
2013

MARCIA ROSA, 1960

Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil



O trabalho atual de Marcia Rosa, intitulado *O que é a Flor para Você?* é resultado de sua pesquisa de mestrado que lhe proporcionou observar a flor e, a partir desse objeto, a investigação em diversas mídias, como gravura, aquarela, fotografia e vídeo. O projeto consistiu em colocar flores em uma estrutura de acrílico e observar as suas mudanças no período de dois anos. As transformações ocorreram e foram sugerindo as mídias a serem utilizadas com o objetivo de resgatar todas as possibilidades dessas flores em seu ciclo de vida e morte. "Meu objeto de estudo foi a experiência perceptiva na observação direta do elemento flor e sua consequente dimensão reflexiva: as transformações, metamorfoses, ajudadas ou não pela ação de intempéries, como possibilidade de reflexões sobre a vida e a morte, questões existenciais e a espiritualidade", diz a artista. Esse trabalho gerou imagens fotográficas do percurso, vídeos que captaram os momentos mais singelos de vida da flor, além de desenhos em aquarelas sobre tecido transparentes onde a luz tem uma passagem importante nesse contexto. Marcia Rosa passou as flores na prensa, eternizando a sua textura e imagem em um álbum de gravura. O debruçar-se sobre um assunto e extrair dele todo esse trabalho de peso e significados, com imagens belas e encantadoras, foi um ato de entrega que serviu para tecer as relações mais profundas entre arte e vida.

Pós-graduada em artes visuais, poéticas visuais: gravura, fotografia e imagem digital, pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, e em cinema, pela Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo/RS. Mestre em artes visuais, trabalhou em instituições artísticas e publicou no Santander Cultural, no Salão de Gravura da Macedônia e na Bienal de Alijo. Kursou encadernação em Sevilha/Espanha. Participa do grupo de estudos *Identidade e Ausência, aproximações da imagem fotográfica como veículo de identidade*, com Luise Weiss, em São Paulo/SP. Tem obras nos acervos do Museu de Arte Brasileira de Brasília (MAB) e do Museu de Gravura do Douro/Alijó. Expôs em instituições como o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), III Fórum Social Mundial, 4ª Bienal Internacional de Gravura de Douro, Portugal, Institute and Museum Bitola e Associação Portuguesa de Cultura e Pintura. Realizou as exposições Individuais *Flor, imagem: reflexões, ciclos da vida e Arte*, no SESC Niterói/RJ (2011) e na Faculdade Santa Marcelina (FASM), em São Paulo/SP (2010). Recebeu Menção Honrosa na III Bienal de Gravura Olho Latino (2007). Vive em Porto Alegre/RS.

Contatos: www.marciarosa.com e marciasousarosa@terra.com.br

IMPRESSÕES I

Back light e impressões de flores
116 x 114 cm
2010

EMBRANQUECER

Fotografia de flores em um sanduíche de acrílico impressa em ploter de papel fotográfico
30 x 40 cm
2009

EMBRANQUECER I

Fotografia de flores em um sanduíche de acrílico impressa em ploter de papel fotográfico
30 x 40 cm
2009

LIQUEFEZ

Fotografia de flores em um sanduíche de acrílico impressa em ploter de papel fotográfico
30 x 40 cm
2009



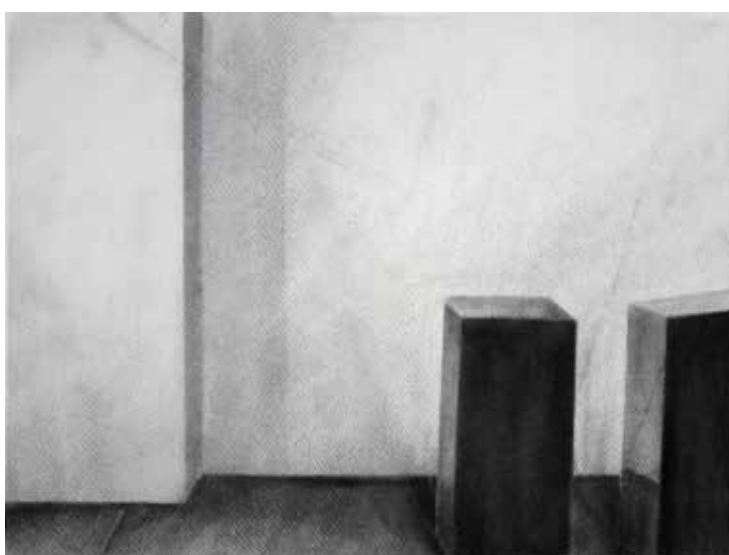
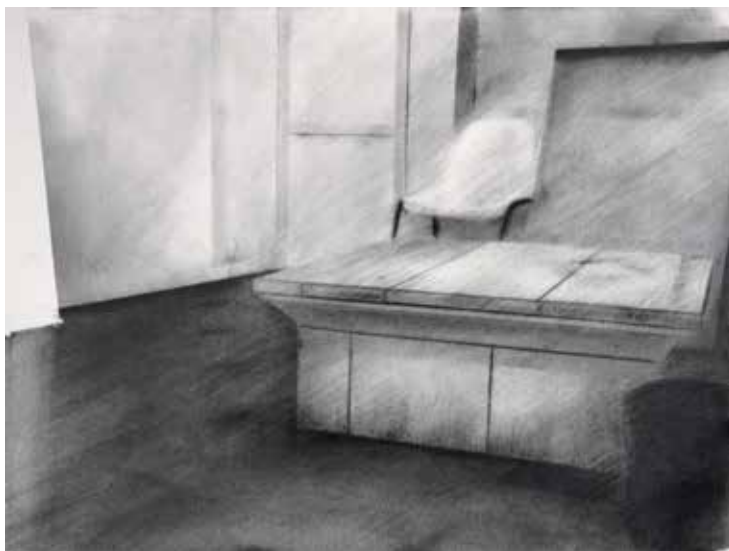
MARCOS FIORAVANTE, 1989

São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Marcos Fioravante realiza seus trabalhos na linguagem do desenho, principalmente em pastel, em grandes ou pequenas dimensões. O que muda é o gesto, que pode ser contido, com a mão quase sempre no papel, ou largo, colocando o corpo em movimento. O virtuosismo é uma característica constante que se une às implicações conceituais e processuais. A partir de imagens fotográficas próprias ou apropriadas que coleciona, o artista seleciona os elementos de cada uma que vai utilizar no seu trabalho. As formas de construção de seus desenhos estão dentro dos seguintes princípios: projetivas, isolamento, esvaziamento e pelos vestígios e marcas do próprio processo de elaboração. "Assim como os cantos resguardam nossos vestígios e memórias de maneira silenciosa, o desenho como espaço, terreno ou reservatório também se constitui de passagens, rastros e resíduos camuflados e impregnados na superfície desse espaço em atividade", explica Fioravante. Os seus desenhos são emblemáticos, pois ele desloca um objeto de seu contexto para realizá-lo, ou ainda desenha os contornos de algo, ou o canto de uma sala, um ambiente, com vários detalhes de exímia qualidade mimética. Entre um tom de cinza ao preto mais forte ou a um branco, uma gama de tons se estabelece, potencializando a cena em que o espaço do desenho é o espaço de representação que causa uma inquietação ao olhar.

Bacharel em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dedicou-se, sobretudo, ao desenho. Realizou a exposição individual *Desenhos*, no StudioClio, com curadoria de Blanca Brites e Leandro Selister, em Porto Alegre/RS (2012). Participou das coletivas: na Galeria Gestual, pela qual é representado, e da *Supernova*, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS (2013); *Pintura e Desenho – A Navíssima Geração*, no Museu do Trabalho (2012); e *À Margem da Paisagem*, no Espaço Ado Malagoli, Instituto de Artes da UFRGS (2011). Recebeu o VII Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, como artista revelação (2012).
Contato: marcosfioravante@yahoo.com.br





MV5
Pastel sobre papel
30 x 40 cm
2012

DEQ
Pastel sobre papel
100 x 150 cm
2011

43A
Pastel sobre papel
30 x 40 cm
2012

DUPLA – EXPOSIÇÃO
Pastel sobre papel
21 x 28 cm
2012

ESC
Pastel sobre papel
30 x 40 cm
2012

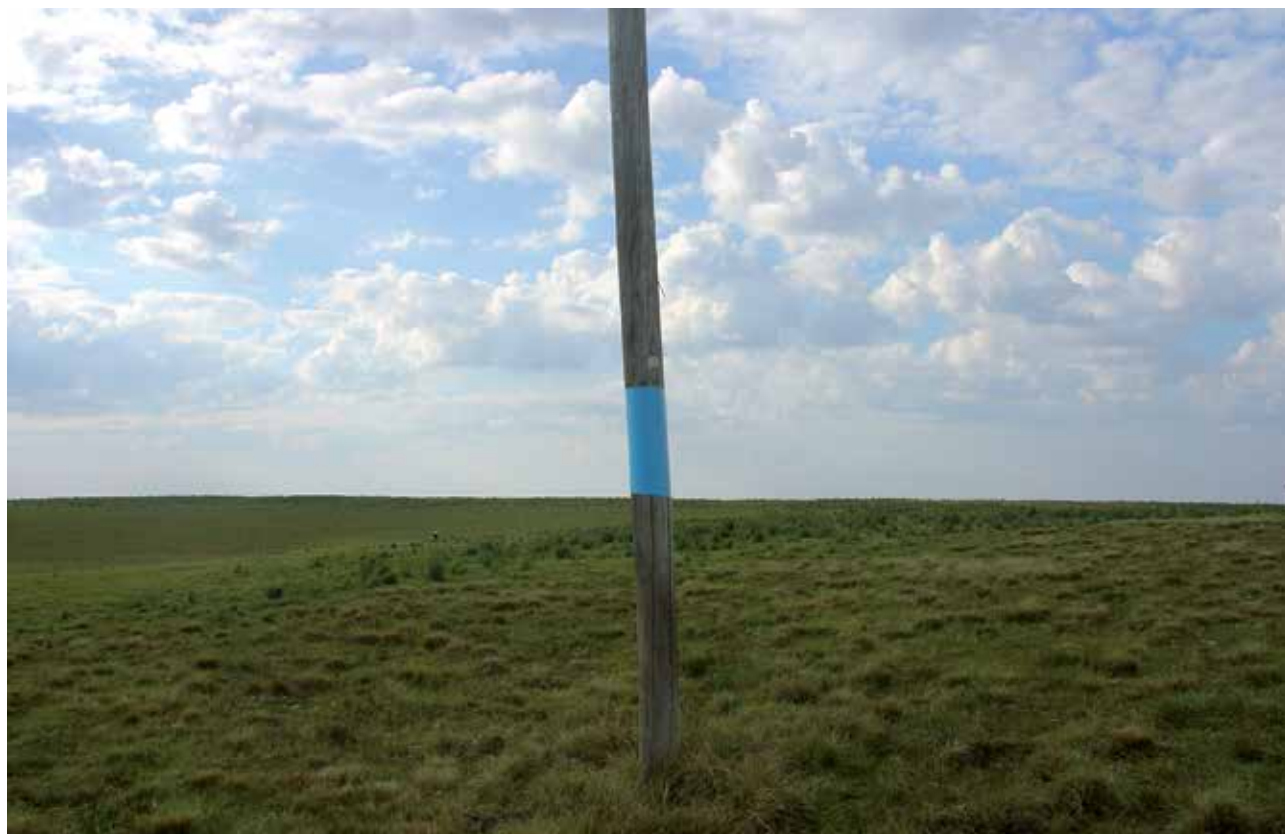
MARCOS SARI, 1972

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Marcos Sari realiza exposições em que os princípios da pintura são usados em intervenções cromáticas no espaço tridimensional e em paisagens. Essa mediação pode acontecer diretamente na paisagem ou dentro de uma galeria. Outra situação é o uso de objetos encontrados ou do cotidiano, que passam a integrar o trabalho, desde que estejam em sintonia com a pintura e o uso da cor. A paisagem é o ponto de partida para os trabalhos da 8ª Bienal do Mercosul, *Cadernos de Viagem*, que consiste na exposição de cinco fotografias em dimensões grandes e mais 50 fotografias em tamanho postal, e também uma intervenção no espaço expositivo. Sari diz que emprega a cor nestas intervenções pelo desejo de se misturar à paisagem que, nestes casos, é o suporte para o trabalho. "Às vezes, essa cor vai se amalgamar com a paisagem de forma mais direta e, em outras, ela vai criar alguma diferença, mas que ainda assim é sutil", explica. A pintura migrou para o espaço, ou seja, aparece em outros suportes – na arquitetura, nos objetos e na paisagem associada também à geometria –, como foco de suas observações.

Além da pintura e das intervenções, o artista desenha sobre papel figuras geometrizadas coloridas, coerentes com a sua produção, já que podemos perceber em suas paisagens junto à natureza os mesmos campos de cor.

Graduado em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2003). Frequentou o Torreão, em Porto Alegre/RS, orientado por Jailton Moreira. Desde 2001 tem realizado exposições em que os princípios da pintura são utilizados como base para intervenções cromáticas no espaço tridimensional, entre estas: intervenção *Sem título*, no Centro Cultural Arquipélago, em Florianópolis/SC (2009); *Planos Vetores e Balizas*, na Galeria Iberê Camargo (2004); e *Plano*, no Torreão (2003), ambas em Porto Alegre. Em 2012 participou da exposição *Alien*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS; e da 2ª Feira de Publicações Independentes do SESC Pompéia, com o *Projeto Meio*, em São Paulo/SP. Realizou o *Projeto Rumo ao Sul*, pela 8ª Bienal do Mercosul, no Da Maya Espaço Cultural, em Bagé/RS (2011), que integrou a mostra *Cadernos de Viagem*; e a exposição individual *Segmentos e Variações*, na Galeria Gestual, em Porto Alegre/RS (2011). Participou das exposições coletivas: *Convivência Espacial*, em Recife/PE (2010); *Convivências*, no Museu Iberê Camargo (2010); e *Marcos Buenos*, no Goethe Institut (2010), ambas em Porto Alegre/RS. Foi contemplado com a *Bolsa Iberê Camargo* para uma residência em Buenos Aires (2009). Desde 2003 coordena, com Daniele Marx, o *Projeto Meio*, que iniciou como um fanzine de arte contemporânea e atualmente realiza ações variadas envolvendo artistas e participantes de diversos lugares. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contato:** sari.marcos@gmail.com





SEM TÍTULO
Intervenção na paisagem
Vinil adesivo sobre poste de rede
elétrica
Dimensão variável
2004

SEM TÍTULO
Instalação
Pintura na parede, plantas e balcão
em madeira
Dimensões variadas
2008

YELLOW BOX
Caixa de madeira, vidro e pigmento
10 x 14 x 03 cm
2010

SEM TÍTULO
Módulos em madeira com fórmica e
pintura na parede
Dimensões variadas
2006



MARIA EUNICE ARAÚJO, 1964

Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil



A série que Maria Eunice Araújo está trabalhando atualmente consiste em fotografias do interior de geladeiras em casas de pessoas amigas, conhecidas ou mesmo de desconhecidos. Fotografar objetos ordinários do cotidiano tomados como índices de singularidades dos moradores é um assunto pertinente na formação da artista em administração de empresas, voltada à área de recursos humanos. O que motivou o trabalho na ênfase de fotografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi exatamente o comportamento das pessoas. No processo de busca por esta coleção de imagens, a fotografia é realizada com o tripé em posição frontal à geladeira e com pouca luz, quase sempre natural. Em seu processo criativo, elabora critérios para, depois de colher as imagens, fazer a compilação quase científica com classificação, edição e arquivamento. Outro aspecto diz respeito à seleção de grupos de casas de uma mesma região, o que ajuda a identificar costumes de cada uma delas, traduzindo reflexões sobre o que é produto do processo civilizatório ou próprio da personalidade do ser humano. O resultado apresenta fotografias ora em tamanho natural, ora conjuntos de 60 geladeiras em tamanho de 100x100 cm. As fotografias são interessantes e o trabalho, além da beleza formal, permite analisar os seus conteúdos e até mesmo imaginar qual seria a nossa geladeira, remetendo ao lúdico.

Bacharel em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha atualmente com foto, vídeo e instalação. É membro da Secretaria Estadual da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul como conselheira, representando a área de artes visuais, da diretoria cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa e do comitê Pró-Museu das Águas. Realizou as exposições individuais: *Geladeiras*, no I Encontro Internacional de Cultura e Alimentação (EICA), na Sala Fahrion – Reitoria da UFRGS (2011), e *Paisagens Privadas*, na Galeria Clébio Soria da Câmara Municipal de Porto Alegre (2010). Participou em várias coletivas, dentre elas: *Projeto Ateliê Aberto*, na Vendoarte (2012), *Tendências Contemporâneas*, na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes da UFRGS (2012), ambas em Porto Alegre/RS; *15º Intercâmbio Internacional de Miniarte Belfast*, Waterfront Hall-Belfast, Irlanda do Norte (2012); *Projeto Artemosfera*, mostra itinerante, Porto Alegre/RS (2012); *Projeto InFoto*, no Espaço Maurício Rosemblat da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2012), e no FestFotoPOA, no Santander Cultural (2010); *20x20*, da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, na Galeria Bolsa de Arte (2012-2009); *Miniarte Faces*, em Vancouver/Canadá (2011); *Primeira Pessoa: Pessoas*, na Galeria do Dmae (2011); *Arte+Arte*, na Galeria Xico Stockinger da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2010); *Empilháveis IV*, na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2011); e *Empilháveis III*, no Instituto de Arquitetos do Brasil (2010), ambas em Porto Alegre/RS. Foi selecionada e premiada em salões de arte, dentre eles: *Prêmio Incentivo à Criatividade*, no 19º Salão de Artes da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS (2010); *Referência Especial do Júri*, no 8º Salão Nacional de Arte Contemporânea de Jataí/Goiás (2009); e 11º Salão de Artes de Itajaí/SC (2008). Integrou o *Projeto Leitura de Portfólio – Reflexos Contemporâneos*, no Santander Cultural (2009). Reside e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contato:** www.marieunicearaujo.blogspot.com.br



GELADEIRA PES
Fotografia
125 x 61 cm
2008

GELADEIRA MEA
Fotografia
150 x 57 cm
2008

GELADEIRA MFA
Fotografia
135 x 67 cm
2008

OLHAR DA GELADEIRA I
Fotografia
60 x 50 cm
2010

REUNIÃO DO CONDOMÍNIO
Fotoinstalação
8 fotografias em cores, em caixas
de acrílico cristal, dispostas
sobre uma mesa branca
Mesa: 200 x 100 cm
Caixa com foto: 30 x 22 cm (cada peça)
2011



MARIANA SILVA DA SILVA, 1978

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A cooperação e a coletividade em projetos artísticos mostram-se cada vez mais no cenário contemporâneo. O artista sai de seu ateliê e passa a realizar práticas urbanas. No trabalho *Na Minha Cidade tem um Rio*, é a proposição de Mariana Silva que busca no espaço coletivo cotidiano realizar ações relacionadas à invisibilidade do Guaíba, enfocando a apropriação crítica da paisagem. A performance consiste em distribuir camisetas azuis com a frase "Na Minha Cidade tem um Rio", na frente em português, e atrás em inglês. Estas camisetas são enviadas a qualquer lugar do mundo. A cidade também tem uma relação duvidosa com o rio. Não se tem a certeza se é rio ou lago. Outra questão está relacionada à geografia: na zona sul é possível conviver com o rio, o que não acontece no centro, pois ele está atrás de um muro extenso. A partir das imagens recebidas por todos os que participam desta ação, foi criado um blog no qual são postados os autores e o lugar, instalando-se, assim, uma rede em torno da proposta. Mariana vem de uma trajetória na fotografia, em séries de trabalho que explorava o corpo, e sempre esteve voltada às questões do coletivo.

Bacharel em artes plásticas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2000). Mestre em artes visuais, com ênfase em poéticas visuais, pela mesma universidade (2005). Realizou as exposições individuais *Litoral*, no Museu Victor Meirelles, Florianópolis/SC (2004) e *Pontos de Contato*, na Galeria do Goethe Institut, em Porto Alegre/RS (2001). Participou de diversas exposições coletivas, destacando-se: *Tatata*, na Fundação Ecarta (2012); *Estados Alterados*, na ESPM (2011); *Pulsar*, Rencontres Internationales Paris, Berlin, Caracas, Venezuela (2006); *Pequena distância*, na Galeria Mari'Stella Tristão, Instituto Cultural Palácio das Artes, Belo Horizonte/MG (2006); *Fiat Mostra Brasil*, na Galeria da Fundação Bienal de São Paulo/SP (2006); *8 èmes Rencontres internationales*, Paris, Berlin e Grande Halle de La Villette, Paris/França; *9º Salão Nacional Victor Meirelles*, Museu de Arte de Santa Catarina/SC (2006). Em 2008 recebeu a Bolsa Unesco Aschberg e Irish Museum of Modern Art, para residência em Dublin/Irlanda. Atualmente é professora assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul (UERGS), na licenciatura do curso de artes visuais, em Montenegro/RS. **Contatos:** www.marianasilvadasilva.blogspot.com.br e marianasilvamail@gmail.com



NA MINHA CIDADE TEM UM RIO

Projeto múltiplo: caminhadas, camisetas e fotografias
10 x 15 cm
2010

PROJETO DETALHE

Fotografia
30 x 40 cm
2008

PROJETO DETALHE

Fotografia
30 x 40 cm
2008

PROJETO DETALHE

Fotografia
30 x 40 cm
2008

PROJETO DETALHE

Fotografia
30 x 40 cm
2008

DA SÉRIE TABLEAUX

Fotografia
40 x 60 cm
2010

DA SÉRIE TABLEAUX

Fotografia
40 x 60 cm
2010



MARIANE ROTTER, 1975

Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil



Mariane Rotter trabalha com a fotografia e desde 2002 investiga e realiza séries de imagens captadas na altura de seu olhar, ou seja, abaixo um pouco de sua altura que é de 1,30 m. Na série *Banheiros – Meu Ponto de Vista*, com imagens instigantes pelas resoluções que apresentam, tira benefício de sua baixa estatura e estabelece um recorte para o seu olhar. Esse recorte se dá no instante em que ela posiciona a máquina em frente à pia e capta a imagem a sua frente. Nesse autorretrato, estranhamente enquadrado para nós, fala da ausência, uma vez que o seu rosto não aparece. Outras imagens desta série contemplam cenas do cotidiano em que as pessoas aparecem com as cabeças cortadas, o que esconde o principal foco de um retrato: o rosto das pessoas, suas identidades. Entretanto, acabam por evidenciar outras: os detalhes, as mãos, os gestos instantâneos que foram capturados. Outra série, *Indutor de Percepção Cotidiana*, é um livro de artista com imagens cotidianas de pessoas, animais, céus, paisagens, em enquadramentos ora sutis ora inusitados.



Bacharel em artes plásticas, com ênfase em fotografia (2002). Licenciada em educação artística (2005) e mestre em artes visuais (2008) pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Artista visual e professora-assistente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Dentre as exposições individuais: *Meu Ponto de Vista: Série Banheiros*, 1º Prêmio IEAVi de Incentivo às Artes Visuais, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2012); *Meu Ponto de Vista: O cotidiano e os lugares da imagem*, na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes (UFRGS) (2008); e *Meu ponto de vista*, na Pinacoteca da universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS (2004). Recebeu o *Prêmio Incentivo à Produção*, na Fiat Mostra Brasil, no Porão das Artes, Ibirapuera, em São Paulo/SP (2006), e o *Prêmio Aquisição*, no II Salão de Arte Cidade de Porto Alegre (2002). Entre as exposições coletivas, tem destaque: *Artesul Contemporâneo*, no Centro de Exposiciones Subte, Montevideu/UY(2013); *Oi Expressões na Rua* (2009); *Arquivos Abertos*, na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes/UFRGS (2008); *Câmera Rasgada*, na Galeria dos Arcos da Usina do Gasômetro (2007); *Pequena Distância*, com exposições realizadas desde 2006 nas cidades de Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Caxias do Sul/RS, Montenegro/RS e Porto Alegre/RS. **Contato:** www.marianerotter.net

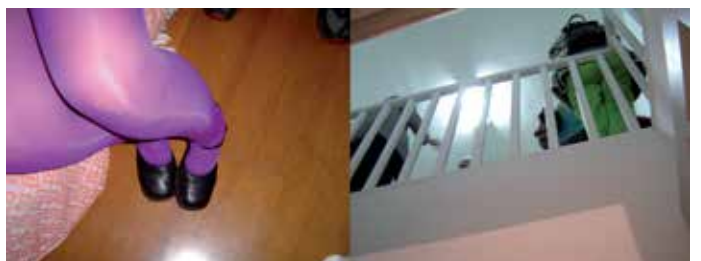


DA SÉRIE BANHEIROS – MEU PONTO DE VISTA
Fotografia
122 x 83 cm
2012



DA SÉRIE BANHEIROS – MEU PONTO DE VISTA
Fotografia
122 x 83 cm
2012

DA SÉRIE MAX – MEU PONTO DE VISTA
Fotografia
80 x 50 cm
2004



DA SÉRIE MAX – MEU PONTO DE VISTA
Fotografia
50 x 80 cm
2004

INDUTOR DE PERCEPÇÃO COTIDIANA
Fotografia
35 x 90 cm (diptico)
2006

MARÍLIA BIANCHINI, 1977

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

O trabalho de Marília Bianchini diz respeito à memória e à passagem do tempo. As imagens fotográficas são impressas em papéis artesanais de fabricação própria por meio de um processo longo e significativo, e depois a artista imprime neles passagens de sua história. Estas impressões são, na maioria das vezes, realizadas de forma fragmentada e, posteriormente, sobrepostas. Cada pedaço da imagem completa o todo quando se juntam para concretizar a narrativa de Bianchini. A passagem de tempo está presente no próprio papel, que em sua fragilidade, parece se desmanchar, além das delicadas imagens em tons desbotados que remetem à condição do tempo inexorável que deixa as suas marcas, restando para a artista a memória de seus avós representados em cenas cotidianas. Ainda há a questão da ausência quando vemos uma cadeira de balanço vazia ou as ferramentas abandonadas a sua própria sorte.

O que podemos observar também é o refinamento técnico dos trabalhos, cujo processo demanda tempo devido às particularidades de sua construção, desde o papel até a sobreposição das imagens. Exemplo disso é a série *Inverno*, na qual os galhos são construídos com a mesma dedicação em que as sobreposições revelam, através das transparências, a imagem simples, porém de grande beleza formal.



Bacharel em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2010). Mestre em poéticas visuais pela mesma instituição (2013). Realizou as exposições individuais: *Elogio da transitoriedade*, do *Projeto RS Contemporâneo*, no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS (2013); *Linhas em Transparências*, no StudioClio (2009), pela qual foi indicada ao IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre/RS, nas categorias destaque em desenho e artista revelação (2010). Participou de exposições coletivas, dentre estas: *Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2012); *Interseção*, na Escola Superior de Publicidade e Marketing (ESPM) (2011); *19º Salão de Artes Plásticas* da Câmara Municipal de Porto Alegre (2010); *Pequenos Formatos*, no Atelier Subterrânea (2008); *Essa Poa é Boa*, no DC Navegantes (2008-2007), todas em Porto Alegre/RS. Com a exposição *Cartão de Visita*, na Galeria Gestual (2011), recebeu o VI Prêmio Açorianos de Artes Plásticas da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre/RS, na categoria destaque em Exposição Coletiva (2012); e foi premiada no Salão Jovem Artista, do Grupo RBS (2008).

Contato: mariliab@ymail.com



INVERNO II

Impressão jato de tinta sobre papéis artesanais
67 x 63 cm
2012

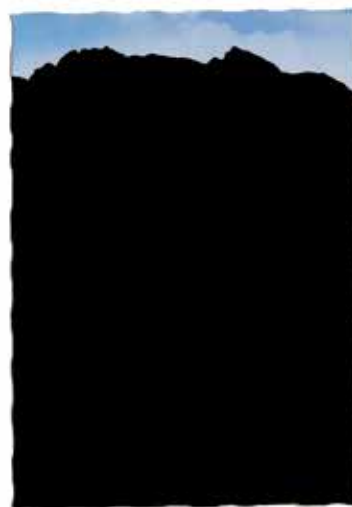
INVERNO III

Impressão jato de tinta sobre papéis artesanais
61 x 80 cm
2012

SEM TÍTULO

Impressão jato de tinta sobre papel japonês
52,7 x 40 cm
2010/2011





LETRAS CAINDO
Fotografia
38 x 50 cm
2005

LUGAR: TACUAREMBÓ
Instalação e fotografia
145 x 170 cm
2011

OBLIVION
Cartões postais e fotografias antigas, tinta acrílica e óleo
Dimensões variadas
2011

ALPENPROJEKT
Vídeo 7" e fotografia
Dimensões variadas
2011/2013

MARISTELA WINCK, 1951

Pato Branco, Paraná, Brasil

A força poética do trabalho de Maristela Winck surge por meio de dois pontos principais: a fotografia e a instalação. A importância de uma e de outra se faz presente, pois a técnica apurada e o tema escolhido nos instigam devido à beleza, à harmonia e ao modo como são apresentados. Além disso, remetem-nos a camadas temporais e nos seduzem em virtude das transparências e das sobreposições.

A série *Véu de Verônica* é composta por muitos trabalhos nos quais a artista explora questões plásticas relacionadas à história da arte e à história religiosa. O véu entra como o elemento recorrente tanto no sentido simbólico quanto pelas suas qualidades de velar e/ou esconder. As imagens criam ritmos para o olhar, e o conjunto desperta a percepção, estabelecendo o *trompl'oil*, já que podemos nos sentir ora dentro da obra, mesmo estando em sua superfície, ora criando ilusões ópticas. O olhar passeia cautelosamente sobre elas descortinando o processo e o diluindo através da observação das camadas de imagens e do próprio tempo. Para além da aparência que surpreende pela leveza, pelas sobreposições e pelas cores, percebemos a consistente pesquisa de Winck em relação à fotografia, linguagem que ela emprega há alguns anos e que nos propicia admirar trabalhos instigantes e de grande beleza visual e formal.

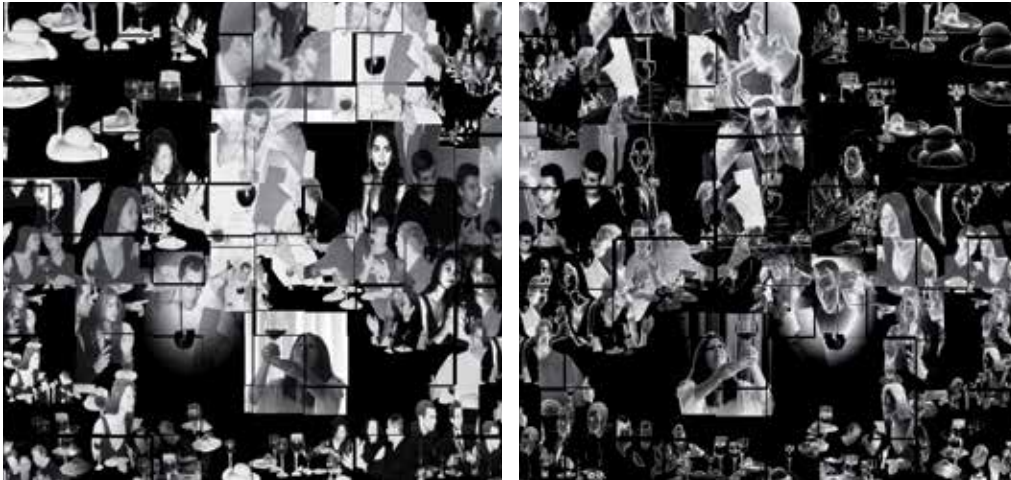
Artista visual, graduada em arte, educação e letras pela Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo/RS. Pós-graduada em poéticas visuais, em gravura, fotografia e imagem digital, pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS. Trabalha com fotografia, instalações e suas pesquisas envolvem questões plásticas de sobreposições, transparências e fragmentações em processos híbridos, empregando também a imagem e a palavra. Frequenta o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, onde faz parte do Grupo de Estudos de Fotografia e participa do Grupo de Estudos Livres de Artista do Rio Grande do Sul. Realizou várias exposições individuais, dentre elas: *Véu de Verônica*, na Pinacoteca da Feevale, Novo Hamburgo/RS (2013) e no Museu de Arte de Joinville/SC (2013); *Palimpsesto*, no Porão do Paço Municipal (2013); e *Ritual*, na Galeria Iberê Camargo (2008); *Última Ceia*, no Museu de Arte de Santa Catarina/SC (2005); e *Santa Ceia – Poética do Tempo*, na Galeria Lunara da Usina do Gasômetro (2005), todas em Porto Alegre/RS. Participou de diversas coletivas, dentre elas: *Do Atelier ao Cubo Branco*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2011); *Arte + Arte*, da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2011); *4º Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre*, no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS (2010); *Cartacanta*, IV Bienal Del Libro d'Artista, Civita Nova/Itália (2007). Recebeu vários prêmios, como: o *Porto Seguro Fotografia, Pesquisas Contemporâneas*, em São Paulo/SP (2008); Menção Honrosa no *1º Salão 10x10* da Fundação Municipal de Artes (Fundarte), em Montenegro/RS (2007); e o *1º Prêmio* no *17º Salão de Artes Plásticas* da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS (2006).
Contatos: www.maristelawinck.blogspot.com.br e maristelawinckarte@gmail.com



SANTA CEIA – UMA POÉTICA DA PUREZA 2
 Instalação fotográfica
 Fotografia, acrílico e metal
 130 x 350 x 30 cm
 2007/2008

RITUAL 4
 Fotografia
 70 x 140 cm (diptico)
 2007/2008

VÉU DE VERÔNICA Nº 2
 Instalação fotográfica
 Fotografia, acrílico e metal
 130 x 150 x 30 cm
 2011



NARA AMELIA, 1982

Três Passos, Rio Grande do Sul, Brasil

Na exposição *O Mundo é uma Fábula*, Nara Amelia apresenta um conjunto de gravuras e de desenhos que, além de subscrever o *unheimlich* – o que nos é estranhamente familiar, conforme pensamento freudiano –, apresenta um mundo fantástico com animais híbridos que evocam a bestialidade do ser humano em inquietantes relações entre homem e animal, ou ainda o animal como metáfora do humano.

As gravuras em metal e os desenhos são elaborados com qualidade técnica que levam a um resultado impecável, e instigante, envolvendo a criação de séries de imagens narrativas, em que a arte e a literatura estão intrinsecamente ligadas pelo uso da imagem e da palavra, ou seja, na ilustração de fábulas literárias. Os papéis envelhecidos e o diálogo entre as obras – vestígios do tempo – são o suporte para essas criações delicadas, sensíveis, porém fortes e enigmáticas, feitas em aquarelas, bordados e até peles (falsas) de animais.

Os trabalhos dotados de ironia e sutileza perpassam a arte e dialogam com a filosofia quando propõem uma busca interna, o encontrar-se a si mesmo.

Doutoranda em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestre em artes visuais pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (2009); e graduada em desenho e plástica, pela mesma instituição (2006). Realizou as exposições individuais: *O melhor dos mundos possíveis!*, na Sala Nordeste de Artes Visuais, Recife/PE (2013); *O Mundo é uma Fábula*, no Santander Cultural, Porto Alegre/RS (2012); *O melhor dos mundos possíveis!*, no Goethe Institut, em Porto Alegre/RS (2011); *Sob a Natureza*, no Centro Cultural São Paulo/SP (2010); e *Um céu feito de abismo*, na Galeria Arlinda Corrêa Lima, na Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte/MG (2009). Dentre os prêmios recebidos estão: *Prêmio Funarte de Arte Contemporânea* (2012); *Prêmio Aquisitivo 18º Salão Unama de Pequenos Formatos* (2012); *I Prêmio Ibema de Gravura* (2011); *Prêmio Aquisitivo do Programa de Exposições do Centro Cultural de São Paulo/SP* (2010); o *Prêmio Aquisitivo do Salão de Artes de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS* (2010). Dentre as principais mostras coletivas: *Convite à viagem*, no programa Rumos Itaú Cultural, em São Paulo/SP (2012); *Labirintos da Iconografia*, no Museu de Artes do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2011); *Hong Kong Graphic Art Fiesta*, Hong Kong/China (2011); *62º e 60º Salão de Abril*, Fortaleza/CE (2011-2009); *III Gráfica Gaúcha: Novíssimos e Independentes*, no Centro Cultural Érico Veríssimo, em Porto Alegre/RS (2009). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.
Contatos: www.naramelia.blogspot.com.br e nara.amelia.melo@gmail.com

DA SÉRIE PAISAGEM MORALIZADA – MERCÊ

Gravura em metal, água-forte, aquarela e bordado
22 x 30 cm
2011

DA SÉRIE SONHOS SÃO COMO BOLHAS DE SABÃO – SONHOS SÃO COMO BOLHAS DE SABÃO

Gravura em metal, água-forte, aquarela, lápis de cor e douração
35 x 30 cm
2012

DA SÉRIE O GRANDE SOFRIMENTO DA NATUREZA – STUMMHET

Gravura em metal, água-forte e aquarela
30 x 30 cm
2010

DA SÉRIE ANIMAL DE SACRIFÍCIO – O CAMINHO PARA O MEU CORAÇÃO

Gravura em metal, água-forte, aquarela e lápis de cor
22 x 30 cm
2011

DA SÉRIE O GRANDE SOFRIMENTO DA NATUREZA – BENOMMENHEIT

Gravura em metal, água-forte e aquarela
30 x 30 cm
2010





Träume sind Schäume



NATHALIA GARCÍA, 1986

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A instalação é a linguagem mais usada por Nathalia García, que desde 2009 constrói tramas no espaço, criando contrastes e tensões ao pendurar objetos grandes e/ou pesados utilizando linha de crochê sintética. Os trabalhos estão divididos em dois motes: objetos suspensos (colchões, vasos de plantas etc.) e construções suspensas (muro, colunas, pedras etc.). O diálogo do trabalho no espaço acontece através da linha e do plano, sendo que a linha tensionada cria o equilíbrio para suportar o objeto. No ato de suspender esses objetos, ela os tira de sua condição de banalidade e os dignifica, dando-lhes uma singularidade e uma beleza diferenciada já que, em meio às tramas de linhas, o objeto, agora artístico, propõe novas leituras.

A linha está presente também nos desenhos da artista, que os realiza às vezes como (pré) visão do objeto a ser instalado, ou como registro da instalação.

Os dois trabalhos, as instalações e os desenhos, juntos ou separados, apresentam-se como linguagens importantes na arte contemporânea e servem de subsídio para Nathalia continuar suas experimentações no que tange à técnica, ao conceito e ao impacto visual e sensorial que as obras causam.

Mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou as exposições individuais: *Ascensão do Objeto*, no Santander Cultural (2013); *Construção do Avesso*, na Galeria Iberê Camargo (2012); e *Muro*, na Galeria do Ocidente (2012), todas em Porto Alegre/RS. Participou de várias exposições coletivas, dentre elas: *Cartão de Visita*, na Galeria Gestual (2011); *Diáfano*, na Galeria Iberê Camargo (2009); *Desenho no Plural*, na Galeria do Dmae (2008); *Pequenos Formatos*, na Subterrânea (2008), todas em Porto Alegre/RS; e *Sesi Arte Contemporânea*, no Centro Cultural Fiep, Curitiba/PR (2012). Participou da residência artística *T.D.U.E.P.U.R.C.*, em Riozinho/RS, através do programa *Artistas em Disponibilidade* da 7ª Bienal do Mercosul. Foi contemplada com o *Prêmio Incentivo à Criatividade*, no 19º Salão de Artes Plásticas Câmara Municipal de Porto Alegre/RS (2010), e o *Prêmio Salão Jovem Artista*, pelo grupo RBS, Porto Alegre/RS (2008). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Contatos: www.nathaliagarcia.com.br e nathaliaggarcia@gmail.com





MURO
Instalação
Tijolos e linha de crochê
Dimensões variadas
2012

SEM TÍTULO
Desenho
Betume, grafite e tinta acrílica sobre papel
91 x 152 cm
2013

SEM TÍTULO
Instalação
12 colchões e linha de crochê
Dimensões variadas
2013



NECA SPARTA, 1948

Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, Brasil

As investigações plásticas de Neca Sparta abordam questões referentes a temas recorrentes em sua poética, entre eles, morte, perda, finitude, ausência e abandono. Nos últimos anos, a artista elaborou diversos trabalhos, sempre a partir dessas temáticas, usando artifícios plásticos para criar trabalhos sombrios, muitas vezes inquietantes, estimulando sensações e alterando percepções que atingem o público naquilo que há de mais intangível e inevitável: a morte.

Em 2011, *Subversões do Tempo*, foto-instalação com 90 retratos suspensos por fios de aço de tamanhos variados, foi concebida a partir de apropriações de retratos antigos adquiridos em feiras de antiguidades e biques. As fotografias são manipuladas por meio de costuras. Diversas outras séries foram elaboradas: *Sudários*, *Pinturas Negras*, *Arquivos Mortos* e outras, nas quais foram utilizados materiais como cinza, cimento, tecidos leves, papel machê, tinta e impressões. A provocação da artista é realizada por meio de trabalhos bem elaborados e sensibiliza o espectador trazendo reflexões acerca da finitude da vida e dos nossos sentimentos.

Artista visual é pós-graduada em poéticas visuais: gravura, fotografia e imagem digital, pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, e bacharel em letras pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (Fidene), em Santo Ângelo/RS. Frequentou o curso de belas artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estudou com Plínio Bernhardt, Karen Lambrecht, Charles Watson e Jailton Moreira, e frequenta grupos de estudos na Arena e no Atelier Livre da Prefeitura Municipal. Realizou as exposições individuais *Subversões do Tempo*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2011), e *Presente Ausente*, na Galeria Iberê Camargo da Secretaria Municipal da Cultura, em Porto Alegre/RS (2009). Participou de exposições coletivas no Brasil e no exterior, dentre eles: *ForaPalavraDentro*, no Espaço Cultural Feevale, Novo Hamburgo/RS (2013); *Únicos e Múltiplos*, no Paço Municipal, em Porto Alegre/RS (2013); *Artesul Contemporâneo* (2013) e *A Imagem da Palavra* (2012), ambas no Centro de Exposiciones Subte, em Montevideu/UY. Foi indicada ao I Prêmio Açorianos na categoria coletiva, com o *Projeto Percurso – Gravura Contemporânea*, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2007). Possui obras nos acervos do Instituto de Artes (UFRGS), do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e do Instituto Estadual de Artes Visuais do Rio Grande do Sul (IEAVi). Vive e trabalha, em seu ateliê, em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.necasparta.com.br e necasparta@gmail.com





SUBVERSÕES DO TEMPO

Fotoinstalação
90 retratos suspensos por cabos de aço
Dimensões variadas
2011

DA SÉRIE SUBVERSÕES DO TEMPO

Retrato com interferência em costura
100 x 100 cm
2011

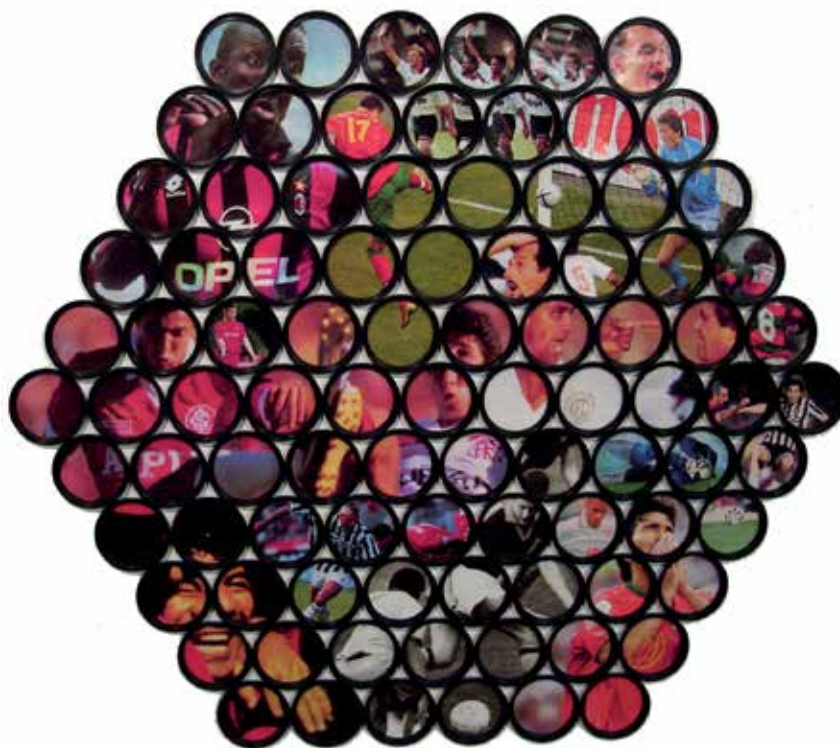
DA SÉRIE SUBVERSÕES DO TEMPO

Retrato com interferência em costura
100 x 100 cm
2011



NELSON ROSA, 1972

Curitiba, Paraná, Brasil



Quando Duchamp, no início do século 20, expôs um objeto industrial como obra mental, deslocou a problemática da criação colocando o olhar do artista no objeto pronto, em detrimento de qualquer prática ou habilidade manual. A partir dos anos de 1990, cada vez mais artistas se apropriam de imagens, objetos e ideias para compor a sua obra, em resposta à replicação de ofertas na mídia, além da quantidade de produtos populares e descartáveis. A superprodução, no século 21, já é entendida como um sistema cultural, na interpretação de Nicolas Bourriaud.

Nelson Rosa, no início de sua carreira, optou pela pintura e o desenho, ou uma mistura dos dois, em trabalhos de grande beleza plástica. Atualmente, trabalha com a fotografia e a apropriação de imagens da mídia gráfica criando painéis e explorando conceitos da contemporaneidade, como a repetição. Rosa extrai as imagens de jornais e revistas para compor os seus trabalhos. A saturação de imagens acaba criando texturas que trazem uma nova legibilidade a esse contexto. Os livros de artista e as instalações fotográficas são parte dessa produção gerada a partir do colecionismo e da descontextualização de imagens. O objetivo do trabalho é romper com a incapacidade de ver na atualidade, através de métodos como a desconstrução, justaposição e sequencialidade. Ao organizar as imagens de forma racional e caótica, chama a atenção do fruidor para que perceba espaços e detalhes não visíveis na imagem original.

Bacharel em desenho pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Dentre as principais exposições individuais estão: *Winchester HDD*, no Espaço Cultural ESPM, em Porto Alegre/RS (2013), no Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais/BH (2000), e no Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues, em Porto Alegre/RS (1999); *Projeto Novos Talentos*, na Galeria João Fahrion, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (1998). Participou de exposições coletivas e salões, dentre eles: *Distensões do Real*, Espaço Cultural da universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS (2012); *Grupo de Risco II*, na Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro (2010); *Paisagens Recentes*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2006); *Olheira*, na Fundação Ecarta (2006); *Lançamento do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS)*, no Cais do Porto (2004); *Divergências*, na Galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro (2001); *II Salão de Arte Cidade de Porto Alegre*, na Usina do Gasômetro (2000), todas em Porto Alegre/RS; *Pólo Sul*, na Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo/SP (1999); *30º Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba/SP* (1998); *55º Salão Paranaense*, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba/PR (1998); *XXV Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte*, no Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte/MG (1997); *VI Salão Nacional de Arte de Itajaí/SC* (1997). Vive em Porto Alegre/RS e trabalha como produtor técnico e cenográfico, em montagens e museografias de exposições.

Contatos: www.neusson.wordpress.com e neusson@hotmail.com



CONCENTRAÇÃO
Tampas plásticas e fotografias
250 x 250 cm (detalhe)
2006/2013

DESCOBERTAS DO BRASIL II
Acrilica sobre lona e colagem
120 x 200 cm
2006

JOURNAL STAMP II
Livro de Artista
25 x 35 cm (detalhe)
2010

TECHNICOLOR
Chapas de poliestireno e fotografias
270 x 260 cm
2013

NELTON PELLEZ, 1967

São Paulo das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil

O vídeo e a fotografia trouxeram às artes plásticas a alteração de seu nome, pois nas artes visuais foi achado o ancoradouro para estas linguagens, que tangenciam as fronteiras e delimitam o novo espaço-tempo da arte, constroem narrativas poéticas e se mostram cada vez mais críticas dos aspectos urbanos, além de construírem videoinstalações de grande valor artístico-cultural. O percurso artístico de Nelton Pellenz se dá através do vídeo e da fotografia, sendo que as paisagens representam o seu maior foco de interesse. No vídeo, ele utiliza o plano-sequência e o tempo dilatado para prender a atenção do observador. Com a câmera fixa busca um efeito nas imagens que não defina se o conteúdo é real ou manipulado. No processo de produção dos vídeos não existe nada programado, as imagens são captadas e selecionadas posteriormente no estúdio. Por fim, escolhe um áudio que complemente a narrativa. Já nas fotografias, o artista busca a mesma indefinição e, para isso, a velocidade do obturador é reduzida. No caso desta linguagem, as condições para a sua realização são programadas previamente e há uma predileção pelo tema a ser abordado e o local. Devido a sua dedicação de muitos anos nessas duas linguagens, tanto o vídeo quanto a fotografia estão adquirindo um grau de beleza e sofisticação cada vez maiores.

Bacharel em administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Pós-graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou as exposições individuais: *Conjunto Habitacional*, na Fotogaleria Virgílio Calegari e *Fiat Lux*, na Galeria Lunara, ambas em Porto Alegre/RS (2013). Entre as principais exposições coletivas estão: *Cinema do Acaso*, em Florianópolis/SC (2013); *UpTo3'*, em Toronto/Canadá (2012); *Caos e Efeito*, na Galeria Itaú Cultural, em São Paulo/SP (2011); *Salas de Chuva*, na Galeria Fayga Ostrower, na Funarte, Brasília DF (2010); 58º Salão de Abril, em Fortaleza/CE (2007). Recebeu prêmios, dentre eles: no 6º *Vivo arte.mov* – Festival Internacional de Arte em Mídias Móveis, Belo Horizonte/MG (2012), e no *XV Gramado Cine Vídeo* (2007). Participou do *MAC encontra os artistas*, organizado pelo Grupo de Estudo em Crítica e Curadoria do Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP (2012). É co-organizador do *Coletivo Cine Água* desde 2006, juntamente com o artista Dirnei Prates. Possui obra no acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.cineagua.blogspot.com e neltonpellenz@yahoo.com.br





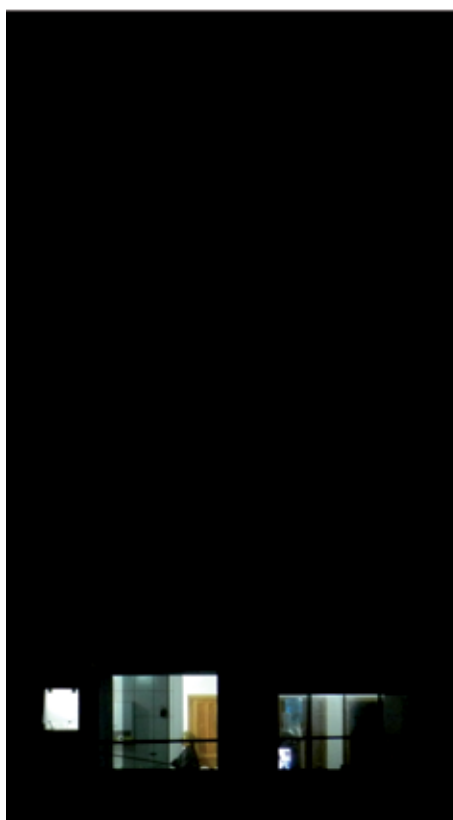
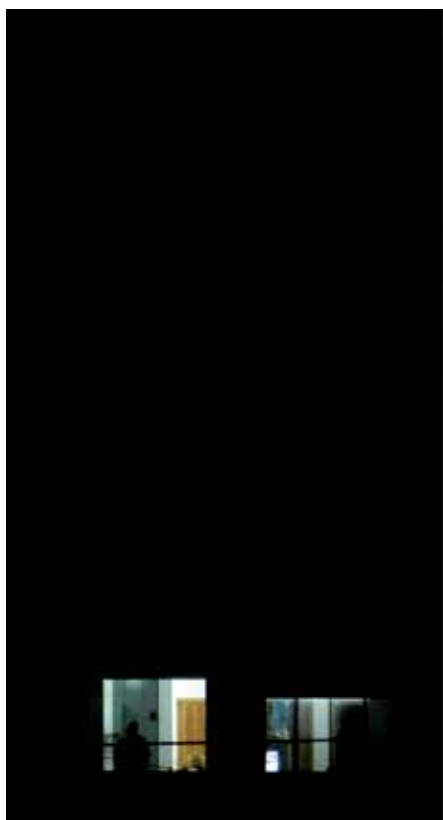
ENTRELINHAS
Video
Monitor de 40" – 02'42"
2008

A PAUSA
Fotografia
50 x 75 cm
2013

À ESPREITA
Fotografia
30 x 45 cm
2013

O REFÚGIO
Fotografia
100 x 100 cm
2013

HABITAT #21
Fotografia
60 x 30 cm
(cada imagem – tríptico)
2012



OTTO SULZBACH, 1969

Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil

Otto Sulzbach tem na escultura a linguagem para realizar objetos e instalações de forte impacto visual pelo uso da borracha industrial – a cor preta por si só é emblemática e com carga suficiente para produzir efeitos óticos e sensoriais. Quando ele reveste bonecos, parcialmente ou inteiros, refere-se a sua própria memória ao atribuir uma forte carga autobiográfica. Esses objetos são depositários da afetividade que remete ao tempo passado e, ao reinterpretá-los, exorciza fantasias e fantasmas de sua infância. A narrativa de suas construções simbólicas vai criando pontes entre os vazios e as falhas porque as suas histórias são inscritas naqueles objetos e seres, enquanto as suas reminiscências trabalham com resíduos, fragmentos e acontecimentos de outros tempos. A memória como referência, abordada como conceito na arte, está ali para discutir a efemeridade das vivências e das relações afetivas. Os objetos são laborados a partir de colagens e suturas, e suas redes formam desenhos de ricas padronagens, ora florais, ora pontiagudas, conferindo movimento e vida aos resíduos inertes e sem valor. As camadas de borracha somam-se às camadas de tempo no que tange à construção de cada um, como aquele em que Sulzbach reiventa a si mesmo através das tessituras de suas memórias.

É escultor, estudou arquitetura em Porto Alegre, onde deu início à desenvolver pesquisa na área do design (1995). Posteriormente, passou a dedicar-se à escultura contemporânea, utilizando materiais como alumínio injetado, aço inox, couro, vidro, madeira, tinta automotiva e, mais recentemente, a borracha. Realiza peças cujas formas remetem a alguns elementos da geometria. Na sua visão contemporânea de arte, as principais características são a simplicidade das formas, a franqueza dos materiais e a velocidade com que a obra chega ao espectador. Realizou individuais no Atelier DZ9 e na Galeria Laura Marsiaj, no Rio de Janeiro/RJ (2006). Participou de exposições na Galeria Dumaresq, Recife/PE (2008); na Universidade Federal Fluminense (2007); nas Salas Negras do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2005); na Galeria Xico Stockinger da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2004); da Mostra Mapeamento das Artes Visuais do Rio Grande do Sul (2004), todas em Porto Alegre/RS. Foi selecionado para o 17º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre (2007) e o Salão Paranaense, Curitiba/PR (2005).
Contato: ottosulzbach@gmail.com





SEM TÍTULO
Resíduo de borracha industrial e plástico
30 x 30 x 20 cm
2011

SEM TÍTULO
Borracha industrial
80 x 70 x 12 cm
2004

SEM TÍTULO
Resíduo de borracha industrial e fio de poliéster encerado
30 x 10 x 10 cm
2006

SEM TÍTULO
Resíduo de borracha industrial e fio de poliéster encerado
25 x 85 x 18 cm
2007



PATRÍCIA FRANCISCO, 1974

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

O tema principal usado por Patrícia Francisco em seu trabalho é a memória, em linguagens variadas como vídeo, filme, fotografia e livro de artista. Para cada uma delas, são buscadas questões estratégicas. Os filmes *Eu Trilho* e *Retrato da Vó Ana*, ambos de 2008, são pioneiros na questão da memória e identidade e vão se concretizar de modo mais substancial em produções posteriores.

O trabalho transita com muita autonomia no campo da produção artística contemporânea e, através da mistura de linguagens e mesmo oscilando as produções de uma a outra modalidade, busca sempre inovações e experimentações. Patrícia se afirma nesse cenário pela qualidade de seus trabalhos e pela postura artística e crítica com que apresenta uma produção coerente e que atinge cada vez mais rapidamente patamares de sofisticação em seu fazer.

É cineasta, artista plástica e pesquisadora. Mestre em artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em artes visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Seus projetos utilizam repertórios colhidos em sua trajetória nas artes plásticas, expandindo seu campo de ação ao cinema, transitando naturalmente em um campo muito aberto da produção contemporânea. A memória é um tema recorrente em todos os seus trabalhos. Foi artista residente por nove meses do programa de *Residência Obras em Construção*, da Casa das Caldeiras, em São Paulo/RS, no qual desenvolveu o projeto *Espaços Invisíveis*, que contém um documentário, desenhos, fotografias e livro. Vem, há alguns anos, produzindo livros de artista, peças que já foram expostas, na Galeria Vermelho e em diversas feiras de livro e arte impressa pelo País. Já realizou muitos projetos em cinema, dentre eles destacam-se seus filmes curta-metragem: *A Inventariante* (2010), o qual foi premiado em Buenos Aires no Festival Internacional de Videoarte (Fiva); *Retratos da Vó Ana* (2008) e *Eu, Trilho* (2008), todos selecionados e competiram em vários festivais e mostras nacionais e internacionais. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Contato: francisco.patricia@gmail.com





A INVENTARIANTE
Video HD, 7', animação stop-motion com
fotografia digital
2010

*MAPA DAS CASAS ABANDONADAS DA
CIDADE DE SÃO PAULO*
Desenho, plotagem a traço P&B
100 x 100 cm
2011

*I'VE FOUND A HOME,
EU ENCONTREI UMA CASA*
Frame de vídeo, 3', stereo
2002

*I'VE FOUND A HOME,
EU ENCONTREI UMA CASA*
Frame de vídeo, 3', stereo
2002

*I'VE FOUND A HOME,
EU ENCONTREI UMA CASA*
Frame de vídeo, 3', stereo
2002

ENTRECORTES I, II, III E IV
Livro, texto em forma de diário, pinturas do
século XVI – XVIII, intervenção fotográfica, na
pintura "Senhora com Leque", publicação com
tiragem de 10 exemplares, costura do lado
menor, 70 páginas medindo 15 x 21cm
2013



RAFAEL PAGATINI, 1985

Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

O que interessa a Rafael Pagatini é criar relações de presença e ausência na sua obra. Para que isso aconteça, os cruzamentos entre linguagens mostraram-se profícuos e os resultados apresentam várias linhas de ação na gravura, no desenho, na pintura e na fotografia. A relação com a paisagem é o fio condutor para a realização dos trabalhos. Das várias séries realizadas por Pagatini, vamos escolher algumas para discorrer sobre a importância de sua poética e o resultado na obra. Na série *Passagem*, os trabalhos são produzidos a partir de registros fotográficos de paisagens sobre tela de linho pintada de preto com perfurações geradas por uma técnica de edição de imagens. Quando esticada em bastidores, a imagem se sobressai através da luz que o ambiente proporciona, causando assim o jogo entre presença e ausência.

A série *Reflexão* é composta por instalações com espelhos que refletem, além da imagem do observador, aquela que está inserida nele a partir de gravações a laser industrial. Os nomes das obras são de cidades-referência nas quais o artista capturou as imagens. Já na série *Brumas*, as fotografias questionam a transformação da cidade de Caxias do Sul em seu processo de demolição devido à especulação imobiliária. As imagens que deram origem às xilogravuras foram realizadas com neblina, o que causa o efeito fugidio da cena. *Suspensão* é uma série de fotografias realizadas pelo artista durante o trajeto da serra gaúcha ao litoral sul do Rio Grande do Sul, em uma viagem para estudos da paisagem. São belas imagens que abarcam o conceito da desapareição, no jogo proposto de ausência e presença. O efeito do tempo e da memória em sintonia com a cor que se mistura na linha do horizonte deixa o contraste entre a névoa e o colorido de um elemento que se sobressai.

Artista plástico, bacharel em artes visuais e mestre em poéticas visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua produção contempla principalmente pesquisas utilizando as linguagens da gravura, fotografia e desenho, articulando relações com as ideias de deslocamento, fixação, apagamentos e memória. Atualmente é professor assistente das disciplinas de gravura e desenho na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Recebeu prêmios nacionais, como a *Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais* – Funarte/RJ; *Bolsa Iberê Camargo* – Ateliê de Gravura, na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre/RS; *Prêmio Energisa Artes Visuais*, João Pessoa/PB; *V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, em Porto Alegre/RS, e *Prêmio Ibema Gravura*, Curitiba/PR. Participou de exposições individuais e coletivas em diversas regiões do Brasil e no exterior, entre as quais se destacam: *Convite à Viagem: Rumos Artes Visuais*, Paço das Artes, no Rio de Janeiro/RJ (2013); *Ana Muglia e Rafael Pagatini*, curadoria de Agnaldo Farias, no Escritório de Arte Gaby Índio da Costa, no Rio de Janeiro/RJ (2012); *Prêmio EDP nas Artes*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo/SP; *Galeria Virgílio 10 Anos*, Galeria Virgílio, em São Paulo/SP; *Hong Kong Graphic Art Fiesta 2011*, em Hong Kong. Possui obras em coleções públicas e particulares como Itaú Cultural, Coleção João Carlos de Figueiredo Ferraz, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS).
Contato: www.rafaelpagatini.com.br





REFLEXÃO – TORRES
Gravação a laser e raspagem sobre espelho
90 x 180 cm
2012

PASSAGEM 4
Tinta acrílica sobre tela perfurada
100 x 70 cm
2012

PASSAGEM 4
Tinta acrílica sobre tela perfurada
100 x 70 cm
2012

HORIZONTE
Fotografia em backlight
150 x 100 cm
2012



RICARDO GARLET, 1986

Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Garlet insere-se no mundo da pintura contemporânea em um processo de criação a partir da mistura com mídias mais expressivas do momento atual. O seu trabalho são naturezas mortas geradas pelo uso de objetos como bibelôs ligados à estética kitsch, que os designa como objetos vulgares, baratos e considerados até mesmo de mau gosto. Agrupados em composições, eles são fotografados por uma câmera digital com lentes de lupa ou globos de vidro com água. A intenção do uso desses aparatos, que subvertem o funcionamento do equipamento, são as de produzir distorções e efeitos inesperados nas imagens. Depois de uma seleção, são escolhidas as imagens que vão ser projetadas na tela e pintadas com tinta a óleo. O processo de construção da pintura parte do princípio de não usar o pigmento branco, como na técnica da aquarela, e simplesmente colocar tinta, nas cores amarelo até chegar aos tons mais escuros como o verde e o violeta, diretamente sobre a tela. "Sem utilizar também o preto, as áreas escuras mantêm o vigor das cores, conforme a lógica de adensamento/justaposição de cores que ocorre com o filme fotográfico ou em conformidade aos processos de impressão contemporâneos", diz Garlet. Os trabalhos, alguns em grande formato (150 x 400 cm), encantam pela sua lógica interna, pelo colorido intenso que ocorre por meio de muitas camadas de tinta diluída e pela proposta de criar naturezas mortas contemporâneas.



Desenvolve sua pesquisa poética de modo independente e atua como curador e produtor cultural. É mestre em arte contemporânea pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e bacharel em artes visuais, com habilitação em pintura, e licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Participa de exposições coletivas desde o ano de 2006, tendo realizado sua primeira exposição individual *De objetos a Personagens*, na Galeria Xico Stockinger do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2013). Na sua trajetória podem ser destacadas as participações no *I Prêmio João Simões Lopes Neto de Artes Visuais*, Pelotas/RS, no qual recebeu menção honrosa, e no evento internacional *arte#ocupaSM* (2013 e 2012). Possui trabalhos em diversas coleções particulares e no acervo do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Vive e trabalha em Santa Maria/RS.
Contato: ricardopgart@gmail.com

DA SÉRIE OBJETOS MEDIADOS – MELANCÓLICA III
Óleo sobre tela
74 x 100 cm
2013

CENA I
Óleo sobre tela
115 x 150 cm
2006

DA SÉRIE CENA – SEM TÍTULO X
Óleo sobre tela
150 x 230 cm (díptico)
2007

DA SÉRIE CENA – SEM TÍTULO
Óleo sobre tela
30 x 40 cm
2007

DA SÉRIE CENA – SEM TÍTULO
Óleo sobre tela
115 x 150 cm
2008



ROCHELE ZANDAVALLI, 1980

Garibaldi, Rio Grande do Sul, Brasil

Rochele Zandavalli trabalha com a fotografia, seja ela fruto de seu processo criativo seja uma fotografia apropriada, na qual ela interfere manualmente sobre a imagem a partir de costuras. Sua intenção é tornar a fotografia pictórica, explorando os seus limites e misturando-a com outras linguagens como o desenho, a pintura, a serigrafia, a projeção. Quando cria a fotografia, a artista normalmente o faz pelo processo analógico, cada vez mais raro nos dias de hoje. Zandavalli realiza também séries de fotografias encenadas, geralmente utilizando modelos. A projeção luminosa das imagens por meio de slides e sobreposições sobre o corpo também faz parte de sua poética. Na mostra *Rever*, a apropriação de imagens em preto e branco dialoga com memórias alheias, uma vez que estas imagens são compradas em antiquários ou briques ou ainda doadas por pessoas cujo passado desconhece e, no ato de intervir com costuras, realça aspectos significativos entre irmãos, casais etc. As fotografias mostram a passagem do tempo por suas manchas, pequenos amassados e até mesmo rasgos. A intenção da artista é ressignificá-las, alterando a relação estética entre obra e público.

Mestre em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bacharel em artes visuais pela mesma universidade. É professora de extensão do Núcleo de Fotografia da UFRGS e pesquisadora na área de fotoquímica, no mesmo núcleo. Também atua como professora nos cursos de fotografia e audiovisual, na Universidade do Rio dos Sinos (Unisinos). Além de fotografia, seus trabalhos incluem desenhos, pinturas, gravuras e produções na área da animação e do cinema. Participa do *Coletivo Avalanche*. Realizou as individuais: *Rever*, no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS (2012), e *Oculto*, na Galeria Lunara da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS (2009). Participou das coletivas: *Idades Contemporâneas*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2012); *Labirintos da Iconografia*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2011); *Panorâmica*, na Usina do Gasômetro (2009), todas em Porto Alegre/RS; *Xirugravuras*, na Choque Cultural, em São Paulo/SP, e Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS (2009); e *Sobreimagem*, na Fundação Ecarta, em Porto Alegre/RS (2007). Possui obras na Coleção Joaquim Paiva de Fotografia em comodato com o MAMRJ, nos acervos da Fundação Vera Chaves Barcellos, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) e Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.labareda.art.br, zcheli@yahoo.com.br e rochelezandavalli@gmail.com





REVER – RETRATOS RESSIGNIFICADOS
Fotografia apropriada e bordada
15 x 10 cm
2009/2012

REVER – RETRATOS RESSIGNIFICADOS
Fotografia apropriada, colorizada e bordada
14 x 9 cm
2009/2012

REVER – RETRATOS RESSIGNIFICADOS
Fotografia apropriada e bordada
15 x 11 cm
2009/2012

REVER – RETRATOS RESSIGNIFICADOS
Fotografia apropriada, colorizada e bordada
10 x 15 cm
2009/2012

REVER – RETRATOS RESSIGNIFICADOS
Fotografia apropriada e bordada
14 x 9 cm
2009/2012

RODRIGO PECCI, 1976

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Rodrigo Pecci é da área da gravura e os seus trabalhos mantiveram-se, por muito tempo, fiéis a essa técnica tanto na gravura em metal como monotípias. Por 10 anos, atuou como técnico e professor de gravura em metal no Museu do Trabalho, em Porto Alegre, onde aprendeu e desenvolveu a técnica com os artistas Wilson Cavalcanti e Maria Tomaselli. Atualmente, é professor de gravura no Instituto Tomie Ohtake e no Centro Cultural Carlos Oswald, em São Paulo.

As gravuras representam espaço de ação para o artista, que não se atém a fórmulas específicas. O gesto é solto, as imagens são instigantes pelo uso de manchas e linhas imbricadas em um conjunto harmônico e ao mesmo tempo forte e enigmático. Em algumas incursões por outras áreas, Pecci realizou um livro de desenhos em que as imagens, assim como as gravuras, são de cunho expressionista.

Na sua mais recente exposição, *Desajustados... Nômades... Andarilhos...*, realizada em maio de 2013, em São Paulo, exibiu pinturas em tinta acrílica. Apesar de figurativas, ainda preservam os gestos e o expressionismo nas imagens.



Por dez anos atuou como técnico e professor de gravura em metal no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS, onde aprendeu e desenvolveu a técnica com os artistas Wilson Cavalcanti e Maria Tomaselli. Participou de diversas exposições coletivas, dentre elas: *Lista*, na Galeria Logo, em São Paulo/SP (2012); *As Margens do Centro*, no Estúdio Lâmina, em São Paulo/SP (2012); *Diálogos*, em Quilicura/Chile (2007), e na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2004); *Olhar Intimista*, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2004), no Centro Cultural Dr. Pedro Marini, em Uruguaiana/RS (2004), e no Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, em Passo Fundo/RS (2003). Foi finalista da Regional Metropolitana do 20º, 19º e 18º Salão Jovem Artista, em Porto Alegre/RS (2008, 2006 e 2004). Recebeu o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, destaque em gravura (2008). Ilustrou dois livros do escritor Altair Martins: *Enquanto Água* (2011) e *A Parede no Escuro* (2009). Atualmente atua como professor de gravura no Instituto Tomie Ohtake e no Centro Cultural Carlos Oswald. Reside e trabalha em São Paulo/SP.
Contato: rodrigopecci@hotmail.com



SEM TÍTULO
Monotipia
50 x 40 cm
2013

SEM TÍTULO
Monotipia
50 x 40 cm
2013

SEM TÍTULO
Monotipia
50 x 40 cm
2013

SEM TÍTULO
Acrílico sobre foam board
180 x 100 cm
2013

SEM TÍTULO
Acrílico sobre foam board
180 x 100 cm
2013

SEM TÍTULO
Monotipia
50 x 40 cm
2013

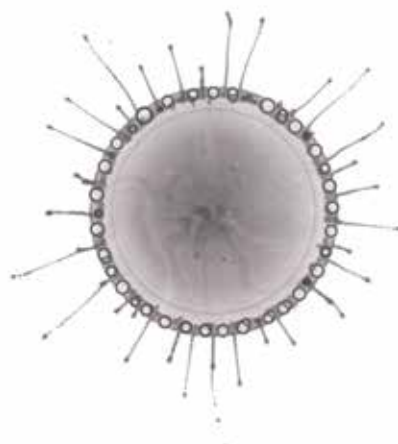
ROGERIO LIVI, 1945

Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Rogerio Livi nos dá as linhas no espaço em forma de esculturas em madeira. O trabalho é feito com maestria, demonstrando uma intimidade em relação ao material, e paciência, pela maneira como vai lapidando a madeira, aos poucos. As formas revestem-se de uma leveza ímpar e, penduradas no espaço, parecem frágeis, e o mais sutil dos ventos pode colocá-las em movimento. Percebemos a total cumplicidade entre o escultor e a sua obra, visto que as formas tecem ritmos espaciais, multiplicando-se através das mãos de seu criador que infligem equilíbrio e harmonia à matéria. As formas apropriam-se do espaço, estendendo-se e criando rastros como corpos que delineiam suas trajetórias através do tempo. As sombras projetadas na parede por meio da luz mostram um novo desenho, perfeito como o original, porém revestido de mistério. Já a materialidade é construída com rigor técnico e cada curva ou encaixe é pensado com exatidão.

Livi, criterioso em seu fazer, exige de si o trabalho perfeito. Cada coisa deve estar em seu devido lugar. Quando ele desenha a série "bolhas", parece que a natureza compactua com ele, pois elas também se mantêm dentro de um padrão razoável de perfeição. Ele pode ter um determinado controle, mas não absoluto, uma vez que são bolhas de sabão com tinta e, ao serem assopradas, revestem-se de personalidade própria e se estabelecem no papel. Os desenhos da série *Microvariações Sobre um Tema* são surpreendentes. Além do desenho e da escultura, o artista se dedica à fotografia em séries instigantes, geralmente sobre o tema natureza.

Frequenta o Atelier Livre de Porto Alegre desde 1998. Dedicar-se à escultura, desenho, fotografia e história da arte. Realizou as exposições individuais: *Floresta Fantástica*, na Galeria Lunara da Usina do Gasômetro (2013); e *Pictóricas*, no Espaço Rotta Ely (2009); *Esculturas Cinéticas*, no Centro Municipal de Cultura (2006), todas em Porto Alegre/RS. Participou de coletivas, desde 2001, dentre elas: *Circulando Linhas*, 2º Prêmio IEAVI, na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2013); *A Imagem da Palavra*, no Centro de Exposiciones Subte, Montevideu/UY (2012); *Idades Contemporâneas: Poéticas em Paralelo*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2012); *Do Atelier ao Cubo Branco*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2011); *Oscilações, vibrações, pulsações...e perturbações*, no Espaço Cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (2012); e *Reunião*, na Fundação Ecarta (2009), todas em Porto Alegre/RS. Recebeu o *Prêmio Artista Revelação* – RBS Cultura (2009) e o *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas – Artista Revelação* (2008), por *Microvariações sobre um tema*, na Subterrânea, em Porto Alegre/RS, reeditada na universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS (2009); e o *Prêmio Maria Conceição Menegassi*, do Salão do Atelier Livre (2005). Tem obras nos acervos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e na Pinacoteca Municipal de Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.rogeriolivi.wordpress.com e rplivi@yahoo.com.br



MICROVARIAÇÕES SOBRE UM TEMA
Nanquim sobre papel
6 x 6 cm (cada desenho)
2008

EQUILÍBRIO
Escultura em madeira e pedra
30 x 25 x 22 cm
2002

SEM TÍTULO
Desenho espacial em madeira
67 x 47 x 32 cm
2011

SEM TÍTULO
Madeira e cartão reciclado pintado
12 x 9 x 5 cm
2010



ROGÉRIO PESSÔA, 1969

Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

As paisagens inventadas de Rogério Pessôa são esculturas cerâmicas em intervenções na cidade. A cerâmica como linguagem plástica que é não está mais presa à tradição e, hoje, os trabalhos são realizados de maneiras diversificadas, seja em instalações, em intervenções na cidade ou até mesmo no corpo. A cerâmica contemporânea – do design à arte – apresenta-se nas mais variadas vestes; é uma linguagem que incorpora cada vez mais novas atitudes do artista. Em 2001, participou da Bienal do Mercosul inserindo 300 esculturas no Guaíba. As esculturas eram compostas por formas que lembram sementes, e suas hastes produzidas em ferro. Em outra intervenção, no Parque Farroupilha, as esculturas em ferro e cerâmica ocuparam toda a área do espelho d'água. Foram muitas paisagens inventadas na cidade, parques, água, praia e outros locais. Na exposição Equinócio, em 2011, o artista levou para as paredes da galeria trabalhos de grande impacto visual em séries em que a cerâmica, na técnica terracota com óxidos, está associada a suportes em metal que as sustentam. As obras são construídas em caráter modular, ora se espalhando a partir do centro para as bordas, ora estruturando-se em limites idealizados para criar contrapontos, relevos e tessituras para o olhar.



Bacharel em artes visuais pelo Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo sido professor substituto por quatro anos nas disciplinas de escultura. Participou vários salões, além de exposições coletivas e individuais, dedicando-se ao desenvolvimento de projetos de intervenção urbana. Aprovou projetos nas Leis de Incentivo (LIC e Rouanet) e no Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural de Porto Alegre (Fumproarte). Destacam-se o *Projeto Arte Passageiro*, painel de 700 m na Avenida Mauá, em Porto Alegre/RS (2005); o *Projeto A Passagem*, 200 esculturas no Espelho D'Água do Parque da Redenção, em Porto Alegre/RS (2003); e o *Projeto Itinerante Arte na Areia*, esculturas na beira da praia de Torres/RS e Cassino/RS (2001). Participou da Bienal do Mercosul (2001), com a fixação de 300 esculturas dentro do Lago Guaíba, em Porto Alegre/RS. Vive e trabalha em seu ateliê, em Porto Alegre/RS.
Contatos: www.artepessoa.blogspot.com e artepessoa@hotmail.com





DA COLEÇÃO CALEIDOSCÓPIO – SEM TÍTULO

Cerâmica
Conjunto de 600 peças
Dimensões variadas
2011

COLEÇÃO CALEIDOSCÓPIO – SEM TÍTULO

Ferro e cerâmica
200 x 60 cm
2011

MANGUE SUOR E LÁGRIMAS

Ferro e cerâmica
200 esculturas com 300 cm de altura (cada peça)
2001

PROJETO ARTE NA AREIA

Ferro e cerâmica
150 esculturas
Dimensões variadas
2001

A PASSAGEM

Intervenção urbana
200 esculturas
Dimensões variadas
2003



ROGÉRIO SEVERO, 1966

Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil

O desenho é flexível e pode ser feito e desfeito a qualquer momento, composto que é por linhas sintéticas ou de aço, canudinhos de refrigerante, ioiô (brinquedo infantil) e mais algumas traquin-tanas. A liberdade desse desenho no espaço permite explorações, experimentações de acordo com o lugar onde será instaurado. É indispensável, portanto, a presença do artista, sem ele o trabalho não se faz. Os materiais que serão utilizados são escolhidos para esta ação conforme seus possíveis diálogos, mas isso é tudo. A obra pronta não se anuncia nem para Rogério Severo. Ela vai nascer das justaposições e dos emaranhados, dos objetos que vão sendo colocados, dos fios que vão sendo esticados para que mais um objeto entre em cena. O improviso do ato inicial vai dando força, caracterizando a sequência, direcionando-a para que assuma a sua intensidade. Uma lâmina de aço oferece a estrutura para o corpo da obra, outra linha tenciona uma fita de aço formando um arco, e tudo se agrega e se constrói. Rogério entra silenciosamente em um espaço expositivo com uma maletinha, uma sacola e uma caixa de ferramentas e a obra se faz. Esse artista que desenha no espaço já desenhou muito sobre tela em obras de valores plásticos inegáveis.



Graduado em artes visuais pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, e pós-graduado em poéticas visuais, pintura, desenho, instalação: processos híbridos, pela mesma instituição (2007). Recebeu o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea (2012), com a exposição *Linhas e lugares à espera*, na Marquise da Funarte, Brasília/DF (2012). Recebeu o prêmio IEAVi (2012/2011) de Incentivo à Produção de Artes Visuais, com a exposição *Fundear*, na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS. Participou da 8ª Bienal do Mercosul – *Vitrine Casa M*, em Porto Alegre/RS (2011). Foi selecionado no programa Rumos Itaú Cultural (2013/2011). Recebeu o *Prêmio Açorianos*, destaque em desenho, pela exposição *Linhas de Espera*, no Porão do Paço Municipal, em Porto Alegre/RS (2011). Entre as principais exposições estão: *Convite à Viagem*, no Itaú Cultural, em São Paulo/SP (2012); *O Fio do Abismo*, no Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, Belém/PA (2012); *V Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, Sala Aldo Locatelli, Paço Municipal de Porto Alegre/RS (2011); *Linhas, Lugares e Espera*, na Pinacoteca da Feevale Campos I, Novo Hamburgo/RS (2010); *Verbetes*, na Fundação Ecarta, em Porto Alegre/RS (2008). Vive em Porto Alegre/RS. **Contato:** www.rogeriosevero.com.br e rogerio-severo@bol.com.br

MESA DE DESENHO

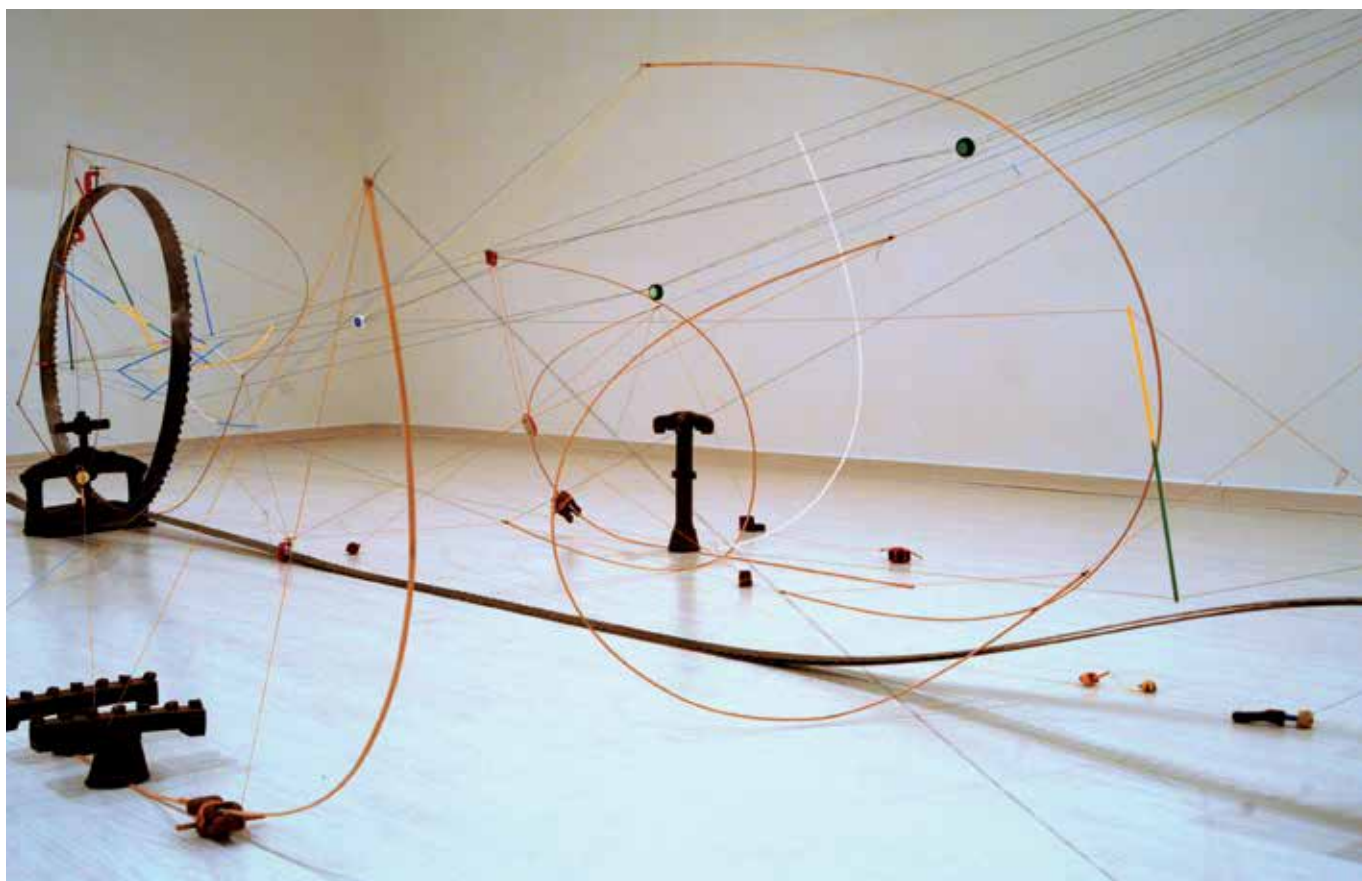
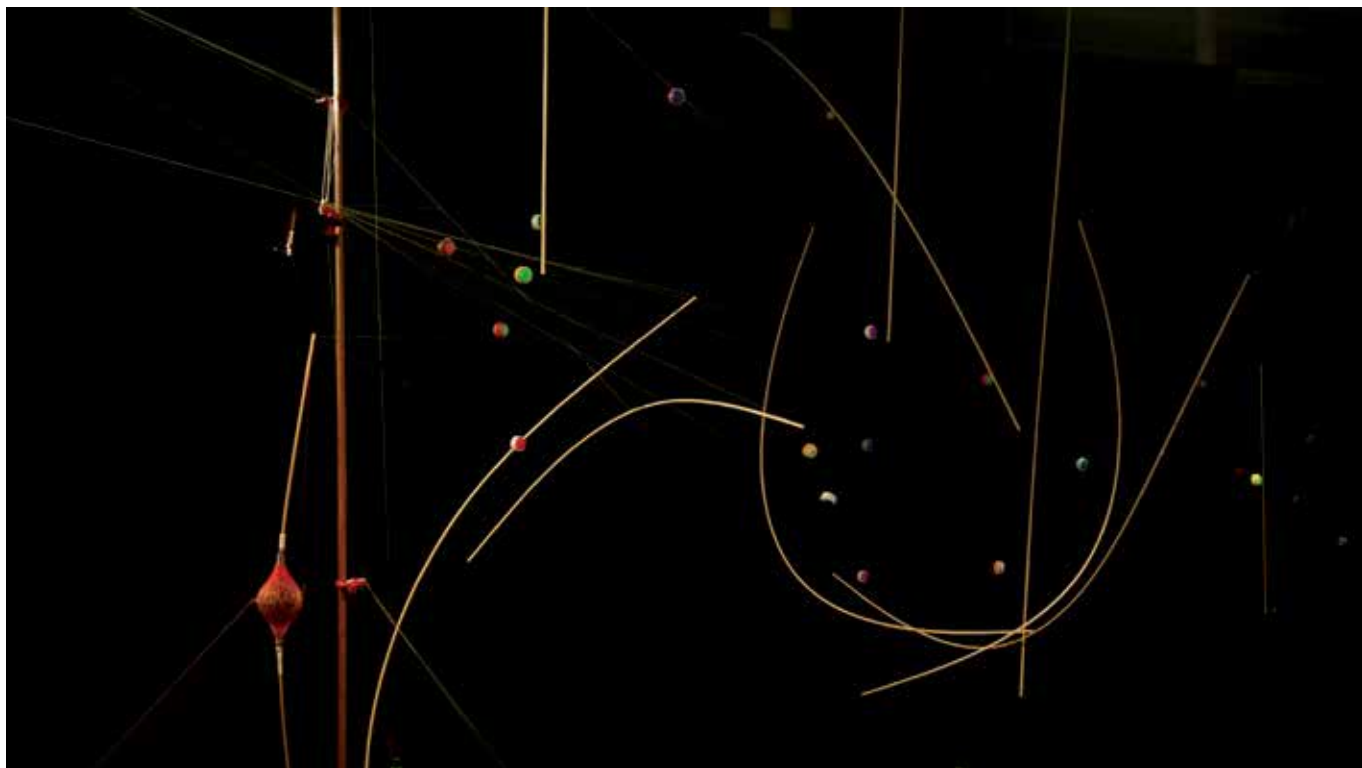
Instalação com lâmina de aço e objetos coletados
Dimensões variadas
2012

SÉRIE FUNDEAR

Instalação com lâmina de aço, pesos, varetas de madeira,
linhas, ioiôs e objetos coletados
Dimensões variadas
2012

LINHA DE ESPERA

Instalação
Dimensões variadas
2012



ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO, 1968

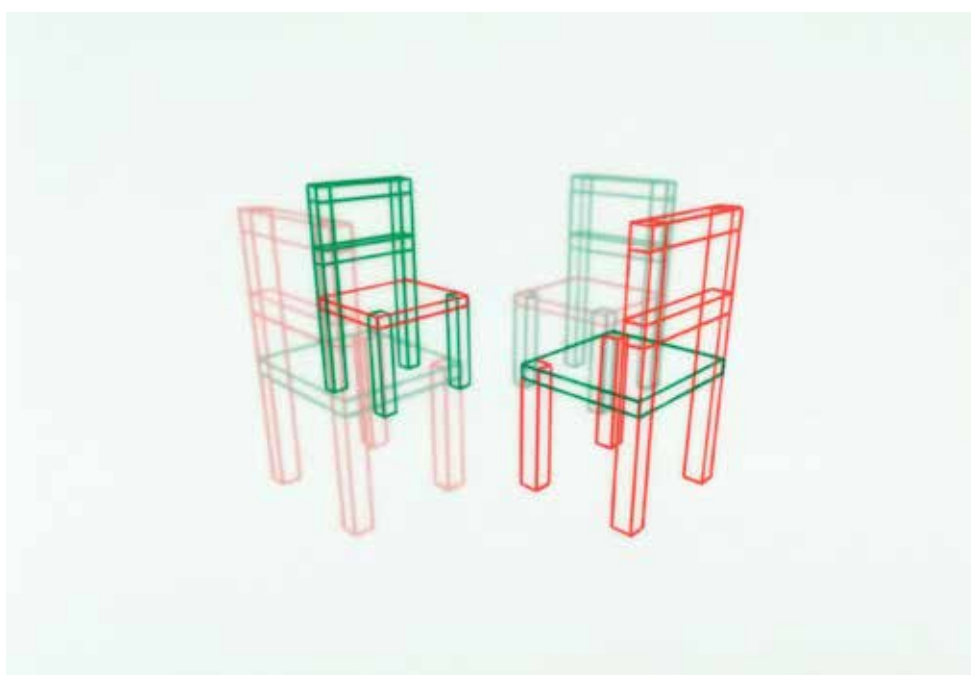
Salvador, Bahia, Brasil

Rommulo Vieira Conceição utiliza quatro linguagens em seu trabalho: desenho, escultura, fotografia e instalações. No campo da escultura, existe uma afinidade cada vez mais clara com a pintura desde os últimos trabalhos gerados a partir de 2009. A relação se estabelece tendo em vista a intensidade e o uso das cores. O trabalho atual está muito ligado à percepção do espaço no contexto contemporâneo e como o corpo está inserido nesse espaço. Ao representar duas ou mais coisas acontecendo ao mesmo tempo, ou seja, acontecendo ou convivendo em um espaço sem hierarquias ou prioridades, os trabalhos apresentam uma lógica de sobreposição. A estética do comum, do asséptico e do vazio são os conceitos que interessam ao artista que relaciona as instalações que cria a ambientes domésticos acoplados, como sala-banheiro-cozinha, em uma síntese de elementos que nos remetem às peças de um lar, mas que, apesar de funcionais, são deformados, embalhando a nossa sensibilidade.

As séries de fotografias recentes exploram uma poética singular, pois ao rebater a mesma imagem espelhada, cria armadilhas para o olhar, gerando a dúvida e desestabilizando a nossa percepção. Quanto ao desenho, perfeitos que parecem em 3D, usa cores industriais geralmente complementares e que lembram o neon. Estabelecem uma visualidade contemporânea e também desestruturam o olhar. As investigações, por meio de diversas linguagens, exploram as mesmas relações de espaço e vazio em trabalhos que subvertem o olhar do espectador pela beleza e relações com o tempo em que vivemos.

Mestre em poéticas visuais, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2007). Artista visual que trabalha com diversos meios, como a instalação, os objetos, a escultura, o desenho e a fotografia, explorando a percepção do espaço contemporâneo e as relações do homem contemporâneo no espaço. Iniciou seus estudos em artes, em Salvador/BA, com a orientação da artista Célia Prata (1983) e teve orientação artística de Jailton Moreira, no Espaço Torreão (2000–2003). Realizou individuais, como *Ekenäs*, na Finlândia (2009). Participou de várias coletivas e residências artísticas no Brasil, na Argentina, na Austrália, no Japão e na Finlândia, dentre elas: *8ª Bienal do Mercosul*, e *Agora/Agora*, no Santander Cultural, ambas em Porto Alegre/RS (2011); e programa *Rumos Itaú Cultural* (2006). Recebeu alguns prêmios, dentre os quais: *Marcantônio Vilaça, Funarte* (2012); foi indicado duas vezes ao *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas* (2012–2011); *Funarte* (2012–2009); *PIPA* (2011–2010); *Rumos Itaú Cultural* (2006). É representado pela Galeria Casa Triângulo, de São Paulo/SP, e Galeria Gestual, de Porto Alegre/RS. Reside em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.rommulo.com e rvconceicao@gmail.com





SALA BANHEIRO SERVIÇO
Escultura, madeira, MDF, fórmica e
materiais diversos escolhidos
300 x 400 x 220 cm
2007/2008

COZINHA BANHEIRO
Escultura, MDF, madeira, vidro, azulejos,
cerâmicas, metais e objetos escolhidos
400 x 300 x 220 cm
2008

**DA SÉRIE ENTRE A DÚVIDA
E A INCERTEZA, EXISTE A LINHA**
Desenho, tinta acrílica, papel vegetal e vidro
50 x 56 cm
2009

ROMY POCZTARUK, 1983

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Os registros visuais de Romy Pocztaruk estão ligados às linguagens do vídeo e da fotografia. Esses registros sonoros e visuais são captados em cidades como Porto Alegre, Berlim, entre outras. Com a artista visual Marina Camargo, desenvolve a série *Percursos* desde 2007. A experiência do deslocamento e o registro desse olhar que cabe ao sujeito contemporâneo é uma maneira de transformar em arte essas percepções e compartilhar com o outro, no caso, o observador. O olho treinado busca situações atípicas, dentro do contexto diário de uma cidade, e o que surpreende é que Romy acha uma ilha tropical criada artificialmente dentro de uma bolha em Berlim, a Tropical Islands, onde o verão, a cor e a vegetação surpreendem, mas causam estranhamento pela ausência absoluta de qualquer inseto, ou ruído ou mesmo cheiro. Contudo, as imagens da série *Tropical* guardam esse registro entre o real e o imaginário. Já o trabalho *A Última Aventura* mostra Fordlândia, uma cidade esquecida na Amazônia na qual Henry Ford, nos anos de 1920, construiu uma fábrica de borracha e também uma pequena cidade para recebê-la. As ruas eram pavimentadas, tinha escolas, campo de golfe e até hidrantes vindos de Detroit, porém, os empregados brasileiros não se acostumaram nem com o trabalho e nem com as plantações e as seringueiras acabaram por perecer. O sonho não deu certo e a cidade acabou, no entanto, deixou vestígios que convivem com a cultura do lugar até hoje. Os trabalhos são registros dessas heranças deixadas no Brasil, em imagens únicas, interessantes e históricas sobre esse passado recente.



Mestre em poéticas visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalha com fotografia, vídeo e performance, e vem realizando exposições no Brasil e no exterior. Foi contemplada com a *Bolsa Iberê Camargo* para realizar uma residência no Bronx Museum, em Nova Iorque (2011). Também realizou residências no *Sunhoo Creatives in Residency*, na China (2012), e no *Espaço Takt kunstprojektraum*, em Berlim/Alemanha (2010). Participou de várias exposições coletivas, dentre elas: *Novas Aquisições*, na Pinacoteca de São Paulo/SP (2012); *64º Salão Paranaense*, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná/PR (2012); *Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia*, na Casa das Onze Janelas, Belém do Pará/PA (2012); *8º Abre Alas*, na Gentil Carioca, no Rio de Janeiro/RJ (2012). Foi selecionada no programa *Rumos Itaú Cultural* (2013-2011). Desenvolve o projeto coletivo *Percursos*, com a artista Marina Camargo, desde 2007, que teve mostra no Paço das Artes, em São Paulo/SP (2011).
Contato: www.romypocz.com



DA SÉRIE TROPICAL – A ÚLTIMA AVENTURA DE EMÍLIO MÉDICI I

Fotografia digital impressa em metacrilato
90 x 60 cm
2011

DA SÉRIE TROPICAL – A ÚLTIMA AVENTURA DE EMÍLIO MÉDICI II

Fotografia digital impressa em metacrilato
90 x 60 cm
2011

DA SÉRIE TROPICAL – A ÚLTIMA AVENTURA DE HENRI FORD

Fotografia digital impressa em metacrilato
90 x 60 cm
2011

DA SÉRIE A ÚLTIMA AVENTURA

Fotografia digital impressa em papel algodão
70 x 50 cm
2011

DA SÉRIE TROPICAL

Fotografia digital
90 x 60 cm
2011

DA SÉRIE TROPICAL

Fotografia digital
90 x 60 cm
2011



ROSANE MORAIS, 1956

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Rosane Moraes usa um termo que pode abarcar a sua obra em certa medida: memórias em movimento. Os panos, em um primeiro momento enrolados e/ou dobrados, estão carregados de memórias. As memórias dessa artista sensível que usa a linha para desenhar e escrever em seu diário – inusitado pelo seu tamanho (já que são metros de tecidos) –, deixado ao lado da cama para servir de receptáculo para as mais íntimas confissões, anseios e desejos que, misturados a ações e fatos do cotidiano, concebem um inventário pessoal. Esse pano que absorve os sentimentos e fatos também serve como abrigo, pois muitas vezes se transforma nas roupas de suas performances. Envolver-se nele significa experimentar o momento, trazer movimentos às tramas ali depositadas – o passado e o presente sem compromisso com a ordem dos acontecimentos – e apenas desfrutar o instante fugaz. A linha é a palavra-chave de Rosane, e ela vive intensamente a sua própria poética pela linha da vida, do tempo e do desenho. O branco remete à paz, à candura; o tecido fino, por vezes transparente, acumula camadas e se pode ver e sentir através dele. O que nos é sugerido é uma aproximação com o tecido, e por meio dele, chegar à vida-tempo-espaco-movimento. A sensibilidade aflora à pele de Rosane e de quem compartilha do seu trabalho. A costura que faz cesuras no tempo e que tece seu fio pelo emaranhado da vida nos é mostrada como uma meada de linhas pronta para ser desenrolada, é só se deixar levar.

Frequenta, desde 1980, o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, onde aperfeiçoou a sua formação e vem desenvolvendo seus trabalhos. Faz parte da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, representando a associação no Conselho Municipal de Cultura. Expõe desde 1976, tendo realizado várias performances e individuais, dentre elas: *Pele Envelope do Corpo*, no Espaço Cultural Castelinho do Alto do Bronze, e *Objetos de Leitura, Projeto Arte e Memória: Intervenção em Prédios Públicos*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), ambas em Porto Alegre/RS (2012). Participou de várias coletivas, dentre elas: *Imagem da Palavra*, no Centro de Exposiciones Subte, Montevideu/UY (2012); *Geolatinidad – A arte contada através dos fios e das tramas*, no Museu de Arte de Santa Maria/RS (2012); *Tecendo na Net*, na Casa Museu do Objeto Brasileiro, Pinheiros/SP (2012); *Tessituras*, no Espaço Expositivo Jabutipê, em Porto Alegre/RS (2012); *V Convocatória – Giro na Arte*, no Instituto de Arquitetos do Brasil, em Porto Alegre/RS, e itinerâncias (2011), *Conhecimento é Poder*, 140 anos Biblioteca Pública, no Espaço Vasco Prado da Biblioteca Pública do Estado, em Porto Alegre/RS (2011); *Empilháveis IV*, na Galeria Augusto Meyer, na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2011). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.peleenvelopedocorpo.blogspot.com e rosaneemoraes@hotmail.com





CAIXINHA DE MEMÓRIA

Objeto
Caixa, bastidor, tecido e impressão sobre tecido
18 x 18 cm
2009

BRINCANDO DE BONECA

Objeto
Tecido, bastidor de madeira e papel
28 x 27 cm
2006

ÁLBUM DE MEMÓRIA EM MOVIMENTO

Impressão sobre tecido
300 x 22 cm
2008

CADERNO DE DESENHO EM MOVIMENTO – VESTIDO

Desenho sobre tecido
125 x 62 x 46 cm
2012

CADERNO DE DESENHO EM MOVIMENTO – VESTIDO

Desenho sobre tecido
125 x 62 x 46 cm (detalhe)
2012

SANDRO KA, 1981

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A apropriação de objetos do cotidiano como bibelôs, brinquedos, imagens votivas, entre outros, é o conceito operatório do processo artístico de Sandro Ka. Ele os organiza através de composições cênicas. Às vezes, uma série se configura pela criação de novos arranjos por meio de associações, justaposições e interferências com o objetivo de lhes conferir outros significados e funções. Por trás do lobo, a pele do cordeiro. É assim no dito popular e também aqui nas relações ordinárias entre os objetos que isso ocorre, pois, por trás dos objetos de aspectos tão singelos, coabitam questões formais e conceituais, que em seus conjuntos causam as nossas incertezas sobre a inocência velada que ali está. O artista contempla os objetos e os escolhe com atenção pensando no significado novo que vai lhes atribuir. Para ele, importam ainda outras questões como o afeto e a carga emocional que podem passar aos espectadores, já que cada um deles vai falar de sentido e memória afetiva nesse diálogo. Sandro aponta algumas questões que foram aparecendo e transformando o seu trabalho: no começo associava um objeto de cor branca a um colorido; depois passou a associar elementos coloridos entre si e, por último, entraram questões de outra ordem, como a discussão sobre gênero, sexualidade e religiosidade.

Atua como artista visual, designer gráfico e ativista social. Bacharel em desenho pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestrando pelo Programa de Pós-graduação da mesma instituição. Realizou as exposições individuais: *Deixe Estar*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2013); *Sobretudo*, na Universidade de Caxias do Sul/RS (2010); e *Relações Ordinárias*, na Sala da Fonte do Paço Municipal, em Porto Alegre/RS (2008). Participou das coletivas: *O Triunfo do Contemporâneo*, no Santander Cultural, em Porto Alegre/RS (2012); *Labirinto da Iconografia*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), em Porto Alegre/RS (2011); *Pixel: Unidade da Ideia*, no SESC Aracaju/SE (2009); *18º Salão da Câmara Municipal* (2008); *Salão Jovem Artista*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), ambas em Porto Alegre/RS (2006); *VIII Bienal do Recôncavo*, no Centro Cultural Dannemann, em São Félix/BA (2006); e *Pequenos Diálogos*, no Museu da UFRGS, em Porto Alegre/RS (2005). Recebeu duas indicações ao *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*: destaque em escultura e destaque em textos, catálogos e livros publicados, sendo vencedor nesta última pelo *Projeto Relações Ordinárias: Livro – Objeto de Desejo* (2009). Possui obras nos acervos públicos: Pinacoteca Aldo Locatelli, Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), e Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul/RS. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.relacoesordinarias.blogspot.com e www.sandroka.com.br



VÊNUS
Borracha e porcelana
15 x 17 x 10 cm
2012

ENSAIO PARA VÊNUS
Borracha e resina
17 x 16 x 11 cm
2010

O PESO DAS COISAS
Gesso e porcelana
15,5 x 11 x 18 cm
2012

O PESO DAS COISAS
Gesso e borracha
27 x 19 x 18 cm
2012

ABENÇOADOR
Intervenção artística
2005

O COMBATE
Gesso, plástico e MDF
60 x 55 x 22 cm
2007

LO QUE ME MIRA
Gesso e borracha
29 x 8 x 7 cm
2012

LSD
Borracha e plástico
15 x 30 x 30 cm
2009



SILVIA GIORDANI, 1970

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



A fotografia é a linguagem que Silvia Giordani utiliza para criar trabalhos instigantes em que as associações visuais e conceituais estabelecem as similitudes e os diálogos possíveis entre coisas díspares. É o caso do trabalho *Corpo e Pedra*, no qual as capas dos livros tomam para si, visualmente, o corpo das pedras. As marcas naturais dos basaltos ao longo do tempo, por meio dos óxidos, dialogam com as capas dos livros no aspecto formal e também pelo conceito de passagem do tempo. Os livros ficam empilhados da mesma forma irregular como os basaltos nas pedreiras. Em outras imagens, os livros aparecem em estantes junto com as pedras, fazendo alusões entre pele e pedra, esta reconhecida pelos títulos dos livros que tratam de dermatologia. Importante são as relações entre os significados plásticos e teóricos que compõem essa dialética. Na série *Mise en Scène*, protagonizada por uma menina de cinco anos que brinca no guarda roupa da mãe e se deixa fotografar maquiada e com várias vestes e saltos, em um cenário com alguns objetos que estimulam o jogo da representação, as imagens possuem uma carga visual em que *das unheimliche*, ou o estranhamento, é causado pelo descompasso entre a pose e o corpo. Giordani aborda conceitos originados da sua formação em Teoria Psicanalítica, que trazem real consistência as suas séries.

Artista visual e fotógrafa pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Frequentou artes visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e diversas oficinas no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre/RS. Trabalha em ateliê próprio, é professora de fotografia, coordena o *Projeto Espaços Fotográficos* e integra o *Coletivo Sinapses*, grupo que se dedica ao estudo e à prática fotográfica. Realizou a exposição individual *Mise en Scène*, no Espaço Cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS (2013). Participou de várias coletivas, dentre elas: *Programa Exposições MARP*, Ribeirão Preto/SP (2013); *Projeto InFoto*, no Espaço Maurício Rosemblat da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2012); *Self – Portraits Project*, Out North Contemporary Art House, Anchorage, no Alaska/EUA (2012); *Conhecimento é Poder*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) (2011); *Primeira Pessoa: Pessoas*, na Galeria de Arte do Dmae (2011); *Empilháveis IV*, na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) (2011); *19º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS* (2010); *Reflexos Contemporâneos: a Paisagem e o Objeto*, no Espaço Cultural da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa (2009), todas em Porto Alegre/RS. Recebeu o Prêmio Aquisição no *19º Salão de Artes Plásticas*, Praia Grande/SP (2012) e o *Prêmio Maria Conceição Menegassi*, no Salão do Atelier Livre da Prefeitura, em Porto Alegre/RS (2009).
Contatos: www.silviagiordani.com.br e giordaniarte@gmail.com



LA FEMME 4
Fotografia – Edição: 2
103 x 75 cm
2012

LA FEMME 7
Fotografia – Edição: 2
103 x 75 cm
2012

CORPO E PEDRA 2
Fotografia
40 x 60 cm
2012

CORPO E PEDRA 3
Fotografia
40 x 60 cm
2012

PELE E PEDRA 3
Fotografia e madeira
190 x 94 x 16 cm
2010



SIMONE NASSIF, 1963

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A tradição da arte cerâmica é mantida pela necessidade do fogo para se concretizar. A cerâmica, desde os primórdios da humanidade, mostra-se uma arte rica em procedimentos e hoje ela abrange, no campo artístico, um lugar de destaque pela sua maleabilidade e propriedades físico-químicas. A arte do fogo manifesta-se de maneiras cada vez mais inusitadas, incorporando conceitos e trazendo questionamentos através de sua poética sobre o tempo, a memória e a permanência. Simone Nassif expande as possibilidades do barro, cujas vestes corporificam o campo das instalações, da cerâmica escultórica, de painéis bidimensionais e de objetos, donos de uma expressividade ímpar em técnicas variadas. Os objetos criados pela artista apresentam uma qualidade técnica referenciada em suas extensas pesquisas para chegar a uma cor, à temperatura certa de queima e ao uso dos vários materiais agregados ao barro.

Em *Equinócio*, exposição realizada em 2011, criou um trabalho instigante em cerâmica gres, ou seja, a cerâmica "nua" – despi-da de revestimentos e originadas pela monoqueima a 1.200°C. A obra explora os conflitos pessoais, a memória e a passagem do tempo como possibilidade de criação artística. Os objetos apresentam-se como pequenos seres lúdicos movendo-se ao redor da cama, e do olhar mais apurado não escaparão as curvas sensuais e a provocação que estão inseridas sutilmente em cada um deles. Na arte contemporânea, o trânsito entre as linguagens dilui fronteiras e a cerâmica afirma seu papel multidisciplinar, legitimada e indissociável da sua matéria-prima, que não se limita mais ao aspecto tridimensional.

Bacharel em artes plásticas pelo Instituto de Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (1986). Desde 1995, desenvolve pesquisa cerâmica junto com Marianita Linck. Participou de várias coletivas, dentre elas: *Acervo Cerâmico Itinerante*, Núcleo de Instauração da Cerâmica Artística da UFRGS, em Porto Alegre/RS (2011); *Equinócio* (2011) e *O Pote Pós-Design*, da Associação de Ceramistas do Rio Grande do Sul (2010), ambas na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS; *3º Salão Nacional de Cerâmica*, no Museu Alfredo Andersen, Curitiba/PR (2010); *2º Prêmio Objeto Brasileiro*, na A Casa Museu do Objeto Brasileiro, em São Paulo/SP (2010); *Guardar*, no Museu Histórico de Santa Catarina, Florianópolis/SC (2010); *Quatro x Quatro*, na Galeria Arte&Fato, em Porto Alegre/RS (2009); *Colunas*, Bando do Barro no Essa Poa é Boa, no DC Navegantes, em Porto Alegre/RS (2007); *1º Salão Nacional de Cerâmica*, Museu Alfredo Andersen, Curitiba/PR (2006).
Contato: simoneceramica@hotmail.com

DA SÉRIE MIGRANTES

Cerâmica grês
10 x 10 x 10 cm (cada peça)
2011

MIGRANTES

Instalação e cerâmica grês
Dimensões variadas
2011

AZUL

Cerâmica nerikomi
25 x 10 cm
2005

COBALTO E MAÇÃS

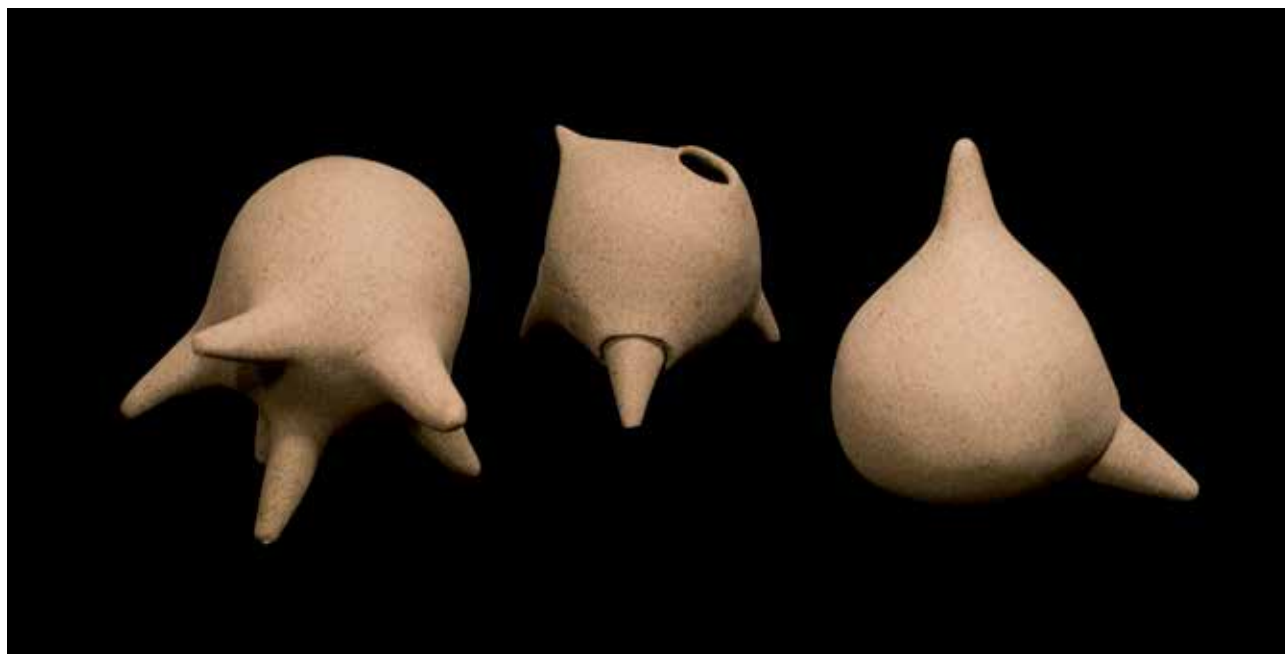
Prato de nerikomi e maçãs de cerâmica grês
6 x 22 x 22 cm
2005

COBRE COM OVOS

Prato de nerikomi e ovos de colada
4 x 18 x 15 cm
2005

SEM TÍTULO

Cerâmica nerikomi
33 x 9 cm
2006





SOL CASAL, 1984

Buenos Aires, Argentina



Sol Casal iniciou a sua trajetória pela pintura e pela escultura, mas migrou para a fotografia e a performance na intenção de se aproximar mais do corpo, tema recorrente de suas investigações estéticas. Na série *Muô – Mistérios do Corpo*, em que a palavra tem o significado de silêncio, a artista é o modelo de muitas fotografias em que aparece com olhos e boca ora fechados ora abertos. A confecção de tiras, através de linhas de tricô vermelha tecem as relações entre corpo e suas entranhas quando faz as instalações de fotografias em caixas, e estas tiras vermelhas saem de dentro de seus olhos e de sua boca em intensas representações do corpo. Ela estende com esse ato o limite entre materialidade, representação e presença para fora da parede, remetendo à escultura.

Em outra série, *Umbigo*, cujo processo do trabalho inicia com a impressão de uma imagem fotográfica digital, a captura de um fragmento do corpo (barriga/umbigo) é transposta a um suporte flexível: um tecido de algodão. Metáfora do embate do corpo individual no corpo social, o projeto almeja ir além da representação do nascimento/parto para lançar questões a respeito dos processos de significação corporal aqui representados pelo corpo da artista que tenta sair pelo orifício. As performances de Sol Casal são instigantes e questionadoras sobre as relações do corpo, como no trabalho *Construção de um Lar*, em que ela questiona o corpo como morada.



Bacharel em artes visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou a exposição individual *Muô – Mistérios Corpóreos*, na Galeria dos Arcos da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre/RS, que foi indicada ao *III Prêmio Açorianos*, na categoria artista revelação (2008). Dentre as exposições coletivas participou: *Cidades Contínuas*, ação performática, no Condomínio Cultural, em São Paulo/SP (2012); *Plataforma Performance*, evento contemplado com o prêmio *Rede Nacional de Artes Visuais Funarte*, na Galeria de Arte do Dmae, em Porto Alegre/RS (2010); *Imagemiragem*, no Porão do Paço Municipal da Prefeitura de Porto Alegre/RS, indicada ao *IV Prêmio Açorianos*, na categoria destaque em mídias tecnológicas (2009); *Fotoensaio*, na Galeria La Photo, em Porto Alegre/RS, indicada ao *IV Prêmio Açorianos*, na categoria destaque em fotografia (2009). Participou de salões, dentre eles: *18º Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre/RS* (2008) e *20º Salão Jovem Artista*, em Porto Alegre/RS (2008). Reside e trabalha na cidade de São Paulo/SP. **Contato:** www.solcasal.blogspot.com



DA SÉRIE SIMULATO – SEM TÍTULO
Fotografia
Dimensões variadas
2009

DA SÉRIE SIMULATO – SEM TÍTULO
Fotografia
Dimensões variadas
2009

DA SÉRIE SIMULATO – SEM TÍTULO
Fotografia
Dimensões variadas
2009

CORPO – PLANO – ESCAPE
Performance
2009 – 2010

CORPO – PLANO – ESCAPE
Performance
2009/2010

*CONSTRUÇÃO DE UM LAR –
O QUE ME ALIMENTA O QUE ME SUFOCA*
Performance
2012

*CONSTRUÇÃO DE UM LAR –
O QUE ME ALIMENTA O QUE ME SUFOCA*
Performance
2012

*CONSTRUÇÃO DE UM LAR –
O QUE ME ALIMENTA O QUE ME SUFOCA*
Performance
2012

DA SÉRIE UMBIGO
Fotografia
30 x 40 cm
2008

DA SÉRIE UMBIGO
Fotografia
30 x 40 cm
2008

DA SÉRIE UMBIGO
Fotografia
30 x 40 cm
2008



TALITA HOFFMANN, 1988

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Talita dedica-se ao desenho e à pintura sobre papéis e telas e, nos trabalhos mais recentes, aparece o bordado. A origem de suas séries acontece a partir de fotos, recortes, filmes e músicas. Acompanhada sempre de seu caderno de anotações, vai acumulando informações, ou seja, desenhando sobre o assunto que lhe interessa no momento. Assim, vai juntando esse material até que eles possam formar um "grande quadro", como diz a artista. Sua habilidade para construir os desenhos e o modo singelo das composições evocam a pureza e a ingenuidade em obras que apresentam narrativas de histórias e remetem às histórias em quadrinhos. No entanto, as suas invenções são relatos de situações reais, vivenciadas ou não por ela, e as suas criaturas e/ou personagens, quase sempre alegres e agradáveis, são recorrentes em sua poética.

Graduada em design visual pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e bacharelada em artes visuais pela Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo (USP). Realizou as individuais: *Cidade no Interior*, na Galeria Logo, em São Paulo/SP (2013); *Combustível*, na Minigaleria, Belo Horizonte/MG (2011); e *Campos e Antenas*, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre/RS (2009). Participou de várias coletivas, dentre elas: *Lista*, na Galeria Logo, em São Paulo/SP (2013); *Metropolitanos*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2012); *Lista*, na Galeria Logo, e *Projeto Portfólio # 12*, na Aktuell, ambas em São Paulo/SP (2012); *Fages & Hoffmann*, na Galeria, Buenos Aires/Argentina (2011); *The International New Talent Artist Exchange Exhibition*, na Art Emperor, Taiwan/China (2011); November 2010 Group Exhibition, na Flatcolor Gallery, Seattle/EUA (2010); *Transfer*, no Pavilhão das Culturas Brasileiras, Parque Ibirapuera, em São Paulo/SP (2010); *Nova*, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo/SP (2010); *Lava at The Rag Factory*, na The Rag Factory, Londres/UK (2010). Recebeu o 1º Prêmio na exposição coletiva *A Novíssima Geração*, no Museu do Trabalho de Porto Alegre/RS (2008). É representada pela Galeria Logo, em São Paulo/SP. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Contato: www.talitahoffmann.com



ISQUEIRO

Tinta acrílica e nanquim sobre papel
60 x 80 cm
2011

WHEELS ON FIRE

Tinta acrílica sobre tela
100 x 150 cm
2013

CAMPOS E ANTENAS

Tinta acrílica e nanquim sobre papel
96 x 66 cm
2009

PLEASE BE QUIET EVERYBODY IS WELCOME

Tinta acrílica sobre tela
100 x 150 cm
2013

TRIDENTE, 1971

Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

Tridente usa imagens da vida cotidiana captadas diretamente da urbe, pois a cidade é palco de todos os acontecimentos que inspiram a realização dos trabalhos. Eles representam o universo fantástico criado a partir de criaturas antropomórficas influenciadas pela cultura lamaísta.

O gosto pelo trabalho em séries aponta para conjuntos de obras que se organizam em torno de um tema, facilitando as escolhas de materiais e técnicas a serem utilizadas em cada uma delas, geralmente pensadas para uma exposição. A preferência por molduras vermelhas tornou-se uma marca registrada.

Dono de uma sensibilidade investigativa e de uma capacidade de criar ícones em seus trabalhos, a sua trajetória mostra-se inovadora, desenvolvida através de grande aparato técnico, e já consolidada entre nós.

Artista influenciado pela cultura urbana que despontou a partir do final dos anos 1970, como o movimento punk, skate e fanzines. Integrou o coletivo multimídia *Inversor* (2006-2005), ao lado de Fernando Bakos e Cristiano Rosa, realizando mostras e performances no Goethe Institut, em Porto Alegre/RS. Vem participando de exposições coletivas desde o ano de 2003, sendo quatro delas no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), e no 20x20, na Bolsa de Arte, da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS. Realizou duas exposições individuais, uma na 72 NY Gallery (2011) e na Azul Galeria (2008). Participou coletivas, dentre elas: *Do Meio*, do 2º Prêmio IEAVi de Incentivo à Produção de Artes Visuais, em Porto Alegre/RS (2013); *Metropolitanos*, no Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), em Porto Alegre/RS (2012); *Projeto Volante*, de xilogravuras que resultou em uma coletiva no Atelier Presse Papier, em Quebec/Canadá (2012); e do *Projeto Artemosfera*, do Grupo RBS, criando um *site-specific*, na Praça Piratini, em Porto Alegre/RS (2011).
Contatos: www.visaobuitre.wordpress.com e vagabonds.age@gmail.com





CONSIDERÁVEL FALHA NO PORTAL
Desenho à nanquim
21 x 29,5 cm
2013

PORTAL ENTRE DOIS UNIVERSOS
Xilogravura
30 x 42 cm
2011

SEM TÍTULO
Pintura com acrílica sobre algodão
33 x 34 cm
2011

PURIFICAÇÃO INTRA PORTAIS
Desenho à nanquim
28 x 40 cm
2013

SEM TÍTULO
Desenho à nanquim e caneta posca
20 x 15 cm
2012



TÚLIO PINTO, 1974

Brasília, Distrito Federal, Brasil

Túlio Pinto trabalha com desenho, escultura e intervenções, tanto em espaços públicos quanto em ambientes expositivos, ou até mesmo nos dois, concomitantemente, como no caso do trabalho intitulado *Transposição*, em que Túlio transfere 6 mil cubos de cimento da Praça da Alfândega para a Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), no centro de Porto Alegre, com um carrinho de mão. Na galeria, os cubos forraram o chão do espaço, e todos os objetos utilizados para confecção e transporte das peças foram expostos, assim como o registro fotográfico de toda a ação-intervenção, com o intuito de discutir o conceito de arte e espaço.

No trabalho escultórico de Túlio realizado nos últimos anos, é importante ressaltar as relações entre os diferentes materiais, como ocorre a sua aproximação e como são vistos por meio destes os conceitos de flexibilidade, equilíbrio, tensão e força. As oposições entre linha e vidro, ferro e vidro, concreto e bexigas (preferencialmente na cor laranja) exploram as leis da física. Os encontros são carregados de tensão, porém revestidos de uma beleza intrínseca aos materiais e cores utilizados e no modo como são colocados no espaço pelo artista.

Além da escultura e do desenho, Túlio se apropria de outras linguagens, entre elas a performance, que gera registros fotográficos, expandindo a sua dinâmica para outros campos.

Bacharel em artes visuais, com habilitação em escultura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (2009). Dentre as suas exposições destacam-se: *Projeto RS Contemporâneo* do Santander Cultural, em Porto Alegre/RS (2013); *Ground*, na Galeria Baró, em São Paulo/SP (2013); *Salvajes – Digesting Europe Piece by Piece – Traneudstillingen Exhibition Space*, em Copenhagen/Dinamarca (2012); *Transposição*, na Galeria Augusto Meyer da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), em Porto Alegre/RS (2012); *Nova Escultura Brasileira: Heranças e Diversidades*, na Caixa Cultural Rio de Janeiro/RJ (2011-2010). Recebeu premiações, dentre elas: *Prêmio Energisa de Artes Visuais 2011-2012*, João Pessoa/PB; *Prêmio Aquisição* no Salão de Arte do Mato Grosso do Sul (2011); *Prêmio Aquisição Leonello Berti*, no 35º SARP, Ribeirão Preto/SP (2010); *IV Prêmio Açorianos de Artes Plásticas* – destaque em escultura, em Porto Alegre/RS (2009). Tem obras nos acervos: Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto/SP; Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS); Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande (MARCO); Museu Nacional de Brasília/DF; Museu de Arte de Ribeirão Preto/SP; e Pinacoteca Municipal Aldo Locatelli, em Porto Alegre/RS. Vive e trabalha em Porto Alegre, onde é cofundador e integrante do Atelier Subterrânea. **Contatos:** www.barogaleria.com/artist/tulio-pinto-2, www.subterranea.art.br/wppress e tuliopinto@gmail.com



LINHA DE TERRA # 2
 Cubo de aço corten e lâmina de vidro
 275 x 300 x 275 cm
 2013

TRANSPosição
 Índice # 6
 2012

TERRITÓRIOS
 Cadeiras, mesa, lâmina de vidro e blocos de concreto
 131 x 100 x 200 cm
 2013

VELAME
 Tecido, madeira, cabo de aço e blocos de concreto
 Dimensões variadas
 2012

DIAGONAL
 Blocos de concreto e tecido
 146 x 900 x 30
 2011

TRANSPosição
 Índice # 6
 2012



VIVIANE GUELLER, 1976

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



Viviane Gueller desenvolve atualmente o projeto *Arte-reportagem*, no qual discute as relações entre ficção e realidade a partir de materiais impressos, boletins eletrônicos e peças sonoras que ocorrem em diversos meios de comunicação. As questões abordadas estão entre imagem/texto e som/voz. Viviane procura por imagens e sons de situações não previstas, como certos desajustes observados na paisagem. A sua ação acontece nos espaços públicos onde impressos são compartilhados com a população e incentiva a utilização dos meios de comunicação para pensar e produzir arte. Chamar a atenção para um lugar, ou não lugar, é o objetivo de suas propostas. A intervenção sonora realizada no elevador da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ) foi uma dessas propostas em que o espaço incomum torna-se espaço de criação. As suas ações partem de deambulações pela cidade na busca de algo diferente, aquilo que o olhar viciado não permite mais enxergar. Poética é a sua iniciativa de dividir com os outros o bem encontrado, pois estes registros em livros de artista são feitos para pontuar as descobertas ou criar uma situação para outras visibilidades ou ações.

Artista visual, jornalista e mestrande em poéticas visuais pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou exposições coletivas e individuais em Porto Alegre/RS, em São Paulo/SP, Brasília/DF, Belém/PA e Girona/Espanha, e foi selecionada para o 58º Salão de Abril do Ceará, o 29º Salão do Pará, 2º Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia do Pará e para o programa *Rumos Itaú Cultural*. Recebeu o Prêmio de Incentivo à Criatividade no 16º Salão da Câmara Municipal de Porto Alegre. Participou da *Mobile Rádío*, na 30ª Bienal de São Paulo (2012). Fez parte das comemorações dos 21 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), com o projeto *Elevação Sonora* (2013). Participou de oficinas de criação literária com Luiz Antonio de Assis Brasil e Charles Kiefer, quando publicou alguns contos em antologias. Foi responsável pela concepção e direção do *Terravista* (1998-2000), espaço cultural em Porto Alegre/RS que integrava livreria, cafeteria, local para debates, saraus e artes visuais, considerado pela crítica um lugar das discussões e ações culturais mais modernas da cidade e referência cultural do renascimento da Cidade Baixa.
Contato: www.vivianegueller.blogspot.com e vigueller@gmail.com



ELEMENTAL

Intervenção, objeto, display e caixas
Dimensões variadas
2010

PROJETO PAISAGÍSTICO

Fotografia e instalação de parede
Impressão em vinil adesivo
190 x 250 cm
2007

AS CIDADES DESCARADAS

Frame, vídeo – projeção, imagens fotográficas e pilulas sonoras
Dimensões variadas
2013

RESÍDUO ARBÓREO É CONCRETO EM PORTO ALEGRE

Fotografia, intervenção e livro de artista
Dimensões variadas
2008



WALTER KARWATZKI, 1959

Maceió, Alagoas, Brasil

A fotografia abre-se ao múltiplo, produz transversalidades e integra um contexto de virtualidades, coabita com outras linguagens, traz questionamentos sobre o seu estatuto na contemporaneidade. Ela caminha mais devagar, no sentido do purismo ou de especificidades, e muito mais veloz na direção dos hibridismos, das mestiçagens, dos dispositivos imagéticos e da experiência visual. A fotografia, no contexto das novas mídias, altera significativamente o conceito de fotográfico e a relação do observador com a imagem. Walter Karwatzki trabalha com a fotografia ora fixa, ora em movimento, em séries de autorretratos cujos temas recorrentes são a asfixia e a migração. Na série *Asfixia*, foram produzidas sequências de fotos em que o artista tenta arrancar uma máscara para poder respirar. As imagens são em preto e branco e retratam a agonia do ser diante da impossibilidade de se safar daquela armadilha. Esta série também foi apresentada em movimento. Em outras séries, trabalha com imagens ícones do consumo mundial, tecendo ironias na troca dos conteúdos das embalagens por produtos brasileiros: a garrafa de Coca-cola está cheia de erva de chimarrão, a embalagem de batatas fritas do Mac Donald's com bananas, enquanto na do M&Ms Amendoim, as imagens foram apresentadas em *backlight*. Karwatzki explora a sua imagem em relações com o tempo e a memória em diversos trabalhos.



Fotógrafo, realizou as individuais: *Folia dos Papangus de Bezerras*, em Porto Alegre/RS (2008), e *Um Olhar Atrás das Cores*, Maceió/AL (2006). Participou de várias coletivas, dentre elas: *Artesul Contemporânea*, Montevideu/Uruguai (2013); *Rede de Pedras*, em Porto Alegre/RS (2013); *6º Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre*, em Porto Alegre/RS (2012); *A Imagem da Palavra*, no Centro de Exposiciones Subte, em Montevideu/UY (2012); *Proyecto Autorretratos*, em Anchorage, Alasca/EUA (2012); *Cartografias: Coletivo Iberoamérica*, Buenos Aires/Argentina (2011); *Proyecto Autorretratos*, em Trois-Rivières, Quebec/Canadá (2011); *Empilháveis IV*, em Porto Alegre/RS (2011); *19º Salão de Artes Plásticas Câmara Municipal de Porto Alegre/RS* (2010); *Transver*, em Porto Alegre/RS (2010); *IX Prêmio de Artes Visuais Contemporânea do late Clube*, Brasília/DF (2009); *Arte + Arte: Um Universo para Descobrir*, da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em Porto Alegre/RS (2009); *XVI Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Cores*, Ribeirão Preto/SP (2009); *POA-SP: Conexão e Arte*, em São Paulo/SP (2009); *III Mostra Recife de Fotografia*, Recife/PE (2008). Recebeu os prêmios: *VI Concurso Internacional de Fotografia de la Red Merco – Ciudades*, Argentina (2007) e *III Prêmio Artes Visuais João Simões Lopes Neto*, Pelotas/RS (2012). Tem obras nas coleções do Ministério de Cultura de La Ciudad de Buenos Aires, do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e da Fundação João Simões Lopes Neto, Pelotas/RS. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contato:** walter.karwatzki@gmail.com



DUCHAMP
Fotografia
45 x 60 cm
2010

ÚTERO
Fotografia
60 x 90 cm
2012

MIGRANTE
Fotografia
50 x 75 cm
2012

HABANERA
Fotografia
40 x 40 cm
2012

DA SÉRIE ASFIXIA – MEMÓRIA DA DOR
Fotografia
90 x 45 cm
2010



WISCHRAL, 1961

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

A captura de uma imagem comum pela fotografia é o ponto inicial do trabalho de Wischral. O olhar muito particular lançado sobre o objeto a ser registrado já tem uma intenção prévia. A apreensão estética é buscada desde o primeiro momento para a posterior manipulação no meio digital e finalmente no desenho, ponto de chegada do seu trabalho.

Sua obra estrutura-se no jogo entre o visível e o invisível, principalmente nos trabalhos em que a imagem é constituída por dobras, repetições, rebatimentos e transparências. Temos a sensação de que nosso olho não vê tudo o que está acontecendo dentro daquele espaço/tempo. Estes trabalhos mostram simultaneamente vários pontos de vista. Em sua visualidade, remetem a uma reflexão sobre o que estamos vendo, uma vez que a transparência, os efeitos de claro/escuro, as próprias dobras como relevos formais, as imagens invertidas e as anamorfoses criam uma dissimilitude e uma singularidade. A própria diferença propõe a variação e a multiplicidade, estabelecendo, neste jogo, uma relação ao mesmo tempo à semelhança e à diferença, num mundo de ordem e identidade.

O conjunto da obra de Wischral nos sugere um espaço de reflexão. O estranhamento que alguns de seus trabalhos causa nos faz buscar, por meio de um olhar mais cuidadoso, a figuratividade que teima em nos confundir. Sua apurada técnica de desenho liga-se intimamente à fotografia de forma singular. As imbricações entre as duas técnicas entrelaçam realidades e aparências, e provam que é possível abrir um novo espaço entre técnicas tradicionais, engendrando novas formas de visibilidade.



Artista plástico e designer gráfico. Arquiteto e urbanista graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde foi professor substituto no Instituto de Artes (2002-2001). Desde 1978 desenvolve trabalhos em linguagens bidimensionais, nos quais atualmente desenvolve pesquisa com mídias contemporâneas, envolvendo imagens trabalhadas em meio digital mescladas com técnicas de grafite, nanquim e aquarela. Atualmente tem como foco a pesquisa sobre novas formas de representação e percepção da figura humana na bidimensionalidade. Selecionado pelo projeto *Mapeamento das Artes Visuais no RS* do Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI) e Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), realizou a exposição individual *Quase Retrato*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) (2006). Com várias participações em salões, exposições coletivas e individuais, destacam-se: o Prêmio Especial do Júri, na *VII Bienal de Artes ALI*, em Porto Alegre/RS (2003); a Menção Honrosa no *I Salão de Artes Plásticas de Curvelo*, Secretaria Municipal da Cultura de Curvelo/MG (2002); e o *Prêmio Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS) – Comunicação Visual – 1º Bienal de Arquitetura do Rio Grande do Sul* (1991). Além do trabalho em artes visuais e design gráfico, também é arquiteto da Gerência de Desenvolvimento Urbano e Rural da Caixa Econômica Federal, em Porto Alegre/RS.
Contato: swischral@gmail.com



DA SÉRIE AVATAR – A LA FURNILA

Grafite e aquarela
35 x 100 cm
2011

GÊMEOS F1

Impressão digital e grafite
101 x 24 cm
2006

GÊMEOS F2

Impressão digital e grafite
101 x 24 cm
2006

DOBRA III

Impressão digital e grafite
101 x 24 cm
2006

DOBRA IV

Impressão digital e grafite
101 x 24 cm
2006

FLATIRON

Grafite e conte
100 x 70 cm
2005

CAIS

Grafite e conte
100 x 70 cm
2005



YARA BAUNGARTEN, 1981

Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil



Formada em jornalismo com especialização em artes visuais, Yara Baungarten utiliza várias linguagens que caracterizam os seus trabalhos. O hibridismo entre o vídeo, a gravura, a fotografia e a performance é proporcionado pela experimentação de técnicas analógicas e digitais que vão modificando, interagindo na imagem até chegar ao equilíbrio desejado.

A poética acaba desdobrando-se em séries, tendo em vista que os 24 quadros do cinema, o formato da fotografia em filme ou os 30 quadros do movimento do vídeo são as situações que vão gerar as séries. No vídeo, Baungarten usa *stop motion* e a animação de fotografias com som; ou ainda usa o *storyboard*, que gera um quadro a quadro fixo das imagens. Na gravura, utiliza a técnica da monotipia para fazer séries com o mesmo tema, apresentando variações sensíveis em cada obra. O trabalho com linguagem contemporânea por excelência é rico em sutilezas e refinamentos e instiga pela qualidade apresentada e pelos questionamentos que propõe.

Artista visual, fotógrafa, produtora cultural e jornalista, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É especialista em poéticas visuais, pela universidade Feevale, em Novo Hamburgo/RS, mestranda em comunicação social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foi considerada *Artista do Ano* na categoria fotografia e cinema, no 1º *Prêmio Artistas Gaúchos*, promovido pelo site Artistas Gaúchos (2009). Pelo programa Estação Cultura da TVE/RS, recebeu o *Prêmio Açorianos de Artes Plásticas*, na categoria patrocínio e apoio (2008). Participou de exposições coletivas e individuais, dentre elas: *Imagens Marionetáveis*, no Espaço Cultural da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) (2010); *Duplas Pontas/Pontas Duplas*, no Espaço Expositivo Jabutipê (2010); e *Quadrado do Espírito*, no T Cultural Tereza Franco, da Câmara Municipal de Porto Alegre (2008), e na Galeria de Arte da Universidade de Caxias do Sul (UCS) (2010). Como produtora executiva e revisora, participou da exposição e do livro ilustrado *O Último Homem na Lua* (2012). Vive e trabalha em Porto Alegre/RS. **Contatos:** www.imaginaconteudo.wordpress.com e ybaungarten@yahoo.com.br

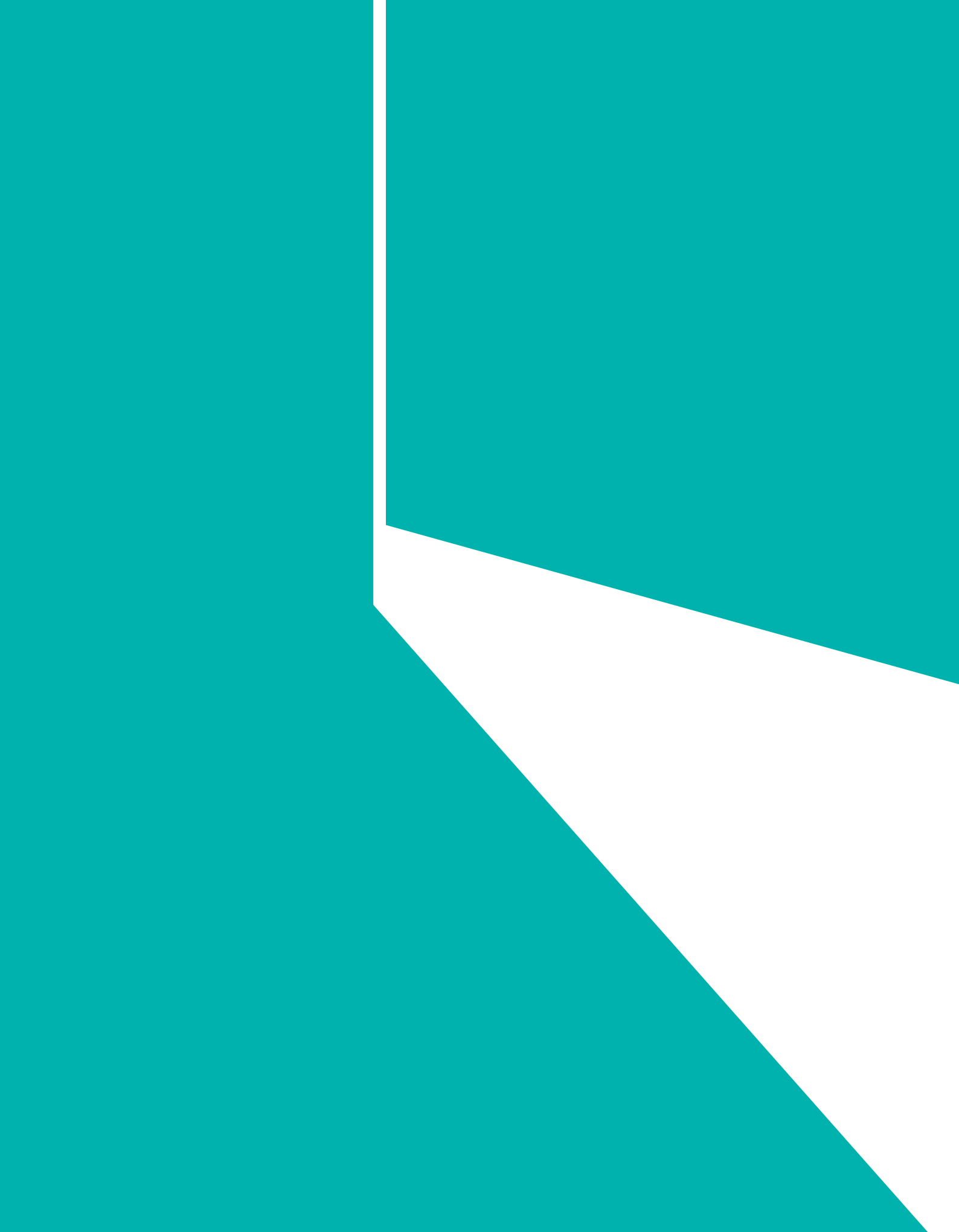




PARA PARAR O TEMPO
Fotografia digital
10 x 15 cm (cada imagem)
2009

IMAGENS MARIONETÁVEIS – PERDIDO
Frame de vídeo
Dimensões variadas
2008

DUPLAS PONTAS / PONTAS DUPLAS
(Parceria com Rodrigo d'Mart)
Frame de vídeo
Dimensões variadas
2010



TEXTOS EM INGLÊS *ENGLISH TEXTS*

COME IN: A-Z CURATORSHIP

Ana Zavadil

Art critic, head curator of the Rio Grande do Sul Museum of Art, and master in contemporary art by the Federal University of Santa Maria, RS, Brazil

The curatorial project sought to select exemplary, symptomatic pieces from the career of contemporary artists between the years 2000 and 2013. One's production is not dissociated from its author, and the names chosen are those that produced constantly and/or non-stop within that timeframe. It should be noted that several artists had begun their careers in the late 1990s; however, their work only earned greater recognition starting in 2000.

COME IN provides a chance to take stock of the production by that turn-of-century generation, and also issues an invitation for us to enter their particular universes. This mapping is unprecedented as it addresses a recent scene, and it is necessary because it introduces this generation that organizes itself and grows within a specific time span. It thereby puts forward an understanding of the current art backdrop, imbued with intertwined references, in which those artists were the first to realize the influences of the internet and the speed of information and instill them into their work.

In the act of searching for exemplary pieces for the project, we ended up mapping the contemporary art trends, the paths traveled, and the stances taken by a group of 87 artists whose poetics have given rise to new ways of thinking, feeling, and making art. The point made by this generation is that art is an ever-changing concept whose restlessness reflects the afflictions of our increasingly more convoluted contemporary world, where all sorts of excesses abound, especially in terms of information and images.

Tracking such pieces and their authors has been a complex, rhizomatic, gradually-growing effort, considering the project started being devised in 2007 and the artists' career followed at art studios, shows, exhibits, via portfolios, interviews, and the curatorial work I have conducted in order to rank the new, emerging promises. Despite my having set aside a six-month period to interview the pre-selected artists, many did not accept the invitation nor sent material in, alleging several reasons which are not going to be addressed here.¹ Nevertheless, I decided to mention them because they had been mapped and invited owing to the instigating, important pieces they created while the research was being conducted. This intense, comprehensive study is going to stand as the groundwork for knowledge, historic relevance, and even public interest, to the extent such information provided

here becomes material making up a body of theory about this recent art period and lends itself as input for subsequent research. Once the results of those investigations were in, they made it possible to reach pertinent conclusions about the course contemporary art had followed over these 13 years. To mention just a few: video and photography as popular means of expression used by a large number of the artists, and a considerable portion of them making pieces using more than one support. Likewise, many considerations could be made regarding other specific aspects. After all the pieces had been selected for the book, we also found that the subjects were particular to each of the artists. Among other concepts, they discuss the appropriation of something done before and presented in a different manner, thus engendering new meaning; references to the work by other artists; narratives; text and words as the body of a piece; autobiography; the indefatigably explored body seen in its frailty; time and memory; the city and daily life absorbed and converted into pieces of great visual impact. It should be noted that, regardless of the topics addressed, the aesthetic of the pieces emerges in impeccable formal structures which add greater value to the work of art. Such diligence regarding the presentation of the piece is important for the absolute majority of the artists interviewed.

The criteria for selecting this collection of pieces were set based on their relevance in that given timeframe. We looked for pieces that carried important contents and innovative characteristics, where the quality, technique and potential already pointed to a production's remarkable pathways. Starting from the piece, it became vital to follow the artist's career and how each of them built their profile and has maintained, expanded, and improved their production. To do that, we studied their curricula to evaluate the exhibits they had taken part in, art shows, awards, and other aspects in an effort to establish their importance and level of validation they had achieved. The study of artwork production and the venues where they exhibited walk side by side; one adds to the other and points to the growth and consolidation of their careers. Although we have chiefly picked names boasting a more solid background, we have included artists whose pieces are more recent, albeit expressive and deep, as we believe they stand to become an important reference.

As this project was conducted based on recent data and lacks the historic distance of several decades, it takes on a risk given there is no guarantee that all of the names included in it will keep on producing. However, this study focuses on pieces that are relevant in that time span and will always retain their degree of importance and be decisive for us to understand that period, whether the artists have continued pursuing their career or not. In the event a large number of those names

¹ The artists invited to participate in the mapping and who were unable to do so were the following: Marcelo Gobato, James Zortéa, Gabriel Neto, Jorge Soledar, Michel Zózimo, Letícia Ramos, Ismael Monticelli, Isabel Ramil, Luiz Roque Filho, Fernanda Gassen, Trampo, Vivian Herzog, Mateus Grimm, Tiago Rivaldo, and Cristina Ribas.

remain active for many years, that would require the information to be updated and might even lead to a new publication.

A precedent: art in the 1990s

The wide-reaching phenomenon of globalization that has changed the economy and society has also demonstrated technology's efficacy in meeting the need to compact time. Hence, as communicating with faraway places on the terrestrial sphere has become nearly instantaneous, a new worldwide environment has been created in which art could not but be affected by such influences. In Brazil, economic liberalism has led to a host of privatizations that have turned the State from an art sponsor into a mere spectator as its duties were transferred to the private sector via the Culture Incentivizing Law (LIC, in Portuguese), enacted in 1996. That fact has not only changed the country's art system framework but also transformed the artistic production.

The 1990s encompassed more complex artistic processes in which the terms cultural marketing, cultural producer, and curator were definitively added to the art parlance. The image and the space and/or place charged into that decade's artistic field. Starting in 1997 with the 1st Southern Common Market Visual Arts Biennial, the occupation of urban spaces such as the Guaíba waterfront brought a new way of looking at the city. The artists began using the city as their field of action and work focus.

Many were the social, economic and political events that impacted art in that period: the importance paid to ecology owing to the destruction of the ozone layer, river pollution and the impending water shortage, viruses like AIDS and Ebola, neoliberalism taking over countries, the worship of the body and fashion, wars, poverty, the Human Genome project. So many are the references and influences for young artists in their productions that they let themselves be carried away and get art and life to be much closer together.

In that decade, artists experiencing different phases coexist: the ones from the 80s generation, at that time enjoying great renown and burgeoning careers, and young artists seeking validation and giving rise to veritable revolutions in their art that intensely uses installations. At the end of the century, they are looking for new places to show their work and discuss the full potential of art. Those two generations, from 1980 and 1990, influenced the brand new 2000 generation through their proposals and then-well established careers; at times they mingle in some exhibits. We should keep in mind there were many active artists at the time and we are going to settle for naming only some from the 90s generation: André Severo, Ana Flávia Baldisserotto, Alberto Semeler, Ana Lúcia Beck, Ângela Pohlmann, Betina Frichmann, Caé Braga, Celma Paese, Claudia Sperb, Eduardo Miotto, Fernando Bakos, Gabriela Picoli, Hô Monteiro, Larissa Madsen, Laura Froés, Wilbert, Michele Finger, Marta Penter, Rodrigo Núñez, Paulo Biurru, Silvia Motosi, Tula Anagnostopoulos, Fábio Zimbres, Fabiana Rossarola, Daniela Cidade, Nádia Poltosi, Adolfo Bitencourt, Maria Helena Bernardes, Helena D'Ávila, Adriano

Pedroso, Renato Garcia, Adriana Hernandez, Adriana Daccache, Humberto Dutra, Nico Giuliano, Gerson Reichert and Adriano Rojas. The latter passed away while this research was underway, and we could not but mention them for the wonderful artists they were and whom we lost too soon.

The turn of the century

Global transformations are many and take place at breakneck speed. Time has another dimension, and so does space. Time is fractioned, re-dimensioned; space is now virtual. The role of art and of its system at a time when culture becomes a spectacle as well as virtual points to another sort of artistic endeavor and another platform for critics to work on. Thinking about art nowadays is a challenge because, as time goes by faster, the changes in the artistic field comprise systems made up of networks of meanings and varying functions. In this new weave used to present art, the system's characters trade places as they move around constantly and take on several roles at the same time. Several factors contributed to those changes: the economic crisis and the intensity of media images and communication. Discussing the condition of the art object in the contemporary context and its interrelation with space, time and the audience, considering the former two used to be the supports for art pieces and have now become their substances, brings new indications for us to understand today's art and artists' stance.

A few facts that substantiate the progress in the first decade of the new century: the economy, which in the 1990s was marked by privatizations and a decrease in the role of the State, showed a resurgence of public investments and a downturn of neoliberalism in the 2000s. On the global context, the economy enjoyed a period of prosperity until 2007. After that, it goes through the Subprime Mortgage Crisis that undermines the economy of developed countries. Late in the decade, the world faces the first pandemic of the third millennium: the influenza A. Technology-wise, new things abound: broadband becomes more widespread, bluetooth institutes the wireless network concept, Microsoft rolls out Windows XP in 2001, Vista in 2007, and 7 in 2009. Cloud computing emerges, as do internet-based phone calls via Skype. CD-R, DVD, and flashdrives are created. Apple launches iPod and iPhone, turning the cell phone market upside down. Social networks spring on the internet – Orkut, Facebook, MySpace, Twitter. MP3 players, MP4 players, cell phones, desktops, laptops, digital cameras, Google, Google Maps, YouTube, MSN, tablets become available. News outlets start digitizing their printed materials. Museums digitize their collections. The solar system is reformulated, the Human Genome project completed. In 2001, the world is shaken by the September 11 terrorist attacks that took down the New York Twin Towers and a section of the Pentagon. China becomes a world powerhouse boasting unprecedented economic growth. The Brazilian soccer squad wins the World Cup for the 5th time in 2002. The United States elect Barack Obama, the first black president in the country's history. In Brazil, union leader Luiz Inácio Lula da Silva takes office as

president. The euro becomes the official currency in Europe in 2002. Harry Potter, The Lord of the Rings, and Twilight are the new literary and movie series. Transformers and Avatar in 3D turned moviemaking on its head. In the arts, media like the happening, installation, and video remain a staple in international exhibits and biennials.

The events were listed randomly instead of in their chronological order, some of them without dates, to draw attention to the major changes that took place and give rise to the same feeling of chaos of the world in which we live. Things happen at a frantic pace and dates are deleted. Everything is created at a given instant, immediately assimilated, and discarded just as fast. We have barely taken something in and another comes along, and so on and so forth. The same is true for art. All those facts influence the artistic processes, which increasingly resort to performances, videos, photography, hybridism, and interbreeding of all sorts. Reflections of the contemporary world upon art: in the way of making and showing it.

In that busy decade, remarkable historic-artistic facts helped enrich the city scene with the emergence of not only new independent venues for displaying art but also institutional spaces.

In 1999, Khôra Atelier de Arte Visuais (a visual arts studio) is created, a collective studio/art gallery that operated throughout that year. It was used by artists Gilse Rosito, Umbelina Barreto, Fernando Allgayer, Carla Fernandes, Flávio Morsch and Rosa Bagatini. It was characterized by collaborative work in the workplace and curatorial proposals. The Quê! Arte? (What! Art?) project was carried out, comprising six performance-event-exhibits whose proposals were devised in order to create a space for provocation and interaction between artist-piece-audience. The exhibits held were: Totem, Movimentoar, Palavravisual, Efêmerobjeto, Corpopresente and Utopias. For the entire year the project was conducted, it proved to be open and democratic regarding the participation of the artistic community and art aficionados. In addition to the exhibits, seminars and performances were held inside Khôra and played on big screens outdoors directly facing the street, as an unconditional donation of art to passersby. The exhibit formats and themes brought the contemporary features of art to be discussed by the community. It should also be mentioned that the community, glad to be included, took active part in all of the activities, which totaled 500 participants.

Still at the end of last century, important exhibits were held, such as Remetente and Plano B, which were unique for the artists' proposals regarding the occupation of the spaces as they

sought visibility, and for the production of the exhibits, which challenged the institutional spaces of the time. Both exhibits resonated in the Porto Alegre art scene². Plano B (1997) was set up in a rental home on Rua Paulino Teixeira by artists artistas Tuca Stangarli, Laura Fróes, Fabiana Rossarola, André Severo, Ana Flávia Baldisserotto, and Marijani Ricacheneisky. In turn, Remetente was put on by a group of artists at the Ulbra building in 1998. They are: Cleber Rocha das Neves, Maria Helena Bernardes, Fabiana Rossarola, Elaine Tedesco, Laura Fróes, Thelma Vaites, Marco Giannotti, Ricardo Frantz, Jorge Menna Barreto, Karin Lambrecht, Marconi Drummond, Nydia Negromonte, Chico Machado, Sandrine Rummelhardt, Maria Ivone dos Santos, Dudi Maia Rosa, and Tunga.

Galeria de mArte, located at Avenida Osvaldo Aranha, 522, began with a group of students from the Visual Arts program at the Art Institute of Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) who got together on weekends to make and debate art. The group was advised by Professor Jane Milman and its members were Antonia Sperb Indrusiak, Fernanda Barroso, Giovana Vazatta, Luiz Gustavo Rigon, Manoela Pavan, Miriam Gomes Rodrigues, Rafael Rachewsky, Raquel Alberti, and Thiago Martini. Under the codename Deformando, that group held exhibits in 2001 and 2002. Galeria de mArte opened on August 13, 2001, and, besides a space for the "Martians" to produce and create, it provided a place for other new artists to exhibit and advertise their work. The gallery also held get-togethers and lectures about contemporary art and courses. Over the eight years the gallery remained in operation, from 2001 to 2009, the group also included artists Adriana Daccache, Betina Frichmann, Caren Czerwinski, Carine Betker, Fabriano Rocha, Filipe Nobre, Gaby Benedyct, Georgia El Halal, Geórgia Rosito, Maria Elisa Olsen, Paola Zordan, Paula Langie Araújo, Rodrigo Chaves, Rodrigo Núñez, Sol Casal, Tomas Barth, and architect Gabriel Menna Barreto.

Galeria de mArte housed several exhibits and important events that stirred up the venue, among them: Arte Contemporânea: Estratégias e Mecanismos de Circulação da Obra, a get-together with Gaudêncio Fidelis (2004), Vídeos Lar and Projeto Infusão / Infusion Project, actions by Grupo Laranjas (2004), Bingo da Artes (2004), a talk with artists Iole de Freitas and Laura Vinci (2005), NATUREZAquaseMORTA, an exhibit by members of the art studio included in the program of Biennial B (2007), RetrAutos, an exhibit put on by over 50 artists and featuring a special performance by the CowBees, also included in the Biennial B program (2007). In 2008 and 2009, this author served as curator for exhibits by the following artists at Galeria de mArte: Lia Gomes de Freitas, Ana Flores, Flávio Morsch, Joelson Bugila, Fernanda Branchelli, Claudia Hamerski, Roberto Piedade, Liane Borghetti Krenzinger, Diego Nolasco, Fabriano Rocha.

² Read more on the topic in Claudia Paim Master's thesis: *Espaços de Arte, Espaços da Arte: Perguntas e Respostas de Iniciativas Coletivas de Artistas em Porto Alegre, Anos 90, 2004*.

The history of Ateliê 512 began in 1999 with artists Daliana Mirapalhete, Adriana Xaplin and Antônio Augusto Bueno who, to continue the work they had started at the sculpture studio with Gustavo Nakle, set out looking for a place suitable to house the fledgling project. The following year, along with Wilson Cavalcante and Lisete Bertotto, the group opened their new studio at Rua João Alfredo, 512. Many artists worked there over its 10 years in operation, such as Pamela Ferrer, Hugo Varela, Clarissa Silveira, True, Clainton, Julio Campos, and Ruben Castillo. In 2010, the studio was turned into a cultural venue and holds a wide range of interdisciplinary activities.

Other groups and studios were in activity during that decade. Grupo 3x4, by artists Helena D'Ávila, Laura Froés, Wilbert, and Krauz, held their first exhibit as a group in 2005. In December 2006, the Vi(s)ita (aos ateliers) (studio visits) Project began, in which the artists show their pieces and interact with the visitors' works. The studios of Roseli Jahn, Felix Bressan, André Venzon, Frantz, and others have been paid a visit.

The Plano B art studio located in Porto Alegre is the working studio of seven visual artists, Alexandra Eckert, Ana Chassot Ledur, Gianna Kummer, Luci Sgorla, Kátia Costa, Marisa Grah, and Tereza Mello. It was founded in November 2004 to address the need for professionalization and to continue, in a multiple place available full-time, the visual art education activities carried out at the university. The studio's routine includes weekly get-togethers, individual and group art production works, classes and courses, exhibits, and events, which are meant to allow the exchange of ideas and information, production and participation in exhibits, and the development of visual art projects dedicated to bringing artists and the interested public together. Since 2007, Plano B has been committed to holding group exhibits involving significant numbers of participants, such as Convocatória de Arte do Atelier Plano B, currently in its 6th iteration and totaling approximately 3,000 pieces displayed; Projeto Empilháveis, which held its 5th exhibit in 2013 and featured 80 artists; and Projeto InFoto, which was showcased in several places and even traveled to Uruguay via the State Institute for Visual Arts (Instituto Estadual de Artes Visuais – IEAVi), involving 70 artists and photographers. Besides fostering and publicizing the work by young artists, the studio carries out several art projects and artist exhibits in Porto Alegre, the Rio Grande do Sul countryside, and other Brazilian states.

Atelier Subterrânea, located on Avenida Independência since 2006, is an independent art venue, a group of artists who hold exhibits, residencies, events, and courses. The current studio

members are Lilian Maus, Guilherme Dable, James Zortéa, Gabriel Netto, and Túlio Pinto.

Ateliê Jabutipê is located at Rua Fernando Machado, 195, in an old house in the Porto Alegre Historic District. The studio opened in 2008 with the exhibit *Novos Desenhos no Novo Atelier* by visual artist and owner Antônio Augusto Bueno. One floor houses the art studio where he makes his pieces and holds courses and lectures. The street-level floor houses the gallery, a place where young artists can show their work. Besides providing a space for making drawings, paintings and sculptures, the venue is equipped with a ceramics and glass burning oven and also presses for metal and wood engravings. The place is open for courses and available for other artists to work in it.

That same year of 2006, the Art History and Theory School (Escola de História e Teoria da Arte – ARENA) was founded by visual artist Maria Helena Bernardes and has significantly helped educate an audience through courses and study trips, besides assisting with creative processes. Artist Melissa Flôres is currently a partner at the school.

We could not have our map leave out Biennial B created by Gaby Benedyct, whose first iteration in 2007 featured over 300 participating artists in 40 exhibition venues. Biennial B is basically an informal organization of independent artistic manifestations by a group of local artists and characterized by its collaborative framework, set up by the artists themselves. The event was held again in 2009 under the curatorship of Isabel de Castro, and 2010, under the general curatorship of Isabel de Castro and curators Ana Zavadil and Carlos Krauz, along the same lines as its first edition.

Another event was Desvenda – Feira de Arte Contemporânea (a contemporary art fair), created by visual artist Rodrigo Lourenço. Held on the first Sunday of every month, it is dedicated to selling pieces made by local, state, and out-of-state artists.

Yet another important fact to highlight was the mapping conducted by the State Institute for Visual Arts and the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art (MACRS) in 2003, under Marli Amado de Araújo's administration, via a public notice, and which selected 68 artists. The notice was meant to encompass two modules, namely: Module I, a group exhibit and images recorded of the selected artists' work; Module II, a state-wide survey by a team of curators and exhibition at the Port Quay Warehouse A6, in Porto Alegre. That mapping was supposed to be recorded in a catalog and CD-ROM, which was ultimately not done, leaving us without reference materials for the period.³

³ The mapping exhibit artists: Ana Prego, Ana Zavadil, André Venzon, Andréa Brächer, Andrei Thomaz, Betina Stampe, Claiton Fadini, Clarissa Motta Nunes, Cláudia Paim, Cláudio Paulo Vieira, Cristiano Lenhardt, Cristina Ribas, Cylene Dallegre, Denise Iserhardt Haesbaert, Dirnei Prates, Elisa Gunzi, Estela Pauluci, Flávio Morsch, Gabriela Picoli, Gláé Macalós, Graça Marques, Gustavo Gripe, Hamilton Munhoz, Hélio Eudoro, Hô Monteiro, Humberto Dutra, Jaqueline Carvalho, Juliana Giacomelli Bassani, Jussara Moreira, Karin Kopittke, Katsuko Nakano, Kelly Cervo, Leopold Kunrath, Liane Junges, Luciano Zanette, Luiz Gustavo Rigon, Luiz Roque, Luiza Casagrande Levandowski, Márcia Rosa, Marciah Casal, Maria Clara La Porta, Maria Pia Azevedo, Maristela Macagnan, Maristela Winck, Mateus Grimm, Melissa Dullius, Miriam Tolpolar, Myra Gonçalves, Nilton Pellenz, Niúra Borges, Otto Sulzbach, Pablo Lobato, Paulo Ricardo Heidrich, Philomena Bohnenberger, Raquel Lima, Ricardo Cristofaro, Rosali Plentz, Rosana Donati, Rosane Vargas, Sérgio Wischral, Valéria Ries, Vânia Sommermeyer, Viviane Gil, Wilbert.

Besides the foregoing, the Southern Common Market Biennial has been held every two years since 1997. The event showcases contemporary art trends and spurs the production of local artists and artists working elsewhere, especially from the countries connected to the Southern Common Market economic block. The event's 9th edition is being held this year.

Institutional venues are intensely active as well and hold exhibits by budding artists (especially in the past two years) and renowned ones. The following emerged that decade in this order: Santander Cultural, in 2001, and Fundação Iberê Camargo, in 2008. It should be noted that in 2011 the State Institute for Visual Arts resumed its activities and has been holding exhibits via public notices and giving out awards to artists; the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art (MACRS), too, has been keeping to a schedule of temporary exhibits, taking care of and expanding its collection with the work of artists from this generation, including those in this exhibit. It should be further noted that the Rio Grande do Sul Museum of Art (MARGS) has been doing impeccable work when presenting its curatorial proposals, always based on the museum's collection and having its exhibits feature recent Rio Grande do Sul and Brazilian artists. In 2012, Santander Cultural rolled out the Contemporary RS Project, which by mid 2013 will be putting on six exhibits by artists from this generation and who are also included in this book. Therefore, it is safe to say important institutions have shown high regard for the career of young artists who thereby proceed to firmly establish themselves in the current Porto Alegre art scene.

This brief data compilation helps illustrate the important scenario where the artists work. Only a few were mentioned. We have not even talked about other galleries and institutional and independent venues previously or currently existing in Porto Alegre. A noteworthy gallery is Decio Presser and Otto Sulzbach's Arte&Fato Galeria, where Presser, driven by his nearly 30 years in the market, has always given young, budding artists an opportunity and held the first individual exhibits by today-renowned artists. Additionally, along with Renato Rosa he has published *Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*, the version revised and expanded in 2000, which presented a comprehensive mapping of artists up to that date.

Within the universe of my considerations while putting this book together, I did not keep my eyes stuck on the past and tradition, given they were important for us to understand the present, the place where we are and whence I speak in the heat of the moment, experiencing the changes and making sense of the transformations and impacts stemming from the pieces by these 87 artists. The quality, dimension, importance and weight embedded in this effort reveal important records of our recent art history by means of a never-before-seen, unprecedented material that resulted from a painstaking 6

year-long study which I am now unveiling in a publication funded by the Porto Alegre Artistic and Cultural Production Support Fund (Fumproarte) and in collaboration with the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art, MACRS, to hold the exhibit and the national seminar sharing the same title of this Book, *ENTRE: Curadoria de AZ (COME IN: A-Z Curatorship)*, into which you are now invited to enter.

COME IN, THE MUSEUM IS YOURS

ANDRÉ VENZON

Visual artist and director of the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art

By introducing Ana Zavadil's *COME IN: A-Z Curatorship* project, the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art bears witness to the importance of the curator's efforts to publicize Brazilian art and, above all, put together the history of recent art. Besides this unprecedented publication of the map of the emerging generation of 87 contemporary Rio Grande do Sul artists – encompassing the late 1990s until the end of the first decade of the 21st century –, the project includes an exhibit depicting the range of such art production in Rio Grande do Sul, and a national seminar to publicize and discuss the results of this study across the Southern Common Market. Funding was provided by the Porto Alegre Artistic and Cultural Production Support Fund (Fumproarte), after the project had earned 1st place in the 2012 Public Notice selection process.

Out of so many artists' names, we should start by the letter A, the initial of the curator's name: Ana Zavadil. Holder of a Bachelor's Degree in Visual Arts, with emphasis on Art History, Theory and Critic, from the Art Institute of Universidade Federal do Rio Grande do Sul, and Master in Contemporary Art by Universidade Federal de Santa Maria, Zavadil has chosen to believe – from the beginning of her curatorial practice – that ours is not a place where artists crop up merely from time to time. Driven by such viewpoint and dedication to emerging art, constant characteristics of her professional activity, she is renowned for her perseverance in her work as a curator which – far from being an academic burden, she sees it as an advantage – has made her name a reference for the artistic movement of this "generation of the turn." Her groundbreaking efforts to identify this contemporary production in Rio Grande do Sul leave no doubt as to the breadth and prestige of her work in the state's artistic field. This book stands as proof of that. It is the product of her visits to art studios and dozens of interviews with the participating artists, where the word written about these young careers is not an obvious narrative, much less some academicism-laden rhetoric, but instead a poetic text that portrays her thoughtful take on that which is the artists' life: their work. These initials which are in Ana Zavadil's name and personality first and foremost indisputably attest her involvement with and love for art.

Therefore, reason and emotion blend with the rigor of her curatorial practice, a field of study in which she stands out and exemplifies what it means to be contemporary today the most, that is, the ability to accept, create, and take in without letting go of analytical skills. Her brave work in the local art scene reminds us that, while oftentimes the courage to do volunteer, passionate work for culture skips a generation, it is necessary to reclaim it at all times.

Hence, the museum which now houses this project relates to the work by Ana Zavadil and the artists who share this book. Because cultural management is curatorship as well when we are closer to things to carefully see them as they are done in this *métier*, devoid of that wish for critical distance that is as pretentious as it is academic. Besides, Ana Zavadil has been this cultural bridge between different sectors and the museum, both first at the board of directors of Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, then later as the State Advisor for Culture and member of the MACRS Collection and Curatorship Committee. She was deeply aware of the administrative hardships inherited by the current Museum management in 2011 – which hardships may now seem to belong to a distant past thanks a great deal to the work built together and which from the start was graced by the curator's loyal, valiant collaboration. Zavadil, like all of the artists brought together in this book and exhibit, wishes this museum to become an increasingly bigger part of us. This is the best cultural policy, one that fully engages us.

As a result, COME IN is a project in which everyone is having their dreams come true. Ana, along with the power of these artists whose diverse, valuable individual stories lend us the conditions for us to collectively overcome MACRS' historic obstacles – such as putting together a quality collection – has remarkably helped reclaim and expand the place for contemporary art. This intellectual production is an invitation for us to learn about new professional careers, in the company of the best images of the artists' work and the curator's reviews. Such a book already emerges as a fundamental reference for understanding the contemporary way of being and producing.

Another important aspect of this book is the significant number of 87 artists taking part in the project, which is one more sign of how intense the contemporary phenomenon is in our art community. Aware of that, MACRS finds itself challenged to redo and recreate the museum together with these artists, while also expanding our cachet as a cultural heritage. Therefore, we would like to thank everyone who are making up the institution's brand new collection through this book.

Watching Ana Zavadil listening to ideas and handling them like someone interested in the diversity of the contemporary art making has also inspired us to take part in this project for the magnitude of her generosity towards contemporary art in Rio Grande do Sul. However, mistaken would be those who cast their eyes solely on a thematic or museographic prism of the curatorial

activity, because what we can see from a distance in the State's main public museums, MACRS among them, is some broader work that includes curating and putting an exhibit together, which work definitely embraces the commitment of building and preserving collections while representing the plurality of a mighty, complex artistic system and making the museum environment more appealing and accessible to all audiences. Prosperous is the institution that boasts such profile of curators and staff among its relationships, of which profile Ana is an example that speaks of our context with diligence and personality.

Consequently, the curator's artistic alphabet does not create new characters, nor is it a curatorial invention. Its greatness lies in acknowledging those who have been on gallery walls and the public's retinas for some time but remain orphans of specialized publications that understand their production in today's world. Ana's work mediates that coexistence and helps give visibility to such artistic production regarding which the dedicated institutions are few and the subject is multiple. Her research takes on this challenge which, more than focusing on the aesthetics, lies in expanding the recognition and legitimacy of contemporary artists, while seeking a larger arena for us to understand their full meaning. The curator's involvement with so many artists and languages tells us: pay attention, the artistic experience is not merely reducible to words; the most important thing is the experience shared in this being a part of the art world. Ana delved into those careers and increased their access to the museum through this unique curatorship. From its baptism on, COME IN has carried in its name our desire to open up the museum for the artists and the audience that so richly deserve it.

However, it should again be stated that although this is a local curatorship, COME IN decisively shows that a museum can be the place for artists who set their creative pathways starting from this cultural territory, and who can count on the eyes of curators and the public to jointly develop a more contemporary society. Thus do the artists, and Ana Zavadil likewise inscribes in the shape of this book and exhibit which MACRS is proud of presenting. However, and again, her alphabet is not the element of an exclusively academic narrative. The curator lays out a text as intelligent as it is sensitive while she describes the artists' thoughts to the greater audience. That is why her words are not mere illustrations of the theories she has learned through art but instead bright signs along the road for those wishing to travel the path of artistic knowledge.

Thank you very much, Ana Zavadil and the entire COME IN project team, for inviting such a caliber of artists, who will correspondingly draw in readers and visitors, to come into the museum as though it were their home. However, the most grateful one will be the very contemporary art, exactly because they are offering this decisive piece for the history of this generation of artists who, from this date and forever, are in MACRS' heart and collection.

GENERATION OF THE TURN

DECIO PRESSER

Journalist and owner of Arte&Fato Galeria

in a country unaware of how important preserving the cultural memory is, books featuring contents on this field are always welcome. A while back, it was difficult for those interested, especially in the field of visual arts, to find material consistent with the demand. In the past few years, the growing search for artistic visibility has increased the need for research. Who is talented? Who is here to stay? Those are often-asked questions whose answers only time will be able to provide. It takes being constantly on the lookout, collecting and filing data that will certainly enjoy due recognition in the history of the country's artistic creation.

Ana Zavadil, experienced in the industry, trained in and dedicated to this field, has shown exquisite affinity with contemporary art. Her curatorship efforts are nearly always focused on young artists. It is only logical she would choose such a bracket when she decided to take on the challenge and put together the volume titled *COME IN: A-Z Curatorship* (a play on the initials of the author's name). The book rounds up a selection of artists mapped in the first decade of the new century and some hangers-on from the previous one.

Nearly 20 years ago, Renato Rosa and I began a study meant to encompass the history of art's evolution in the State. A tough job that took over five years to complete. The product was *Dicionário de Artes Plásticas no RGS* (a plastic arts dictionary), a book that has had a second (revised and expanded) edition and which remains a reference for students and researchers. There have been subsequent attempts at taking the idea further, but none of them has managed to fill the gap. The new publication gets back on the trail with idealism and stands as an example to be followed.

COME IN: A-Z Curatorship arrives at a time of deep changes in the art world. Globalization and the internet have led to the creation of tools that use one's own finger or a touchscreen brush on supports such as tablets and smartphones, thereby enabling pieces made in unusual, intriguing languages. They are options afforded by this new outlook that combines art and technology, and takes on transitory forms. The book analyzes the pathways of the multifaceted creative process and helps us properly understand the times in which we live. Through the A-Z research, we view a balance of the pieces produced by this extremely restless, diverse crop of artists.

The work required Ana to firmly lean over the ever-more fragmented contemporary art to maintain her consistency and impartiality. Among painters, draftspeople, engravers, sculptors, photographers, and artists that use other forms of expression, she conducted dozens of interviews, visits to art

studios, and searches in countryside towns to build a proper profile of the recent art production in Rio Grande do Sul. That search yielded 87 selected names presented by means of texts and demonstrative photos. They are bets on artists who aspire to be recognized and have a career beyond our borders.

Welcome, generation of the turn.

ADAUANY ZIMOVSKI (1983)

São José dos Campos – SP, Brazil

Adauny Zimovski seeks to express herself through her drawings and, more recently, photography and its relationships with painting. Her drawings made of sheer gestures are constructions that blend lines and geometric and abstract shapes. The artist may draw on small formats or let herself be carried away in large expanses, even those of a wall. The black and white propose fierce clashes to balance out the shapes, while her current work evokes landscapes and city buildings recorded in photographs in which the artist makes color interventions. The dialogue that appeals to her is the photographic image, the painting and the landscape, in which painting is integrated as something she calls "alien noise", expressed by pure colors and abstract geometric shapes. Proximities and similarities take place in the overall context of her pieces, as the shapes inserted into the photographs are similar to the ones used in drawing. Adauany grabs hold of old images from books, map books, and postcards to question the contemporary landscape concept. Her plastic production occurs based on her appropriation of the world, whether via gestures as she draws or her subtle, intriguing pictorial interferences in photographs.

ADRIANA DONATO (1975)

Porto Alegre – RS, Brazil

Adriana Donato studied the history of shadows in art for a long time, and then developed several series about the topic. Her pieces approach the shadow as a construction of the image. In her first series, *Sombras Sobre o Corpo* (Shadows over the Body), the images of body fragments suffer the interference from the shadow of another body, at times making up mysterious images that render us unable to exactly decipher what we are looking at. The shadows are featured over urban landscapes as well. That choice lets us behold the fascination and mystery in the way they interweave based on an object, which is almost always concealed in some other threshold. The object to be captured is found on strolls around the city, and is recorded in scenes that highlight the silence and solitude, such as gates, houses, trees whose branches evoke odd designs, and at times resemble beings coming in from the dark, phantasmatic, giving rise to perceptions we do not ordinarily have every day, between the speed and the amount of information we receive. As we are engrossed in them, we are able to reclaim the fragmented

outlook and the feeling of loss and shape them into an intense experience to explore the silence and what the images are saying. Her current series of pieces is *Sombra nas Nuvens* (Shadow on the Clouds), for which the artist seeks scenes from storms where the shadows are cast by the very clouds as they move at times subtly and at others, wildly.

ALEXANDRA ECKERT (1971) Porto Alegre – RS, Brazil

Alexandra Eckert began her career in ceramics, albeit delving into other languages at the same time. Among them, we should mention the series of silkscreen postcards in which the symbol of the heart is recurring and her trademark. The lines making up the heart have a special meaning: they refer to the line of life, although they also speak of time and memory. Those lines accentuate the theme chosen to be represented and set boundaries by establishing an inside and an outside. Her poetics involves many ways of dealing with that heart, ranging from ceramics to silk-screening and drawing, or even lead. Another way for her to show her work was by turning it into artist's books, devising medicine inserts and packages, and/or containers to house mini engravings and nano-ceramics. As we opened the cover of those books, we could see a clay heart inside a heart-shaped cutout. That series earned her an individual exhibit at the Rio Grande do Sul Museum of Art, coincidentally the place where she is currently showing her *Vide-Bula* (See Package Insert) artist's books and others from that previous phase. The characteristic that has been deeply marking her work is the way she presents it with sophistication and great beauty, besides laying bare the intense research she conducts. Another fact that is highly appreciated by everyone is that Alexandra makes distributions of those small pieces, thus bolstering another point in her research: accessible art that reaches other audiences.

ALEXANDRE MOREIRA (1974) Porto Alegre – RS, Brazil

Alexandre Moreira develops independent actions in which the seriation, dissemination, appropriation, collaboration, and the production and sharing of information are ideas brought to light by the indiscriminate use of photographic images obtained from various sources: the internet, TV, his or other artists' collections, art history etc. He has made several series of pieces such as *Apócrifo*, which he started in 2001, where posters depicting portraits of people are inserted in the urban landscape, reticulated, and the shorter the visual distance, the more illegible they are. In his series *Desenhos – Flipperama*, where the artist uses stills from the movie *Flipperama* to refer to the automatism employed by the surrealists, the image projection creates the conditions for such action. However, as the drawing is being constructed, graphic designs are made spontaneously and create a more organic piece, forged more according to the light and not so faithful to the designed form. In turn, *Flipperama*, which he started in 2005, is a film under permanent construction that

is shown in get-togethers of all sorts. The images make up clips/chapters randomly combined and set at 10 frames per second. In fact, the film is not supposed to be watched but instead experienced like a drink, the music, the light. His 2013 piece titled *Autacom* is a rearrangement of portions of one or more pieces made and inspired by means of collaborative construction.

AMELIA BRANDELLI (1960) Rio Grande – RS, Brazil

Amelia Brandelli dedicates herself more significantly to drawing and painting, although her investigations also encompass photography and video. She goes to the greatest lengths to implement an idea or theme, and a drawing may be worked on using graphite in refined degrees of lines and color nuances in a large format, or it may be made using a blue ballpoint pen in small formats. As for her paintings, are we sure they are actually paintings? The overlapping materials with different characteristics such as wood and glass, or a black Formica table and a screen in the same color build other meanings that spring from the artist's experimentations as she lures us through her planes and metaphors. Her work titled *Através* is a series of photographs interspersed with other materials, including Formica. In it, she uses webcam images of her children when they were living away. To make those pieces, she resorted to personal relationships, emotion, and missing them as sources for the experience. They are the guiding line for the process; however, the way Brandelli is going to solve the visuality is once again related to painting. Considering painting is the first and foremost matrix for her artistic creation, it is natural for it to be within her, and for the combinations of colors and overlaid materials to spring from that relationship and create the necessary environment for the photographs and the entire load of feelings they encompass in such poetic narrative.

ANA FLORES (1962) Porto Alegre – RS, Brazil

Ana Flores' investigation into beings and objects that dwell in the indoor and outdoor spaces of homes has yielded sophisticated, beautiful, useful pieces that enrich us with questions about life, permanence, passage, matter, and their meanings. The artist starts from questions related to the concept of house and three of the meanings the word carries: dwelling, home, and body. As a dwelling-house, it offers protection as the physical shelter it is; as a home-house, it announces itself as a place where life is lived as a private realm and personal territory, an in it there are the objects, furniture and heirlooms that save us from Marc Augé's "non-places" concept; as a body-house, it holds experiences where the length of permanence is governed by finitude and allows us to be here until said finitude comes. Clay – this element of simple characteristics – found in nature is an appealing matter for the artist, and its proximity makes them unseverable. The challenge of her work lies in the relationships between matter and technique, because the matter allows for a range of experimentation possibilities, and the

technique – which respect to the limitations of the materials – must include chance events owing to the very identity of clay. Coming across the essence of Ana's work, therein represented and eternalized by the matter, represents life, emotions, and feelings through ceramics. As our eyes travel her work, we notice the beats of her art-making and, like an inventory, we are allowed to see that which deeply moves her.

ANANDA KUHN (1984) Porto Alegre – RS, Brazil

Drawing lends itself as a field of investigation for Ananda Kuhn, who believes an accurate gesture at the service of imaginary digressions makes it possible to explore the characteristics of techniques used to create visualities drawing references from the urban landscape. Her work springs from the combination of photography, drawing, painting, engraving, and the collage of objects. Figurative features show up in the photograph through their collage or transfer to the medium, when it takes on its memory-related documental role and goes back to being the starting point of the process. The mixture of materials from different languages makes up a single body in her work: graphite or oily pastel lines cross splotches of acrylic paint that seeps into the grooves made using a dry tip – a legacy from engraving. Ananda inflects a few verbs in her experiences: to test, to arrange, to scratch, to paste, to groove, to smudge, to cover, to deposit, to tear, to overlay, thus justifying a creative process that does not depend on an initial sketch. The piece takes place and shape in and of itself. Ananda takes flight by letting her imagination run through innovative paths in her search for the perfect pairs. As she works on series, countless possibilities emerge. She then leans over her creation, demanding nothing more, nothing less than the technical precision related to each language used. The world may belong to her through her images, but she is going to return it to us because her experience in the open field of drawing proves to be inexhaustible, and it may set itself up in an environment, become pervious, and even turn into skin for the body.

ANDRÉ VENZON (1976) Porto Alegre – RS, Brazil

Stepping into André Venzon's poetics means having to pick one of the paths it points out, because his work is multifaceted and involves building scale models, photography, making objects, whether they have been taken from everyday life or are the object-photograph itself, interventions in the city, and even video. The pinkish construction plywood boards he uses to make picture frames, boxes and scale models is the trademark of his entire production. Some important phases of his career are *Cidade sem Face* (Faceless City), *A Cidade é o meu Corpo* (The City is My Body), *A Terra é o meu Corpo* (The Earth is My Body), and *Boates* (Night Clubs), to name a few. He often makes reference to the 4th District, an area in Porto Alegre where he has always lived and where he currently lives

and works. Venzon believes thinking about art means creating new territories because, although the places are erased, he reinvents them as he grabs hold of them to create others. They are the places/non-places essential to his poetics. A young and talented artist trailing innovative, inquisitive paths that create a formal plastic universe of undisputed quality, while challenging the senses of those who partake in his art and help advance the understanding about it and the relationships between space, place, body, city, and memory to ask what is their place in art.

ANDREI THOMAZ (1981) Porto Alegre – RS, Brazil

Andrei Thomaz develops his pieces on the internet. The digital medium is used to make even those which are not meant for the web. He has given up on making pieces via analog means for some time now. In 2009, he completed his Master's degree from the São Paulo School of Communication and Arts (ECA), where he studied the labyrinth in electronic games. His work has this sense of belonging as it is always created via and for the internet, while looking into issues such as real and standard space. He has constantly collaborated with other artists over his career. In *Cubos de Cor*, space is not represented by perspective drawing; instead, it is an animation of overlaid rectangles that create depths through contrasting colors. It is web art work presenting itself as a text-based game. Visitors get instructions on how to move around, using commands such as forward, right, left etc., which they are required to type in the field located at the center of the piece. Movement in *Squares*. Bridget Riley, 1961, draws inspiration from a piece made by the English artist in 1961, in which the distortion of a checkered pattern gives a sense of depth to the image without making use of Renaissance perspective. As it is applied to video footage showing drifting clouds, the distorted checkered pattern and its three-dimensionality either impose themselves on the images or seem to disintegrate. It is at the times when the clouds seem to cover up the squares that such clouds impose themselves and cast the pattern to the backdrop for a few moments. In turn, his *Sonocromática* is a visual and acoustic performance that directly references the work by Brazilian artist Abraham Palatinik.

ANTÔNIO AUGUSTO BUENO (1972) Porto Alegre – RS, Brazil

The lines multiply at every instant, inscribing themselves forever in a constant repetition of gestures that outline new paths, leaving behind their first mark already forgotten because of that entire weave. The originality of Antônio Augusto Bueno's work places us in the middle of a storm, through which a curtain rises in order to unveil the piece. Nevertheless, said piece remains shrouded in its own mystery, its poetry, its ability as a unique weave that transforms our senses. Along this pathway of meanings, amidst the graphite

weaves, we find fields of silences and colors that had been previously hardly ever used by Antônio. The lines that tear, weave rhythms, outline, and move to and fro impalpable over the medium build the artist's drawing and clad themselves in the plane of subtle traps: they let themselves be seen as volume, delineating contextures while they unfold in space. We find ourselves before affinities, repetitions, and differences in landscapes where the drawing line guides the sculpture, that is, the line shows itself as matter over the plane or as matter expanded in space. The shape woven by the addition of twigs grows and takes over the space, swells, leaves tracks, and opens up to new possibilities. The act of weaving means repeating the gesture and/or action to bring the difference, because it is in it that different values are noticed: thick, thin, winding lines, niches of sheer enchantment that require a watchful eye to realize the specificities of the matter. The body-matter takes up a spot in time and space, and the lines made up by the twigs may be infinite, without a middle or an end.

BEATRIZ DAGNESE (1954)
Nova Bassano – RS, Brazil

Beatriz Dagnese explores lines using her sensitivity in original, unique weaves that spread across the black color of the paper. Delicate and firm, they enslave our gaze and demand to be fully, meticulously enjoyed. The rhythm she imposes to her elegant drawings invites us to step into her art-making and find out what lies behind those weaves: veritable provocative landscapes, involving and inquisitive, indicating that the forming gesture goes back over itself, always returning to the initial point only to lose itself in the instituting power of the shape. Surprise emerges before every drawing, given the webs of lines create truly spectacular effects, at times unfurling, at others closing up in soft paths that lead to others, and those in turn lose themselves in new weaves. It would go on forever were it not checked by the edges of the paper, or even by the invisible edges created by the artist's imagination. Thus is her drawing: confident, delicate, precise, and getting us to plunge into its meanders. In her latest pieces, the artist ends up allowing a frail, shy female figure emerge from her tiny cocoons, which figure is set off against the increasingly stronger, more decisive line.

BRUNO BORNE (1979)
Porto Alegre – RS, Brazil

An architect and visual artist, Bruno Borne's poetics is oriented towards photography, that is, he creates hybrid images of the exhibition venues that house the shows in which he participates. The process unfolds upon his being invited to exhibit. The place becomes a reference and an object in his creative process, after its image is captured and then digitally handled. The outcome of this work is the final choice of the images that best dialogue with the place. The photographs are taken at the site the piece is going to be shown, and whence image axles set out and expand to other fields of vision. In the field of photography, Borne does intriguing work laden with traps for the eyes, as we are not given such an

obvious image. Such image always comes to challenge our eyes by means of mirror and/or bouncing effects that sharpen our senses and at times create some confusion as to what we are looking at. Anyway, even though we may not fully grasp his process, his images are in and of themselves a beautiful, impeccable formal product. The artist often shoots videos at the exhibition venue based on photos of the location.

CAMILA SCHENKEL (1982)
Porto Alegre – RS, Brazil

Camila Schenkel works with photography as a medium and subject to develop her poetics. Her work has always focused on the context around her: skies, power lines, real estate advertising, and also autobiographic series. Her pieces are usually small and grouped into modules. Some processes carried out lasted longer than others, and those that survive longer are intensely explored. Montage becomes very important in some work series, "meaning the photograph as an image that is put together and fictional to a greater extent than it is automatic," said Camila. The elements can be seen repeating and multiplying themselves in several pieces, especially in earlier ones. In turn, her current series are related to real estate advertising studies. The images are mixed up and bring about an odd feeling, considering they oppose one another but do not turn into hybrids. There is strain between one image and the other, and that creates a crossbred image.

CARLA BARTH (1975)
Porto Alegre – RS, Brazil

Carla Barth gathers data to build semantic panels of images and information about a given subject and which will be transferred to her work: drawings, paintings, sculptures, and murals. The characters in her pieces are put together in spot colors and are captivating creatures from the realm of fantasy and poetry. We cannot but notice a dialogue with naïf painting and (re-contextualized) pop art, and the influence of cartoons. However, the presence of all those references does not deprive her of her ability to be original and create worlds of intense beauty based on research, as she is always in tune with the contemporary world in which she lives. Nature, animals and characters are placed within narratives in which humor and irony set the course for her work. The dreamlike character, the intense color, and the aesthetic language of her pieces dazzle and show a confidence in her work and a consistency that already point to a level of maturity in her art-making, which is substantiated by her several publications and participations in national and international exhibits, besides products bearing her creations.

CARLA BORBA (1978)
Porto Alegre – RS, Brazil

Carla Borba is a performer, and the thing that interests her the most in her research is the threshold between performance, video, and photography. Her poetics involves the body, image,

time, and space in a cumulative process in which the body produces and records the image based on a performative action in which the various temporalities of affective memories produce the bodily discourses. The presence of the body and her poetic choices have sprung concerns and considerations about her work, which has the body as a receptacle for the remains of memory. Based on that, the artist develops an important concept for her process: that of the sediment, polymorphous body constructed by layers of memories, accumulated images and feelings, scars in the very flesh. The analogy between the creative act and the body sedimentation process is related to said body's travels in the world and the records created in those experiences. Hence, Carla Borba puts on her performances *Etroc*, *Vestido de Pedra* (Stone Dress) and *Cabeça de Terra* (Earth Head). Each one made the most of the photographic and video images to bring the languages that are complementary for the action closer together. However, they secured their independence given the intensity of their contents, provided they were seen after the performance.

CARLA MEURER MAGALHÃES (1969) Porto Alegre – RS, Brazil

Painting on paper or canvas, employing both mixed techniques and oil, is Carla Magalhães' language. She usually mixes slogans, sentences, and prayers into her figurative work. Besides painting, she has worked on sets for films and theater, and cartoons. Those who are a bit more familiar with the artist's work are aware she does not stick to fads but transfers her deepest feelings to her work – her pieces are inward-looking. In the exhibit *Conexões: Espaço Rizomático* (Connections: Rhizomatic Space), held at *Ateliê Jabutipê* in 2011, Carla bared the intimacy of her work space. There were pieces from different phases, paintings, artist's books, and other belongings like photos, magazine clippings, books, drawings, the desk, the rug, in short, everything that makes up her environment was there to be absorbed, unveiled. Her paintings stem from a thought, and many times are made in series, such as in the case of the portraits. The time when she lived in Berlin and Hamburg was quite advantageous for the development of the paintings.

CARUSTO CAMARGO (1962) São Paulo – SP, Brazil

The relational arrangements occurring in the exhibit *Mamilius* in *Memorian* triggered a new artistic process for artist Carusto Camargo and changed the looks of his studio. That which used to be a potential potter's studio equipped with vessels for making coatings, a precision scale, packs of clay organized and catalogued, and ceramic-making tools has turned into a new place to store hosts of objects purchased at fairs, antique shops, and low price stores, rescued from his and his friends' keepsake drawers. In grabbing hold of them, the artist did not mean to make them into references for

ceramic pieces nor to imprint them on those surfaces, but as he stated, "because of their potential to generate collective plots." The fascination certain objects hold for Carusto has to do with their potentialities as shapes. Since 2012, he has been making relational object series using acrylic resin. "Resin is not used to make the objects I have collected or the circumstances I have experienced sacred but instead to confer some corporeity to the void found in consumer relations and contemporary forgetfulness," he said. Two important phases stand out in his career: the first, the artist who shapes the material and his life experiences using clay; the second, the collector of mundane objects who speaks about his relationships with the world through his pieces.

CLÁUDIA BARBISAN (1964) Porto Alegre – RS, Brazil

Cláudia Barbisan believes "art extends itself, it expands. It is not in the piece. Art is in life, everyday events, in how you look at, perceive the world." Her paintings and drawings communicate with one another, mix up, engender realities, surfaces of everyday life. Her pieces are brimming with energy, colorful, overlaid on different supports ranging from tablecloths to shower curtains, subverting things already printed, reacting to them, creating new ones. Always in an amusing manner, the artist adds to her pieces a lot of information, everyday legacies in which the excess overflows in her mediums. The dynamics of her interventions, whether on canvas, paper, magazine pages, and even plastic bags, is intensely fast-paced; there are all sorts of juxtapositions causing chaos on the image, like a storm unveiling multiple actions and gale-force winds blowing us into it. Once the first moments of befuddled searches have passed by, we gradually become familiar with her language and learn her lessons. Such an instigating journey is surprising for its inner nexus. Our eyes never rest trying to take in all the information found there and review the piece to once again see the complexity of the context.

CLAUDIA HAMERSKI (1980) Seberi – RS, Brazil

The tree element governs the composition; its trunk richly designed in lines gives a sense of its giant size, as it is photographed from the bottom looking up to be subsequently drawn the same way. Its might forms a contrast against the delicate branches that outline a tangle of lines in the sky and, later on, on the medium. The recognition of the object represented is lost as we look at the whole, because Claudia Hamerski alters the logic when she plays on our perception. Her playfulness, in the sense of a formal game, disorients us and we start seeing other figures through mirrored images. The line-based weave urges us to seek the connections between the parts and the whole. Subtle drawings yield landscapes and, through empty spaces, provide the necessary breaks for

the balance to be the mediator of our gaze. Therefore, her work is built using an autonomous modular organization in which each module speaks for itself or converses with the other, reaching out from the paper to the wall in a rhythmic symphony. When the end result is a photograph, Hamerski keeps on wandering about in search of that landscape she is interested in, the tiny vegetation springing from places nobody sees, such as in a crack in the wall, facades, or tree trunks. Pictures are taken of many spots so that they, after being blown up, may constitute the new plastic vocabulary, no longer in serial modules but instead in beautiful images that converse amongst themselves.

CLÓVIS MARTINS COSTA (1974) Porto Alegre – RS, Brazil

Clóvis Martins Costa's creative process comprises three phases: photography, printing, and painting. Natural landscapes, more specifically the city of Porto Alegre and the Guaíba Lake, are photograph subjects subsequently transferred to the canvas by means of printing, or sublimation. Once those two stages have been completed, the third is to lay the canvas, oftentimes a really large one, stretched out on the edge of Guaíba for a few days. That canvas bearing the printed image is going to be exposed to the weather and change owing to the accumulation of materials like sand, chemical products, and small objects, including tree branches or vegetation coming to rest there. In the following phase, Martins Costa takes the canvas back to the studio and reworks it using paint in order to redo some sections of the painting, thus giving it a new meaning. In some series, such as *Trazendo Aqui para Marte* (Bringing it Here Over to Mars), the contact of the painting's skin with the water transforms the landscape images through the very landscape, and the chance events that happen to the canvas stretched out on the lakefront are incorporated into his poetics, thus creating a new body for the painting. The end-result yields paintings of great visual impact which, besides their hybrid features, give rise to other theory-related issues. The first one would be a relationship with land art, considering the canvases stretched out on the lakefront create a new landscape, albeit temporarily. The second issue points to considerations about the time or length according to Bergson, where the distended time is in resonance with the stages leading up to the completion of each painting. Another important observation refers to the recording of the action, as such recording is complex and results in an important material to be shared.

DANIEL ESCOBAR (1982) Santo Ângelo – RS, Brazil

Campos Migratórios (Migration Fields) is the title of Daniel Escobar's catalog encompassing several series of pieces made using maps, travel guides, advertising billboards, and advertising banners at city corners. All those materials become feedstock for his poetic investigations. City travel guides are given three-dimensionality by the artist's skilful hands. Every place, scene, reference point, and character leave their two-dimensionality

behind to take up space in the dimension of the page. Appropriating those communication-related materials is the means by which Escobar transfigures the city. He creates his imaginary cities always through cutouts, through the act of piercing an image so the holes make it possible for us to see all the overlaid tiers. Through the act of piercing and changing that image, he creates paintings. Putting together maps taped to the wall points to a new place that may go on indefinitely. His temporary constructions tell us about the way he understands the city, because he digs into its surfaces to create densities, emphasizing the things he is interested in, and creating his geographies. The letters from five spots in the city of Belo Horizonte have been confiscated by this artist as well, temporarily, in yet another appropriation to create another space with them, that of a DREAM (sonho, in Portuguese) – which were the letters he dared ask from the establishments. The city is no longer the same after Escobar has robbed it of its communicability and returned it redesigned by means of subtle changes that command a new flow.

DENIS SIMINOVICH (1974) Porto Alegre – RS, Brazil

Denis Siminovich's research focuses on painting in confluence with photography, which he transforms using collage – digital photomontage and mixed paintings by means of hybrid creation processes. His work is configured as conceptualized paintings – as he refers to his series of photographs. That is because the use of digital photographic documentation yields blotches of various kinds: virtual, on the digital medium, and pictorial, when the images are printed. His paintings are conceived virtually, optically and mentally. Of his digital simulation strategy, the artist says: "I permeate a universe where I make my art as some ready-made of visual ideas." To build his ready-made, he starts from operations that grab hold of and fragment everyday images, which are hybridized and assembled in an effort to find another meaning for the visual codes. The photomontage proposes an interconnection between the identity of the images, the digital photographic images, the recollection of the painting, and the action of the artist as a thought-provoking individual. Although such thoughts may be imprinted by the machine, they are still close to the human being. The painting gesture here is different. It is intent, when Siminovich addresses topics like art, society, image, painting, photography, and visibility, in a path that gets him closer to the identity of the subject as well as his own, the social imaginary of the time in which he lives, and people's relationship in the contemporary world.

DENISE GADELHA (1980) Belém – PA, Brazil

Denise Gadelha is an artist dedicated essentially to the language of photography and to creating pieces of great formal beauty, originality, and maturity as she builds her instigating conceptual work. The purpose of her photographs is to enhance our perception of the difference between representation and reality. To that end,

she structures the parallelism while boosting the perception when the spatial and temporal dimensions are compared. In the series *Metaespaço*, which was site-specific work put together based on the spatial arrangement of the gallery, the room was divided in four quadrants painted in shades of gray which indicated the positions of the geographic zones from north to south using an allusion to the Compass Rose on the floor at the center, suggested by the notation of the compass point letters. That initial mapping was used as input for the conceptual photo shoot in which each image would represent the very spot where it was going to hang at the exhibit. In her series *Realismo Abstrato*, she uses aerial photogrammetry to obtain images taken with absolute rigor using a camera set up on a plane equipped with a bottom glass section. Then, she puts the images together using software containing the area's 3-D cartography. However, there is something abstract about those images in which the shapes, patterns, and textures just pop. The idea is to provoke this duality that the shapes we see – circles, cones, lines and volumes – are nothing more than houses, trees, churches etc. Denise Gadelha's metalinguistic language provides her pieces with unusual aspects, and the plastic beauty of such pieces has placed her in a prominent position among emerging contemporary artists.

DIRNEI PRATES (1965) Porto Alegre – RS, Brazil

Dirnei Prates uses video and photography as his means of artistic expression, in an attempt to stretch the boundaries between the two languages. The artist develops his work using images taken from newspapers, recent movies, and old ones from the 1930s, 1940s, and 1950s. So many are the images he comes across every day that he also uses the ones in his personal file to speak about his concerns. Prates works with the landscape – not the natural one but the cultural – as he takes hold of media images, his target. In the series *Paisagens Populares* (Folk Landscapes), he uses newspaper images to highlight the figures in the background and which become farther dots, blending with the burst grain resulting from the graphic printing of the publication. In *Zona de Neutralidade* (No-combat Zone), the focus is on passersby standing in the background of historic events recorded in photographs. The characters are now given other narratives in a new context. The images are given pictorial features and step out of their former documental context. In *Ponto de Vista* (Point of View), the pieces are created using clippings, collage, and replications, which give iconic images seen many times a fresh unique vibe. The artist had always been interested in sequential photography, so getting to video was no big leap.

EVENIR COMERLATO (1952) Caxias do Sul – RS, Brazil

Evenir Comerlato's performances feature her immersing among characters that are at times alive and at others, dead – the

artist interacts with pigs. In some instances, the scenes in which she covers herself with the animal's organs, or dons its head and feet to assume another identity, are somewhat disturbing. In *Porca Dor* (Lousy Pain), we can feel her suffering and loneliness. Comerlato sheds her human and social condition to put herself in the animal's place and weave the relationships between feeling, attachment to the aesthetics imposed by society, and, more deeply, the relationships between art and life. The animals are not always dead; sometimes she interacts with them directly in their sty. Through her work, the artist draws attention to situations in which a human is put in the place of an animal and people's indifference is what strikes that person the most. Each image we see represents an instance of questioning we avoid. Her images and creative process tell us of a sensitive artist that stirs up our senses through disquieting images.

FABRIANO (1965) Porto Alegre – RS, Brazil

Fabriano Rocha dedicates himself to drawing without clinging to specific themes, given he uses simple motifs, such as objects or the human figure, as a means to improve his work. The series of pieces outlines his profile and he relies upon self-knowledge for the driver of a symbolic process: in the act of selecting images from his keepsakes, his reason to draw brings to light his schoolboy past, and by reclaiming them he gives them new meanings, as though reclaiming himself. The drawing rushes in. The lines overlay the motif chosen in a dense, repetitive manner, creating layers and textures, availing themselves of it to subvert it, transform it. The layers accumulate on the paper as time goes by, but we can still see the previous ones just as if through some archaeology of the matter. The layers of lines gradually alter the drawing and the playfulness makes itself known amidst that weave of self-repeating elements. Fabriano seeks the unity through the weight, through the density of the layers. The drawing is instigating, provocative, made to be perused both from up close and from afar. He takes a stand in each of the situations because the dynamics, the sensitivity, the tangle of lines, and the color do not allow for a hasty reading. Were it to be hasty, it would not be able to process everything contained there because the drawing is related to this work's many possibilities and developments as the essential need to create.

FELIPE CALDAS (1986) Porto Alegre – RS, Brazil

His paintings and drawings originate from many superimposed layers. In addition to the materials employed, the issues implicit in the piece equally accumulate, that is, they are layers of modernity to make the painting unique and original. They are layers of contemporaneity so the painting may embrace information from all eras and review names, amidst new pictorial methods. Felipe Caldas' paintings and drawings hold meanings and quotes from artists who have influenced

his work, whether through the image's appearance, or "pictorial skin" as he calls it, or through the clear invitation to think about the painting. Painting is a metaphor for life, it is transformation, metamorphosis. Felipe does not seek the perennial, the constant or the unchangeable; he seeks the actions, the movement, the battle. It is in the doing that the action always comes up new, the gesture is intense, the chance event is embraced as an experience. The piece makes itself during the process. The piece turns itself into time. The piece turns itself into space. It is the product of experiences that become gradually imprinted, engraved into the surface. More than that, they are etched in the memory of those who find themselves facing some unequivocal question about the meaning of art and life.

FERNANDA MANÉA (1980)

Gramado – RS, Brazil

Fernanda Manéa's creative process includes the material, the immaterial, and the very viewer in a connection between the body, space and time, where photography, drawing, and intervention are connected elements that give origin to the end piece. The precise use of drawing and photography techniques creates a symbiosis of seemingly opposing images: the drawing of feet on the urban landscape blends into the latter and dialogues with its surroundings, because the drawing is action and transgression and is there to engender new meanings. Photography is used as a means and an end at the same time. As a means, when it records the location of the action, and as an end when it is the piece in and of itself, already featuring the result of the intervention in its new urban reality. By inscribing the drawing in the public space, said drawing becomes the property of everyone and no one, because it begins to incorporate and interact with that place, giving it a new meaning, and with the viewer, because the piece only fully happens based on the interactive act. As a metaphor of the passage of time over the things of the world, the drawing is deconstructed by the irreversibility of time, and so is the place that receives it. However, its existence achieves the goals and answers the questions regarding the how the others see the city. The role of photography lies in the opposite action: while the drawing and the place fade away, it is the link that perpetuates the memory by safekeeping the remains of the city and of the drawing in their intrinsic relationships. In closing, and paraphrasing the artist herself, the most important thing is not the beautiful image obtained at the end of the poetic process, but the realization about the frailty of things: the cycle of construction/deconstruction and renewal/oblivion. She is not concerned about the eternity of her drawing because its meaning lies in that which it gives rise to while it exists.

FERNANDA SOARES (1966)

São Leopoldo – RS, Brazil

Fernanda Soares explores the concept of repetition and difference, the one that matters to art, in which the repetition causes the difference because, as she multiplies the images,

what she creates are landscapes through silk-screening, wood engravings, and especially, lithography. The language of engraving can be described as a form of reproduction that comprises three basic stages: engraving, printing, and presentation of the printed material. Besides the repetition, other particularities draw the viewer's attention to the piece, such as the large size of her engravings and the absence of glass in most of them, which on the one hand compromises their durability but, on the other, makes it possible to see the minutest details of the printing. The first step in Fernanda's creative process is the photograph, used as visual memory for her to do her drawings later. Using images from photographic sources in engravings is part of many artists' creative processes nowadays. In the drawing, the details are blown up, or an image is created and then multiplied to create modules that reproduce the image chosen in order to make several copies. The idea is to form a unit through repetition in subtle bouncing effects or even by inverting the images. After being engraved in the template, one of those images interferes in the printing process, or the assembly, and creates new configurations. Her favorite, most-often explored theme is landscapes, as trees and their trunks teeming with textures and writhing branches may represent scenes of sheer enchantment and mystery.

FLÁVIO MORSCH (1963)

Porto Alegre – RS, Brazil

The painting evidently built using a color scale that interacts with a mathematical structural pattern is the language currently used by Flávio Morsch. In that interaction, variations of interference strains emerge and expand the space of perception where the eye and the time come across one another in movements where light and shade are three-dimensional. As a procedure, two structuring patterns are defined: the lines drawn making up a fixed grid and the sequential colors making up a color scale. New colors and shades start gradually defining themselves as clear lines cross over one another. His paintings reflect a color theme. The color, in an exercise of the color itself, shining through the light and transparencies. The surface is treated in colorful strips that set a course from top to bottom. The paint runs down those lines in several layers; however, no textures are created because the paint is diluted. The richness of such geometric construction turns the painting into a hologram. Morsch's work is poetry made of colors, gestures, and lines, and the result betrays an exercise of patience and technical-formal rigor in which the hand that seduces the matter is the same hand that takes it along paths made of creative freedom, both in drawing and painting. His drawings are accomplished by means of his absolute mastery of the technique and the diversity of the materials used, in addition to the intense colors of gouaches, watercolors, oils and acrylics, Japanese and Thai paper collages, fabrics and photographic papers, India ink, and colored pencils. His poetics reveals sophistication and an enigma for the retina, as the characters captured from the animal world turn into unexpected figures and inscribe themselves in a context that leaves them in a universe of firmness and precision. His pieces make up a harmonious set where the drawings mean

annotations and are made in a methodical manner, while his paintings allude to the pure space. That is the product of tireless research into the use of colors and a daily work discipline the artist imposes on himself as part of his creative process. His love of art and his pleasure in making art are revealed to us by Morsch through his refined aesthetics. His choice for his path is marked by the unseverable relationship between art and life and the duality between the scientist's mindset against the poet's spirit. We are offered art of indescribable beauty to gaze upon.

GIOVANNI FERREIRA (1983) Porto Alegre – RS, Brazil

Giovanni Ferreira explores several languages and presentation methods, with emphasis on 3D pieces in order to discuss the concept of air and emptiness through his interventions. The relationship of matter in space is the force driving his current series of pieces. His artistic process is connected to the place where the interference is going to take place, where he prepares drawings and documents for the future work. By using adhesive tapes in exhibition venues, the artist questions the issue of space, emptiness, and the relationship of the body, which more often than not is unable to cross over the barriers posed by the taut tapes within the rooms. Those tapes are clear, and light reflections bouncing off of them making them luminous. The piece is an invitation to interaction, as spectators may pick up small pieces of paper placed at the exhibition site for them to stick on their surface. Giovanni Ferreira explains his process: "They are structures marking off a territory. They are not meant to highlight these frames in the air but instead to make this area involved by adhesive tapes visible. It is a way to establish, to emphasize, the imperceptible air. The passage of a given length of time is retained in the glue of these clear tapes, and based on these records I make drawings that take on the atmosphere of these places." After the piece is taken apart, its residues are turned into other works.

GLAUCIS DE MORAIS (1972) Lajeado – RS, Brazil

Using different languages, such as photography and video, Glaucis de Morais' work discusses issues related to space, the space of the city and of the body. Even when she makes drawings, such as *Côncavo*, a piece created from 1999 to 2002, she branches out her language, as she etches the words "Amortecendo Cavo Aconchego" (Numbing I Dig Cuddles) on the wall, site specific, and then paints it white. Another remarkable piece from her early career was *Concreto*, in which she puts up a castle of playing cards, and the greatest challenge is to keep it standing. The idea of impossibility is found in many of her pieces, whether in the image that reveals a bridge between two chasms, or in photographs attempting to capture the flight of a bird or a

plane flying by, in the series that portrays the body fading amidst the darkness. Subtle operations in the presentation, but deep in the thoughts they provoke. The cozy ambience of the home or city is a frequent theme in her work. In an intervention, she sets a "Reserved" sign at parks and squares in Paris and Porto Alegre, shuffling up the notions of public and private and suggesting yet one other impossibility. At the 8th Biennial of the Southern Common Market in 2011, Glaucis participated in the Casa M show window. She played a video whose contents are imaginary accounts about Porto Alegre based on things said by people who have only seen the city on postcards.

GUILHERME DABLE (1976) Porto Alegre – RS, Brazil

Drawing is the language explored the most by Guilherme Dable, to whom the shapes charted on the paper are reflections of situations he sees around him, whether at his studio or fragments of the city's landscapes that he takes down onto small notebooks to go back to them later on. They are usually shapes from the city. However, those drawings do not betray the architecture but keep that relationship implicit. More than identifying possible models, what matters is quality: his drawing includes few colors, some better defined shapes, other looking like sketches of unfinished drawings. Another characteristic of his work is that the lines seem to want to free themselves from the paper and step out into space. In his performance *Tacet*, which means silence in the language of music, drawings are made as he places the paper on strategic spots of musical instruments and changes them at different times while the musicians are playing. New partnerships take place, whether in the drawing, which through the carbon paper records veritable maps, or in the sounds resulting from the interferences by the paper.

GUSTAVO RIGON (1963) Rio Negro – PR, Brazil

Gustavo Rigon is a painter and a draftsman, and his creative process requires some color research in which his letting go of the conventional palette sends the artist on the way to obtain unusual, harmonious colors found in our contemporary times. He begins working on his poetics by building lighted scale models he later on photographs and which engender the fantastic architecture of his paintings. The elements making up his plastic production are created in multiple stages: scale models, lights, and photographs, until he gets to the virtual medium. All of the images gradually put together a huge collection, and then a new phase begins based on the artist's game of intentions – a game that intrigues us for the beating of the images that guide his actions to choose, out of so many, those who characterize the space as a big void. Such an idea is a counterpoint to the lack of space in our real cities, so overflowing with information, a genuine

visual traffic jam, where nature is lost completely and our gaze is cut short at the nearest corner without a possible line on the horizon. Painstakingly made in stages, his drawings have a playful character. We can see situations set in contrast to the jam-packed city in scenes created between hills, with clothes air-drying on a line, a car driving on winding lanes, and trees. They are made in layers that are not overlaid but follow one another to create a three-dimensional image. A new series of paintings is on the way. In this new creative process, the images that will be painted are chosen from a databank created as he wanders around the city.

ÍO

Laura Cattani (1980), Les Lilas – França
Munir Klamt (1970), Porto Alegre – RS, Brazil

These two artists' plastic and visual production resorts to different languages and mediums. Video, photography, acoustic interventions, sculptures, and installations are the means of expression that culminate in an art that is refined and inquisitive. Experimentation and improvisation are at the core of their work. In other words, equipped with enough theoretical and technical knowledge, they subject the materials to their whims, allowing such materials to take on a life of their own at given times. From that fine-tune between the making and the letting-it-happen there emerge genuine pieces that are instigating and metaphoric, and where reality blends with illusion. Their pieces, permanently in process and consequently changing constantly, depend on their set-up to achieve their true meaning. As they permeate the poetic universe, the multiple languages of visual arts run into one another, such as literature, theater, technology, and music, in either subtle or bold combinations whose end-result is surprising, at times for its simplicity, at others, for its complexity, but in any way, far from the commonplace and the expected.

JANDER RAMA (1978)
Porto Alegre – RS, Brazil

Linocut is Jander Rama's field of work, that is, the end-product comes in that medium. The drawing is the medium used to create that which will be handed over to the technique, where the proceeds to replace the plotter (machine) with the engraving technique's manual operation. He chooses a midnight blue background for the final printing, a characteristic of his work. The drawings are hybrids of man and machine, and are made in a technical manner to created android creatures, robotized in metaphors of the relationship between humans and technology. Parts of that human body are replaced with technological mechanisms, and man is transformed into a cyborg through science and fiction. Jander's drawings come with operating instructions, like those in handbooks of products people buy in the market. His creatures constitute a space where man and machine come together with their prosthetics and orthoses. He also uses the machine as an extension of the body itself, where a unique, robotics-related universe is set up. The artist's discourse

is meant to encourage viewers to ponder the likelihood of ingenious devices such as those in his inventions actually being created and materializing in a few years.

KARINE PEREZ (1981)
Rosário do Sul – RS, Brazil

In the past few years, Karine Perez has been doing photographic self-performances where she explores the relationships of the body and subject. In addition to that body being a represented artifice, it has now become the subject and object of her work. The self-portrait issue implies the use of the represented image or the artist's own body, albeit with its (un)identification. The artist does her self-performance before the camera through ephemeral, improvised, lonely actions. Self-portraits allow her to take on another role, step out from one I and into another. The body becomes image and presents itself clothed and veiled. The veil concealing the body is a symbol of secrecy and secret. Karine plays a character in her mind, which engenders temporary "I's" and turning her body into a field for experimentation. Interaction with the viewer takes place only after and indirectly when her photographs are seen in exhibit venues. The body has a relationship with technology in her creative process given that, as she takes pictures of herself, the artist acts as the subject that photographs and is photographed, in addition to manipulating the images. The body is quickly converted into pixels and becomes information, allowing the artist to make changes via software commands. In the exhibit, some photographs are covered by tulle, which casts another shroud over the image.

KÁTIA COSTA (1969)
Porto Alegre – RS, Brazil

Kátia Costa's plastic vocabulary is made up of interactive works that build objects which occupy and transform their space. The verbs inflected by this artist are: to photograph, put away, appear, disappear, multiply, remember, and interact, among the several which have a meaning in her career. The works chosen for this book are the artist's three "masterpieces." Caixa de Música (Music Box) is a large closet lined with wooden panels on the outside and mirrors on the inside. The piece fully achieves its purpose when acted upon by someone else, a subject invited to step into it and interact with the space. Kátia builds spaces. More than that, she builds dreams that begin as soon as the subject is enthralled by the piece. Inside the box, he/she is surprised by the multiple ways of seeing him/herself. The threads of fantasy take them on a journey through time reflected in a series of images, where each one of them seems to belong to a different age. Memory transcends from the simple thought to the concrete action of letting yourself be carried away by the music, lights, and the image of the ballerina. In O Cofre das Imagens (The Image Safe), Kátia offers us the visual and sensory experience of going into an object that inspires mystery and secret. What is inside the safe? Roaming between the real

and imaginary territories where imagination is stored away in ever-multiplying drawers unsettles our perception. The counterpart, the chasm, vertigo are words that spring up through our senses. The simulation of a passage: inside – outside; the cliff, the feeling of sinking, and the vertigo from the repetition of drawers on all sides of the safe by means of mirrors that make the environment abyss-like. Her third piece is *Mala do Mágico* (The Magician's Trunk). The box is intriguing because it conceals something between its mirrored walls. It hides a camera that takes pictures of all those who dare go into it, bewildered by the feeling evoked by the multiple mirrored images. The artist's daring exploits are not restricted to the above. She has many series of photographs, usually mounted using mirrors. Kátia Costa makes sure to provide the necessary space for a true interaction between the public and the piece, where matter weaves relationships with feelings and puts time in suspension, goading us to think about the frontiers and developments of contemporary art.

KELLY WENDT (1980) Maringá – PR, Brazil

Kelly Wendt's hometown of Pelotas is the site enabling the emergence of her plastic work. Her relationship with the city makes sure the raw material of her photographs is within her reach as she goes for walks, thereby connecting the body, space, and time. Amidst the urban weave, Kelly puts together an inventory of derelict houses. Blind, deaf houses that were once part of the city's architecture. Today, they are nothing more than bodies in ruins and silent keepers of the secrets and stories of those who used to live in them. As bodies abandoned to their own fate, blind and deaf, with their doors and windows sealed by bricks or boards, they seem oddly estranged from the city, bereft as they are of their true reason for existing: the dwelling-house. Presence turns into absence. As I write about Kelly's work, I try to make my way into her poetics and watch her work come into being. Her creative process does not require a studio – a place where images are made – and she uses her cell or camera phone to capture the ones she deems suitable to create relationships between the darkness on the inside and the invisible on the outside. Once in a while, the reverse side of those bodies is revealed by some crack allowing a glimpse of the soul's dust, the traces, and the memories of long-gone dwellers. Soulless houses and their shut-in recesses are in the rift between the absence and presence and in the seam between art and life.

LAURA COGO (1980) Lafayette – LA, USA

Laura Cogo's structures made of colorful tulle reproduce an element from the place where they are going to be installed, usually in pairs, one real and the other, a symbolic

construction. In most cases, they are similar only in their shape, because the materials are always opposite. The model object, be it a bench, a chair, bed, trash can etc. will end up originating another in a strong color, meaning an opposition. Her first pieces were made for indoor areas. They later gained the streets and were set up in bustling locations, placed very close to their counterpart. The latter retains its utilitarian characteristic, and the object in colorful tulle, the aesthetics. *Espectros* (Specters), as Laura calls them, are on-site urban interventions made to interact with the viewer. Her pieces present themselves in the space lightly and transparently, indicating their frailty as a sculptural object sitting in the public space. However, their conceptual meaning is powerful and belongs to the on-site kind, that is, the piece is made for that place and only makes sense there.

LEANDRO MACHADO (1970) Porto Alegre – RS, Brazil

Leandro Machado dedicates himself to painting and considers it "a dialogue written on the body." In other words, it is a memory-body, action-body, and thought-body. His creative process is always devised based on accumulation, superimposition, transparency, color and dimensional relationships, and successive layers. He sees his work as a battle, a resistance to assert he exists. His paintings stem from that thought. They are drops running down one over the other, allowing us to see the archaeology of the whole through the transparency of the layers. They are intensely colorful. As he wanders and/or cruises through town, the artist picks up things like packages and paper, plastic and metal objects, which once reorganized may be used to get people thinking about them or as the theme of an exhibit. That act of grabbing hold also helps him paint, given the same principle of accumulation is part of both processes, where the city is the body for all possible investigations. During his searches, he has found street posters advertising concerts and which have become a medium for his painting. The drops have got bigger, left the canvases, and ended up directly on the wall or floor. In his latest work, he resorts to plastic orange meshes used in the construction industry. Considering they are thin and trellised, does that implies a superimposition for them to gain body and become visible? Are they in any way related to his painting?

LEANDRO SELISTER (1965) Vacaria – RS, Brazil

Há Tempo Atento ao Tempo (Long Time Minding the Time) is a book depicting the last eight years of artist Leandro Selister's work, from 2002 to 2010, during which he shows us time in fractions, frame by frame, in his pieces. The series of photographs are the product of his ponderings about passage of time, which is recorded in subtle perceptions of nature and the things around him. We can think about the time we are given, in which everything gets frozen. In it, the artist

claims another time: that of waiting, in which every minute or second is precious and about to reveal something very important in his artistic process. He may give us either life or death in a slowed-down time, in which a flower's blooming and wilting are not perceived by us other than through his lenses that graze the finite by means of the infinite time. Selister's current work is related to photography, but his projects are quite different. In *Coisas do Cotidiano* (Everyday Things), indefinitely on display on Facebook, he records snapshots of everyday life that are given a title which adds substance to that image and turns it into art. For his project *Em Instantes* (In Instants) at Trensurb in Porto Alegre, the artist is tasked with delivering 25 images of the cities along the metropolitan train's route. Every week, he creates an internet page and then, at the 19 stations, he puts up posters containing QR Codes (two-dimensional barcodes) which, upon being scanned by a cell phone equipped with QR code-reading software, invites the audience to access the images and share them on social media. That feedback entices the artist given the reach it has obtained in the networks since he began these two new projects.

LEONARDO FANZELAU (1983) Porto Alegre – RS, Brazil

Leonardo Fanzelau works with photographs but has a predilection for objects, preferably those found in the world, which he means to manipulate so he may destabilize their original function. Walking around playgrounds and carefully examining the equipment to find defects in its mechanisms is an action that opens up windows for his creation. Such defects that may cause injuries inspire him to create a series of logic-devoid toys, whose functions have been altered by some intervention that makes it impossible for them to be used as such. Toys which look somewhat normal because they are brightly colored, but which will seem kind of odd as they are more closely inspected, considering something in that toy is not viable. The series yielded several impeccably presented toys looking industrial and made with precision. Eggs are Fanzelau's second block of work. In that set, conceptual relationships are more silent because those eggs are real. The artist removes their contents through holes and gives that object a new meaning by creating pieces of sheer technical refinement and revelatory concepts. Eggs become the seven dwarfs, depending on each one's characteristics. Nails help keep them upright, higher or lower, making a counterpoint between frailty and might. Series are created. Sometimes they feature artists like Warhol or Brancusi. Sometimes even the Lascaux Egg, in which an animal from the cave can be seen drawn on the inner wall of the shell. The pieces are always displayed inside glass or acrylic boxes whose impeccable finish add value to the whole set.

LETÍCIA LAMPERT (1978) Porto Alegre – RS, Brazil

She works with photography and artist's books, and has recently migrated to video and projects that involve photographic or audiovisual installations. Leticia Lampert has worked on many

series, one of which should be highlighted here: *(des)Construções [(de)Constructions]*, in which she makes collages that playfully couple parts of houses and buildings to erect new dwellings that are oddly familiar, considering that this visual pollution in big cities causes such hybridism. In her series *Escala de Cor do Tempo* (Time's Color Scale), she explores the concept of color-time, where time has a color respective to a moment that has passed. In *Escala de Cor das Coisas* (Things' Color Scale), colors are words in the social imaginary. For that piece, she created a catalog-book with 58 thing-colors photographed. Her latest series, *Apartamentos com Vista* (Apartments with a View) and *Os Avessos da Cidade* (The Reverse Sides of the City), address problems faced by heavily populated cities, where we do not know our next-door neighbors despite how close our windows and doors are. Her work investigates how close windows have become, city views that are changing, and the point of view relative to things and people. The artist is an investigator of human relationships, be they of space, color or time, and her sensitivity shows in her pieces when they portray the outcome of those relationships.

LIANE BORGHETTI KREZNINGER (1954) Porto Alegre – RS, Brazil

Liane Borghetti Krenzinger's plastic intent begins as she records images that are personally important and significant to her. Ballet is a part of her life and feeds her work in the field of painting. The composition of each piece reveals the diversity of the materials she uses: acrylic paint, PVA, bitumen, gold plating, printed tracing paper, India ink, graphite, and charcoal. Highly skilled in the use of those materials, Liane executes each painting by working on the matter in order to make it her accomplice in the development of shapes. The transparent layers are laid one over the others and create several instances of time within the painting. From the first gesture outlined on the canvas up to the accumulation of layers there spring up the textures, at times thicker when gold plates or tracing paper are used, at others, softer, when made of bitumen and PVA. The entire assembly is created based on superimpositions. The layers allow the subtleties of the matters emerge in strategies of blotches that show both the prints on the paper and the graphite-based drawings. Shades of ochre, brown and white are put between color scales afforded by the transparencies and, despite the dense matter achieved, there is no denying the shapes seem light. Hence, in her search for such weightlessness and grace, the images are created in unparalleled movements of the shape as they shift through space, and the sensitive ingenuity of the figures' positioning, in a painting painstakingly executed, that is, scrubbed, scraped, diluted, and superimposed.

LILIAN MAUS (1983) Salvador – BA, Brazil

Lilian Maus believes drawing is the language that houses the challenges she faces to build her poetics. However, it is also a gateway to other intentions, that is, drawing allows her to move

towards the installation or even video and photography. "I see drawing as a sort of cultivation field where the transformation of the surface over time evokes the fleeting nature of the very aesthetic experience. In that respect, graphic exercises may be understood as an area to be inhabited (a garden), in which projected and incidental actions build the piece and engage the viewer," says Lilian. Her process is immersive. She plunges into her work to retrieve from it more inputs for new forays because, as she draws, she unveils the world or words and letters which, when tangled, create drawings as well. Drawing also means making use of the wall and letting nature do its thing. Humidity, too, creates its scars, such as water does in her drawings. The take-over comes later, when she adopts the drawing and calls it Cultivation Field. Her drawing is always thoroughly cultivated, whether it is on paper, in artist's books, or performances, in which she sits down and the drawing gradually takes shape as she turns her body around, in a slow process of superimposing layers of watercolors.

LISSANDRO STALLIVIERI (1973)

Caxias do Sul – RS, Brazil

According to Lissandro Stallivieri, his artistic career is marked by in-depth research and then by the artistic practice involving photography and video. He highlights that the images which interest him are preferably those that have the same sequence both in still and moving images. Under that format, his process adds elements such as time, the act of recording, perception, light, mechanics, and electronics. What the artist is seeking through the image is the human being's relationship with the city and among themselves, and how bodies insert themselves in space. Social, political, and dogmatic situations permeate his process. With regards to that, he says he wishes to improve his knowledge in the field of visual anthropology. When a topic appeals to him, he devises an action strategy that starts by putting together a work team, proceeds to research, and moves on to recording, choosing, and preparing the images that are going to be displayed. Then, finally, the exhibit is set up. In addition to his visual art work, Stallivieri owns a film production company and also operates in the field of recording priceless art history elements, such as the documentary about Bruno Segalla, an artist for whom a cultural foundation has been created in Caxias do Sul.

LUCIANO ZANETTE (1973)

Esteio – RS, Brazil

The languages used by Luciano Zanette in his pieces make their way through drawing, painting, sculpting, installation, and site specific. His 3D pieces have allowed for a more intense relationship with viewers, because they raise issues of comparison, evaluating one's body, memories and distances, habits, and alleged certainties. The objects built are not meant to be used, but those who look at them make indirect

connections with regular pieces of furniture. In *Mobiliários Melancólicos* (Melancolic Furniture), the objects put together choreographies that desecrate the meanings of what is real as they change the meanings. Standing still there, they serve no purpose other than to the aesthetic created from the example of North American minimalists and Russian constructivists in close relationships. Zanette challenges the eye in his piece *Barreira Militar* Rietveld (BMR1). Its content is reminiscent of Rietveld's design, although his is being fitted with one leg that is too long to make up a military barricade where the seat is in the chair, but the impossibility of using it is concrete. These pieces of furniture are made in a clean manner and the visual silence that engenders the scene creates the play between presence and absence. The odd feeling stemming from the inability to use the furniture gives aesthetic power to the pieces.

MAGNA SPERB (1953)

Novo Hamburgo – RS, Brazil

The awkward feeling, and even a sense of disgust or fear, caused by the images gives rise to reflections and makes us think beyond what we see. The allegory of the image is the product of a long process of learning and experimentations. Magna Sperb's first paintings were made based on glossy magazines: fashion, jewels, and perfumes. The faces in close-ups and provocative poses, usually behind sunglasses, spoke of beauty and allure. In her recent paintings, the stereotype chosen was that of a young, blond, sexy female figure donning the accoutrements used by fashion labels to entice and arouse the contemporary narcissism in a capitalist society where everything is for sale. The painting was used as a means to depict the ideal world surrounded by beauty, youth, and happiness. Notwithstanding her reflection about it and given her longing for change, she places on the faces and bodies bug-shaped stickers to contextualize the contamination of beauty as a metaphor for that which we do not wish to see: diseases, old age, and death. Magna executed the work by offering the magazines that had inspired to cockroaches, feigned, treacherous creatures that devoured beauty and perfection. The shapes lost their outlines, got old, and were sucked away over time. The photographs let on a veritable scrutiny by those insects on the magazines, where we can see the depth and the layers that lay the entrails bare. The scenes are captured at specific moments and reveal the frailty of human beings in the world, besides playful and erotic aspects.

MARCELO ARMANI (1978)

Carlos Barbosa – RS, Brazil

Marcelo Armani works with acoustic installations in which the physical and acoustic relationships between the materials weave combinations among themselves. The importance lies in the whole set, the two of them must walk side by side. In his installation *Vasos Comunicantes* (Communicating Vessels),

he used more than 40 transparent glass items, each one fitted with a loud-speaker and over 60 cables to bring the sound from 10 different channels. The set is harmonious. The wires, glass vessels and loud-speakers must be in a visually tuned dialogue. Aesthetics must prevail. The elements laid on the floor of the room allowed people to walk between them while the sound moved from one vessel to the other, reproducing the sounds of the city of Porto Alegre. The wires climbed up the walls, creating new designs. The many acoustic installations produced by Armani are conceived based on the places they are going to be held, be they art galleries, outdoor spaces, or beaches. The sound people are going to hear is related to that choice as well.

MARCIA ROSA (1960) Pelotas – RS, Brazil

Marcia Rosa's current work, titled *O que é a Flor para Você?* (What does the Flower mean to You?) is the product of her master's research which allowed her to observe the flower and, based on that object, carry out investigations in several media, such as engraving, watercolors, photography, and video. The project comprises placing flowers in an acrylic frame and watching them change over two years. The changes took place and started suggesting the media to be used in order to reclaim all of those flowers' possibilities during their cycle of life and death. "My subject of study was the perception experience of directly observing the flower element and its consequent thought-provoking dimension: the changes, metamorphoses, whether aided or not by the exposure to weather, as the possibility to reflect about life and death, existential issues, and spirituality," says the artist. Her work yielded photographic images of the journey, videos that captured the most genuine moments in the flower's life, in addition to watercolor drawings on see-through fabrics where light plays an important role in such context. Marcia Rosa ran the flowers through the press, thereby eternalizing their texture and image in an engraving album. Her poring over a subject and extracting from it that entire powerful work filled with meanings, depicting beautiful, charming images, was an act of absolute dedication she used to weave the deepest relationships between art and life.

MARCOS FIORAVANTE (1989) São José do Rio Preto – SP, Brazil

Marcos Fioravante makes his pieces in the language of drawing, especially pastels, in large or small sizes. The thing that changes is the gesture, which may be restrained, as the hand hardly leaves the paper, or open wide, as the body is placed in movement. His virtuosity is a constant characteristic that joins the conceptual and process-related implications. From the photographic images taken by himself or by others and which he collects, the artist selects from each one the elements he is going to use in his work. The ways in which he executes his drawings abide by the following principles: projective, isolation, depletion, and through the traces and marks typical of the very preparation

process. "Much like the corners of rooms that silently safeguard our remnants and memories, a drawing as space, land or reservoir is also made of passages, tracks and camouflaged residues imbued on the surface of that space in activity," explains Fioravante. His drawings are emblematic, because he takes an object out of its context to execute it, or yet he outlines something, the corner of a room, an environment, with several details showing extraordinary mimetic quality. Between a shade of gray and the blackest black or some white, a range of hues establishes itself, making the most of the scene in which the space of the drawing is the space of representation that is somewhat disquieting for the eyes.

MARCOS SARI (1972) Porto Alegre – RS, Brazil

Marcos Sari put on exhibits in which the principles of painting are used in chromatic interventions in the three-dimensional space and in landscapes. That mediation may take place directly in the landscape or inside an art gallery. He also uses objects he finds or everyday items that are incorporated into his work, as long as they are in tune with the painting and the use of color. Landscapes are the starting point for his pieces shown at the 8th Visual Arts Biennial of the Southern Common Market, *Cadernos de Viagem* (Travel Notebooks), which comprise five large photographs and another 50 postcard-sized pictures, in addition to an intervention in the exhibit venue. Sari says he uses color in such interventions because of his desire to blend it into the landscape which, in cases like those, is the medium for his work. "At times, that color is going to merge with the landscape more directly, and at others, it is going to create some difference, albeit still a subtle one," he explains. The painting has migrated into space, that is, it shows up on other mediums – on architecture, on the objects, and on the landscape associated to geometry as well –, as the focus of his observations. Besides painting and interventions, the artist draws colorful geometric figures on paper that are consistent with his production, as we can see the same fields of color in his landscapes amidst nature.

MARIA EUNICE ARAÚJO (1964) Santo Ângelo – RS, Brazil

The series on which Maria Eunice Araújo is currently working comprises photographs taken of the inside of refrigerators at the home of friends, acquaintances, or even strangers. Photographing ordinary, everyday objects seen as indices of the residents' singularities is a pertinent subject in the artist's education in Business Management with emphasis on Human Resources. It was exactly people's behavior that drove her to focus her work on photography at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). In the process of pursuing this collection of images, photographs are taken with the tripod facing the refrigerator and with little light, almost always natural. Her creative process requires her to set up criteria for her to obtain the images later on, and compile them basically in a scientific manner that includes sorting, editing, and filing. Another aspect entails the

selection of groups of houses within the same area, which helps identify the habits of each one of them and translates thoughts about what is the product of the process of civilization or particular to the human being's personality. The outcome presents regular-size photographs or sets of 60 fridges in a 100x100 cm format. The photographs are interesting and her work, in addition to its formal beauty, allows us to peruse its contents and even imagine which our refrigerator might be, thus adding playfulness into the mix.

MARIANA SILVA DA SILVA (1978) Porto Alegre – RS, Brazil

Cooperation and collectivity in artistic projects have been increasingly springing up in the contemporary scene. The artist leaves the studio and starts executing urban practices. In her piece *Na Minha Cidade tem um Rio* (There is a River in my City), such is Mariana Silva's proposal as she resorts to the everyday collective space to execute actions related to the invisibility of the Guaíba River, and focuses on grabbing hold of the landscape in a thought-provoking manner. The performance comprises handing out blue T-shirts that read "There is a River in my City" in Portuguese on the front and English on the back. The T-shirts are sent anywhere in the world. Moreover, the city has an ambiguous relationship with the river. No one is sure whether it is a river or a lake. Another issue is geography-related: people have the chance of enjoying the river in the south side, which they cannot do downtown because the river is secluded behind a long wall. Using the images received by everyone taking part in this action, a blog has been created where the authors and places are posted, thereby setting up a network built around the proposal. Mariana hails from a career in photography, in series of pieces that explored the body, and has always dedicated herself to looking into collective issues.

MARIANE ROTTER (1975) Ijuí – RS, Brazil

Mariane Rotter works with photography and since 2002 she has been investigating and making series of images captured at her eye level, that is, a little lower than her 1.30 m (4'3") height. In her series *Meu Ponto de Vista: Banheiros* (My Point of View: Bathrooms) featuring images that are instigating for the resolutions they present, she takes advantage of her short stature and sets up a cutout for her to behold. That cutout is made as she positions her camera in front of the sink and captures the image across from her. Through that self-portrait, oddly framed to us, she speaks of the absence, given her face does not show. Other images in this series feature everyday scenes from which people's head have been cut out, which obscures the main focus of a portrait: people's faces, their identities. However, they end up highlighting other aspects: the details, the hands, the instantaneous gestures that have been captured. Another

series, *Indutor de Percepção Cotidiana* (Driver of Everyday Perception), is an artist's book containing everyday images of people, animals, skies, and landscapes, subtly framed at times, unusually at others.

MARÍLIA BIANCHINI (1977) Porto Alegre – RS, Brazil

Marília Bianchini's work addresses the memory and the passage of time. The photographic images are printed on papers she home-makes herself by means of a long, meaningful process. The artist then casts on them instances of her own life. Most of the time, the images are printed in a fragmented manner and later on superimposed. Each piece of the image completes the whole when they come together to materialize Bianchini's narrative. The passage of time can be seen on the very paper which, in its frailty, seems about to crumble. Additionally, delicate images in faded colors remind us time is inexorable and leaves its marks, while the artist is left with the memories of her grandparents depicted in everyday scenes. The issue of absence is there as well when we see an empty rocking chair or tools abandoned to their own fate. We can also see the technical refinement of her pieces, whose process is time-consuming given how particularly is its out together, from the paper all the way to the superimposed images. An example of that is her series *Inverno* (Winter), in which the branches are built with the same dedication in which the superimpositions reveal, through transparencies, the simple image, albeit one of great formal beauty.

MARINA CAMARGO (1980) Porto Alegre – RS, Brazil

The high point of Marina Camargo's process is oriented to more contemporary media such as photography, video, and installations, besides the use of stickers in words. She uses those media to lay hold of places around the globe. Google Earth and GPS are regular tools for her to interact with space and put her maps together. That leads to a greater understanding of the cities because, although she subscribes to walking around, doing so does not capture the cities the same way as references provided by technology do. While she lived in Germany she dedicated herself to studying the Alps, an oft-used reference in tourist images and souvenirs, and one which has become emblematic for the artist. She collected postcards and photographs of the intriguing mountains, then transformed them by painting the outline of the mountains over the images. Next, she obtained photographs in which she could fit those created models in the original. That series led to a video-installation boasting beautiful, quite appealing images. A recurring theme, the map points to routes that are either imaginary or not, making us feel like Marina is looking for herself when she thinks about the light of a piece, its color, location. The technique she is going to use is defined based on such thoughts.

MARISTELA WINCK (1951)

Pato Branco – PR, Brazil

The poetic might of Maristela Winck's work emerges by means of two main points: photography and installation. The importance of one and the other makes itself known because the precise technique and the theme chosen instigate us for their beauty, harmony, and how they are presented. Additionally, they get us thinking about temporal layers and seduce us through transparencies and superimpositions. Her series *Véu de Verônica* (Veronica's Veil) comprises many pieces in which the artist explores plastic issues related to the history of art and of religion. The veil comes up as a recurring element both in its symbolic sense and for its ability to conceal and/or disguise. The images create rhythms for the eye. The entire set awakens our perception by establishing the *trompe-l'oeil* which makes us feel inside the piece at times and outside at others, even though we are at its surface, as it creates optical illusions. Our eyes tread carefully over them, unveiling the process and diluting it through the observation of the image layers and time itself. Beyond their general look that surprises for its lightweight, superimpositions, and colors, we realize Winck's consistent research into photography, a language she has been using for some years and which allows us to behold instigating pieces of great visual and formal beauty.

NARA AMELIA (1982)

Três Passos – RS, Brazil

In her exhibit *O Mundo é uma Fábula* (The World is a Fable), Nara Amelia shows a set of engravings and drawings which, besides subscribing to the *unheimlich* (the uncanny) – which, according to Freud's views, is oddly familiar to us –, present a fantastic world of hybrid animals that evoke the human being's bestial nature in unsettling relationships between man and animal, or yet the animal as a metaphor of the human. Her drawings and metal engravings are executed with a technical quality that renders impeccable results, intriguing as well, as they involve the creation of series of narrative images in which art and literature are intrinsically connected by the use of images and words, that is, the illustration of literary fables. The aged papers and the dialogue between the pieces – remains of time – are the medium for such delicate, sensitive creations, at the same time powerful and enigmatic, made using watercolors, embroidery, and even (faux) animal fur. Her irony- and subtlety-laden pieces go beyond art and dialogue with philosophy when they propose an inner search, that of finding oneself.

NATHALIA GARCÍA (1986)

Porto Alegre – RS, Brazil

The installation is the language most used by Nathalia García, who since 2009 has been building eaves in space, creating contrasts and strains by hanging large and/or heavy objects using synthetic crochet thread. Her pieces are divided into two sorts: hanging objects (mattresses, plant vases etc.) and hanging constructions (walls, columns, rocks etc.). The pieces dialogue in space through

the threads and the plane. The taut thread creates the balance to support the object. As she hangs those objects, she takes them away from their banality and dignifies them by giving them a singularity and unique beauty given that, amidst the weaves of thread, the now-artistic object proposes new interpretations. The thread is also present in the artist's drawings, who sometimes makes them as a (pre)view of the object to be installed, or as a record of the installation. Both types of work, the installations and the drawings, either together or apart, show up as important languages in contemporary art and provide inputs for Nathalia to keep on experimenting with respect to the technique, the concept, and the visual and sensory impacts her pieces have.

NECA SPARTA (1948)

Santo Ângelo – RS, Brazil

Neca Sparta's plastic investigations address issues related to recurring themes in her poetic, including death, loss, finitude, absence, and abandonment. In the past few years, the artist has executed several pieces, always based on those themes and using plastic artifices to create gloomy pieces, many times unsettling ones, which arouse feelings and change perceptions by reaching the public in that which is the most intangible and inevitable: death. In 2011, she showed *Subversões do Tempo* (Subversions of Time), a photo-installation featuring 90 portraits suspended by steel wires of various lengths. She created the pieces by adding her own take to old portraits purchased at antique fairs and flea markets. The photographs are manipulated using stitches. She has executed several other series: *Sudários* (Shrouds), *Pinturas Negras* (Black Paintings), *Arquivos Mortos* (Inactive Files), and others, in which she used materials such as ashes, cement, lightweight fabrics, papier-mâché, paint, and prints. The artist rouses viewers by means of well-executed pieces and engages them by leading them to think about the finitude of both life and our feelings.

NELSON ROSA (1972)

Curitiba – PR, Brazil

When in the early 20th century Duchamp showed an industrial object as a mental piece of work, he shifted the problem of creation by placing the artist's eyes on the ready product, to the detriment of any manual practice or skills. From the 1990s onwards, artists have been increasingly grabbing hold of images, objects and ideas to create their work, in response to the replication of offers in the media and the amount of low-cost, disposable products. In the 21st century, the postproduction is now seen as a cultural system, according to Nicolas Bourriaud's interpretation. Early in Nelson Rosa's career, he opted for painting and drawing, or a mix of those two, to make pieces of great plastic beauty. Today, he works with photography and borrows graphic media images to create panels and explore contemporary concepts, such as repetition. Rosa takes images from newspapers and magazines to make his pieces. The saturation of images ends up creating textures

that give new legibility to that context. His artist's books and photographic installations are part of that production engendered based on collecting and decontextualizing images. His work is meant to knock over our inability to see in today's world. To do that, he uses methods such as deconstruction, juxtaposition, and sequentiality. By organizing the images in a rational and chaotic manner, he draws the viewer's attention towards noticing spaces and details which were not visible in the original image.

NELTON PELLENZ (1967)
São Paulo das Missões – RS, Brazil

Video and photography brought the plastic arts a change in their name, as it was in the visual arts that the anchorage for those languages was found. Such languages are tangent to the frontiers and mark off the new space-time of art, build poetic narratives, and increasingly criticize urban aspects, besides setting up video installations of great artistic-cultural value. Nelton Pellenz's artistic journey takes place through video and photography, and landscapes stand as his major focus of interest. In his videos, he uses the long shot and extended time to seize the viewers' attention. Keeping the camera in the same place, he seeks to give images an effect that does not define whether the content is real or manipulated. Nothing is scheduled in his production process. The images are shot and later on selected in a studio. Finally, he chooses the audio to complement the narrative. In his photographs, the artist pursues that same lack of definition, and to do that, the shutter speed is reduced. In the case of this language, the conditions to execute it are previously scheduled, and there is a preferred theme to be addressed and location. Because of his many years' dedication to those two languages, both his videos and photographs have been acquiring an increasingly higher degree of beauty and sophistication.

OTTO SULZBACH (1969)
Palmeira das Missões – RS, Brazil

Otto Sulzbach has in sculpting the language to execute objects and installations of great visual impact created by his use of industrial rubber – the black color is emblematic in and of itself and is charged enough to produce optical and sensory effects. When he covers dolls, either partially or entirely, he refers to his own memory as he assigns them a heavy autobiographical load. Those objects are trustees of affections that hark back to a time past and, by reinterpreting them, he exorcizes fantasies and ghosts from his childhood. The narrative of his symbolic constructions gradually builds bridges between the voids and gaps because his stories are inscribed in those objects and beings, while his reminiscences deal with residues, fragments, and events from earlier times. The memory as reference, addressed as a concept in his art, is there to discuss the fleeting nature

of experiences and affection-based relationships. The objects are executed using collages and stitches, and their networks make up richly patterned designs, at times floral, at others sharply pointed, giving movement and life to the inert, worthless residues. The layers of rubber are added to the layers of time with respect to the construction of each object, such as the one in which Sulzbach reinvents himself through the fabric of his memories.

PATRÍCIA FRANCISCO (1974)
Porto Alegre – RS, Brazil

The main theme addressed by Patrícia Francisco in her work is the memory, in several languages such as video, film, photography, and artist's book. She pursues strategic issues in each one of them. Her films *Eu Trilho* (I Tread) and *Retrato da Vó Ana* (Portrait of Granny Ann), both from 2008, are pioneers in the issue of memory and identity, and have materialized in a much more substantial manner in later productions. Her work travels quite freely around the field of contemporary artistic production and, by mixing languages and even shifting between types of production, she is always seeking innovations and experimentations. Patrícia has established herself in such scenario for the quality of her pieces and the artistic, in-depth stance with which she delivers a consistent production that is quickly and increasingly achieving greater sophistication in her practice.

RAFAEL PAGATINI (1985)
Caxias do Sul – RS, Brazil

Rafael Pagatini's interest lies in creating relationships between presence and absence in his work. To do that, his language crossovers have proved advantageous, and the outcomes present several lines of action in engraving, drawing, painting, and photography. His relationship with the landscape is the guiding line for him to make his pieces. We have picked some out of the many series executed by Pagatini to discuss the importance of his poetics and its result on the piece. In the series *Passagem* (Passage), the pieces are made from photographic records of landscapes on a linen canvas painted black with holes drilled using an image-editing technique. Once it is drawn tightly in frames, the image stands out through the light provided by the environment, thus creating the play between presence and absence. His series *Reflexão* (Reflection) comprises installations fitted with mirrors that reflect, besides the viewer's image, the one inserted into it using industrial laser engravings. The pieces are named after the reference cities where the artist captured the images. In turn, the photographs in his series *Brumas* (Mist) put into question the city of Caxias do Sul's transformation owing to rampant demolition brought about by real estate speculation. The images that originated the wood engravings were taken in foggy weather, resulting in the evanescent effect of

the scene. *Suspensão* (Suspension) is a series of photographs taken by the artist during a drive from the Rio Grande do Sul mountain range to the state's seashore, a trip he took to study the landscape. They are beautiful images that focus on the concept of vanishing, in the proposed play between absence and presence. The effect of time and memory in tune with the color that blends on the horizon sets the contrast between the mist and the colors of an element that stands out.

RICARDO GARLET (1986) Frederico Westphalen – RS, Brazil

Ricardo Garlet inserts himself in the world of contemporary painting via a creative process based on mixing it with the most significant media of today. His pieces are still lifes he executes by using objects such as knick-knacks linked to the Kitsch aesthetics, which labels those objects as vulgar, cheap, and even in bad taste. Grouped into compositions, they are photographed using a digital camera fitted with magnifying lenses or glass globes filled with water. The purpose of using such devices that subvert the operation of the equipment is to produce distortions and unexpected effects in the images. After an initial selection, he chooses the images that are going to be projected on the canvas and painted using oil paint. His process of executing the painting is based on the principle of not using the white pigment, such as in the watercolor technique. Instead, he adds yellow paints until he achieves darker colors such as green and purple directly on the canvas. "Without using black either, the dark areas uphold the vigor of the colors, according to the logic of color thickening/juxtaposition similar to that of photographic film, or in keeping with contemporary printing processes," says Garlet. His pieces, some of them large (150 x 400 cm), are dazzling for their inner logic, intense colors obtained from many layers of diluted paint, and proposal to create contemporary still lifes.

ROCHELE ZANDAVALLI (1980) Garibaldi – RS, Brazil

Rochele Zandavalli works with photographs, whether they are the product of her creative process or a borrowed picture on which she manually interferes in image using stitches. Her idea is to make the photograph pictorial by exploring its limits and mixing it with other languages, such as drawing, painting, silk-screening, projections. When she takes photographs, the artist usually does so via the analog process, increasingly rare nowadays. Zandavalli also executes series of staged photographs, most often using models. The luminous projection of the images by means of slides and superimpositions over the body is also part of her poetics. In her exhibit *REVER* (REVIEW), her work on black and white images dialogues with other people's memories, given that such images are purchased in antique shops or flea markets, or yet donated by people whose past she ignores, and in the act of intervening with stitches, she highlights meaningful aspects between siblings, couples etc. The photographs show

time has passed through their stains, small crumples, and even tears. The artist's idea is to give them new meaning and change the aesthetic relationship between the artwork and viewers.

RODRIGO PECCI (1976) Porto Alegre – RS, Brazil

Rodrigo Pecci works in the field of engraving and his pieces remained faithful to the technique for a long time, both in metal engraving and the monotype system. For 10 years he worked as a metal engraving technician and instructor at Museu do Trabalho in Porto Alegre, where he learned and developed the technique with artists Wilson Cavalcanti and Maria Tomaselli. He currently teaches engraving at Instituto Tomie Ohtake and Centro Cultural Carlos Oswald, in São Paulo. The engravings represent a space of action for the artist, who does not stick to specific formulas. His gesture is loose, his images are instigating for the use of blotches and lines entangled in a set that is harmonious and, at the same time, powerful and enigmatic. In his forays into other fields, Pecci made a book of drawings in which the images, like his engravings, are expressionist in nature. In his latest exhibit, *Desajustados... Nômades... Andarilhos...* (Misfits... Nomads... Vagrants), held in São Paulo in May 2013, he showed acrylic paintings. Although figurative, they still retain the gestures and expressionism in the images.

ROGERIO LIVI (1945) Cachoeira do Sul – RS, Brazil

Rogério Livi gives us lines in space in the shape of wooden sculptures. His work is masterfully executed, showing intimate knowledge of the material as well as patience, in the way he whittles the wood, little by little. His shapes take on unparalleled lightweight, and seem fragile hanging in space. The softest of winds manages to blow them around. We see the total closeness between the sculptor and his work, as the shapes weave spatial rhythms and multiply through their creator's hands that impose balance and harmony upon the matter. The shapes take hold of the space by extending themselves and creating tracks like bodies that outline their history through time. The shadows cast on the wall by means of light show a new design, perfect like the original, albeit shrouded in mystery. On the other hand, their materiality is built with technical precision and each curve or fitting is accurately thought through. Livi, a stickler in his art-making, demands perfect pieces from himself. Everything must be in its proper place. When he draws the series of "bubbles", it seems as though nature is in cahoots with him, because such bubbles also keep themselves to a reasonable standard of perfection. He may exert certain control but it is not absolute, considering they are bubbles of soap and paint which, when blown, take on a personality of their own and settle down on the paper. His drawings in the series *Microvariações Sobre um Mesmo Tema* (Micro-Variations on the Same Theme) are surprising. Besides drawing and sculpting, the artist dedicates himself to photography in instigating series, usually about the theme of nature.

ROGÉRIO PESSÔA (1969) Rio Grande – RS, Brazil

The landscapes invented by Rogério Pessôa are ceramic sculptures used in interventions in the city. As the plastic language that it is, ceramics is no longer tied to tradition. Today, the pieces are executed in a variety of ways that include installations, interventions in the city, or even on the body. Contemporary ceramics – from design to art – presents itself clad in a wide assortment of garments. It is a language that increasingly incorporates the artist's new attitudes. In 2001, he participated in the Southern Common Market Biennial by placing 300 sculptures into the Guaíba River. The sculptures comprised shapes that looked like seeds and their staffs were made of iron. In another intervention, at the Farroupilha Park, his iron and ceramic sculptures took over the entire area of the reflecting pool. Many have been the landscapes contrived in the city, parks, water, beaches, and other places. In the 2001 exhibit Equinócio (Equinox), the artist decked the gallery walls with pieces of great visual impact in series where ceramics, using the terracotta and oxides technique, is associated to the metal stands that support them. The pieces are built in a modular manner. At times they fan out from the center to the edges. At others, they set up within boundaries devised to create counterpoints, reliefs, and weaves for the eye.

ROGÉRIO SEVERO (1966) Uruguaiana – RS, Brazil

His design is flexible and can be put together and taken apart at any moment, made up as it is of synthetic or steel wires, drinking straws, yo-yos, and some other trinkets. The freedom afforded by such design in space allows for explorations and experimentations according to the place it is going to be set up. Therefore, the artist's presence is vital. Without him, the piece cannot be made. The materials to be used are chosen for this action in accordance with their possible dialogues, but that is all. The finished work does not announce itself even to Rogério Severo. It is going to emerge from the juxtapositions and tangles, from the objects inserted gradually, the new wires that are drawn for another object to make its entrance. The improvisation of the initial act keeps driving the piece, characterizing the sequence, steering it for it to embrace its intensity. A steel blade provides the structure for the body of the piece; another wire tightly draws a steel line making up an arch, and everything comes together and builds itself. Rogério silently steps into an exhibit area carrying a small briefcase, a bag, and a tool box, and the piece comes into being. This artist that draws in space has drawn a lot on canvas in pieces of undeniable plastic value.

ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO (1968) Salvador – BA, Brazil

Rommulo Vieira Conceição uses four languages in his work: drawing, sculpting, photography, and installations. His sculptures

have shown an ever-increasing affinity with painting since the pieces created since 2009. The relationship establishes itself considering the intensity and the use of colors. His current work is quite connected to how space is perceived in the contemporary context and how the body is inserted in that space. By representing two or more things taking place at the same time, that is, taking place or coexisting in a space devoid of hierarchies or priorities, his pieces present a rationale of superimposition. The aesthetic of what is ordinary, aseptic, and empty are concepts that interest the artist, who relates the installations he creates to conjoined household environments, such as living room–bathroom–kitchen, in a synthesis of elements that remind us of the rooms of a home but which, although functional, are warped, and scramble our sensitivity. His recent series of photographs explore a singular poetics because, as it bounces the same mirrored image, it creates traps for the eyes, raising questions and destabilizing our perception. As for his drawings, so perfect they look 3D, he employs usually-complementary industrial colors reminiscent of neon. They set up a contemporary visuality and also puzzle the eye. By means of several languages, his investigations look into the same relationships between space and void in pieces that baffle the viewer's eyes for their beauty and relationship with the time in which we live.

ROMY POCZTARUK (1983) Porto Alegre – RS, Brazil

Romy Pocztaruk's visual records are connected to the languages of video and photography. Those acoustic and visual records are captured in cities like Porto Alegre and Berlin, among others. Along with visual artist Marina Camargo, she has developed the series *Percursos* (Journeys) since 2007. The experience of traveling and the record of that perception entrusted to the contemporary subject is a way of transforming such viewpoints into art and sharing it with others, in this case, the viewers. The trained eye looks for atypical situations within a city's everyday context. What is surprising is that Romy manages to find a tropical island artificially created inside a bubble in Berlin, the Tropical Islands, where the summer, the color, and the vegetation are stunning but seem odd because of the absolute absence of any bugs, noises, or even smells. However, the images in her series *Tropical* retain that record between the real and the imaginary. In turn, her work *A Última Aventura* (The Last Adventure) shows Fordlândia, a forgotten Amazon town in which Henry Ford built a rubber factory in the 1920s, and also a small town to house it. The streets were paved. The city had schools, a golf course, and even hydrants shipped from Detroit. Nevertheless, the Brazilian workers were able to get used neither to the work nor to the plantations, and the rubber-trees ended up perishing. The dream was shattered and the city shut down. However, it left remains that coexist with the local culture to this day. Her pieces are records of that legacy left behind in Brazil, in unique, interesting, historic images of that recent past.

ROSANE MORAIS (1956)

Porto Alegre – RS, Brazil

Rosane Moraes uses a phrase capable of encompassing her work to a certain extent: memories in motion. The cloths, at first rolled up and/or folded, are loaded with memories. The memories of this sensitive artist that uses the line to draw and write in her journal – unusual given its size (considering there are meters of fabrics) –, kept beside her bed so it may receive the most intimate confessions, yearnings and wishes that, once merged with everyday actions and facts, set up a personal inventory. That cloth which absorbs feelings and facts also works as cover, because many times it turns into the clothes she wears for her performances. Wrapping herself in it means living the moment, bringing movements to the weaves deposited therein – the past and the present uncompromised to the order of events – and simply savoring the fleeting moment. The line is Rosane's key word, and she intensely experiences her own poetics through the line of life, time, and drawing. White suggests peace, innocence; the fine fabric, at times transparent, accumulates layers and allows us to see and feel through it. We are invited to come nearer the fabric and, through it, get to the life–time–space–motion. Sensitivity bursts through the skin of Rosane and those who share her work. The needlework that pokes holes in time and weaves its thread through the tangle of life is shown to us as a coil of yarn ready to be unwound. All we have to do is let ourselves be carried away.

SANDRO KA (1981)

Porto Alegre – RS, Brazil

Taking hold of everyday objects such as knick-knacks, toys, votive images, and others, is the operating concept behind Sandro Ka's artistic process. He organizes them through scenic compositions. Sometimes, a series takes shape as he creates new arrangements via associations, juxtapositions, and interferences in order to give them other meanings and roles. Disguising the wolf, the sheepskin. So does the saying go, and it also holds true here with respect to the ordinary relationships between objects because, underneath objects that look so plain, there dwell formal and conceptual issues which, as a whole, make us suspicious of the alleged innocence they claim. Sandro analyzes the objects and carefully picks them as he thinks about the new meaning he is going to assign to them. The artist also focuses on other issues such as the affection and the charged emotions they may convey to viewers, considering each one of them is going to speak of meaning and affective memory in such dialogue. Sandro mentions a few issues that have gradually emerged and transformed his work: at first, he used to link a white object to a color one. Then, he began linking color objects among themselves. Finally, other types of issues have come up, such as the discussion about gender, sexuality, and religiosity.

SILVIA GIORDANI (1970)

Porto Alegre – RS, Brazil

Photography is the language Silvia Giordani uses to create instigating pieces in which visual and conceptual associations

establish the similarities and the possible dialogues between disparate things. Such is the case of her piece *Corpo e Pedra* (Body and Rock), in which the book covers visually seize the body of rocks. The natural marks carved by oxides into basalt over time dialogue with the book covers in terms of their formal aspect and also through the notion of time going by. The books are stacked the same uneven way as basalt at a quarry. In other images, the books show up on shelves along with the rocks, making allusions between skin and rock, the former recognized by the titles of books on dermatology. The things that matter are the relationships between the plastic and theoretical meanings that make up such dialectics. His series *Mise en Scène* is starred by a 5 year-old girl playing in her mother's wardrobe who lets herself be photographed wearing makeup and a variety of outfits and heels in a setting furnished with a few objects that encourage the pretend game. In said series, the images carry a visual load in which *das unheimliche*, or the uncanny, is caused by the mismatched pose and body. Giordani addresses concepts from his background in Psychoanalytical Theory that bring real consistency to his series.

SIMONE NASSIF (1963)

Porto Alegre – RS, Brazil

The tradition of the art of ceramics is kept alive by its need of fire to materialize. Since the dawn of mankind, ceramics has proved to be an art that is rich in procedures. In today's artistic field, it holds a prominent position for its malleability and physicochemical properties. The art of fire manifests itself in increasingly more unusual ways, as it incorporates concepts and raises questions through its poetic about time, memory, and permanence. Simone Nassif expands the possibilities of clay, whose garments embody the field of installations, sculptural ceramics, two-dimensional panels, and objects, all of them carrying unparalleled expressivity obtained by varied techniques. The objects created by the artist show technical quality derived from her extensive research to obtain a color, the proper burning temperature, and the use of the several materials added to the clay. For *Equinócio* (Equinox), an exhibit held in 2011, she created an instigating piece in sandstone ceramics, that is, "naked" ceramics – devoid of coatings and created by single firing it at 1,200 °C. The piece explores personal conflicts, memory, and the passage of time as possibilities for creating art. The objects present themselves as small playful beings moving around the bed, and keener eyes will not miss the sensual curves and the teasing subtly inserted in each one of them. In contemporary art, moving through different languages dilutes frontiers and ceramics, as it is legitimated by and unseverable from its raw material, asserts its multidisciplinary role no longer limited to its three-dimensional aspect.

SOL CASAL (1984)

Buenos Aires – Argentina

Sol Casal's artistic journey began with painting and sculpting. However, she has migrated to photography and performances in order to get closer to the body, a recurring theme in her aesthetic

investigations. In her series *Muô – Mistérios do Corpo* (*Muô – Mysteries of the Body*), where the word means silence, the artist is the model in many photographs in which her eyes and mouth are sometimes open and sometimes closed. The strips made with red knitting yarn weave the relationships between the body and its entrails when she makes photo installations in boxes, and those red strips emerge from within her eyes and mouth in intense representations of the body. By so doing, she redraws the boundary between materiality, representation and presence out from the confines of the wall, thereby alluding to sculpture. In another series, *Umbigo* (*Navel*), whose working process she begins by printing a digital photographic image, the captured fragment of the body (belly/navel) is transferred to a flexible medium: a cotton fabric. A metaphor of the individual body's clash against the social body, the project is meant to go beyond representing the birth/delivery to raise questions about the body signification processes represented here by the artist's body attempting to break out through the hole. Sol Casal's performances are instigating and inquisitive about the relationships of the body, such as in her piece *Construção de um Lar* (*Construction of a Home*), in which she questions the body as a dwelling.

TALITA HOFFMANN (1988) Porto Alegre – RS, Brazil

Talita dedicates herself to drawing and painting on paper and canvas. Embroidery shows up in her latest work. Her series originate from photos, clippings, films, and songs. Always with her notebook in tow, she keeps accumulating information, that is, drawing about the subject she is interested in at the time. That way, she keeps collecting those materials until they are able to put together a "big picture," as the artist says. Her ability to construct her drawings and the simple manner of her compositions evoke purity and innocence in pieces that narrate stories and allude to cartoons. However, her inventions are accounts of actual situations she has either experienced or not, and her creatures and/or characters that almost always joyful and pleasant are recurring in her poetics.

TRIDENTE (1971) Santa Maria – RS, Brazil

Tridente uses images from everyday life captured directly from the city, because the city is the stage of all of the events that inspire the execution of his pieces. They represent the fantastic universe created based on anthropomorphic creatures influenced by the Lamaist culture. His predilection for working on series points to sets of pieces organized around a theme, which makes it easier for him to choose the materials and techniques to be used in each one of them, usually conceived for an exhibit. His penchant for red frames has become a trademark of his. He possesses an investigative sensitivity and an ability to create icons in his

pieces that have made his an innovative career developed by means of great technical resources, a career already cemented among us.

TÚLIO PINTO (1974) Brasília – DF, Brazil

Túlio Pinto works with drawing, sculpting, and interventions, both in public spaces and exhibit venues. Sometimes, even in the two of them at the same time, as in the case of his piece called *Transposição* (*Transposition*), in which Túlio transfers 6,000 cement cubes from *Praça da Alfândega* (a square) to *Galeria Augusto Meyer* at *Casa de Cultura Mario Quintana* (a cultural center), in downtown Porto Alegre, using a wheelbarrow. At the gallery, the cubes were laid on the venue floor, and all of the objects used to make and transport the pieces were displayed, as were the photographic records of the entire action-intervention, in order to discuss the concept of art and space. Regarding the sculptures Túlio has made in the past few years, it is important to highlight the relationships between the different materials, how they come together, and how they are seen by means of these concepts of flexibility, balance, strain, and power. The contrasts between thread and glass, iron and glass, concrete and water balloons (preferably orange ones) explore the laws of Physics. Their encounters are loaded with strain, although clad with a beauty that is intrinsic to the materials and colors used and in the way they are placed in the space by the artist. In addition to sculpting and drawing, Túlio grabs hold of other languages, including the performance, which generates photographic records that expand his dynamics to other fields.

VIVIANE GUELLER (1976) Porto Alegre – RS, Brazil

Viviane Gueller is currently developing her *Arte-reportagem* (*News report-Art*) project in which she discusses the relationships between fiction and reality by means of printed materials, electronic newsletters, and acoustic pieces found in several means of communication. The issues she addresses are between image/text and sound/voice. Viviane looks for images and sounds of unexpected situations, such as certain disturbances seen in the landscape. Her action takes place in public spaces where she hands out fliers to the population and encourages them to use means of communication to think about and make art. Drawing attention to a place, or a non-place, is the purpose of her proposals. Her acoustic intervention carried out in the elevator at *Casa de Cultura Mario Quintana* was one such proposal where that unusual space becomes a space for creation. Her actions stem from her strolls around the city in search of something different, that which jaded eyes no longer allow us to see. Her initiative of sharing the treasures she finds with others is poetic, because such records in artist's books are made to highlight her findings or create a situation for other visibilities or actions.

WALTER KARWATZKI (1959)
Maceió – AL, Brazil

Photography opens itself up to multiple possibilities, generates crossovers and is part of a context of virtual realities, coexists with other languages, raises questions about its status in our contemporary age. It treads more slowly, with respect to purism or specificities, and much faster towards hybridism, crossbreeding, image-related devices, and visual experience. In the context of the new media, photography significantly changes the concept of photographic and the viewer's relationship with the image. Walter Karwatzki sometimes works with still photographs and sometimes with photographs in motion, in series of self-portraits whose recurring themes are asphyxiation and migration. His series *Asfixia* (Asphyxiation) features sequences of photos in which the artist is trying to yank a mask so he can breathe. The black and white images depict the agony of the being faced with the impossibility of breaking away from that trap. That series was shown in motion as well. In other series, he works with icon images of worldwide consumer goods and imbues them with irony by replacing the contents of their containers with Brazilian products: the Coca-Cola bottle is filled with mate tea herb and the MacDonald's fry box with bananas, while for the peanut M&Ms packet the images were back-lighted. Karwatzki explores his images in their relationships with time and memory in several of his pieces.

WISCHRAL (1961)
Porto Alegre – RS, Brazil

Capturing an ordinary image through photography is the starting point of Wischral's work. His very particular eye cast on the object to be recorded already has a prior intent. He seeks to grasp the aesthetics from the very beginning, so he may later on manipulate it on a digital medium and finally by means of drawing, the finishing line of his work. His work takes shape in the play between the visible and the invisible, especially in pieces where the image comprises folds, repetitions, bouncing effects, and transparencies. We feel that our eyes cannot see everything that is going on in that space/time. These pieces show several points of view at the same time. Their visual characteristics lead us to think about what we are looking at, considering that the transparency, the light/dark effects, the very folds as formal reliefs, the inverted images, and the anamorphoses create some dissimilarity and singularity. The difference itself proposes the variation and multiplicity, and in that game it establishes a relationship to the similarity and to the difference at the same time, in a world of order and identity. Wischral's entire work entreats us to think. The odd feeling some of his pieces bring about makes us seek, by looking at them more carefully, the figurative features that do their best to befuddle us. His masterful drawing technique is intimately connected to photography in a unique way. The overlapping between the two techniques intertwines realities and appearances, and proves it is possible to open up a new space between conventional techniques and engender new forms of visibility.

YARA BAUNGARTEN (1981)
Caxias do Sul – RS, Brazil

Holder of a Bachelor's degree in journalism and specializing in visual arts, Yara Baungarten uses several languages that characterize her pieces. The hybridism between video, engraving, photography, and performance is afforded by her experimenting on analog and digital techniques that gradually alter the image and interact with it until she achieves the desired balance. Her poetics ends up unfolding into series, considering that the 24 frames of movies, the format of photography in film, or the 30 frames of video motion are the situations which are going to engender the series. In her videos, Baungarten uses stop motion and the animation of photographs with sound; she also uses storyboards, which create a fixed frame-by-frame of the images. In her engravings, she uses the monotype system to make series on the same theme, and each piece shows significant variations. Her work with contemporary languages is above all rich in subtleties and refinements, and instigating for the quality it delivers and the questions it raises.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
PUBLISHING COORDINATOR

ANA ZAVADIL

PRODUÇÃO EXECUTIVA
EXECUTIVE PRODUCER

KÁTIA COSTA

PROJETO GRÁFICO, PRODUÇÃO, EDIÇÃO E REVISÃO
GRAPHIC DESIGN, PRODUCTION, EDITION AND PROOFREADING

PUBBLICATO EDITORA

VITOR MESQUITA

ANDREA COSTA

CLARISSA EIDELWEIN

GREICE ZENKER

WWW.PUBBLICATO.COM.BR

VERSÃO PARA O INGLÊS
ENGLISH TRANSLATION

TRADUZCA

IMPRESSÃO
PRINTED BY

GRÁFICA E EDITORA PALLOTTI

APOIO CULTURAL
CULTURAL SUPPORT

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO RIO GRANDE DO SUL (MACRS)

FINANCIAMENTO
FINANCED BY

**FUNDO MUNICIPAL DE APOIO À PRODUÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL
DE PORTO ALEGRE (FUMPROARTE)**

O USO DAS IMAGENS FOI CEDIDO PELOS ARTISTAS.

USE OF THE IMAGES WAS PERMITTED BY THE ARTISTS.

Z39e Zavadil, Ana

Entre: Curadoria A – Z = Come In: A–Z Curatorship / Ana Zavadil. – Porto Alegre: [s. ed.], 2013.

224 p. : il. ; 21,5 x 27,5 cm.

ISBN 9788566940015

Edição bilingue: Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

1. Arte Contemporânea, 2000 – 2013 – Artes visuais – Coletânea. I. Machado, Ana Méri Zavadil. II. Título.

CDU 7.036=00

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229



SOBRE A AUTORA

Mestre em Arte Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria-RS (2011), possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com habilitação em Pintura (2002) e em História Teoria e Crítica de Arte (2004). Atualmente é curadora-chefe do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), fez parte do Comitê de Acervo e Curadoria do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), de 2011 a 2013, foi integrante do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Sul. Tem experiência na área de curadoria e de produção executiva de exposições de arte, escreve textos críticos para o site www.babilonica.com, é professora do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais: desenho, fotografia, pintura e gravura na Universidade de Caxias do Sul-RS, onde ministra a disciplina Introdução à Curadoria. Foi indicada ao Prêmio Açorianos de Artes Plásticas na categoria Destaque em Curadoria em 2009 pela exposição *Um Dia entre Abril e Junho*, realizada na Galeria de Arte da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e, em 2012, pela exposição *Poéticas em Paralelo*, realizada no MACRS. Realizou curadorias independentes de exposições em Santa Catarina, Porto Alegre, Brasília e Rio de Janeiro, escreveu diversos textos críticos publicados no Brasil e no exterior, além de artigos publicados em capítulos de revistas e anais de congressos. Escreveu o texto do livro *Há Tempo Atento ao Tempo* do artista Leandro Selister, publicado em 2011.

ABOUT THE AUTHOR

Master in Contemporary Art by the Visual Arts Graduate Program at the Federal University of Santa Maria-RS (2011), she holds a Bachelor's degree in Plastic Arts from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), with licenses in Painting (2002) and Art History, Theory and Criticism (2004). She is the current head curator at the Rio Grande do Sul Museum of Art – MARGS. She was a member of the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art – MAC/RS Collection and Curatorship Committee from 2011 to 2013, and is a former member of the Rio Grande do Sul State Board of Culture. She is an experienced art exhibit curator and executive producer. She writes reviews for the website www.babilonica.com, and is a professor at the Visual Arts Graduate Program: drawing, photography, painting, and engraving at the University of Caxias do Sul/RS, where she teaches the course Introduction to Curatorship. She was nominated for the 2009 Açorianos Plastic Art Awards in the Curatorship Distinction category for the exhibit *Um dia entre abril e junho* (One day between April and June), held at the Art Gallery of Escola Superior de Propaganda e Marketing-ESPM, and in 2012 for the exhibit *Poéticas em Paralelo* (Poetics in Parallel) held at the Rio Grande do Sul Museum of Contemporary Art – MAC/RS. She has independently curated exhibits in Santa Catarina, Porto Alegre, Brasília and Rio de Janeiro, written several reviews published in Brazil and abroad, and has had articles published in magazine issues and conference annals. She wrote the text for artist Leandro Selister's book *Há Tempo Atento ao Tempo* (Long Time Minding the Time, free translation) published in 2011.

FINANCIAMENTO *FINANCED BY*



**PREFEITURA
PORTO
ALEGRE**